LUANA ALVES

O Plano do Amor



O Plano do Amor

Luana Alves

Copyright © 2023 Luana Alves

Todos os direitos reservados.

É expressamente proibida a reprodução de quaisquer partes desta obra sem a autorização da autora. É uma história de ficção, qualquer semelhança com pessoas e situações são fruto da imaginação da autora.

Revisão: Patrícia Borges

A quem é ou foi jovem.

Contents

Title Page
Copyright
Dedication
Nota da Autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58

Nota da Autora

Desde os meus 17 anos planejava escrever este livro, mas sempre postergava, pois na minha cabeça, sempre faltava alguma coisa. E de fato faltava. Muita coisa. Principalmente faltava eu ter experiências mais profundas com Deus para conseguir entender personagens tão complexos que iria criar.

Eu queria falar sobre dois mundos diferentes que se colidem, o reencontro de dois amigos de infância que já não tinham mais nada a ver um com o outro, principalmente em se tratando de diferenças sociais, mas isso estava muito raso, eu precisava de mais.

Então entre 2018 e 2019, quando estava me desapegando de O Lado Claro (e não tinha pretensão de dar prosseguimento ao que hoje é a série Alvorecer) as coisas começaram a clarear sobre essa história que tinha em mente.

O pontapé para finalmente começar a fazer os primeiros esboços de O Plano do Amor veio quando assisti um filme antigo que costumava passar na TV quando era criança. Gosto muito de filmes antigos e vez ou outra escolho um para assistir e, esse em particular, me fez lembrar de muitas outras coisas que me trouxeram ideias.

A protagonista do filme, Paulina Porizkova, foi uma atriz e modelo muito famosa no passado e, vendo o filme, lembrei que meus tios e primos mais velhos tinham fotos dela espalhadas por toda parte quando eu era criança. Não à toa, eu a reconheci assim que a vi no filme, que também assisti tantas vezes na infância.

A curiosidade bateu e fui pesquisar como ela estava nos dias atuais. Acabei lendo sua biografia, que no meu ponto de vista é triste, pois a conclusão a que cheguei foi que sua fama, dinheiro e beleza lhe trouxeram mais tristezas ao longo da vida do que alegrias.

Pronto! Era o que eu precisava. Já tinha um bom cerne para construir a duvidosa Priscila Silva. Já o Wesley, foi uma reunião das personalidades de várias pessoas que admiro e de experiências também reais e admiráveis. Assim, eu já tinha o meu casal protagonista.

O Plano do Amor foi a primeira vez em que me arrisquei a escrever em primeira pessoa, algo que não sou acostumada e tenho certa dificuldade por causa das limitações narrativas deste ponto de vista. Porém, creio que deu certo e tomei cuidado para não fazer algo que não suporto em livros com dois narradores em primeira pessoa: repetição das mesmas cenas, apenas mudando o POV. Isso é muito chato e eu tive que traçar toda uma estratégia para não ocorrer de forma alguma nesta história.

Eu já tinha alguns esboços quando em Janeiro de 2020 viajei para o Paraná, para os mesmos cenários onde a história se passa, com o intuito de recolher mais ideias, fazer observações e anotações. Minha amiga Larissa Godoy, que na época morava em Prado Ferreira, também ajudou muito, com fotos e relatos que me enviava sempre.

Assisti alguns filmes, fiz pesquisas, ouvi pessoas e com um bom conteúdo na bagagem, fui escrevendo O Plano do Amor e postando para as betas que aguardavam por capítulos diários.

No dia 19de Março de 2020, escrevi o "FIM" após a última linha do texto. No dia seguinte, eu iria novamente para o Paraná, dessa vez para o litoral e Ilha do Mel, desbravar mais cenários da história, entretanto, foi decretado o início da pandemia e a viagem foi cancelada. Contudo, eu

estava feliz por ter conseguido concluir este livro com a graça de Deus.
O Plano do Amor é um romance cristão que fala sobre o Amor com A maiúsculo, o Amor de Deus. Traz reflexões sobre o que é verdadeiramente ser cristão, também aborda o perdão, a redenção, amizade, as ilusões e tentações que assediam os jovens e tantos outros assuntos.
Os meninos do Rancho, se você observar bem, são uma personificação da parábola do semeador: Thales representa a semente que caiu à beira do caminho, logo vieram as aves do céu e a comeram. Ele nunca levou em conta o que aprendia sobre a Palavra de Deus.
Douglas representa o solo rochoso, assim que o sol bateu, a semente secou. Ele ouvia uma coisa ou outra, mas logo esquecia e dessa forma a Palavra não surtia efeito em sua vida... Caio é a semente que caiu entre os espinhos, que por um tempo até cresceu, mas foi sufocada. Ele ouvia e obedecia a Palavra, até ser sufocado por problemas. Wesley é a boa terra, cuja semente cresceu e multiplicou. Ele continuou na prática e obediência da Palavra de Deus mesmo quando era tentado ou enfrentava dificuldades.
Eu tenho certeza que você, leitor, vai se sentir dentro desse universo assim que começar a viajar por essas páginas. Tenha um pouco de paciência com a Priscila rsrs, pois o Senhor também tem paciência conosco.
Que o Senhor consiga alcançar seu coração através desta história, com a mensagem principal do evangelho, que é Amor, Perdão e Salvação.

Luana Alves

PARTE I: PRIMAVERA

Capítulo 1

"Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas.
Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade." Eclesiastes 11.9,10

PRADO FERREIRA – PR, 2003:

Wesley:

Quando ouvi o sino tocar no quintal naquele domingo, quase não acreditei que já eram seis da manhã. Como se o badalo não bastasse, o Marcos gritava lá fora:
— Acordem, meninos! Ou vamos nos atrasar para o culto!

Todas as manhãs, exceto aos sábados, o Marcos tocava o sino do Rancho Zion pontualmente às seis: na semana para irmos à escola e no domingo para irmos à igreja. Domingo de manhã era o culto principal e ele sempre nos aconselhou a começar a semana já buscando a Deus. Sempre dava o exemplo do primeiro pedaço de bolo no aniversário para a pessoa que mais considerávamos e falava que o domingo de manhã era o primeiro pedaço do bolo da semana. Eu e os outros três rapazes que dividiam o quarto comigo nos levantamos e começou a corrida para ver quem seria o primeiro a usar o banheiro.

No Rancho havia mais dois alojamentos além do nosso, cada um com quatro rapazes, éramos um total de doze. Os doze discípulos que na verdade eram nada mais, nada menos que meninos abandonados, ou órfãos, ou de famílias problemáticas. O Thales foi quem conseguiu entrar e se trancar no banheiro e, após alguns minutos, começamos a bater na porta:

— Ei, Thales! — gritava o Douglas — Morreu aí dentro?

— Ah, deixem eu arrumar o meu cabelo em paz! Hoje eu quero impressionar a Priscila.

Eu, o Douglas e o Caio caímos na gargalhada. Rimos tanto, que o Thales até abriu a porta, dizendo:

— Ah, qual é? Acham que não tenho chance? Eu sou o galã do Rancho — E deu uma piscadela, ajeitando seu topete loiro.

Tivemos um novo ataque de riso e ele fechou a cara em protesto contra o deboche. Bom, aquilo realmente era uma piada. A Priscila Silva era conhecida por todos na cidade. Se bem que em Prado Ferreira e seus quatro mil habitantes todo mundo conhecia todo mundo. O fato é que a

beleza da Priscila realmente impressionava, eu temia pelo dia em que ela seria descoberta pelo planeta.

Ela tinha os padrões que a moda exigia na época: magra, de cabelos castanhos longos e lisos, rosto simétrico e olhos azuis. O Thales não era o primeiro nem o último a acreditar que estava apaixonado por ela. Mas a Priscila jamais se interessaria por algum de nós. Um dia ela descobriria que sua beleza poderia abrir portas e, nós éramos só os meninos do Rancho. Um bando de guris que tinham de dezesseis anos para baixo e um passado duvidoso. Eu, o Caio, o Douglas e o Thales já tínhamos dezesseis anos completos, estudávamos na mesma sala na escola e lá víamos a Priscila e sua popularidade que se estendia para a igreja.

Bom, voltando àquele domingo de manhã, o Marcos bateu na porta gritando:

— Ei, alojamento 3! Só faltam vocês! Daqui até a cidade tem chão, a gente vai se atrasar.

Nos arrumamos a toda pressa e em seguida nos dirigimos para a van, onde Marcos, sua esposa, Victoria, e os outros oito garotos já nos aguardavam.

Chegando à igreja, sentamos todos juntos como de costume, ocupando as primeiras fileiras do lado direito, perto das janelas. Estávamos bem vestidos e bem penteados. Usávamos nossas melhores roupas, ganhadas no Rancho, para os cultos de domingo, conforme a Victoria sempre orientava.

Eu estava de olhos fechados, concentrado na música de fundo, que era *Agnus Dei* ao som de violino, quando senti o Caio, que estava ao meu lado, me cutucar. Abri os olhos, ele me apontou o Thales com o queixo. Olhei, vi o Douglas segurando o riso e o Thales babando. Não pude conter minha curiosidade e olhei para o que ele apreciava: Priscila havia acabado de chegar com os pais e a irmã mais nova. Eles já estavam indo se sentar enquanto ela procurava alguém com os olhos, provavelmente a Kimberly, sua melhor amiga.

Eu não podia julgar o Thales. Era totalmente compreensível que ele ficasse naquele estado. A Priscila era inteiramente fora do comum, parecia até uma injustiça que detivesse tanta beleza só para si mesma. Será que ela tinha consciência disso?

Priscila:

A Kim estava, como sempre, atrasada. Meus pais e a Pâmela se sentaram e eu continuei parada na porta lateral esperando minha melhor amiga. Meu pai, lá nos bancos da frente, virou para trás, olhou para mim de cara feia. Disse algo à minha irmã e ela se levantou, vindo prontamente me trazer o recado. A Pâmela amava prestar o serviço de bronca delivery.

— O pai disse que é pra você ir sentar com a gente imediatamente.

— Ai, já vou. Ainda faltam cinco minutos para o início do culto.

— O recado foi dado. — Ela virou as costas e saiu, com aquela pose de santa que me irritava.

Foi nesse instante que a Kim chegou com seu pai, Elton, e eu respirei aliviada. Ele se sentou nos últimos bancos, acho que se pudesse, sentaria na calçada ou em outro lugar o mais longe possível, e eu e a Kim fomos para junto da minha família. Estávamos vestidas de forma parecida,

nossos vestidos tinham detalhes em renda, enquanto minha irmã preferiu algo mais discreto – ou sem graça – eu diria.

— Um dos meninos do Rancho não para de olhar pra você, Pri.

— Qual?

— O loiro, disfarça e olha.

Fingi ajeitar meu brinco e olhei, enquanto a Kim também disfarçava. O garoto realmente estava me olhando. Eu já o conhecia de vista, da escola, era o mais ajeitadinho do grupo dos quatro garotos mais velhos do Rancho. Estava acostumada a prender a atenção dos rapazes, nunca me esforcei para isso e em certas situações – como aquela na igreja – esses olhares me incomodavam. Não queria ser culpada caso o garoto não prestasse atenção na pregação.

— Acho que esse é o Thales, não é? — Kim perguntou, franzindo o cenho enquanto o observava, disfarçadamente.

— Acho que é, não guardo os nomes dos alunos das outras salas.

O culto começou e o tal do Thales continuava me encarando. Percebi que o Marcos, o diretor do Rancho, observava tudo e com certeza daria uma bronca daquelas no garoto. Bom, eu não tinha nada a ver com isso. O pastor falou sobre a parábola do filho pródigo e eu confesso que não prestei muita atenção. Desde a época em que ficava na escolinha bíblica ouvia essa história e já tinha entendido que quem se afasta de Deus se dá mal. Na verdade, eu estava pensando no meu futuro. Sempre ouvi dizer que com dezesseis anos a gente já tem que começar a pensar no que quer fazer da vida.

O ensino médio passaria rápido e eu é que não iria querer continuar naquele fim de mundo. Todos diziam que eu era bonita, e se fossem só os meninos, desconfiaria, mas até as professoras e amigas da minha mãe. E se fosse da boca pra fora, diriam o mesmo para a minha irmã, que era só um ano mais nova do que eu. Às vezes eu até me sentia mal em ver como a Pâmela ficava apagada perto de mim.

Capítulo 2

Wesley:

Após o culto, no Rancho, o Marcos e a Victoria foram preparar o tradicional almoço de domingo com frango e macarronada. Nós fomos até o quintal organizar a grande mesa e limpar tudo, por causa das muitas folhas que caíam das árvores. Os garotos menores dos outros dois alojamentos nos ajudavam.
— A Priscila hoje estava mais linda do que nunca — Thales comentou, enquanto juntava as folhas — E hoje ela também olhou pra mim.

— Thales, não começa — Eu pedi calmamente, enchendo o saco de lixo com uma pá de folhas — Os meninos do 1 e do 2 estão ouvindo...

— E daí? Também são garotos, aposto que até eles acham a Priscila uma gata.

Caio e Douglas riram e continuaram trabalhando com seus rastelos.

— Hei, pessoal! — chamou o Thales, ganhando a atenção de todos — Quem acha a Priscila Silva bonita levanta a mão!

Os garotos mais novos começaram a gargalhar. Uns levantaram a mão, outros ficaram tímidos. Entre nós, os mais velhos, Douglas ergueu duas mãos e um pé, o Caio balançou a cabeça rindo e olhou para mim. O Marcos apareceu nesse instante e a festa acabou antes de começar.

— Bom trabalho, rapazes. Vamos lá para a cozinha buscar a comida, os pratos e talheres.

Colocamos tudo sobre a mesa, nos sentamos: Marcos na ponta e Victoria à sua direita. Ele fez uma oração de agradecimento e então atacamos. Ao final do almoço, quando bateu aquela preguiça, nosso diretor começou a falar:

— Tenho um comunicado aos rapazes do alojamento 3, algo importante.

Abrimos bem os ouvidos para ouvi-lo falar:

— Caio, Thales, Douglas e Wesley, vocês detêm o título de mais velhos aqui do Rancho Zion, e por isso é hora de pensar no futuro.

— A gente já pensa, Marcos — interrompeu Thales, rispidamente — A gente sabe que quando completarmos dezoito estamos no olho da rua. E também sabemos que nessa altura do campeonato, onde nós quatro já temos dezesseis anos, é lógico que nenhuma família vai querer adotar a gente. Se não quiseram até agora...

O clima ficou pesado e nesse instante só se ouvia o farfalhar das folhas da grande árvore sobre nós. A Victoria olhou para o Marcos esperando uma resposta branda que acalmasse o furor. Eles eram jovens, não tinham nem quarenta anos ainda, entendiam bem a cabeça confusa de adolescentes rejeitados e/ou perdidos como nós.

— Menos drama aí, Thales — disse o Marcos, exalando autocontrole — Aqui vocês sempre aprenderam a não se enxergar como vítimas. O que eu queria dizer é que sim, quando completarem dezoito vocês terão que deixar o Rancho. Mas como temos parceria com a prefeitura, os comerciantes, o conselho tutelar, a assistência social... — Alguns estavam bocejando. — A igreja, a fundação mirim, a escola... A partir da semana que vem vocês serão encaminhados para seu primeiro emprego. Cada um terá uma oportunidade de trabalhar e aprender uma profissão e nesses próximos dois anos terão que se programar para deixar o Rancho, caso nenhuma família os adote.

— Nós aconselhamos — acrescentou Victoria — que economizem o dinheiro que vão ganhar, afinal, aqui no Zion vocês não têm despesas, e vão precisar dele para começarem a vida. Sejam responsáveis.

— Mês que vem o Bernardo faz dezesseis anos e passa a integrar o alojamento 3 também. Vamos trocar uma das camas por beliche e acomodá-lo lá.

— Parabéns, Bernardo — disse Thales, com ironia, aplaudindo — Vai ser promovido aos rejeitados sêniores.

— O que é isso? — perguntou um dos garotos do alojamento 1, que era o grupo dos mais jovens, entre sete e dez anos.

— É algo que vocês não são — respondeu Marcos, perdendo a paciência — E eu não estou gostando dessa sua ironia, Thales. A propósito, aproveitando que estamos todos reunidos, compartilhe com a gente o que entendeu da pregação hoje.

Eu, o Caio e o Douglas abaixamos a cabeça, segurando o riso.

— Por que eu tenho que falar? Tá de perseguição comigo?

— De forma alguma. Mas o único que pareceu alheio à mensagem foi você, que não tirava os olhos da filha mais velha do Pedro Silva.

Ninguém aguentava mais segurar e as gargalhadas explodiram de forma geral. Thales ruborizou imediatamente e Marcos continuou:

— Vou deixar passar dessa vez, mas na próxima não vou ser tão legal.

— Bom, chega de conversa — disse Victoria, levantando-se da mesa — Hoje é dia do alojamento 2 lavar a louça, bora lá.

Os garotos do alojamento 2 seguiram Victoria, resmungando. Marcos foi jogar futebol com os garotos do 1, Caio e Douglas os acompanharam. Thales ficou para trás e eu também fiquei, de propósito, para ouvi-lo.

— Odeio esse Rancho — Ele resmungou, levantando-se da mesa.

— Preferia ficar jogado na rua? — perguntei, prevendo uma resposta nada amistosa.

— Preferia ser um cara normal, com uma casa, uma família. Talvez a Priscila nunca fique comigo por eu ser um menino do Rancho.

— Cara, tudo o que você faz é pensando na Priscila? Para com isso.

Perdi a paciência e segui em frente, deixando-o para trás. Às vezes era difícil lidar com a obsessão do Thales.

Priscila:

No dia seguinte, segunda-feira, fui à escola com minha irmã e a Kim. Logo que chegamos, vi que os meninos do Rancho conversavam por ali, perto do portão. Entramos e todos nos olharam, mas o loiro me acompanhou com o olhar e eu podia sentir o peso dos olhos dele sobre mim.

— O garoto tá apaixonado mesmo, hein, Pri? — A Kim brincou e eu sinalizei que ficasse quieta. Com certeza a Pâmela ia criar caso com meu pai.

— É um dos meninos do Rancho, acha que daria moral a algum deles? — respondi, mas secretamente já tinha pensado em dar uma chance ao tal de Thales.

— Quanto preconceito, nem parece minha irmã. — A afirmação da Pâmela me surpreendeu, mas com certeza ela só queria me contrariar.

Ficamos por ali conversando, quando vi um grupo de rapazes que chegava. Um deles era o Michel, que era lindo, e rapidamente me fez esquecer de qualquer possibilidade de chance do Thales, que afinal de contas, era mesmo só um menino do Rancho. O Michel era filho do maior fazendeiro da região, era estiloso e sabia como jogar charme. Muita gente dizia que seríamos um casal perfeito, mas meu pai jamais permitiria, pois ele não era cristão e ele sempre dizia, geralmente após a oração antes das refeições, que nunca admitiria isso, nem pra mim e nem para a Pâmela.

Ficamos o olhando caminhar, com aquele sorriso enigmático, e nem conversamos mais. Até minha irmã que era séria e cheia de pose ficou olhando para o Michel. O problema é que ele tinha atitudes que eu não concordava e junto com os amigos, ficou zombando dos meninos do Rancho:

— Já estão chegando aos dezoito, hein, meninos do Rancho? Daqui alguns meses teremos mais quatro mendigos na rua! — Ele gritava, apoiado pelos amigos. — Hei, pessoal! Façam uma boa ação! Adotem esses quatro, ou pelo menos dois deles! Hoje tem promoção, adote dois e leve quatro!

Eu, minha irmã e a Kim nos olhamos, repreendendo aquilo. Naquele momento a beleza do Michel desapareceu e ele pareceu feio, ridículo. Ele ainda estava falando absurdos quando o Thales partiu pra cima, nervoso. Os outros meninos do Rancho foram separar a briga e os amigos do Michel também se envolveram. Foi uma confusão geral e todos os briguentos terminaram na diretoria. Aquela rixa ainda estava longe de acabar.

Capítulo 3

Wesley:

O Marcos nos buscou na escola com a van do Rancho e ele estava visivelmente irado. Às vezes eu pensava se ele não se arrependia de ter escolhido isso para sua vida: cuidar de doze garotos, sempre doze, que nem suas próprias famílias queriam cuidar. O silêncio no trajeto era incômodo. Quando chegamos, Victoria apenas abaixou a cabeça, ela era uma mulher que só falava o necessário e eu aprendi a admirar quem possuía essa virtude.
Os três alojamentos ficavam logo ao lado da garagem, eram chalés simples de madeira e sempre muito bem organizados por nós. Cada grupo entrou em seu alojamento e nós guardamos nosso material, na expectativa sobre o que iria acontecer.

Marcos convocou a reunião na mesa da cozinha. Achamos que seria só com nós quatro, mas ele também chamou os garotos dos alojamentos 1 e 2. Todos nos sentamos na grande mesa, ele ficou em pé. Pensou um pouco, andou de um lado para o outro e nós o olhávamos, aguardando a repreensão. Por fim, disse:

— Quantas vezes eu vou ter que dizer que não quero vocês brigando na escola? Vocês querem que as pessoas desistam de manter o Rancho funcionando?

— Ah, então é esse o problema, não é, Marcos? Os patrocinadores — atacou Thales.

— Não, não é esse o problema. Mas tudo o que eu falei até hoje não entrou na cabeça de vocês. Quem sabe isso os leve a pensar?

— Mas é aquele cara, o Michel, que sempre vem nos humilhar em público — disse o Douglas, indignado — Poxa, Marcos, entende o nosso lado também.

— Eu entendo, claro que entendo. Mas vocês do alojamento 3 estão em um momento delicado. Agora vão começar a tocar a própria vida, a passar mais tempo fora daqui, conviver com mais pessoas. Além do mais, precisam ganhar a confiança de quem vai os ajudar. Sobretudo, é preciso que pratiquem o que têm aprendido. O que Jesus faria? Se Ele fosse um estudante, brigaria na escola? — Olhou para o Thales. — Ficaria prestando mais atenção em uma garota bonita do que na Palavra de Deus? Ele disse para darmos a outra face, caminharmos a segunda milha, perdoar a quem nos ofende, vocês esqueceram disso?

— Perdão, Marcos — Eu disse, sem olhar diretamente para ele — Isso não vai se repetir. Não é, rapazes?

Eles concordaram e dentro de mim eu torci que fosse sinceramente. Fui dar uma volta sozinho

depois da reunião. Era fim de outono e as árvores tinham mais folhas no chão do que nas copas. Fiquei olhando de longe para os chalés silenciosos, será que todos estavam digerindo a bronca?

Ali por perto ficavam a casa dos diretores, o escritório e a cozinha comunitária, que seguiam o estilo rústico de madeira dos chalés. De lá vinha um cheiro convidativo do café que a Victoria estava preparando e eu fiquei pensando no quanto éramos bem tratados. Cada dia era um dia a menos, e isso era um tanto assustador.

Priscila:

Naquela semana, certa noite, eu e minha família estávamos jantando unidos como de costume. Nossa casa era simples, mas o forte da minha mãe era a decoração. A cristaleira na sala de jantar era o destaque do lar e até dava um ar de sofisticação. Quando ela colocava a mesa para as refeições, era tão caprichosa que parecia que estávamos em um restaurante chique. Estávamos comendo em silêncio, até que meu pai começou a dizer:

— Hoje à tarde o pastor e o diretor do Rancho foram até a barbearia falar comigo.

Ah, é. Não sei se comentei, mas meu pai tinha uma barbearia. A única da cidade. Aliás, naquela época só havia um exemplar de cada estabelecimento na cidade: um mercado, um açougue, uma farmácia, um, um, um. E *uma* Priscila Silva. Eu. Que não devia estar ali no fim do mundo.

— Ah, é? E o que disseram? — perguntou minha mãe, Regina.

— Se eu posso empregar algum dos meninos do Rancho. Parece que quatro deles já têm dezesseis anos completos e precisam organizar a vida porque aos dezoito terão que deixar o lugar.

— Puxa, que triste, pai — comentou a Pâmela, realmente comovida — Se até aos dezoito anos eles não forem adotados precisam mesmo assim sair de lá?

— Isso. Mas se não foram adotados até agora, acho difícil.

— Que tristeza — disse a minha mãe, quase chorando. Por um minuto achei que ia querer trazer algum deles para casa. Poderia ser o Thales, o loiro charmoso.

— O Marcos disse que geralmente se dividem em três grupos. No alojamento 1 ficam os garotos menores, no 2 os intermediários e no 3 os mais velhos. Mas a estrutura pode variar de acordo com a idade dos garotos que recebem.

— Mas ouvi falar que só tem doze vagas lá — comentou minha mãe, que parecia muito penalizada ao pensar na situação daqueles pobres rapazes.

— Sim. O Marcos disse que veio de Deus essa ideia de ter um Rancho para discipular doze garotos perdidos. Quanto às garotas e crianças que não encontram vagas no Zion, ele disse que são encaminhadas para diversas outras instituições que existem aqui no norte do Paraná.

— E o senhor vai contratar algum deles, pai? — perguntei, sem querer demonstrar muito interesse.

— Vou. Como cristão, é meu dever tentar colaborar.

Pâmela me olhou, eu senti seu olhar mas não reagi de forma alguma.

— O pastor disse que vai promover um acampamento para os jovens da igreja lá no Rancho e já pediu que eu permitisse vocês irem — continuou meu pai — Eles querem que os garotos se sintam mais incluídos, mais valorizados.

Eu e minha irmã trocamos um olhar um tanto cúmplice. Isso seria muito legal, pois meu pai nunca nos deixava ir a outro lugar que não fosse a escola e a igreja. E ele disse mais:

— Amanhã vou fechar a barbearia mais cedo e vocês três vão ao Rancho comigo. Ofereci um corte de cabelo gratuito aos garotos, e como todas sabem cortar, vão me ajudar.

— Que maravilha, Pedro! — exclamou minha mãe, enquanto eu e a Pâmela nos comunicávamos pelo olhar. Ela sabia que eu tinha, digamos, uma preferência pelo Thales, apesar dele ser um menino do Rancho e eu saber que, enquanto houvesse esse agravante, jamais poderíamos nos aproximar.

Capítulo 4

Wesley:

Ainda bem que o Marcos só nos comunicou que receberíamos a família Silva depois que voltamos da escola. Confesso que fiquei um tanto tenso e percebi que o Caio e o Douglas também. Já o Thales... bom, eu diria que ele estava surtando. Parecia uma barata tonta, ansioso, roendo suas dez unhas.
Quando o carro estacionou no quintal, a Victoria nos posicionou na sala, lado a lado, estávamos de banho tomado e com o uniforme do Zion, que só usávamos em momentos específicos. A sala era grande, tinha fotos nas paredes de madeira, de todos os garotos que já haviam passado pelo Rancho. Também estavam expostos os troféus de alguns campeonatos de futebol de areia e não poderiam faltar os toques femininos da Victoria, que plantava margaridas especialmente para usá-las na decoração.

— Sejam cordiais — Ela falou, vistoriando cada um de nós.

Marcos entrou conversando com o seu Pedro, e logo atrás, dona Regina e as duas filhas: Priscila e Pâmela. A mais nova era também muito bonita, mas a Priscila tinha uma beleza surreal. Eu estava determinado a não ficar olhando para ela – por medo do diretor – mas vi que seria uma missão difícil diante daquele fascínio que sua simples presença causava nas nossas mentes adolescentes.

A família foi passando em frente à nossa fila e cumprimentando a cada um de nós com um aperto de mão. Quando a Priscila me cumprimentou, olhei para seu rosto mas ela não olhou de volta, cabisbaixa. Para o rosto do Thales ela olhou, e deu um esboço de sorriso, atitude que a Pâmela notou tanto quanto eu e ali eu percebi que a mais nova tinha como missão fiscalizar a mais velha.

Todos nos sentamos nos sofás de couro marrom, o Marcos e a Victoria posicionaram quatro cadeiras, uma para cada membro da família Silva realizar seu trabalho. Começaram pelos garotos do alojamento 1 e nós assistimos a tudo. Apenas os dois casais conversavam entre si e os garotos menores também tagarelavam. Quando por fim chegou a nossa vez, o Marcos fez questão de organizar:

— Douglas, você vem aqui com a dona Regina. Thales com seu Pedro, Caio com a Pâmela e Wesley com a Priscila.

Obedecemos, Thales fulminou o diretor com o olhar. Quanto a mim, engoli seco e me sentei na cadeira. A Priscila foi me olhar de frente para analisar meu cabelo e eu me vi refletido naqueles olhos azuis celestiais. Por um momento, tive medo de ficar tão bobo quanto meu colega de quarto, que nesse instante me invejava.

Ela se posicionou atrás de mim, colocou os dedos no meio do meu cabelo sentindo a textura deles e fez todo o seu trabalho sem dizer uma palavra sequer. Olhei de soslaio para o Caio, que estava ao meu lado, aos cuidados da Pâmela. Ela parecia tão séria quanto ele, pensei que os dois até combinavam.

Priscila:

Quando chegamos em casa, a Kim já esperava no meu portão, querendo saber como foi no Rancho. Meus pais e minha irmã a cumprimentaram e entraram, enquanto eu fiquei com ela na calçada:

— E aí, como foi?

— Normal. A gente foi para trabalhar, não era de se esperar que algo interessante acontecesse, e meu pai estava com todos os seus oito olhos em cima de mim. Eu cortei o cabelo de um garotinho, depois de outro que deve ter uns doze anos e depois de um dos quatro mais velhos, um que eu nunca tinha reparado, moreno, com cara de latino, bem comum.

— Ah, sei, é o Wesley.

— Você sabe o nome de todo mundo, hein, Kim?

— É claro, essa cidade tem quatro mil habitantes, Priscila Silva. Você que é muito desligada e não se interessa em saber. Só quis saber o nome do Michel Rosenberg.

— E isso é que é nome, não é? Já pensou se eu me chamasse Priscila Rosenberg? Nome de celebridade...

— É simples, casa com ele.

— Ótima ideia, farei isso, só pelo nome — respondi, brincando — Já que não posso me casar com o Ronnie Duran, aquele lindo da novela das sete.

— Essas revistas de celebridades estão afetando sua cabeça.

— Tenho o direito de sonhar acordada, pelo menos esse direito eu tenho, enquanto meu pai não encontra um meio de descobrir o que penso também.

— E a sua irmã, cortou o cabelo de algum dos quatro mais velhos também?

— Aham, daquele magrelo alto, com cara de turista do hemisfério norte.

— O Caio... — desvendou, gargalhando — Ela é estranha. — Kimberly ficou séria e perguntou: — Por que não fica aqui conversando com a gente?

— Sabe o que eu acho? A Pâmela tem inveja de mim. Não tem outra explicação para ser assim tão antissocial. Mas eu não tenho culpa, ela que reclame com Deus se na hora de dividir os atributos Ele me deu noventa por cento e deixou dez pra ela.

— Você é bem venenosa quando quer, hein, Pri?

— Sou sincera, é diferente. Amo a minha irmã e ela também me ama. Mas esquece isso, tá

sabendo do acampamento?

— Pois é, menina! O pastor e o diretor do Rancho conversaram com meu pai, aí ele deixou. Vai ser nesse fim de semana, né?

— Aham. — Eu bati palminhas nervosas. — Vai ser o máximo, vai quebrar um pouco essa rotina escola, igreja, escola, igreja. A gente vai se divertir muito.

Capítulo 5

Wesley:

No sábado de manhã estávamos ansiosos para a chegada dos jovens que viriam para o acampamento. Não eram muitos, mas a responsabilidade do Marcos e da Victoria naquele final de semana iria, no mínimo, dobrar. Ele foi buscá-los de van e, quando chegaram, estavam todos animados. Apesar de ser fim de outono, fazia calor e as árvores agora tinham folhas novas e verdes.

O pastor veio junto para realizar uma reunião com a gente. Ele ficou admirando o movimento das árvores com o vento, fechou os olhos e eu sei o que pensou. Eu também pensava o mesmo quando sentia aquela brisa fresca. Era inevitável não lembrar, ali ao ar livre, que a presença de Deus é como o vento.

Então as irmãs Silva desceram da van junto com a Kimberly e eu quase pude ouvir os tambores do coração do Thales rufando. Tomamos um café da manhã na grande mesa embaixo das árvores, e em seguida fomos ouvir as regras do acampamento, sentados no gramado enquanto Marcos, Victoria e o pastor permaneceram em pé:

— O objetivo do acampamento não é apenas reuni-los para fazer novas amizades e interagir — disse o pastor — Queremos aproveitar este tempo para nos aproximarmos de Deus, conhecê-Lo, não apenas ouvir falar Dele. Foi o que Jó disse: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem." Este vai ser o tema principal deste final de semana. Agora vamos às regras. Marcos, por favor.

— Bom, eu nem preciso dizer que vamos separar o acampamento dos garotos das garotas. Vocês vão ficar em duplas nas barracas e às onze horas todos já devem estar deitados. Depois do almoço vamos ter uma tarde de lazer com gincanas e jogos. À noite, o culto e em seguida a roda de conversa ao redor da fogueira.

— Amanhã pela manhã também teremos um culto com a presença do pastor Leandro, de Londrina — continuou Victoria — Durante a tarde vamos pescar e jogar vôlei de areia. No início da noite vocês retornam às suas casas.

Todo mundo estava extremamente animado, ajudamos a acomodar as bagagens no refeitório e almoçamos. Na hora da gincana todos se divertiram muito, a Priscila e sua amiga já estavam gargalhando na companhia do Thales. Ele tinha lábia, finalmente conseguiu se aproximar.

Priscila:

À noite, na hora do culto no refeitório, o pastor falou sobre a passagem do cego de nascença que foi curado por Jesus. Disse que talvez a gente também precisava ser curado de uma cegueira espiritual que nos impedia de enxergar nossa real situação diante de Deus. Bom, ele pregou muito bem, mas achei que eu não tinha nada a ver com a pessoa a qual ele se referiu. Eu achei que me enxergava, e como me enxergava. Não fazia mal a ninguém, nem dava preocupações aos meus pais.

O pastor foi embora, pois no domingo pela manhã ele tinha que estar na igreja para fazer o culto. Ficamos aos cuidados do casal que dirigia o Rancho e eles nos reuniram em volta da fogueira, onde assamos linguiças, batatas, queijo, abacaxis e marshmallows. Estávamos sentados em círculo, nas toras de madeira, próximos às árvores que se estendiam pelos arredores do Rancho. Uma brisa fria e suave soprava, deixando o calor da fogueira aconchegante. O Thales me olhava através da chama que crepitava. Eu sabia que naquele dia ele tomaria algum tipo de iniciativa e então tentava me preparar para isso.

— Nós temos que ter um espírito grato — dizia o Marcos — Às vezes só olhamos o que não temos e esquecemos de agradecer pelo que temos. Vamos fazer um momento de ação de graças. Quem quer agradecer a Deus publicamente por algo?

Inicialmente houve um silêncio. Até que o rapaz que eu havia cortado o cabelo levantou a mão e foi autorizado a falar:

— Bom, para quem não me conhece, meu nome é Wesley. E para quem me conhece, também é Wesley. — Nós todos rimos, ele tinha uma simpatia discreta. — Eu sou grato, antes de tudo, por estar vivo. Aos quatro anos de idade sofri um acidente de carro onde perdi meus pais. Eles eram bolivianos e nunca conseguimos localizar parentes, foi assim que vim parar aqui. Eu posso olhar para isso de duas formas, mas prefiro olhar com gratidão por estar vivo.

Eu estava surpresa, assim como muitos dos presentes. A gente sempre via e falava dos meninos do Rancho, mas nunca havíamos pensado no motivo pelo qual estavam ali. O Marcos pediu que os demais compartilhassem sua história:

— Sou o Caio, e pelo que eu soube, minha mãe me colocou em uma caixa e me deixou aqui na porta do Rancho, quando tinha alguns meses. Naquela época tudo aqui era administrado pela prefeitura e a gente não tinha esse cuidado espiritual que agora tem. Sou grato ao Marcos e a Victoria por suas vidas — comentou o garoto que eu achava que parecia um gringo.

— Sou o Douglas, meus pais usavam drogas e me deixavam largado, passando fome e frio. Por isso perderam minha guarda quando eu tinha seis anos, daí vim pra cá. Sou grato porque sei que estaria muito mal se não estivesse aqui — disse o garoto negro, que também era do grupo dos mais velhos.

— Bom, eu... sou o Thales. Meu pai bebia e batia muito em mim e na minha mãe. Ela arrumou outro marido e juntos os dois faziam assaltos, junto comigo. E foi assim que tiraram a guarda da minha mãe, mas também não me devolveram ao meu pai. Nessa época eu tinha dez anos.

Os outros garotos continuaram falando, mas eu me desliguei um pouco da realidade. Eu tinha tudo e mais um pouco. Tinha uma família perfeita e ainda reclamava do meu pai e da minha irmã. Era uma ingrata. Só voltei para a realidade quando jovens da igreja também começaram a

partilhar na roda, e para a minha surpresa, a Kim resolveu falar:

— Meu nome é Kimberly e eu vivo com meu pai, Elton. A minha experiência obviamente nem se compara com a de vocês. Mas há cinco anos atrás, minha mãe disse ao meu pai que se arrependeu de ter se casado e ter tido uma filha, no caso, eu. Disse que se casou muito jovem, não aproveitou a vida e queria recuperar o tempo perdido. Foi assim que ela nos deixou. Ela sempre me liga no meu aniversário, no Natal, no Ano Novo, mas... Pra mim ela é uma estranha e é mais estranho ainda pensar que na visão dela eu sou algo de que ela se arrepende.

Eu sabia da história da Kim. Isso só reforçou a ideia do quanto eu era ingrata.

— Bom, nós vamos agradecer a Deus pelos livramentos, pela proteção e pelo amor incondicional que Ele nos oferece dia a dia — disse o Marcos — O profeta Isaías diz que ainda que a mãe se esqueça do próprio filho, Deus nunca se esquece de nós. E mais uma coisa: perdoem. Sempre perdoem assim como vocês têm sido perdoados. Vamos orar.

Todos baixamos a cabeça e oramos. Eu pedi perdão pela minha ingratidão. O diretor do Rancho pegou o violão e começou a tocar e cantar, enquanto nós o acompanhávamos: *"O Nome Dele é Cristo, o Dono de tudo isso que temos vivido..."*

O Thales sinalizou para nos encontrarmos depois, minha expressão de dúvida foi tão espontânea que ele sinalizou que seria quando todos estivessem dormindo. Concordei, não iria fazer nada demais. Além de tudo, na minha concepção, essa seria uma das formas de ser grata: aproveitando a vida. E isso parecia que ele sabia, pois era muita ousadia e coragem me fazer uma proposta daquelas.

Capítulo 6

Wesley:

Eu vi a conversa em códigos entre o Thales e a Priscila e decifrei tudo: iriam se encontrar quando todos dormissem. Decidi que iria ficar bem atento e dar um flagra nos dois, afinal, onde já se viu? O que eu não sabia era que a Pâmela também tinha decifrado aqueles códigos.

Encerramos a roda de conversa, achei que o Thales faria dupla na barraca com o Douglas, de quem era mais chegado, mas ele chamou o Caio. Espertinho. O Caio dormia cedo e não costumava acordar nem se uma banda marcial invadisse o alojamento. Foi nesse momento que ouvi a Priscila dizendo à irmã:

— Você não se importa se eu ficar com a Kim, não é, Pâmela? Já dormimos juntas a vida inteira.

— Não, tudo bem... — respondeu a garota, sem graça, e eu até fiquei com pena em ver como pareceu deslocada naquele momento. Resolvi me aproximar:

— Oi, seu nome é Pâmela, certo?

— Sim... — Ela me olhou, assustada e meiga. Priscila e Kimberly franziram o cenho, desconfiadas.

— Você está sem dupla, pelo jeito. Vou te ajudar — Eu disse e as três me encararam confusas. O pessoal já estava se organizando nas barracas e vi o Thales nos olhando de longe.

— Vem aqui, vamos falar com a Victoria, ela resolve isso.

— Ah, bom — Priscila disse em tom de deboche — Achei que ia querer fazer par com ela.

Ela e a aliada começaram a gargalhar e eu quase falei umas verdades sobre a conversa em códigos, mas era melhor deixar essa carta na manga. Saí sem dizer nada e a Pâmela me seguiu. Conversamos com a Victoria e ela apresentou uma garota chamada Natália, que eu conhecia de vista e parecia mesmo simpática. Ela também estava sozinha e logo engatou uma conversa animada com a irmã da Priscila.

Às onze horas, conforme combinado, todos já estavam deitados. Fiz dupla com o Douglas e fiquei observando pela lona da barraca o vai e vem dos faroletes do Marcos e da Victoria até pouco mais de meia-noite. Até que, convencidos de que todos já dormiam, eles também foram para a barraca. Agora eu só precisava ficar atento. Olhos e principalmente ouvidos, bem abertos. Thales e Priscila com certeza também estavam atentos aos faroletes em suas barracas.

Minutos depois, escutei o zíper da barraca ao lado abrindo, era o Thales, ele saiu em passos leves. Olhei, vi o Douglas desmaiado, e saí também. Segui o Thales de longe e vi que ele e a Priscila se encontraram no banquinho do campo de futebol de areia. Me escondi atrás das plantas e fiquei pensando no que fazer.

Eles conversaram por um bom tempo e eu continuava indeciso se aparecia, ou se chamava o Marcos ou se simplesmente me arrependia de estar ali. Os dois se beijaram e eu sabia que tinha que fazer algo, só não sabia o quê. Até que escutei um grito feminino apavorado e logo em seguida uma voz masculina pedindo desculpas. Os sons vinham do meio das plantas, não muito perto de onde eu estava. O beijo dos dois pombinhos foi interrompido e Thales começou a perguntar:

— Quem está aí?

Pâmela surgiu de entre as plantas com as mãos para cima, como se ela fosse a culpada, e logo atrás, Caio.

— O que é isso? — perguntou a Priscila, enquanto eu me escondia melhor.

— Vocês dois estão juntos? — Thales gargalhou em seguida, aquilo era realmente a última coisa que alguém esperava ver.

— Não, eu... vi que você saiu da barraca — explicou-se Caio — Vim ver o que ia aprontar.

— Não tomou seu sonífero hoje?

— Só durmo feito pedra na minha cama, Thales. Agora entendi porque quis fazer dupla comigo.

— E você, Pâmela? — perguntou Priscila, querendo ter moral.

— Também vim ver o que estava fazendo, já que ouvi passos e te conhecendo como conheço, só podia ser você. Fui me aproximando das plantas no escuro e dei de cara com esse garoto, por isso gritei.

— O que está acontecendo aqui? — Era o Marcos, seu farolete iluminou e ele viu dois casais. É, foi isso mesmo que ele visualizou, dois casais: Priscila e Thales, Caio e Pâmela. — Mas não é possível...

Eu estava apreensivo em meu esconderijo, prevendo que uma injustiça poderia acontecer:

— As duas garotinhas da barbearia e dois dos meninos do Zion. Não preciso fazer perguntas, preciso?

— Marcos, não é nada do que... — O Caio tentou se explicar.

— Que decepção, Caio. Você, tão tímido e centrado, que decepção.

Era óbvio que Priscila e Thales não contariam a verdade, então resolvi aparecer:

— Marcos, eu vi tudo. — Todos me olharam atônitos, o espetáculo só piorava. — O Thales e a Priscila estavam se beijando. Eu e os outros dois estávamos apenas... espionando. Te dou minha

palavra.

— Marcos, você conhece a mim e ao Wesley — acrescentou Caio — Acredita em nós.

Ele pensou um pouco, coçou a barba e disse:

— Voltem para suas barracas. Todos, imediatamente. Eu vou fazer uma vigília aqui fora e amanhã vamos conversar sério. E o Pedro vai ficar sabendo disso. Ah, se vai!

Ninguém se pronunciou, apenas obedecemos. Aquela foi uma noite estranha e durante um bom tempo fiquei em dúvida se de fato tinha acontecido ou se eu tinha apenas sonhado aquilo tudo.

Priscila:

Eu estava muito envergonhada e esperando o pior. O domingo no acampamento foi péssimo com aquele climão e o Marcos contou tudo para o meu pai quando a van nos deixou na igreja. E ele contou como realmente foi, a versão que ouviu do Wesley.

Ganhei um mês de castigo, mas não me importei, afinal, o que meu pai poderia tirar de mim se só me permitia ir à escola e à igreja? Mas ele também cortou a TV, que era minha fuga da realidade, onde eu me imaginava atuando em novelas e filmes. Todo mundo dizia que eu deveria tentar realizar meu sonho, mas achava que era tarde. Já tinha dezesseis anos e achava que estava escondida da civilização moderna morando ali no interior do Paraná. Era melhor me conformar em ser “pé vermelho”, como falavam na região.

A Pâmela continuava mantendo aquela “pose de garota perfeita”, como eu costumava dizer, mesmo sabendo que aos olhos do mundo a perfeita era eu.

Na escola, o Thales tentava se aproximar de mim, mas eu sempre sinalizava que a “linguaruda” - outro adjetivo que eu dava à minha irmã - estava à espreita, pronta para me entregar de bandeja ao meu pai. Até que, naquela semana, eu o vi aproximar-se de mim na companhia dela, na hora do intervalo. Não entendi o que faziam juntos.

— Priscila, eu... chamei sua irmã e vim falar contigo porque... — Thales estava realmente sem jeito. — Quero que ela seja testemunha do que vou falar.

— O que foi? — perguntei, pensando ser algo grave.

— Te devo um pedido de desculpas pelo transtorno. Seu pai deve estar muito bravo e com certeza não vai querer mais contratar ninguém do Zion para a barbearia.

— É isso? — Dei de ombros. — Esquece, vai passar.

Foi então que Michel e seus amigos subalternos se aproximaram de nós:

— Priscila? Por que está conversando com esse futuro indigente?

— Michel, por favor... — pedi, de olhos fechados, buscando uma paciência que não tinha em depósito — Deixa o garoto em paz.

— Você é linda demais para dirigir seu olhar a esse rato.

Os rapazes gargalharam, minha irmã se retirou ao perceber que o clima estava ficando pesado, Thales ficou furioso e rebateu:

— Sabia que o rato aqui ficou com ela sábado à noite?

Entrei em desespero enquanto Michel e os amigos me encaravam. Percebi que a Pâmela havia se afastado um pouco, mas ainda estava por ali, ouvindo tudo com a Kim e sua nova amiga, Natália.

— Coitado, está delirando — O Michel ria, pensando que era algo impossível. Eu e um garoto do Rancho, não, isso não.

— Pergunte a ela.

— Isso é verdade, Priscila? Você ficou com um... — Ele preparou o tom de desprezo — Menino do Rancho?

— Claro que não — menti friamente — Jamais ficaria com um garoto desses — nocauteei, sem me colocar no lugar da minha vítima.

Thales não estava acreditando, vi a raiva em seus olhos. Eu tinha uma imagem a zelar e às vezes tinha que fazer as coisas que mais criticava nos outros. Eu era a garota mais bonita da cidade e sabia que, de algum jeito, teria que tirar proveito disso no futuro. Era melhor cuidar do meu marketing.

Ele virou as costas e saiu cuspindo fogo depois de me desintegrar com o olhar. Michel pediu para seus amigos também saírem e ficou tentando me impressionar com um milhão de elogios, mas eu não conseguia prestar atenção.

Capítulo 7

Wesley:

Todo o "amor" que o Thales sentia pela Priscila virou mágoa. É isso que dá só levar em conta a aparência e deixar o coração no controle da vida. Mas por um lado foi bom, pois após esse episódio ele pareceu se voltar mais para Deus. Parecia mais grato, mais responsável, dava mais atenção aos assuntos relativos à Fé, pelo menos era o que parecia.
Depois de alguns dias, houve batismo na igreja e, nesse dia, o Caio e a irmã da Priscila se batizaram. Eu já era batizado e achei que o Douglas e o Thales finalmente tomariam sua decisão, mas não aconteceu. Quando a Pâmela saiu da pequena piscina improvisada, ajudada pelo pastor, vi que o seu Pedro e a dona Regina a abraçaram, felizes. A Priscila também se juntou ao abraço, desconfortável, estava acostumada a ser o centro das atenções.

Começamos a trabalhar por aqueles dias: eu em um antiquário, o Thales em uma quitanda, o Douglas em um mercado e o Caio na barbearia da família Silva. Ele sempre falava muito bem da Pâmela, que era dócil, educada, e muitas vezes os ajudava durante à tarde, horário em que ele trabalhava, após a aula. Thales, magoado, não queria nem ouvir falar da Priscila, mas o Caio contou que não tinha contato com ela.

Priscila:

Minha irmã começou ajudar como voluntária na escolinha bíblica da igreja e organizou uma apresentação com as crianças.

"*Cuidado, olhinho, o que vê. Cuidado, cabecinha, o que pensa. Cuidado, coração, o que sente... O nosso Pai do Céu está olhando pra você, cuidado, coração, o que sente...*" — cantavam no final do culto de domingo de manhã. Todos aplaudiram e vi meus pais orgulhosos, até o Thales e a Kim estavam aplaudindo minha irmã. Ela havia conseguido me deixar para trás. Eu, com toda a minha popularidade, agora estava batendo palmas para ela. Não queria ter aqueles sentimentos mesquinhos, mas era mais forte do que eu.

No almoço daquele domingo, após a sessão de elogios para a Pâmela, falei:

— Pai, quero fazer um curso.

— Que curso? — perguntou mastigando, sem olhar pra mim.

— Teatro. Já pesquisei na internet, tem em Londrina, em Rolândia, em Maringá. Em Rolândia é mais perto, mas em Londrina o curso é mais amplo.

Minha mãe nos olhava desconfiada. Ela me conhecia bem demais, conhecia minhas piores

intenções escondidas e isso me amedrontava. Ela via o que eu não queria ver.

— Isso não dá futuro — respondeu meu pai, ainda sem dar importância.

— E o que dá futuro? Sua barbearia? — Me arrependi instantaneamente do que disse, mas era tarde. Ele me olhou muito sério.

— Sabe, Priscila, pensando bem, é bom você ir mesmo fazer alguma coisa. Sua mente é muito vazia e não quero que continue sendo uma oficina do diabo. Já que não consegue seguir o exemplo da sua irmã, pode ir e se ocupar com alguma coisa.

— É sério? — Saí da cadeira e o enchi de beijos. Minha mãe e a Pâmela não acreditavam que ele havia permitido. Nem eu.

As aulas de teatro eram três vezes por semana, durante à tarde. O pessoal lá era muito descolado em tudo, principalmente no jeito de se vestir. Eu me sentia uma caipira perto deles, mas aos poucos isso foi mudando. Nada que uns rasgos nas minhas calças jeans, uns nós para as camisetas ficarem mais curtas e apertadas e uns cadarços coloridos não resolvessem.

Em casa, na escola e na igreja, eu procurava ser tão sem graça ao me vestir quanto a Pâmela, para não criar caso com meu pai. A Kimberly ficava sonhando com tudo o que eu contava sobre as aulas de teatro, mas o pai dela não permitiu que se inscrevesse. Assim, o tempo foi passando e aproximava-se a formatura do ensino médio. Eu não via a hora de ter um pretexto para ir embora dali.

Capítulo 8

Wesley:

Era por volta das seis e meia da tarde quando cheguei cansado ao Zion. Às vezes o dono do antiquário recebia peças que precisavam de reparos e quem fazia isso era eu. Fiquei surpreso ao ver que o seu Pedro estava lá, tinha ido levar o Caio e conversava com o Marcos. Cumprimentei, fui para o alojamento, o Caio me acompanhou.

Lá, vi que o Thales estava de bico, deitado na cama. Bernardo, sentado no chão, no canto, jogava jogo da velha contra si mesmo, Douglas estava no banho, cantando.

— O que o seu Pedro está fazendo aqui, Caio? — perguntei enquanto tirava a camisa.

— Veio nos convidar para ir até Londrina, assistir a primeira peça da Priscila.

— Eu não vou — Thales disse, e suas palavras carregavam rancor — Aquela garota é uma cascavel.

— Uma cascavel lindona! — gritou Douglas, no chuveiro.

— Ela é a serpente do Jardim do Éden — Thales rebateu, sentando-se e dando um soco na parede.

— Como as coisas mudam, não? — falei, tirando os sapatos.

— A Pâmela não tem nada a ver com ela — disse o Caio enquanto se sentava na poltrona no canto — Ela é doce, discreta, obediente...

— Ihhhh — Eu, Thales e até mesmo o Douglas gritamos em uníssono, deixando nosso amigo corado.

— Ah, parem com isso — Ele disse, balançando a cabeça em negação — O fato é que se o Marcos falar que a gente vai ver essa peça, vamos ter que ir.

Não sei se foi para agradar o seu Pedro, mas de fato o Marcos colocou a todos nós e a Victoria na van e no dia marcado fomos a Londrina assistir à peça. Logo que chegamos e nos acomodamos, vimos que Michel e sua família também estavam por lá. Ele apenas nos olhou com desprezo, não iria aprontar nada na frente dos pais. Kimberly e o pai também estavam presentes, além do pastor com sua esposa e personalidades importantes da nossa pequena cidade. O Thales não disfarçava sua má vontade e por isso fingia cochilar na poltrona.

Priscila:

No camarim, eu estava ansiosíssima. Minhas mãos suavam frio, e falando em frio, ele se concentrava no meu estômago. Saber que minha família e outras pessoas da minha cidade estavam presentes no anfiteatro, piorava tudo, principalmente porque eu sabia que iriam ficar chocados com certos trechos da peça.

O Júlio, meu companheiro de cena, percebeu meu estado e me abraçou, tentando me acalmar. Eu já tinha me acostumado com o fato de que todos eles gostavam muito de contato físico e não tinham nenhuma barreira com isso. As minhas barreiras também já estavam caindo, aos poucos.

O diretor da peça nos reuniu em círculo e falou para pedirmos aos "deuses" que nos dessem sucesso. Eu aprendi que só existe um Deus, com D maiúsculo e pedi a Ele, apesar de achar que recusaria me ouvir. Quando as cortinas se abriram, começamos a contar nossa história sem propósito, onde o Júlio havia sido sequestrado por uns caras, que me deixaram tomando conta dele. A vítima estava amarrada, sentado em uma cadeira, e eu o vigiava com uma arma. Ele, claro, se encantava com meus olhos azuis e com o meu corpo.

Conversa vai, conversa vem, eu resolvia libertá-lo para fugirmos juntos. Não sem antes me sentar em seu colo e beijá-lo veementemente, ainda amarrado. Nisso, as cortinas se fechavam e a única coisa que veio em minha mente foi a expressão que meu pai, o pastor, e todos os demais deveriam estar fazendo.

— Parabéns, Pri. Você foi ótima — O Júlio disse, me dando um selinho insignificante logo em seguida.

— Você também foi ótimo, parabéns. — Saí do colo dele e toda a equipe e atores vieram nos parabenizar e libertar o Júlio das cordas. Eu estava aérea, tudo era muito confuso. Um turbilhão de emoções me dominaram: felicidade, alívio, medo, culpa, tudo junto e misturado, apesar da discrepância. Quando a empolgação da equipe baixou um pouco, fui conversar com o diretor, que também era nosso professor. Seu nome era Eduardo, mas ele preferia ser chamado de Dudu:

— Dudu, tem um minuto? — perguntei, interrompendo sua conversa com Júlio.

— Claro, princesa. — Pegou em meu braço, nos afastamos um pouco.

— Preciso de um favor.

— Peça o que quiser, hoje a noite é sua, flor.

Pensei para formular a frase e então disse:

— Queria que conversasse com o meu pai. Ele é um pouco... conservador, não sei se essa é a palavra certa. Acho que ficou assustado com a minha atuação e com o conteúdo da peça, tenho medo que me impeça de voltar a atuar.

— O quê? Mas de jeito nenhum! Não vamos perder nossa atriz mais promissora! Me leve até ele, vamos conversar agora mesmo.

Levei o Dudu até minha família, o teatro já estava parcialmente vazio. Fiz as apresentações,

percebi que todas as demais pessoas da minha cidade já não estavam lá:

— Onde está o pastor? — perguntei, temendo que atrapalhasse a conversa entre Dudu e meu pai.

— Ele teve que ir — respondeu minha mãe, me olhando de um jeito que parecia que era a primeira vez que me via. Achei que iria me encarar e perguntar: o que você fez com a minha filha?

— Ele tinha mais o que fazer — acrescentou Pâmela e eu achei que ela estivesse morrendo de inveja.

— Seu Pedro, podemos falar um minuto em particular?

Eles foram para perto do palco e eu disse à minha mãe que ia ao camarim mudar de roupa, mas me escondi atrás do equipamento de som para ouvir a conversa:

— A Priscila estava receosa sobre o senhor não gostar do conteúdo da peça e da atuação dela...

— Ela me conhece, realmente não gostei. Ela sentou no colo do rapaz, eles se beijaram como se fossem casados e, me desculpe, mas essa história não teve pé nem cabeça.

— O senhor pensa em restringir a carreira dela?

— Que carreira? Se em todos esses meses isso foi tudo o que conseguiram fazer, estou ainda mais certo de que não dá futuro. Só deixei a Priscila fazer teatro para ocupar a cabeça, mas agora ela vai se formar no ensino médio e é bom que arrume um emprego digno.

— Olha, seu Pedro, por favor, preste atenção: essa peça hoje foi muito importante. Os maiores empresários do norte do Paraná e de parte de São Paulo estavam presentes aqui. Sabe por quê? Estavam procurando novos rostos e novos talentos. Uma empresária do ramo de cosméticos e beleza já veio falar comigo sobre a Priscila. O senhor sabe o que significa isso? Dinheiro.

Meu pai franziu o cenho e eu abri bem meus ouvidos para ouvir o Dudu dizer:

— Sua filha tem um sorriso maravilhoso, uma pele perfeita, um corpo escultural, isso sem mencionar aqueles olhos azuis belíssimos. Eu estou falando profissionalmente, ok? Não me leve a mal. Mas o senhor sabe que é verdade.

— É, eu sei — Ele admitiu expirando, como se fosse um problema, não uma dádiva.

— Pois bem. O senhor tem a galinha dos ovos de ouro em casa. Vai desperdiçar essa oportunidade? A sorte não bate duas vezes na mesma porta. Ela pode proporcionar uma vida de alto padrão para toda sua família, é só deixá-la voar... — Vi o Dudu mexendo as mãos simulando um voo.

— Tenho medo que ela se perca. Juízo nunca foi o forte da Priscila.

— Oras, o senhor não vai poder mantê-la em casa para sempre. Melhor que ela voe com sua orientação e sob seus cuidados ao invés que simplesmente fuja. Basta que a família não deixe de cuidar, aconselhar, mas sempre apoiar. A recompensa virá bem rápido.

Ele pensou um pouco e concordou, apertando a mão do Dudu. Meu pai não sabia, mas estava vendendo a minha alma em suaves prestações.

PARTE II - OUTONO

Capítulo 9

E pensamentos invadem, escolhas são feitas, um preço será pago quando você se entrega. As pessoas nunca desmoronam em um dia. (Casting Crowns)

Wesley:

Na van, a caminho do Rancho, o silêncio era total. Até que o Douglas perguntou:

— O que acharam da apresentação da Priscila, galera?

— Ruim como ela — Thales respondeu, olhando a estrada escura pela janela e mascando um chiclete.

— Você não estava dormindo? — perguntei, propositalmente querendo encurralá-lo.

— Na hora do beijo o Belo Adormecido despertou — zombou Douglas, levando os demais a gargalharem.

— Nessa hora do beijo eu olhei para a família dela — disse o Caio — Eles estavam estupefatos.

— Até a família do Michel estava de boca aberta — acrescentei.

— Acho que o pastor se arrependeu de ter ido — finalmente opinou Victoria, olhando para o Marcos.

— Pois eu acho que ela merece o Óscar — contrariou Douglas, que era declaradamente mais um dos fãs da Priscila.

— Falta muito pra essa peça se comparar a um filme bom, cara — falei, rindo.

— Bom, vamos deixar a Priscila e sua peça pra lá, certo, pessoal?

— Boa, Marcos! — concordou Thales, que assim como nosso diretor, achava que aquilo foi um desperdício de tempo. Na verdade, acho que todos concordavam nesse ponto.

Priscila:

A formatura do ensino médio estava chegando e os professores avisaram que quem vendesse mais votos seria o rei e rainha do baile. Eles bem que podiam, ao invés disso, fazer uma eleição aberta para o casal mais bonito da escola. Com certeza elegeriam eu e o Michel. Mas nem foi preciso. Ele veio falar comigo em um intervalo das aulas propondo uma parceria. Disse que o pai estava disposto a comprar centenas de votos em nosso nome, tudo para que eu fizesse par com

ele. Obviamente eu topei.

Quando chegou o dia, eu e a Pâmela fomos com os vestidos que a nossa mãe havia costurado exclusivamente para nós. Só a cor era diferente: o meu azul claro e o dela rosa. Eu protestei, afinal, a formanda era eu, merecia algo mais especial. Ela só ia ao baile para me fiscalizar.

Chegamos à quadra da escola e eu lembro como se fosse hoje que estava tocando *Dancing In The Moonlight* e havia muitas luzes nos troncos e nas copas das árvores. Pâmela foi ficar com sua nova aliada, Natália, enquanto eu procurava pela Kim. Porém, fui surpreendida pelo Michel, que me assustou, chegando atrás de mim e pegando em meu braço.

— Como sempre linda.

Eu o analisei. Estava muito bonito em seu terno elegante.

— Você também está bonito. — Respirei fundo. — Hum. E cheiroso.

— É tudo pra você. — Ele me ofereceu o braço, eu enlacei e fomos caminhando. — Esqueci de dizer que você foi ótima na peça e que morri de inveja do cara que ia ser sequestrado pelos seus amiguinhos. Queria eu ganhar um beijão daqueles.

— É o primeiro elogio que ouço de alguém dessa cidade. Foi ideia do meu pai convidar todo mundo, eu tentei impedir, mas não consegui.

— Eu amei o convite, e saiba que, ao contrário das pessoas daqui, tenho a mente aberta.

Chegamos a uma mesa, nos sentamos e continuamos conversando. Logo alguns amigos dele chegaram e se juntaram a nós, além da Kim, que também chegou e achou o máximo estar ali na mesa dos mais populares da escola. Ela sabia das vantagens de ser minha amiga.

Os meninos do Rancho chegaram e se empoleiraram em um canto. O Thales me olhava de cara amarrada, eu sabia que tinha errado, mas não dava para consertar, era melhor tentar esquecer aquilo. Como o Caio e a minha irmã agora eram um tanto próximos por causa da barbearia, chamou-a junto com a amiga para sentar com eles.

Ninguém naquele grupo quis ir para a pista de dança, mas juntos eles conversavam, gargalhavam, pareciam mais felizes do que eu. Confesso que por um instante quis estar lá com eles, mas o devaneio foi interrompido pelo convite do Michel para dançarmos. Enquanto dançávamos, ele disse no meu ouvido:

— Saindo daqui, quero te levar a um lugar. Estou motorizado.

Pois é. O Michel ainda não tinha alcançado a maioridade, não tinha habilitação, mas tinha o sobrenome Rosenberg. Isso bastava. Eles eram os donos do norte do Paraná.

— Me levar a um lugar? Como assim?

— O ensino médio acabou, temos que dar boas vindas ao mundo adulto. — Em seguida sussurrou: — E nos divertirmos como adultos.

— É o que estou pensando?

— É, gata. Eu sei que você vai ganhar o mundo logo logo, com essa beleza e esse talento. Então me dá uma chance de fazer você curtir o tempo que te resta aqui.

— Eu já dei. Vamos ser rei e rainha do baile e eu te dei a honra da minha companhia. Isso é tudo, Michel. Você está certo quando diz que vou ganhar o mundo. E quando eu for, não quero deixar nenhum pedaço meu para trás.

— Como assim?

— Eu fui criada na igreja, você sabe a visão que tenho a esse respeito. É um compartilhamento muito sério, não quero fazer isso e depois ir embora daqui. Bom, é complexo, não sei explicar, espero que entenda.

— Olha, é difícil entender... Você parece tão descolada e depois diz que ainda tem essas ideias estranhas que aprendeu na igreja... Realmente difícil de entender. Mas não vou ficar forçando a barra porque não quero te afastar de mim.

— Melhor assim.

— Mas... posso ganhar pelo menos um beijo?

Pensei no Thales. Se eu dei uma chance a um menino do Rancho, como poderia não dar ao Michel Rosenberg?

— Depois. A minha irmã não pode ver de jeito nenhum.

— Beleza. Eu sei de um lugar bem secreto.

Capítulo 10

Wesley:

Quando a diretora pegou o microfone e subiu ao palco para anunciar o rei e a rainha do baile, não havia suspense nem expectativa. Todos já sabiam que seriam Priscila Silva e Michel Rosenberg. A maioria dos alunos sequer se empenhou em vender seus votos, sabiam que o grande fazendeiro, pai do Michel, seria capaz de comprar a cidade para o filho.

Eles subiram ao palco para serem coroados e eu olhei para o Thales, que em sua face tinha um misto de raiva, decepção e admiração pela imagem da Priscila. Então olhei para ela, que ultimamente havia revelado ter uma índole duvidosa, mas nem isso foi capaz de roubar sua beleza. Eu ficava questionando no meu interior: “Por quê? Por que a gente se deixa levar tanto por isso? Por que deixamos tanto a aparência de uma pessoa nos dominar, esquecendo quem ela realmente é?”

Ela sorria. Usava uma coroa, estava em um palco e todos a aplaudiam. Tinha nascido para isso. Eu sabia que a Priscila não estava apenas se despedindo do ensino médio, a partir dali ela ia fazer o mundo lhe enxergar, de um jeito ou de outro. E dito e feito, passados alguns dias, soube que estava fazendo Artes Cênicas e Inglês em Londrina, quase não a víamos mais na cidade e raramente aparecia nos cultos.

Eu fui o primeiro a completar dezoito anos e deixar o Rancho. Aluguei uma casa simples, que pagava com meu salário trabalhando no antiquário. Com minha reserva financeira que havia feito nos últimos anos, comprei alguns eletrodomésticos. Como estava me especializando em reformar móveis, o dono do antiquário permitiu que eu reformasse alguns pra mim. E assim, pela primeira vez na vida tive algo que pude chamar de lar, só faltava uma família.

Dois meses depois, o Caio também completou dezoito e propôs dividir o aluguel e as despesas da casa comigo, eu aceitei, assim teria companhia, principalmente. Nós dois marcamos de encontrar o Thales e o Douglas na barbearia, assim, poderíamos ir comer pizza depois e colocar o papo em dia.

O Caio ainda trabalhava lá e ajudou o seu Pedro a dar um trato no nosso visual. Estávamos falando de futebol, quando a Pâmela entrou com uma revista na mão e eu percebi o quanto o Thales olhou para ela de modo analítico.

— Oi, garotos, tudo bem? Vim mostrar pra vocês o novo trabalho da minha irmã — disse, orgulhosa — Ela apareceu neste catálogo fazendo uma propaganda de hidratante corporal.

Nós quatro nos olhamos. Não devia ser nada vulgar se a Pâmela estava tão feliz pela Priscila e o

pai também afirmou:

— Sim, ela está maravilhosa.

Parece que só então ela lembrou do ocorrido entre Priscila e Thales, e que ele ainda não tinha virado essa página:

— Bom, eu... vou deixar o catálogo aqui — disse a Pâmela, sem graça — Se alguém quiser ver... depois... — Deixou a revista sobre a bancada, abaixo do espelho.

E adivinhem quem foi o primeiro a correr para ver? Isso mesmo, o Thales, seguido pelo Douglas, que quase arrancou a página das mãos dele. O Caio, que estava varrendo o chão, aproximou-se de ambos com a vassoura na mão. Eu vi o queixo dos três caindo lentamente, mas estava na cadeira, aos cuidados do seu Pedro e cheio de creme de barbear no rosto. Os meus amigos tiveram juízo e não teceram nenhum comentário, depois de alguns minutos devolveram a revista ao lugar.

Quando finalmente pude ver a imagem da Priscila, seus olhos azuis penetrantes eram o primeiro chamariz. O ombro estava exposto, ladeado pela frase: “Tenha uma nova experiência com sua pele.” Em letras menores, as informações: Priscila Silva, 18, atriz.

Algo me dizia que a Priscila nunca havia levado em conta os conselhos que ouvia na igreja e ainda ia pagar caro por ignorá-los. Eu tinha certeza que ela já estava a milhas de distância, no que diz respeito ao caminho dos pródigos. Eu não achava que ser atriz ou modelo era algo ruim, longe disso, só achava que a mente dela era fraca demais para a fama.

Priscila:

O trabalho para o catálogo me rendeu algum dinheiro, não muito, mas na verdade o que eu queria era visibilidade para dar passos maiores na minha carreira. Até que me chamaram para atuar em uma peça em Curitiba, e dessa vez minha família não ia nem se quisesse.

Depois que a semana de apresentações terminou, voltei para a minha região e empresários do ramo da moda praia me chamaram para ser garota propaganda. Eu topei sem avisar o meu pai, já era maior de idade e pensava que sabia o que era melhor pra mim.

A sessão de fotos aconteceu em um estúdio ali mesmo em Londrina, me explicaram que iriam colocar a paisagem de fundo na hora da edição. Fiquei tímida quando coloquei o biquíni para fazer as fotos e o pessoal da equipe percebeu, mas para o meu alívio, a maior parte eram mulheres e elas tentaram me deixar à vontade.

Apesar do meu coração estar saindo pela boca, tentei obedecer com naturalidade aos comandos do fotógrafo, que me elogiava o tempo todo, dizendo principalmente que eu era angelical. Dentro de poucos dias a minha foto estaria estampada em outdoors, cartazes e ônibus de todo o norte paranaense e eu teria que dar uma boa explicação ao meu pai. O cachê falaria por mim caso eu não soubesse como contornar a situação.

Capítulo 11

Wesley:

O Thales e o Douglas faziam aniversário com uma diferença de apenas dez dias. Quando atingiram a maioridade e me pediram abrigo, eu não podia negar, já que tinha feito o mesmo pelo Caio. Pedi que ajudassem nas despesas, já que não tomaram essa iniciativa por conta própria, e eles toparam.
Certo dia, saí mais tarde do antiquário e vi que os três me esperavam na calçada.

— O que foi? — perguntei, estranhando a presença deles ali.

Thales fechou a cara e Caio balançou a cabeça em negação. Desconfiei que era algo relacionado a Priscila.

— Vem ver o outdoor bem em frente à praça central — convidou o Douglas, afobado e com um brilho infantil no olhar.

Seguimos por mais dois quarteirões, chegamos por trás do outdoor e quando demos a volta eu constatei que estava certo. Lá estava a Priscila, com boa parte do corpo exposto na propaganda de biquíni. “Deixe o mundo te descobrir” — dizia o slogan, remetendo ao fato dela ser uma garota interiorana. Meus três amigos estavam olhando aquela imagem de baixo para cima, e eu notei que não eram os únicos, quando dei uma olhada ao redor e vi pela praça algumas dezenas de homens.

— Uau, ela acabou com a minha infância — disse o Douglas, sem tirar os olhos do outdoor — Quando eu ver a Priscila vou sempre me lembrar dessa imagem, por mais vestida que ela esteja.

Olhei para o Douglas deixando claro que achei um comentário inútil e em seguida disse:

— Vou pra casa. Hoje é dia de culto e a gente ainda tem que pensar no jantar.

— É, vambora — apoiou o Thales e então seguimos caminhando. O Douglas resolveu azucrina-lo:

— Cara, você conseguiu fazer duas coisas incríveis na vida, parabéns.

— Ah, é? O que eu fiz? — perguntou, impaciente.

— Um: conseguiu ficar com a Priscila Silva. Dois: conseguiu perder a Priscila Silva. Cara, como você deixa a garota do outdoor escapar assim? Se fosse eu, ia...

— Se fosse você ia fazer xixi nas calças só de chegar perto dela, isso sim, rapaz.

— Gente, o que dá pra fazer para o jantar? — interrompi, talvez se interessassem pelo tema comida.

— Ovo frito, macarrão instantâneo, pipoca, pão com mortadela, sardinha em lata — citava o Caio — Opções não faltam — brincou.

— Eca! Tô cansado dessas gororobas — reclamou o Thales — Saudade da comidinha da Victoria.

— Aê, falou o cara que odiava o Rancho — eu disse, irritado — Olha, eu não sei cozinhar, certo? Mas vocês têm total liberdade para fazerem a própria comida, se a minha não agrada seus paladares refinados.

— Eu não reclamo — disse o Caio, com as mãos para o alto — E até te ajudo.

— Foi mal, Wes — disse o Douglas, tentando colocar panos quentes — Eu e o Thales vamos ajudar também.

Priscila:

Cheguei em casa, o expediente da barbearia havia acabado, e como minha família sabia que naquele dia eu viria para a cidade, me esperaram reunidos. Eu sabia que não ia conseguir fugir daquela conversa. Os três estavam na sala, minha mãe e irmã sentadas nos sofás e meu pai em pé, olhando algumas fotos nossas sobre os móveis, de quando éramos crianças. Com certeza sentia saudade daquela fase de inocência.

— E então? Tudo bem? — Joguei a mochila em um dos sofás e me sentei esperando o massacre começar. Minha mãe e a Pâmela eram a face da apreensão.

— Por que não avisou que ia fazer aquilo? — disparou meu pai — A cidade inteira comentando que você está seminua no outdoor da praça central e eu sou o último a saber?

— Seminua? — Fiquei indignada ao descobrir o que andaram falando nas minhas costas. — Como vocês são antiquados, estou de biquíni.

— Qual a diferença?

— É uma propaganda de moda praia, queria que estivesse de jeans, moletom e galochas?

— Por que não me avisou?

— Eu tenho dezoito anos.

— Por que não me avisou? — Dessa vez ele gritou tão alto que a Pâmela segurou a mão da nossa mãe. Eu não me intimidei:

— Esqueceu que sou a galinha dos ovos de ouro? Foi assim que o senhor e o Dudu me chamaram naquela primeira peça em Londrina e agradeçam por eu não ter ficado ofendida com a parte da galinha.

Ele ficou de frente para mim, se abaixou ao meu nível para me encarar:

— Você estava ouvindo a conversa?

— É lógico, eu era o assunto.

Então meu pai andou pela sala, com as mãos na cabeça, dizendo aos céus:

— Meu Deus, eu criei um monstro.

— Pai, para de drama, senta aí.

Ele se sentou, desorientado, sem ter o que fazer. Continuei:

— Vamos parar de ser hipócritas? Que tal? Vamos? Até eu fiquei surpresa com a rapidez com que o senhor concordou com o Dudu. Vocês não ficaram, mãe e Pâmela?

Elas trocaram um olhar e concordaram, balançando a cabeça.

— Pois bem — Eu disse — E de lá pra cá, o senhor é só elogios pra mim, me apoiando em tudo, porque sabe que isso vai dar muito dinheiro. Essa barbearia não dá nada, principalmente com aquele monte de calotes porque o senhor faz fiado para qualquer um. E a casa que temos alugada em Miraselva, só atrai péssimos inquilinos também. Ou seja, o senhor topou rapidinho porque sabe que a prosperidade da família está em minhas mãos.

— Me respeita, Priscila. Eu trabalho duro para manter a barbearia e estou sempre cobrando os inquilinos.

— Eu sei, papito. Mas que o senhor gosta de um dinheirinho a mais, gosta. Tanto que às vezes nem entrega o dízimo na igreja, apesar de ninguém imaginar que aquele envelope que o senhor leva está quase sempre vazio.

Eu toquei no ponto fraco dele de propósito. Algo que meu pai mais abominava era ser desmoralizado em relação à vida cristã e eu sabia que o fato de tê-lo visto tirando o dinheiro do envelope várias vezes, me ajudaria de algum modo um dia.

— O quê? — Minha mãe estava pasma, ela era uma mulher fiel e jamais imaginaria isso do meu pai. — Como consegue ser tão hipócrita, Pedro?

Sem resposta, ele apenas abaixou a cabeça.

— Pai, mãe — A Pâmela interviu — Por favor, não briguem. Daqui a pouco vamos para o culto.

— Isso mesmo, vamos encerrar esse assunto — Eu disse — O senhor permitiu que eu seguisse minha carreira e permitiu bem rápido, pai. Agora, por favor, não venha com falso moralismo, tudo bem? Eu sei o que estou fazendo e até onde posso ir. — Peguei a carteira no bolso da mochila e tirei uma quantia que tinha levado para eles. — Toma, isso aqui equivale a dois meses de lucro da barbearia e do aluguel dos inquilinos. É um bom começo.

Me levantei, coloquei o dinheiro na mão dele, peguei a mochila e saí dizendo:

— Vou tomar um banho. Faz tempo que não vou à igreja, hoje quero acompanhar vocês.

Eles ficaram em silêncio, e se falaram algo depois que fui para o banho, até hoje não sei. Quando já estávamos prontos para sair, apareci na calçada, onde minha família já aguardava, próximos ao carro. Estava com os cabelos molhados e uma blusa que expunha os ombros. Meu pai não gostou do visual, mas engoliu sua opinião para si mesmo. A expressão dele não negava isso. Minha mãe aproximou-se e ajeitou minha roupa, tapando meus ombros.

— Priscila, por favor, filha... estamos indo à igreja, tenha modos. E esse cabelo molhado?

— É pra todo mundo saber que tomo banho — brinquei. Eles estavam mal-humorados, eu achava que minha roupa não estava vulgar. Bom, talvez estivesse, mas não me importava.

Capítulo 12

Wesley:

Eu, o Caio, o Douglas e o Thales ocupamos uma fileira inteira na igreja. Sentamos do lado direito, perto da janela, como de costume. Quando a família Silva chegou, todo mundo notou a presença da Priscila, que há muito tempo não aparecia. O Thales ficou vermelho e bufou. Ela cumprimentou algumas pessoas e se sentou com a Kimberly, que já estava por lá. O culto começou e o pastor disse durante a mensagem:
— Hoje em dia a palavra “cristão” está banalizada, infelizmente. Muitas pessoas pensam que ser cristão é simplesmente acreditar em Jesus, mas na verdade é segui-Lo, obedecê-Lo, imitá-Lo. É pensar no que Ele faria se estivesse aqui nos dias de hoje, no nosso lugar.

Olhei para o Thales, ele parecia estar prestando atenção.

— Será que Jesus daria "jeitinhos" para facilitar as coisas, para alcançar os objetivos com desonestidade? Será que no trabalho Ele sairia toda hora para ir ao banheiro e “matar” o serviço? Daria atestado médico falso, iria doar sangue só para faltar? Mas tem muito “cristão” que faz isso. Que estaciona na vaga preferencial de idosos, deficientes e gestantes. Que compra produtos piratas, que cola nas provas, que conta “mentirinhas”, como se mentira tivesse tamanho. Não, não tem. Mentirinha e mentirona são simplesmente mentiras e têm um pai. Vocês sabem quem é o pai da mentira?

A igreja estava em total silêncio.

— Será que Jesus iria aderir a esse novo costume entre os jovens de “ficar”?

Fiz questão de olhar para o Thales e para a Priscila, não para julgá-los ou para me achar superior, só queria me certificar de que estavam ouvindo. E estavam.

— E não tem essa de “a carne é fraca” ou “o importante são minhas boas intenções”. Engraçado como as pessoas acham que Deus tem que tolerar tudo, alegando que Ele é amor. Não se esqueçam que Ele também é justiça, e se plantarmos desobediência, certamente colheremos seus frutos. Aqui em 1 João 2:6 diz: *“Aquele que diz que permanece Nele, esse deve andar como Ele andou”*.

Após o culto, na calçada da igreja, alguns jovens se aglomeraram em volta da Priscila, que afinal de contas era a garota do outdoor. Já a Pâmela, estava cercada por crianças, que ao saírem da escolinha bíblica, correram ao seu encontro para abraçá-la e perguntar quando estaria com eles novamente em uma aula. Ficamos olhando aquele movimento de longe, quando o Douglas disse:

— Estou lembrando daquela imagem no outdoor... Cara, como pode ser tão bonita?

— Douglas, toma jeito, cara. Não ouviu a pregação? — perguntei sem querer parecer tão indignado, mas não consegui.

— O pastor não falou nada sobre isso. Olha, tem algumas pessoas tirando fotos com ela, vou lá. Preciso ver quem tem uma câmera digital pra tirar pra mim.

Sim, estávamos em 2005 e era dessa forma que se tirava fotos.

— Cuidado para não ser picado pela jararaca — disse o Thales, ainda mergulhado em sua mágoa.

— Ah, bem que você queria dar uns beijões na jararaca. Até outro dia ficava: “sou o galã do Rancho nhé nhé nhé”, “a Priscila olhou pra mim nhé nhé nhé”, “a Priscila é minha rainha nhé nhé nhé”.

— Hei, tá me zoando, cara? Faz tempo que caí na real. E quer saber? Tô indo pra casa.

O Thales se foi e o Douglas foi tirar a tal foto com a Priscila. Pior que ele conseguiu, e se juntou a Kimberly e mais outros que a interrogavam sobre a vida de atriz de teatro e os trabalhos como garota propaganda. Enquanto isso, eu e o Caio ficamos conversando:

— Me preocupo com os nossos amigos — falei, vendo de longe a Priscila deleitando-se em ser uma subcelebridade — O Douglas parece que não leva nada a sério e o Thales parece que tem uma rebeldia incubada.

— Também reparei isso, Wes. E eles quase não lêem a Bíblia em casa, é estranho.

— Lembra aquela vez que ia ter teste para a peça Romeu e Julieta na escola e enquanto isso, no grupo jovem, o pastor estava fazendo desafio bíblico? O Thales queria a todo custo ser o Romeu na peça, já que a Priscila seria a Julieta. Aí, no dia do desafio bíblico na igreja, o pastor perguntou o nome do primeiro homem e da primeira mulher e ele respondeu: Romeu e Eva.

Gargalhamos e o Caio disse em lágrimas de tanto rir:

— Eu lembro. A cabeça dele, como sempre, na Priscila. A gente zoou isso por oitenta e quatro anos.

Gargalhamos mais e então o Douglas voltou:

— Consegui! Consegui uma foto com ela! A Kimberly vai gravar em um CD e revelar.

— Parabéns — Eu disse, irônico — Vambora, então?

Nisso, a Priscila passou por nós, indo na direção do carro onde sua família já lhe aguardava. Piscou um olho para o Douglas e disse, cinicamente:

— Diga ao Thales que mandei um beijo.

Ela sorriu maliciosamente, seguindo em frente e nos deixando sem reação.

— Essa garota não pode ser mesmo irmã da Pâmela — disse o Caio — Ela é cruel.

Priscila:

Quando retornei a Londrina, o Dudu veio todo feliz falar comigo antes do ensaio:

— Pri! Pri de princesa!

Eu ainda estava entrando no teatro, ele me pegou e me levou até as poltronas da última fileira, onde sentamos:

— O que foi, Dudu? Foi olhar seu saldo e descobriu que ficou rico da noite para o dia?

— Oras, dinheiro não é tudo na vida — Ele nem disfarçou o sarcasmo — Mas quem vai ficar feliz é você, my love. Tenho boas notícias.

— Manda ver.

— Entrei em contato com uma amiga minha, de Sampa. Mostrei suas fotos e vídeos, inclusive das peças. Ela também viu seu trabalho para aquele cosmético que esqueci o nome e para a Sunrise Moda Praia.

— E...

— Ela quer agenciar você. Vai fazer pilotos seus, te apresentar em testes para novelas, enfim, te levar ao topo, que é o seu lugar.

— É sério? — sufoquei meu grito com as mãos.

— Seríssimo. Por isso temos que ir o quanto antes para São Paulo.

— Uau, São Paulo, sempre quis conhecer! É a maior cidade do Brasil!

Ele riu do meu tom ingênuo e eu continuei:

— Como vamos? Carro ou ônibus?

— Nenhum. Vamos de avião, mais rápido.

Eu senti frio na barriga, nunca gostei de altura. Mas se quisesse ser uma atriz, teria que vencer todos os meus medos, do maior ao menor.

— O voo é amanhã às quatro.

— Mas já? Uau... é... — Fiquei perdida e assustada com aquela possibilidade repentina de ver meu sonho se realizar. — Vou pedir, quer dizer, avisar minha família.

— Você vai ganhar o mundo, Pri. Pode ter certeza.

Eu só avisei meus pais quando já estava prestes a embarcar. Como passava a maior parte do tempo em Londrina, na casa da galera do teatro, tudo o que precisava já estava lá.

Chegando em São Paulo, pegamos um táxi até o apartamento da amiga do Dudu. Eu fui olhando

pela janela, aqueles prédios enormes, aquele trânsito louco, o vai e vem de gente, muita gente. A cidade parecia um tanto cinza e nem de longe lembrava Prado Ferreira, em absolutamente nada. O ar era pesado, uma mistura de poluição com clausura, eu diria. Nada que eu não pudesse me acostumar. Ali estavam os holofotes que eu almejava.

A Manuela, que era a amiga do Dudu, morava no décimo quinto andar de um prédio luxuoso. Fomos anunciados, subimos de elevador e até isso me dava um medo que reprimia. Quando ela nos recebeu, fiquei encantada com aquele lugar que parecia cenário de novela. Tudo muito chique e sofisticado, exageradamente preto na decoração, mas ainda assim, espetacular. Obras de arte abstratas que para mim eram rabiscos de uma criança de dois anos de idade, estátuas estranhas de seres mitológicos e fotos nas paredes de atores e atrizes famosos ao lado dela.

Ela era negra e muito bonita, com um cabelo estilo black power que achei maravilhoso. Usava colares grandes e chamativos, era elegante e sua postura insuflava poder.

— Ela é realmente linda, Dudu.

Caí em mim ao ouvi-la dizer isso e cumprimentei estendendo a mão:

— Prazer, Priscila Silva.

Ela me analisou por inteiro, olhou para a mochila nas minhas costas e meu all star jeans, dizendo:

— Muito adolescente… Vamos precisar mudar esse estilo, garota.

— Claro, por que não? — Sorri e ela sorriu de volta ao ver que eu era maleável – ou manipulável.

— Sentem-se, vamos conversar.

Larguei a mochila ao meu lado e sentei perto do Dudu naquele sofá que era mais confortável que a minha cama. Aqueles móveis só perdiam para os da Bela e a Fera, que falavam. Eu me imaginei morando ali, tudo era pura opulência e requinte. O Dudu tinha um sorriso de orelha a orelha e a Manuela se voltou para mim depois de um breve diálogo com ele:

— Me fale um pouco sobre de onde você veio, Priscila. Paraná, não é?

— É. Bom, acho que você não vai se interessar.

— Mas é claro que vou. É sua história, sua cultura.

— Minha cidade era um distrito até pouco tempo atrás. Tem quatro mil habitantes.

— Interessante. Que bom que você não tem sotaque, atrapalha na interpretação.

— Os sotaques ficam mais para o centro sul e oeste do estado, eu acho. E também o Dudu trabalha bastante com a gente para eliminar os vícios de linguagem.

— Uau, pelo jeito você não é só um rostinho bonito.

— É um rostinho bonito e um corpão, não é, Pri? — Ele interferiu e eu fiquei sem jeito.

— Sei tocar piano também, já que estamos falando sobre talentos — acrescentei, tentando parecer modesta.

— Você quer mesmo ser atriz, Priscila? Estaria disposta a se mudar pra cá?

Era assustador ver a vida mudando ali diante dos olhos, mas era pegar ou largar.

— Eu não conheço nada nem ninguém aqui, Manuela...

— Pode me chamar de Manu, prefiro. E agora você me conhece, Manuela Gardin, a maior agenciadora de talentos de São Paulo. — Então mostrou as fotos na parede. — Lorraine Brasil, Stefany Bittencourt, Ronnie Duran... Todos agenciados por mim.

— Fabuloso... Eu sou fã do Ronnie Duran.

— Pode ficar aqui em casa até se estabelecer, talvez leve tempo.

Meu coração estava na boca, eu estava a um passo de realizar meu sonho.

— Por mim é sim, claro, com certeza.

— Boa escolha. E... o seu nome é um pouco... comum. Que tal mudarmos para Priscila Silver? Um trocadilho com a prata, em inglês.

— Esplêndido. — Eu já tinha usado as palavras “esplêndido” e “fabuloso” em menos de um minuto, sendo que nunca tinha dito isso antes na vida. Por aí vocês imaginam como estava o meu emocional.

— Pega a sua mochila, a empregada vai preparar um banho na hidromassagem e o quarto de hóspedes pra você descansar. Val! Val! — gritou até a moça aparecer — Leva a Priscila para conhecer a casa.

Eu percebi que ela quis me tirar de cena para ficar a sós com o Dudu, mas nada me importava naquele momento. Além do mais, talvez eles não fossem só amigos.

Capítulo 13

Wesley:

O dono do antiquário aumentou o meu salário porque eu vinha reformando muitos objetos e móveis, inclusive itens que ele diagnosticava como perda total, e se eu não conseguia consertar, ao menos transformava em algo novo, com utilidade diferente. O meu nome ficou conhecido na cidade, alguns me chamavam de Wesley, o renovador.

Comprei algumas ferramentas e costumava fazer trabalhos extras, no quintal de casa. Sempre que o pastor precisava de algo para a igreja ou o Marcos de algo para o Rancho, eu prestava o serviço gratuitamente.

A casa que eu dividia com os três amigos ficou com um ar vintage, por causa dos móveis retrô coloridos, alguns clássicos e outras coisas que eu inventava. Reformei uma cadeira de balanço para o Caio, um pufe gigante para o Douglas e uma poltrona com porta pipoca e refri para o Thales. Quando o Marcos, a Victoria e os meninos do Rancho foram nos visitar, ela ficou encantada com a decoração e tudo mais.

Por aqueles dias, eu e os rapazes resolvemos marcar de ir à pizzaria no sábado à noite, depois do encontro de jovens:

— Posso convidar a Pâmela também? — perguntou o Caio, depois de provavelmente pensar umas mil vezes no assunto.

— Tá cercando por todos os lados, hein, espertinho? — comentou o Thales, que sempre levava as coisas para um lado duvidoso.

— Engano seu. Se quisesse algo com ela, não iria levá-la para sair junto com vocês. Eu quero fazer as coisas certas.

— Então você não gosta dela?

— Poxa, Thales! Não! A gente trabalha junto e ela é legal, é só isso. Com certeza a Pâmela vai chamar a Natália também, e qual o problema nisso tudo? Somos um grupo de amigos.

— Problema nenhum. Muito pelo contrário, se você não gosta dela, a porteira está aberta. — Ele riu sozinho, na intenção de provocar. — Vou tomar um banho.

Thales saiu, eu e o Douglas ficamos observando o Caio, visivelmente irritado.

— Por que ele faz essas coisas? Ganha o que com isso? — O Caio questionava e nós não

respondemos. Era melhor.

De fato a Pâmela convidou a Natália para nos acompanhar à pizzaria e chamou também a Kimberly, que ultimamente andava sozinha, já que não tinha mais a companhia da Priscila. O Thales não disfarçava os olhares na direção dela, deixando o Caio cada vez mais irritadiço, que por sua vez, sabia como acabar com a alegria do colega:

— Pâmela, e a sua irmã? — perguntou — O que anda fazendo? Já tem mais de um mês que a vimos na igreja e depois sumiu de novo...

As perguntas caíram como bombas na cabeça do Thales.

— Ela está em São Paulo fazendo testes para a TV. Se for aprovada vai se mudar pra lá. Mas antes disso ainda vem pra cá, participar do FILO.

O FILO era o Festival Internacional de Teatro de Londrina, um evento renomado e grandioso.

— Uau, já pensou? — comentou a Kimberly, boquiaberta — A Pri em uma novela...

Thales estava virando os olhos, impaciente. O garçom trouxe a pizza e ele descontou o estresse atacando-a.

— Vocês são tão diferentes... — comentou o Caio, servindo-se — Nem parecem irmãs.

— Meu pai sempre dizia que era muito sortudo — respondeu a Pâmela — Tinha uma filha bonita e outra bondosa. — Ela sorriu sem graça.

— Não foi o que eu quis dizer, Pâmela — O Caio tentou se explicar e todos nós ficamos prestando atenção na conversa.

— Você é mais bonita que a Priscila — disse o Thales, atraindo a atenção da garota para si. Ele era terrível, mas a Pâmela não era fácil:

— Eu nunca quis ter a beleza da Priscila. Ela sempre atraiu muita atenção em todo lugar, principalmente atenção masculina, mas eu nunca quis isso. É fácil encontrar quem nos dê atenção, difícil é encontrar alguém que dê valor.

O Caio parou de comer e ficou olhando para ela, impressionado e pensativo. O Thales tinha um leve sorriso no rosto enquanto comia, anotando mentalmente as informações que a Pâmela fornecia sobre si mesma.

Priscila:

A Manu me levou para fazer alguns testes para comerciais e acabaram me contratando para uma propaganda de maquiagem para os olhos. A maquiagem era tão pesada, fiquei com um aspecto tão adulto, que me impressionei com o resultado final. O cabelo e o figurino também contribuíram para me transformar na mulher que eu vi no vídeo.

— Uau... — Foi tudo o que consegui dizer diante do resultado do trabalho.

Pelo menos dessa vez eu acreditava que ninguém ficaria escandalizado por minha causa. No

fundo não queria causar polêmicas, só queria realizar o meu sonho de ser atriz em paz. Não queria entrar em guerra com meus pais e nem ficar com a consciência pesada, mas sabia que nem sempre isso seria tão simples.

Lá nos testes, a Manu me apresentou a um rapaz chamado Ivo Gomes, ele tinha a minha idade e também sonhava em ser ator. Trocamos nossos e-mails e MSN e conversamos por um bom tempo, pois ela dizia que tínhamos que fazer amizade com pessoas do mesmo meio, criar uma rede. A Manu também prometeu me apresentar aos outros atores agenciados por ela, e o meu coração disparava só de imaginar que conheceria o Ronnie Duran pessoalmente. O cara que estampava as dezenas de revistas de celebridades que eu comprava escondido do meu pai e que ficava admirando todas as noites antes de dormir.

Capítulo 14

Wesley:

Na segunda-feira eu cheguei um pouco mais tarde em casa. O expediente no antiquário foi normal, mas depois fiquei lá um tempo, pois tinha que fazer alguns reparos utilizando ferramentas que eu mesmo ainda não possuía. O Douglas, por um milagre, estava fazendo o jantar e o Caio estava sentado na cadeira de balanço, no canto da sala, olhando para o nada. Ele me pareceu preocupado, mas eu não quis ser direto perguntando o que o afligia:
— Tudo certo? E o Thales, por onde anda?

Meu amigo me olhou com uma expressão triste. Então quem ficou preocupado fui eu:

— O que foi, Caio? Tá passando mal?

Ele sinalizou para que eu me sentasse no sofá ali próximo e falou baixo:

— Quando eu estava saindo da barbearia, o Thales estava chegando. Saiu da quitanda e foi lá conversar com a Pâmela.

— Peraí, não me diga que...

— É, isso mesmo. Ele já começou a se aproximar dela, está com segundas intenções.

— Cara, não acredito. Por um tempo achei que estava melhorando. Depois do que a Priscila fez com ele parecia um pouco mais grato, reclamava menos, prestava mais atenção nos cultos. Parece que me enganei.

— Eu também achei que estava melhorando. E não é que a gente se enganou, é que o Thales é inconstante mesmo. Só espero que não esteja querendo usar a Pâmela para se vingar da Priscila, se ele fizer isso, eu nem sei do que sou capaz.

Caio me olhou arrependido por ter pensado alto.

— Você gosta dela, não é?

— Gosto. Mas não sei o que fazer a respeito disso — respondeu, cabisbaixo.

— E eu sou a pior pessoa do mundo para dar conselhos amorosos. Mas uma coisa eu tenho certeza que dá certo: orar e confiar em Deus.

Levamos um susto quando a porta abriu de repente e o Thales entrou falando alto:

— Rá! Primeiro eu jogo a isca, depois eu recruto!

Eu e o Caio nos olhamos confusos, enquanto ele gritou na direção da cozinha:

— Hei, Douglas! Coloca menos minhocas nessa sopa porque eu vou jantar fora!

— Onde? Ali no quintal? — Douglas respondeu de lá mesmo.

— Vou comer pizza com a Pâmela — respondeu o Thales, sorrindo com todos os músculos da face.

— O quê? — O Caio não conseguiu disfarçar a surpresa. — Ela topou sair com você?

— Topou. Difícil mesmo foi convencer o pai dela. Inclusive, tenho que te agradecer, Caio. O seu Pedro só deixou porque a dona Regina disse que se eu era seu amigo, era gente boa. — Ele piscou um olho. — Vou tomar um banho.

Quando o Thales saiu, olhei para o Caio e vi que estava desolado.

— Eu não acredito, Wes — disse baixo — Ele vai... ele vai... — Então abaixou a cabeça entre as mãos.

— Calma, Caio. Faz o que te falei, confia em Deus.

— Como? — Ele me encarou. — Ele vai sair com ela daqui a pouco. Acha que vão só comer pizza? Isso vai é acabar em pizza mesmo...

— A Pâmela é uma boa menina e sabe se defender de palavras vazias.

— Tô decepcionado com ela. Como pode ter aceitado um convite do Thales depois de ver com os próprios olhos o que ele e a Priscila fizeram no acampamento?

— Olha... não sei te responder isso. Mas confia em Deus, Ele vai fazer o que for melhor para todo mundo.

Ele me deixou falando sozinho e foi para o quarto. Queria fazer algo para ajudar meu amigo, mas não sabia o quê.

Priscila:

Eu estava fazendo testes e mais testes, conhecendo São Paulo com a Manu e desfrutando da casa dela. O comercial da maquiagem já estava sendo veiculado na cidade e logo seria para todo o país.

No final da tarde eu descansava no jardim de inverno, quando a Manu chegou dizendo:

— Pri, bora se produzir. Temos uma festa para ir e você não vai acreditar em quem quer te conhecer.

— O Ronnie Duran?

— Ai, garota. É só Ronnie, não precisa falar até o sobrenome das pessoas como se estivesse em

uma novela mexicana.

— É que pra mim ele é aquele príncipe da TV e dos posteres de revista. — Fiquei em pé, entusiasmada. — Mas é ele?

— Sim. Vai dar uma festa hoje na casa dele, só pra te conhecer. Aquele comercial da maquiagem mexeu com o garoto.

— Ele vai se decepcionar. — Voltei a me sentar no banco de madeira finíssimo. — Eu não sou daquele jeito.

— Você é bem melhor. — Ela me colocou em pé e deu dois tapinhas de leve no meu rosto. — Vai se arrumar, rápido. Você merece se divertir um pouco também.

— Eu devo estar sonhando... Uma festa em plena segunda-feira na casa do Ronnie Duran, quer dizer, do Ronnie.

A Manu gargalhou, minha ingenuidade parecia diverti-la muito, e eu corri para ficar pronta o quanto antes.

O Ivo, o outro garoto que também era da agência, foi com a gente e eu estava incomodada com a forma que ele me olhava durante o trajeto, no carro, onde estava no banco do carona e ficava virando para trás enquanto conversava comigo, de olho no meu vestido azul com um bom decote. A intenção era chamar a atenção do Ronnie, não dele.

Chegando à festa, não tinha muita gente, umas trinta pessoas, mas todos importantes: atores, diretores, produtores. A Manu me apresentou a cada um e todos sem exceção me elogiaram. Se uma agulha sequer se aproximasse do meu ego inflado, iria causar um tremendo estouro.

A casa era enorme, ficava em um condomínio fechado e seguia o estilo da casa da Manu, com o diferencial de priorizar o azul celeste na decoração. Não pude me atentar muito aos detalhes porque o Ronnie finalmente apareceu e eu não consegui me concentrar em mais nada quando o vi na minha frente com um sorriso maravilhoso.

— Céus... — Ele disse mais a si mesmo do que a qualquer outra pessoa enquanto me olhava — Você quer me matar do coração, Manu? — perguntou, sem tirar os olhos de mim, com Manu ao seu lado, tomando um drink.

— Divirtam-se — Ela disse, rindo maliciosamente e se retirando. Por um momento pensei em segui-la, tamanho frio na barriga.

O Ronnie aproximou-se e me deu três beijos no rosto.

— Você é ainda mais linda pessoalmente. E veio de azul, para combinar com a minha casa.

— Foi coincidência. A Manu disse que iria realçar os meus olhos.

— E que olhos... Vem cá. — Pegou minha mão e me guiou até o balcão do barzinho. — O que você bebe?

— Qualquer coisa. — Ele me encarou, intrigado. — Qualquer coisa sem álcool.

— Que ótimo. — Eu me sentei em uma banqueta e ele pegou duas águas com gás, sentando-se ao meu lado em seguida.

O Ronnie tinha um perfume inebriante, que estava me tirando do sério. Eu o analisei enquanto conversava com um garçom que se aproximou e notei que era tudo o que via na TV: bonito, forte e muito charmoso. Ele se voltou para mim quando o garçom saiu e me flagrou o encarando:

— Eu... estou um pouco sem reação porque... sou sua fã.

Ele sorriu e eu acabei sorrindo de volta, flutuando.

— É sério que você só tem dezenove anos? — Ele perguntou, demonstrando interesse e me olhando com amplitude.

— Pareço ter mais?

— Não, é que... enfim... eu...

Eu não estava acreditando. Ronnie Duran tropeçando nas palavras por minha causa?

— Fala — pedi, sorrindo e tentando jogar charme.

— Eu... queria te conhecer melhor, mas... você é tão jovem...

— De acordo com as revistas de fofoca, você tem vinte e seis. Também é jovem.

— Se é um elogio, obrigado. Mas... me fala sobre você, soube que é do Paraná, já morei lá.

— Sério?

— Sim. Nasci na Argentina, qualquer dia você vem aqui de novo e eu te mostro melhor a decoração inspirada no meu país. Aos dois anos minha família e eu nos mudamos para Foz do Iguaçú e aos dez vim pra cá, onde cresci.

— Uau! Mesmo sendo sua fã, não sabia disso.

Nós conversamos por horas e horas, madrugada adentro. A conversa fluiu tão bem que eu não queria terminar nunca mais. O Ronnie não me ofereceu álcool e também não bebeu. Não forçou a barra e se mostrou muito respeitador, um cavalheiro. Eu só fui embora porque às quatro da manhã a Manu me convocou. Achei que nunca mais iria dormir.

Capítulo 15

Wesley:

No dia seguinte, o seu Pedro e a Pâmela apareceram no antiquário em busca de poltronas para a barbearia. Eu vi ali a oportunidade de tentar ajudar o Caio, enquanto seu Pedro conversava com o dono e a Pâmela se distraía na seção de discos de vinil.

— Oi, Pâmela, tudo bem? Sabia que todo mundo gosta dessa seção?

— Tudo bem, Wesley. Essa parte é um túnel do tempo mesmo, muito legal.

— E aí? Soube que você saiu com o Thales ontem...

— Ah, é. Pois é. O garoto insistiu tanto, até se ajoelhou aos meus pés, meus pais acabaram pedindo que eu aceitasse. Mas ele foi legal, disse que se arrependeu de ter ficado com a Priscila e que está tentando mudar. Todo mundo merece uma segunda chance, não é?

— É, com certeza, mas...

— E você sabe o que aconteceu com o Caio? Ele está estranho hoje, nem falou comigo.

Que situação difícil eu estava. Minha vontade era contar logo que meu amigo gostava dela e tinha sido picado pelo mosquitinho do ciúmes.

— O Caio? Bom, é que...

— Pâmela! — O pai dela gritou — Vem, Pâmela! Vamos embora!

— Eu tenho que ir. A gente conversa outra hora.

Eu fiquei olhando ela se afastar, com seu vestido comportado, provavelmente costurado pela mãe. Ela não via maldade nas pessoas e eu temia que o Thales se aproveitasse disso.

Priscila:

Entrei no MSN e estava conversando com o Ivo, o Ronnie e a Pâmela ao mesmo tempo. Mandei notícias para os meus pais e minha irmã quase não acreditou quando eu disse que era amiga do Ronnie. Estranhei quando ela começou a falar do Thales, qual a razão de ressuscitar esse garoto a uma altura dessas?

Pâmela: Vc perdoou o Thales?

Priscila: Eu não tenho nada p/ perdoar. Na verdade quem errou fui eu, mas deixa p/ lá, é passado. Pq tá falando dele?

Pâmela: Acho q ele tá interessado em mim. A gente saiu ontem.

Priscila: Kkkk. Ele quer te usar p/ se vingar de mim.

Pâmela: Vc acha q ngm pode gostar de mim de verdade? Acha q o mundo gira ao seu redor?

Priscila: Não, não acho isso. Mas é oq tá parecendo. Se cuida, só quero o seu bem.

Pâmela: Ok, se cuida tbm.

No domingo, o Ronnie me convidou para passar o dia com ele. Fizemos um piquenique no parque do Ibirapuera, onde ele usava óculos escuros e boné, acho que foi por isso que ninguém o reconheceu. Em um dado momento, ele me girou no ar, ficamos tontos e caímos na grama, como duas crianças. Nos sentamos lado a lado e ele disse:

— Vamos lá pra casa? Você ainda tem que ver os detalhes da minha decoração argentina.

— Pode ser.

Ajeitamos tudo e seguimos de carro. A casa dele era bem moderna e masculina. Muitas fotos das ruas de Buenos Aires, itens com o tema erva mate, miniaturas de jogadores da seleção argentina. Depois que ele mostrou tudo, sentamos nos sofás e ele tirou algumas folhinhas que ainda estavam no meu cabelo:

— Quer tomar um banho lá na minha suíte? — perguntou me encarando, com olhos verdes vivazes — Te empresto uma camisa.

Um lado meu morria de medo, o outro morria de vontade de me entregar logo. O lado sem juízo falou mais alto:

— Sim, pode ser.

Ele me pegou pela mão e me levou para o quarto, que era amplo, também azul, com uma bandeira da Argentina e fotos dele na parede.

— Que lugar lindo! Onde é? — perguntei, vendo uma das imagens onde ele se posicionava com uma montanha nevada ao fundo.

— Japão — Ele respondeu, sem dar importância.

— E aqui, você e a Jaque Palácios no lançamento de Verão Sem Fim.

— Isso.

— Ela é bonita. Toda atlética.

— Aham, ela é meio neurótica com essa questão do corpo.

— As revistas de fofoca estão certas quando dizem que você é um eterno solteiro?

— Certíssimas.

— Interessante. — Eu não queria parecer tão impressionada com tudo. — Bom, vou para o banho, então.

— É por ali, fica à vontade, vou ao closet pegar uma camisa pra você. Tem toalhas limpas na gaveta embaixo da cuba.

Eu obedeci e quando saí do banho, a camisa estava dobrada sobre a cama. Ele olhava pela janela, mas se voltou para mim e eu segurei mais forte a toalha em que me escondia.

— Minha vez — Ele disse, passando por mim e indo para o banho também.

Vesti a camisa, sentei na cama e fiquei esperando por ele, apreensiva, comprimindo meus dedos. O Ronnie voltou, de bermuda e se enxugando, com certeza era tudo proposital para atrair a minha atenção, e estava funcionando. Ele vestiu uma camiseta e perguntou:

— Tá com fome?

— De jeito nenhum. A gente passou o dia comendo.

— Então vamos assistir um filme, pra relaxar.

Então sentou na cama ao meu lado, pegou o controle e acionou a TV e o DVD, que já tinha um filme romântico preparado. Fez com que eu me deitasse em seu colo e ficou deslizando a mão pelo meu cabelo, com leveza. Eu relaxei tanto que acabei dormindo. Quando o filme acabou, ele me acordou:

— Priscila. Priscila, acorda. Vou te levar em casa, a Manu deve estar esperando.

— Ah, sim, é verdade. Amanhã tenho um teste importante.

— É o da novela das oito?

— Sim, "Divas do Sábado à Noite" — Eu disse, ainda em seu colo.

— Eu estou no elenco, um dos papéis principais. Vou conversar com a direção e a produção executiva, vou ver se consigo te dar uma mãozinha.

— Faria isso por mim?

— Faria não, vou fazer.

Eu não resisti, saí do colo dele e quando ficamos lado a lado, insinuei que queria um beijo, olhando para os lábios dele e mordendo os meus. O Ronnie segurou o meu rosto e me beijou. Não foi como o Thales ou o Michel, foi um beijo de novela, eu diria. Ele sabia o que estava fazendo e que sensações me causava. Porém, sem querer, lembrei do pastor falando sobre o que Jesus faria e me afastei.

— Vai me levar pra casa agora?

— Sim, vamos lá.

Já no estacionamento do prédio da Manu, dentro do carro, perguntei:

— Não vai subir?

— Hoje não. Vou pra casa, descansar.

— Obrigada por tudo, depois devolvo a camisa.

Ele me beijou novamente.

— Não quero deixar você sair desse carro. Mas preciso, está tarde. Boa noite.

— Boa noite.

Eu saí do carro e nem vi como cheguei ao décimo quinto andar. Entrei no apartamento, fechei a porta e me encostei nela, suspirando e relembrando tudo naquele dia incrível.

Capítulo 16

Wesley:

O Caio chegou em casa bravo novamente, porque mais uma vez o Thales foi conversar com a Pâmela na barbearia. Como dividíamos o mesmo quarto, conversamos lá:

— Mas você fez o que falei? Já orou sobre isso?

— Não há o que fazer, não adianta mais orar, é tarde, Wes. Ele já engabelou a Pâmela, ela já tá afim dele. Além do mais, escutei ela e os pais conversando, dizendo que ele trabalha e que está sempre presente na igreja. Para eles isso é suficiente. Melhor eu me conformar, a Pâmela não é tão esperta quanto pensei que fosse.

— Puxa, cara, não dá pra acreditar...

— Eu já estou procurando emprego nas cidades vizinhas, fui à lan house, fiz alguns currículos, se conseguir vou me mudar.

— Eita! Também não é pra tanto.

— Não estou afim de aguentar o Thales todo dia na barbearia fingindo ser uma coisa que não é. E vou arrancar esse sentimento pela Pâmela de dentro de mim, nem que seja à força.

— Você está sendo precipitado, talvez isso piore tudo.

— Ou talvez melhore.

A juventude é uma fase difícil. A gente comete erros, toma decisões que podem influenciar o resto da vida. Hoje sei disso, mas na época não sabia ao certo como aconselhar o Caio.

Naquela noite, o Thales chegou anunciando que sairia com a Pâmela novamente e se tudo corresse bem, iria pedi-la em namoro. O Caio permaneceu trancado no quarto e eu aproveitei para falar com o outro quando estava no portão, prestes a sair:

— Thales, seja sincero, você está fazendo tudo isso para se vingar da Priscila?

— Priscila? Quem é Priscila?

— Não se faça de bobo. Já parou para pensar que se entrar nessa família vai ser obrigado a conviver com ela amistosamente?

— Ela nem mora mais aqui. E eu gosto da Pâmela, ela é bonita, simpática, gente boa. A Priscila

foi coisa de criança, eu já tenho dezenove anos, minha cabeça mudou.

— Espero que tenha mudado mesmo.

— Vou nessa, tô atrasado.

Os dois começaram a namorar e obviamente, o Caio ficou arrasado, mas até que conseguiu disfarçar bem. Todos os dias ele ia até a lan house procurar por emprego fora de Prado Ferreira e sempre dizia que às vezes a gente pensa que conhece as pessoas, mas não, não conhece. Ele estava realmente decepcionado com a Pâmela.

Priscila:

Eu fiz o teste para a novela e o Ronnie cumpriu com a palavra de conversar com os peixes grandes da equipe. Depois de alguns dias, recebi a notícia de que estava escalada para um dos papéis principais. Eu e a Manu ríamos feito loucas no tapete felpudo da sala e ela abriu um champanhe para comemorar. Acabei bebendo porque era o dia mais esperado da minha vida. Eu, logo de estreia, estrelando na novela das oito, quem diria.

O Ivo também conseguiu um papel secundário e as gravações começariam em um mês, depois de reuniões e laboratórios. Antes, eu ainda iria participar do FILO e passar um tempo com minha família, antes de me mudar de vez para São Paulo.

No momento, a única coisa que queria era agradecer ao Ronnie. Liguei para ele por volta das sete da noite, dando a boa notícia e me oferecendo para ir à casa dele, para comemorarmos juntos. A Manu se dispôs a me levar lá e reparou que eu levava uma bolsa:

— Tá indo de mala e cuia? Isso quer dizer que não volta hoje.

— Pois é... — respondi timidamente — Vamos maratonar uns filmes.

Quando entramos no carro, continuei:

— E também estou devolvendo a camisa dele.

— Pelo jeito estão se dando muito bem. — Ela deu a partida. — Era de se esperar, não existe mulher que não se dê bem com o Ronnie. — Eu a encarei. — Hei, eu não, acima de trinta e cinco não é a praia dele.

— Mas você tem o Dudu, não é mesmo?

— O Dudu? — Ela gargalhou alto. — Priscila, você é mais ingênua do que eu pensava.

— Aquele dia que vocês quiseram ficar sozinhos, eu pensei que...

— Pensou errado. Nós conversamos sobre... números. Ou você acha que o Dudu te trouxe aqui porque é seu amigo?

— Achava, até agora.

Manu riu e só então eu pensei que ela também não era minha amiga. Ela iria lucrar comigo de alguma forma. Isso me deu ainda mais vontade de correr para os braços do Ronnie, que me

tratava tão bem.

Chegando lá, ela não quis entrar e eu toquei a campainha, o porteiro já havia me anunciado. Ele abriu a porta, de bermuda e camiseta, os pés descalços e um sorriso lindo. Me abraçou forte e eu retribuí, por todos os motivos imagináveis.

— Parabéns, minha linda! Minha nova parceira de trabalho.

— Obrigada, Ronnie, muito obrigada! Eu não sei como te agradecer.

— Imagina. Você conseguiu pelo seu talento, não por mim. — A gente se soltou. — Vem aqui na cozinha, eu pedi comida japonesa pra gente comemorar.

Joguei a bolsa no sofá e o segui. Ele pediu que eu sentasse em uma banqueta diante do balcão e começou a procurar algo nas gavetas.

— Não sei onde estão os hashis... — dizia a si mesmo — A empregada muda tudo de lugar...

— Ronnie.

— Hum? — respondeu, ainda revirando gavetas.

— Olha pra mim. — O Ronnie olhou, desentendido. — Eu não vim aqui para comer sushi. — Ele fez uma expressão amedrontada e isso me deu uma dose extra de coragem. — Vim pra ficar com você. — Fui na direção dele e amei a sensação de vê-lo paralisado. — Me beija. Me beija como da outra vez, eu não consigo esquecer aquele momento.

Ele soltou o ar preso nos pulmões e eu senti como estava tenso quando obedeceu ao meu pedido. Tudo em mim gritava pelo Ronnie desesperadamente. Ele percebeu minha empolgação e disse:

— A gente tem que conversar.

— Aham. — Eu ainda dava beijos intercalados nele. — Pode falar.

— Eu não quero te prejudicar, Priscila. Não quero abusar.

— Eu estou aqui porque quero, não é abuso nenhum.

— Olha... — Ele me fez olhá-lo nos olhos. — Você é muito jovem, eu sei que ainda vai descobrir muita coisa nesse novo mundo, e algumas coisas não muito boas. Eu fico louco quando chego perto de você, mas estou tentando me conter porque tenho medo que se apaixone por mim. Eu sou, como dizem, um eterno solteiro.

Passei a mão pelo rosto dele, achando fofa aquela atitude:

— Eu não vou me apaixonar. Só quero focar na minha profissão agora. Mas quero que a minha primeira vez seja com você.

— Primeira?

— Sim. E não se preocupe, você não está me prejudicando em nada.

Ele me beijou e disse em seguida:

— Eu senti tanta vontade de cuidar de você, te ajudar, ser um amigo e até um amante, se você quiser. Só fiquei com receio de algum sentimento da sua parte atrapalhar sua vida. Na nossa carreira é preciso saber separar muito bem as coisas, não quero problemas e nem *ser* um problema.

— Estou ciente disso.

— Você é tão linda... Eu te quero tanto, você percebeu, não é?

Não respondi e ele me beijou com uma intensidade maior, com mais liberdade. E falando em liberdade, eu estava decidida a não ouvir a minha consciência. Por um momento até lembrei do que disse ao Michel na noite da formatura, mas aquilo tinha sido há trezentos anos, tudo havia mudado muito.

Criei uma teoria louca de me alimentar de todo tipo de emoção possível antes de encarar meu primeiro grande personagem. Já o meu espírito, parecia definhar de fome. Nem lembrava da última vez que tinha orado e minha Bíblia havia ficado esquecida no Paraná. E aquilo que alimentamos, é o que cresce. Algo estava crescendo.

Capítulo 17

Wesley:

Certo fim de tarde cheguei do antiquário e a casa estava silenciosa:

— Caio? Douglas? Thales?

— Estou aqui no quarto, irmão — Era a voz do Caio. Fui até lá e o vi colocando roupas em uma mochila.

— O que está fazendo?

— Me ligaram, vou trabalhar em uma empresa lá em Cambé. Como foi no horário do almoço que fiquei sabendo, já fiz o acerto com o seu Pedro. Também fui ao Rancho me despedir do Marcos, da Victoria e dos garotos.

— Cara, tem certeza que quer fazer isso? Onde vai morar lá?

— Inicialmente em uma pousada, depois me viro. A gente sempre soube que ia ter que se virar muito ao longo da vida, somos meninos do Rancho.

Ele fechou o zíper e colocou a mochila nas costas.

— Falou com o Thales e o Douglas?

— Encontrei os dois almoçando na lanchonete, quando saí da barbearia, já nos despedimos.

— E a Pâmela?

Ele suspirou e abaixou a cabeça.

— Ela chorou e me abraçou. Queria que ela enxergasse melhor as coisas. Mas como a vida nem sempre é o que planejamos, acho melhor sair de cena um pouco. Acho que estou sendo racional.

— Espero que sim. Espero mesmo.

— Bom, vou nessa, vou pegar uma carona com um cliente da barbearia que está indo pra lá. A gente se fala depois que eu me estabelecer, marcamos alguma coisa.

— Fechado, vai na Fé.

Nos abraçamos e eu o acompanhei até o portão. Ele seguia pela rua tradicionalmente sem movimento, com a mochila nas costas e as mãos nos bolsos da calça jeans. Fiquei olhando até

que meu amigo desaparecesse no horizonte.

O Thales e o Douglas também eram meus amigos, mas o Caio era mais parecido comigo, tínhamos os mesmos ideais em muitas coisas. Confesso que fiquei um tanto triste, com a sensação de que algo maior estava acabando.

Priscila:

Voltei para o Paraná, onde apresentamos no FILO a mesma peça que tínhamos apresentado em Curitiba. Eu já não conseguia olhar para o Dudu com os mesmos olhos e acho que ele percebeu minha frieza. Se fosse agora, já não aceitaria mais ser chamada de galinha dos ovos de ouro. Era assim mesmo que ele me via.

Fui para a minha cidade, minha família já sabia que eu estaria na próxima novela das oito e que ia me mudar para São Paulo. Fizeram um interrogatório básico, mas pareceram felizes por mim.

No sábado à noite, convidaram o Thales, que fatidicamente agora era meu cunhado, para fazermos um jantar em família. Eu iria partir no domingo pela manhã e por isso não havia visto ninguém da cidade ainda.

Quando ele chegou, cumprimentou minha irmã com um selinho e eu achei aquilo um tanto estranho. De todas as pessoas do mundo, o último com quem eu achava que a Pâmela ficaria era o Thales. Mas... às vezes as pessoas nos surpreendem. Ele me cumprimentou à distância, sisudo, e eu não fiz a mínima questão de ser simpática. O cara não disse uma palavra durante o jantar, não entendia porque o chamaram. Após comermos e lavarmos a louça, convidei a Pâmela para me ajudar a fazer as malas, no quarto, onde fechei a porta.

— Pam, de verdade, por que você tá namorando esse "nada a ver com você"?

— Ele mudou, Priscila. Ele é muito legal, me trata bem, me acompanha na igreja.

— Tenho minhas dúvidas se mudou... — Peguei as malas no armário.

— Você vê maldade em todo mundo. — Ela começou a me ajudar com as roupas.

— Pois lá em Sampa acham que sou muito ingênua.

— Priscila, falando nisso, você vai embora e... — Ela parou e olhou para mim. — Queria te dizer que sempre que te dedurei para o pai ou fiz qualquer outra coisa desse tipo, foi querendo cuidar de você. — Eu olhei para ela. — Sempre soube do seu sonho de ser atriz e sempre quis que desse certo, que você o alcançasse. Apesar de a gente discordar em muita coisa e ser muito diferente, eu só quero que você seja feliz e que nunca se esqueça de Deus.

Eu senti um carinho tão grande pela minha irmã naquele momento, que lembrei de quando éramos crianças, onde em um minuto estávamos arrancando os cabelos uma da outra e no minuto seguinte rindo, brincando e se abraçando. Por que a gente tem que crescer? Por que a gente tem que mudar? No fundo, eu era mais feliz naquela época, no tempo da inocência.

Deixei as roupas sobre a cama e a abracei, ela correspondeu e choramos juntas. Éramos mesmo muito diferentes e essas diferenças haviam nos afastado um pouco na adolescência. Ali,

reconhecemos o tempo perdido.

— Você é a irmã mais nova e sempre quis me proteger... — falei, tentando conter meu choro.

— É porque você sempre teve um parafuso a menos. — Ela me encarou com seus olhos castanhos cheios de meiguice e pureza. Aquilo sim era bonito de se ver. — Me promete que não vai se perder.

— Eu queria te pedir a mesma coisa, agora que está namorando o Thales.

— Eu sei me cuidar.

— Eu também.

Sentamos na cama, lado a lado. Minha irmã pegou uma foto minha, ainda criança, que estava sobre a mesinha de cabeceira e ficou olhando. Então disse:

— Pra mim, você sempre foi uma das minhas bonecas, eu queria que você nunca crescesse.

— Se eu pudesse, realmente não teria crescido, queria continuar não sabendo de nada, mas agora já mordi o fruto proibido. — Respirei fundo e me preparei para desabafar com ela, que afinal, era minha amiga e só queria o meu bem. — Pâmela, sabe o Ronnie?

— Duran?

— Isso. Bom... como posso te dizer... a gente ficou muito próximo ultimamente e... eu e ele...

— Estão namorando?

— Namorando não, mas nós...

— O quê? O pai vai te matar, sua louca!

Eu olhei bem para ela antes de dizer:

— Eu não sou como vocês. Acho que... não acredito no que vocês acreditam. Se bem que o pai só acredita nas partes da Bíblia que não exigem nenhum sacrifício da parte dele, mas enfim, a gente nasceu na igreja, cresceu cheia de regras, nossos pais impuseram a Fé deles pra nós. A gente nunca pôde escolher em que acreditar, que estilo de vida levar. Agora que sou maior de idade e vou pra longe, quero fazer minhas próprias escolhas, tomar minhas decisões, escolher em que acreditar, sem imposições.

— Você não acredita mais em Deus?

— Acredito, claro que acredito, mas não como vocês. Não é um jeito pior, nem melhor, só é diferente.

— Está me deixando preocupada. Não acho que a gente viveu presa na Fé dos nossos pais, acho que eles nos mostraram o bom caminho e nos aconselharam a seguir por ele. Eu sigo por mim mesma, tanto que, como você disse, o pai não é o melhor exemplo de todos, apesar de ser rígido. Mas eu sei que ele vai prestar contas das próprias atitudes um dia, assim como eu das minhas e você das suas.

— Pois é. Mas eu tenho que descobrir as coisas sozinha. Eu tenho que descobrir porque o mundo é tão grande.

— Vou estar sempre orando por você. — Ela segurou minha mão e eu apertei a dela, tentando me encher um pouco daquela paz que me transmitia.

Voltamos a arrumar as malas, eu dei algumas roupas e maquiagens, mas o presente que ela gostou mesmo foi o DVD do Youth Alive.

— É sério? Vai me dar seu DVD do Youth Alive? É seu preferido.

— Mas você também é minha irmã preferida.

— Você vai à igreja amanhã de manhã?

— Não, tenho que ir cedinho para Londrina, pegar o resto das minhas coisas e partir pra Sampa. Vou pedir para o pai me levar.

— Você sabe que ele não falta ao culto domingo de manhã.

— Então vou pedir ao Michel. Faz séculos que a gente não conversa, mas ele vai topar me ajudar.

O Michel mergulharia no Rio Ivaí às três da manhã no inverno se eu pedisse e o recompensasse por isso. Minha mãe bateu na porta nesse instante:

— Pri! A Kimberly veio se despedir de você.

— Pede pra ela vir aqui, mãe.

Ficamos conversando e ela quis saber com detalhes tudo o que aconteceu entre eu e o Ronnie. A Pâmela repreendia a conversa só com o olhar, enquanto a Kimberly ouvia e fazia perguntas com brilho nos olhos. Eu não sabia, mas aquilo tudo estava lhe trazendo ideias perigosas.

Capítulo 18

Wesley:

Peguei férias do antiquário, mas como era o “renovador”, estava sempre realizando um trabalho ou outro em casa, a quem me solicitava. O Thales reclamava do barulho das ferramentas, esquecendo-se que recebi tanto ele quanto os outros de peito aberto lá, e eles poderiam ter feito o que quisessem de suas vidas sem terem ido para junto de mim.

Fui até o Rancho certa manhã, visitar o Marcos e a Victoria, enquanto os garotos estavam na escola. Ela preparou um café quentinho que foi tudo o que eu precisava naquele dia frio. Por um tempo, fiquei olhando pela janela da cozinha com a xícara nas mãos aquelas árvores que testemunharam tantas coisas. As folhas caíam sobre a grande mesa de madeira lá fora, onde costumávamos almoçar aos domingos. Lembrei do acampamento, da Priscila cortando meu cabelo, de como eu, Caio, Douglas e Thales éramos unidos.

Fui para a sala, vi algumas fotos nossas e fiquei pensando. O Caio havia ido embora, o Thales e o Douglas por algum motivo também estavam distantes.

— Saudades? — A voz do Marcos me trouxe de volta para o presente.

— De algumas coisas. — Sentei em um dos sofás, o casal também.

— Vi um comercial com a Priscila na TV — comentou Victoria — Ela está tão diferente, mas continua linda. Você viu?

— Eu quase não assisto TV, não tenho tempo.

— Passa todos os dias, no intervalo do programa de receitas, depois eu ligo pra gente ver.

— E o Thales? — perguntou o Marcos — Continua namorando a outra filha do Pedro? Eu os vi juntos na igreja.

— Continua. Até que está durando. Eu não sei o que ele fez, mas funcionou.

— Mas e o comportamento dele? Melhorou?

— Em casa continua a mesma coisa, mas com a Pâmela ele é legal.

— Ela parece uma boa menina — disse a Victoria — Sempre achei que daria certo com você, que também sempre foi um bom garoto.

— Não, não... — Eu balançava a cabeça em negação e só pensava no Caio, se ouvisse uma coisa

dessas.

— Wesley, mudando de assunto, nós adquirimos alguns computadores para o Rancho e está sobrando um, quer comprar? Faltou lugar para ele aqui.

— Puxa, seria ótimo. Às vezes, quando vou à lan house não tem vaga e também seria bom para tentar ter mais contato com o Caio.

— Se você quiser ficar, te dou uma carona e levo pra você. Pague da forma que puder.

— Fechado, Marcos. Vou querer sim.

A Victoria ligou a TV e logo passou o comercial de maquiagem com a Priscila. Ela realmente estava muito bonita, de uma forma que me assustou. Nem parecia a garota que vi crescer, parecia que o tempo aprimorava sua beleza. Eu preferi não comentar nada e me despedi feliz da Victoria quando o Marcos foi me levar. O computador ajudaria muito.

Quando meus companheiros chegaram em casa, eu já estava terminando de instalá-lo na sala e avisei que poderiam usar, com juízo. Depois, o Thales disse que tinha uma notícia para dar:

— Vou me batizar domingo, homens. A Pâmela perguntou porque até hoje eu não tinha tomado essa decisão, me explicou algumas coisas e... eu resolvi.

— O que uma mulher não consegue, não é verdade? — Douglas atacou.

— Não é por causa dela — Ele se explicou — É porque eu quis. Todo cristão deve se batizar, sabia, Douglas Pereira?

— Nhé nhé nhé, me deixa, tudo tem seu tempo.

Eu estava preocupado. Não sentia firmeza nesses dois.

Priscila:

Tivemos um encontro onde todo o elenco estava presente, bem como os diretores e toda a equipe de produção da novela. O Ronnie me apresentou a todos e o Ivo também estava lá. Depois houveram reuniões menores, onde nos dividiram em núcleos. Eu, o Ronnie e mais duas atrizes, a Stefany Bittencourt e a Lorraine Brasil, éramos o núcleo principal.

Manu estava feliz por ver seus agenciados com tanto destaque. A Stefany era loira de olhos verdíssimos, muito bonita, e a Lorraine era negra, parecia uma versão jovem da Manu, muito bonita também. Estávamos na sala de reuniões no complexo de estúdios da emissora, reunidos com o Roger Brito, o diretor, em uma mesa redonda. Ele dizia:

— Como vocês já viram na sinopse, “Divas do Sábado à Noite” vai falar sobre três mulheres, Dani, Nina e Carla, que são mulheres à frente do seu tempo. Ao contrário das demais, elas não sonham em se casar, ter família ou encontrar um grande amor. Elas querem curtir a vida ao máximo, como se todos os dias fossem sábado à noite. E elas são divas, lindas, que ganham a vida roubando homens ricos.

Eu pensei em toda a população da minha cidade, sem querer. Será que iriam abordar minha

família na rua para falar sobre o meu trabalho? Elogiar? Criticar?

— Mas aí vem o problema — continuou o Roger — A Nina, que é a nossa querida estreante Priscila Silver, vai se apaixonar pelo Rafael, nosso galã, Ronnie, que foi uma de suas vítimas. Ela vai quebrar o pacto que havia feito com suas duas amigas, de nunca deixar um homem atrapalhar sua vida de curtição e crimes. Os dois terão que manter esse romance em sigilo e esse é o grande desafio.

— Vai ser um sucesso, Roger — Ronnie comentou, aplaudindo.

— E eu gostei de saber que já são amigos — disse o diretor, olhando para nós dois — Espero que tenham muita química em cena.

O Ronnie deu um risinho e eu soube exatamente o que ele estava pensando. Sim, nós tínhamos. A Stefany me olhou com o semblante fechado e eu fingi não ver. O Roger continuou:

— Vocês são um casal bonito, algumas cenas mais quentes podem render picos de audiência.

— Oi? — Eu me assustei e não consegui disfarçar, foi espontâneo e eles riram.

— Nada demais, minha pequena — disse o Roger, sagaz como uma serpente — O horário não permite que a gente faça tudo o que gostaria.

Eu forcei um sorriso e engoli o medo. E se eu não conseguisse corresponder ao que esperavam de mim? Eu já comecei no topo, protagonizando no horário nobre. Isso me causava pânico quando pensava demais.

Depois da reunião, a Stefany ficou conversando com o Ronnie, toda saidinha, mas eu não me importava. Sabia que não podia misturar as coisas, nem ter ciúmes. Mas com o tempo fui vendo que ela era uma chata. Enquanto a Lorraine era super parceira, divertida e prestativa, a Stefany sempre procurava um jeito para me criticar. Quando eu errava em alguma cena, ela virava os olhos e dizia:

— Por isso que não gosto de trabalhar com iniciantes.

Às vezes eu tinha vontade de dar um soco naquela carinha bonita dela.

Houve a festa de lançamento da novela, já tínhamos gravado mais de vinte capítulos e era hora de estrear. Eu achei que ia ficar cega com tantos flashes apontados na minha direção. Usei um vestido preto tomara que caia que a Manu encomendou exclusivamente para mim, de um estilista amigo dela. Passei horas respondendo perguntas de jornalistas, mas isso foi o de menos. Difícil mesmo foi aturar a falsidade da Stefany me abraçando, pois eu, ela e a Lorraine tivemos que fazer várias fotos juntas. Afinal, agora éramos as Divas do Sábado à Noite.

Nos dias que se seguiram, fiz algumas sessões de fotos para a divulgação. As minhas fotos e entrevistas estavam em jornais, revistas e programas de TV, sempre acompanhadas das frases: “Quem é Priscila Silver?” “Onde essa maravilha estava escondida todo esse tempo?” “Conheça a nova estrela do horário nobre.” “Priscila Silver promete roubar a cena em Divas do Sábado à Noite.” Eu tinha conseguido chegar ao topo. Agora era só apreciar a vista do alto.

PARTE III: INVERNO

Capítulo 19

Como é a sensação quando todo mundo rodeia você?
Como você lida com as multidões que só o fazem sentir-se solitário?
O que você diz quando as pessoas tentam obrigá-lo a se definir?

Saia sorrateiramente de manhã, o amor já é passado para você
É um hábito que você está criando, este corpo está desesperado por algo novo
Apenas uma questão de sentimento, esses momentos de loucura certamente vão passar
E as lágrimas secarão enquanto você vai embora; quem sabe você ache algo que dure

(A Matter of Feeling - Duran Duran)

Wesley:

O Thales se batizou e eu esperei do fundo do meu coração que aquilo não fosse para impressionar a Pâmela, mas que ele tivesse entendido o real significado de tal atitude. Ainda molhado, logo que saiu da piscina, ele pediu que tirassem uma foto do nosso trio (era para ser um quarteto, se não fosse a ausência do Caio). A Kimberly tirou com uma câmera digital e disse que revelaria para nós. Thales nos abraçou e disse que éramos seus irmãos, sua única família. Em seguida abraçou e beijou rápido a namorada.

Os dias foram passando e eu não costumava assistir TV, mas o burburinho na cidade sobre a novela da Priscila era tão grande, que naquela semana eu e os rapazes resolvemos conferir.

A personagem dela, pelo jeito, tinha que ser sensual. As roupas, o olhar, o jeito de falar, tudo voltado à sensualidade. Aquilo estava me incomodando. Olhei para o Douglas e o Thales, vi que estavam vidrados na TV. Se prestassem a mesma atenção nas pregações, talvez as coisas fossem diferentes.

Até que em uma cena, a Priscila e o tal Ronnie Duran estavam em um elevador e começaram a se agarrar. Eu não soube do contexto da história, já que não acompanhava a novela, mas achei que foi algo muito gratuito para ganhar audiência. O clima da cena continuou esquentando e até o ar da sala de casa pareceu pesar. Olhei para meus amigos e eles estavam boquiabertos. Voltei a olhar para a TV e a Priscila estava tirando a camiseta do rapaz de um modo selvagem enquanto ele se deleitava passando dos limites com ela. Como naquele momento eu detinha o controle remoto, por impulso, desliguei a TV.

— Hei! Hei, Wes! — Os dois começaram a gritar feito loucos — Para de palhaçada, liga logo essa TV!

Joguei o controle em cima deles e me retirei do ambiente, ouvindo-os dizer enquanto ligavam o aparelho novamente:

— Ah, na melhor parte... — dizia o Douglas.

— Só porque a TV é dele — resmungava o Thales.

Fui para o quarto, que agora era só meu, e me joguei na cama. Fiquei um tempo olhando para o teto amarelo claro, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, tentando não pensar em nada. Contudo, a imagem da Priscila invadia minha mente com uma força incontrolável. Não da Priscila menina, que morava na minha cidade e era "pé vermelho" como nós. Mas daquela que eu tinha acabado de ver na TV, dominadora, sensual e sem limites.

Eu estava em conflito. Um lado meu pensava na alma dela, que parecia mais perdida a cada dia. Um outro lado, queria pensar nela como nunca havia pensado. Sim, por mais bonita que ela fosse, eu sempre consegui controlar minha mente e meus olhos, sempre. Mas agora, com o estímulo visual que havia recebido, estava difícil.

Entendi que o objetivo das novelas e filmes com esse tipo de cena era exatamente isso: nos estimular para consumirmos esse conteúdo apelativo cada vez mais. Eu fechava os olhos e só conseguia ver aquele sorriso malicioso, o olhar azul e ávido, ouvir as palavras provocantes. Então lembrei de uma arma que estava à minha disposição: a oração. Dobrei os meus joelhos e orei não só por mim, mas por ela também. Enquanto eu estivesse me lembrando que a Priscila não passava de uma alma aflita, não iria pensar nela de modo errado, nem enxergá-la como um objeto de prazer como os outros enxergavam.

Priscila:

A novela estava batendo recordes de audiência e eu já não podia mais sair às ruas. Era tanta correria que já não havia tempo para pensar em nada nem ninguém. Às vezes passávamos doze horas gravando, outras vezes gravamos de madrugada. Sem contar o tempo que eu passava estudando textos e indo à programas de TV, dar entrevistas.

Perdi o medo de voar, afinal, sempre fazia a ponte Rio - São Paulo, onde ficavam os estúdios. O pessoal que fazia meu cabelo e maquiagem para as cenas era muito divertido, eu, a Lorraine e o Ronnie estávamos sempre rindo com eles, só a Stefany parecia incomodada com a minha presença. Fazia muito tempo que não falava com a minha família, o pouco tempo que tinha livre, simplesmente desmaiava de sono.

Por aqueles dias, concedi uma entrevista a uma revista e, ao chegar ao estúdio para gravar, fui para a maquiagem. A Stefany e a Lorraine já estavam lá, cumprimentei a todos e me sentei entre as duas, cada uma de nós em uma cadeira frente ao grande espelho iluminado. Os maquiadores começaram o trabalho e eu vi que a Stefany tinha uma revista em mãos. Ela disse:

— Estou lendo sua entrevista, Priscila.

— Ah, é? Legal.

— Você é do norte do Paraná? Os chamados "pé vermelho"?

— Pois é.

— Cada vez menos entendo o que o Ronnie viu em você.

Eu ri e respondi:

— Pergunte a ele.

— Você é tão ingênua... acha que ele só fica com você? Hoje à noite nós vamos sair juntos, e ele sempre sai com a Lorraine também. Sem contar a Jaque Palácios e outras.

— A ingênua aqui é você, que está querendo discutir comigo por causa do Ronnie. Não tô nem aí com quem ele sai ou deixa de sair. Só sei que a mais chata de todas com certeza é você.

A Stefany jogou a revista e veio para cima de mim, puxando meu cabelo. Eu aproveitei para dar os tapas que ela estava merecendo e o pessoal nos separou, em meio à gritaria da Lorraine:

— Meninas, parem! Para com isso, gente!

— Volta pra lama de onde você saiu, Priscila! — gritava a Stefany, ofegante, descabelada, segura pelo maquiador e pela cabeleireira.

— Tá com inveja porque o foco está todo em mim, não é? — Eu disse, no mesmo estado deplorável que ela — Mas você vai ter que me engolir, Stefany. — Sorri, deixando-a furiosa.

O Roger levou nós duas para a sala de reuniões e nos deu uma bronca histórica:

— Vocês já imaginaram se algum dos funcionários tivesse filmado essa briga? Como iriam se justificar para o público?

Ele estava sentado de frente para nós, com um olhar severo. Abaixamos a cabeça e não respondemos.

— Mas algum rumor de fofoca vai sair, sempre sai. Alguém sempre tem contato com os programas e revistas de fofoca, estejam preparadas para se explicar. E agora, quero que se desculpem e se abracem.

Nos encaramos como oponentes antes da luta de boxe.

— Estão surdas? Vamos logo! Quero paz e harmonia nas gravações.

Tomei a iniciativa, me levantei, abracei a Stefany e disse de forma quase inaudível:

— Me desculpe. — Ela fez o mesmo, com zero sinceridade.

Demorou quase um dia inteiro para entrarmos no clima da cena a ser gravada: eu, Stefany e Lorraine gargalhando juntas na cama de uma das três, como boas amigas, contando segredos e compartilhando técnicas de como enganar nossas vítimas. Às vezes eu me sentia a rainha das hipócritas.

Capítulo 20

Wesley:

Eu ainda estava de férias e resolvi ir até a barbearia dar um trato no visual. Seu Pedro me recebeu amigavelmente e a Pâmela apareceu ao escutá-lo conversando comigo. Ele elogiou muito o Thales, dizendo o quanto era educado. Quase perguntei se estávamos falando sobre o mesmo Thales, que em casa era preguiçoso e ranzinza. Depois começou a sessão de elogios para a Priscila, que estava fazendo sucesso, presente dia e noite na TV, seja na novela, nos comerciais ou nos programas em que aparecia. A última coisa que eu queria era falar dela e lembrar que tive que lutar contra algumas coisas que ameaçavam a minha mente.
Seu Pedro cortava meu cabelo e falava mais que três bocas, a Pâmela varria o chão e nisso, entraram Kimberly e seu pai, Elton, que a trazia abruptamente pelo braço. Na outra mão ele tinha uma revista e foi logo gritando:

— Pedro! — Todos nós olhamos para os dois. — Pergunta para aquela sua filha perdida se ela está satisfeita agora!

Ninguém estava entendendo e a Kimberly mantinha-se cabisbaixa, envergonhada, enquanto o pai dizia em alto e bom som:

— Eu sempre soube que ela seria uma péssima influência para a Kim, que já não tem referência materna. Agora, olha só, ela destruiu o que restava da minha família — falava, ainda segurando o braço da filha.

— Elton, calma, vamos conversar — pediu o barbeiro — O que houve?

— A Kimberly está fascinada com essa vida de ilusão que sua filha leva e agora vai embora para São Paulo, morar com a mãe! — Ele a soltou, jogou a revista em um banco de espera, onde sentou e chorou, com a cabeça entre as mãos. — Entrou em contato com a mãe, combinou tudo e só agora me avisou. Eu, que fiz de tudo por ela, que fui pai e mãe... Ela quer me abandonar.

Todos nós olhamos para a Kimberly, constrangida e cabisbaixa.

— Ela disse que quer curtir a vida como a Priscila — continuou o seu Elton, ainda com a cabeça entre as mãos — Que quer ser livre como ela, conhecer gente nova como ela, fugir desse fim de mundo como ela. — Ele olhou para o seu Pedro com os olhos faiscando. — Ou seja, se perder como ela! A culpa é toda da Priscila, aquela fruta podre está contaminando todas as demais.

— Hei, espera aí, Elton. Não fala assim da minha filha. Ela não tem culpa se a Kimberly não tem consideração por você.

O seu Elton ficou em pé e pegou a revista na mão:

— Ah, é? E sua filha tem consideração por você? Você leu essa entrevista? Não é só porque ela te manda dinheiro que te considera, não. — Ele jogou a revista na bancada, com raiva. — Vou embora, vocês se merecem, são farinha do mesmo saco.

O seu Elton saiu e um silêncio se instaurou no local. Kimberly estava visivelmente envergonhada, sem conseguir dirigir o olhar a nós.

— Kim — disse a Pâmela, com a vassoura na mão — Quer conversar?

— Não — Ela finalmente ergueu os olhos — Minha decisão está tomada e minha mãe está me esperando. Meu pai não pode roubar minha juventude como tem feito. Já chega disso.

A Kimberly saiu e então, eu, seu Pedro e Pâmela fomos ver o que a Priscila dizia na revista. O texto falava sobre o início de sua carreira e que ela teve medo da reação do pai, pois ele era "muito conservador por influência da religião". Falava ainda que a Priscila veio de uma cidade de quatro mil habitantes, onde as pessoas "se escandalizam com tudo e não querem abrir a mente, tornando-se um tanto antiquadas".

O seu Pedro andou pelo ambiente com as mãos na cabeça enquanto a Pâmela o observava:

— Se a Priscila colocar os pés aqui na cidade, vai ser apedrejada. Olha o que essa anta foi falar da população — disse ele.

— Talvez não, pai. A fama muda muito a perspectiva das pessoas, acho que todos iriam querer autógrafos e fotos, sem se importarem com isso.

— Não sei não. Bom, depois tento falar com ela. Vamos terminar, Wesley? Chega de problemas por hoje.

— Claro, seu Pedro.

Problemas... mesmo de longe, a Priscila ainda os causava.

Priscila:

A Manu ficou furiosa com o que viu na revista. Disse que a gente não podia falar o que realmente pensava, na maioria das vezes. Ficou por mais de uma hora me dando sermão naquele fim de tarde, quando o Roger ligou e pediu que ligássemos a TV no programa de fofocas. Eu tive um calafrio imaginando o que era.

A apresentadora dizia que fontes ligadas a mim e a Stefany haviam revelado que saímos no tapa nos bastidores. Eu e a Manu sequer nos sentamos nos sofás, em pé mesmo assistíamos ao show de horrores, onde convidados especiais opinavam sobre nós como se fôssemos produtos, sem sentimentos. Uns defendiam a Stefany, outros estavam do meu lado. Eles nem averiguaram se o fato realmente ocorreu e batizaram a briga como a disputa para ser a rainha do horário das oito.
— Priscila, eu vou matar você — A Manu disse, de olhos fechados e dentes cerrados.

— Isso é publicidade...

— Não é desse tipo de publicidade que você precisa, garota! Você é estreante, tem que ganhar o público, seu personagem é apaixonante e você também tem que ser.

— Foi culpa da Stefany, ela provoca.

— Pois engole essa provocação. Se a gente perder dinheiro ou contratos, você vai se ver comigo.

Foi a primeira vez em anos que senti minha garganta arder sem poder chorar, segurei firme. Para a Manu eu era uma fonte de dinheiro, o que eu pensava não importava. Ela nunca me ouvia, nunca perguntava minha opinião sobre nada. Mudou meu estilo, minhas roupas e me proibiu de dar opiniões pessoais sobre qualquer assunto a partir daquele dia.

Ela desligou a TV, sentou no sofá, cruzou as pernas e balançava um dos pés freneticamente em seu scarpin vermelho:

— Vou destacar uma assessora de imprensa pra você. A Janaína vai ser ótima, já devia ter feito isso. E amanhã você vai em alguma festa com a Stefany. As boas amiguinhas vão se divertir e tirar muitas fotos juntas, desmentindo essa briga para os jornalistas.

— O quê? — Eu coloquei as mãos na cintura. — Jamais!

— Eu não estou pedindo, Priscila Silver, estou mandando. Você ainda não entendeu como as coisas funcionam? E trate de ser bem convincente amanhã, vamos ver se é uma boa atriz mesmo ou só uma incapaz.

Naquela noite, meu pai me ligou para falar do ocorrido com a Kimberly e me pegou em um péssimo momento. Eu fui grosseira com ele e disse que não queria saber dela nem de ninguém. Depois me arrependi, mas como de costume, não voltei atrás.

Capítulo 21

Wesley:

A Kimberly foi para São Paulo morar com a mãe. O seu Elton, que já não era um membro firme da igreja, foi dos últimos bancos para banco nenhum. Ele se afastou da nossa congregação e por mais que o pastor fosse visitá-lo e incentivá-lo, era resistente demais, mergulhado na decepção com a filha.

Na quarta-feira, após o culto, Pâmela e Thales convidaram a mim, ao Douglas e a Natália para irmos até a pizzaria. Chegando lá, o garçom, que também havia sido um menino do Rancho, veio nos atender:

— Uma água antes de tudo, por favor. Tô morrendo de sede — disse o Thales, com o braço possessivamente sobre os ombros da Pâmela, que estava ao seu lado.

— Um copo? — perguntou o rapaz.

— Não, joga a água no chão e vem puxando com um rodo até aqui — respondeu o Thales, fazendo o Douglas rir — Claro que é um copo, não é, cara?

— Só estou perguntando porque poderia ser uma garrafa também. Mas ok, eu trago.

O rapaz se retirou, sem graça. Eu, Pâmela e Natália estávamos indignados.

— Tá querendo se aparecer, Thales? — A Pâmela tirou o braço dele de sobre os ombros dela. — Que atitude estúpida foi essa?

— Era só uma brincadeira, conheço ele, já foi do Rancho.

— Isso não justifica. — Ela se levantou. — Olha, perdi a fome, vou pra casa.

— Hei, Pâmela, não é pra tanto, vem cá — pediu o Thales, também se levantando.

— Já fui. E se quiser ainda ter um por cento de chance comigo, não me segue.

Ela se foi e ele voltou a se sentar, desanimado. Eu só não fui embora também porque iam pensar que iria me encontrar com a Pâmela. Para piorar a situação, quando já estávamos comendo, Michel e seus amigos chegaram e foram até nossa mesa:

— E aí, marginal? Acabei de ver a Pâmela sozinha na rua, e agora você aqui... Será que ela enfim descobriu que você é um fracassado?

O Thales simplesmente se levantou e deu um soco no rosto do Michel, que caiu no chão, com o nariz sangrando. A confusão se instaurou na pizzaria, uns segurando o Michel, outros o Thales.

O dono do estabelecimento nos expulsou de lá e proibiu de voltar, ameaçando chamar a polícia caso o fizéssemos. Eu sabia que cedo ou tarde os verdadeiros frutos do Thales iriam aparecer. Não há nada oculto que não seja revelado.

Priscila:

Eu fui a uma festa escolhida a dedo pela Manu, na companhia da Stefany e da minha nova assessora, Janaína, que nos acompanhou. Fizemos várias fotos e concedemos várias entrevistas, como se fôssemos amigas de infância. Aquela falsidade e hipocrisia me enojavam de um tanto, que fiquei extremamente cansada, física e mentalmente.

No outro dia não haveria gravação e passei o tempo na piscina, sozinha, tentando relaxar. Porém, precisava de algo a mais, como se houvesse um grito preso em mim. Então pensei no Ronnie, era dele que precisava. Só nós dois, sem câmeras, sem ninguém, sem cortes. Torci para que ele não fosse sair com ninguém naquela noite e liguei. Marcamos de nos encontrar na casa dele e a ansiedade tomou conta de mim.

Quando cheguei e o porteiro me anunciou, ainda era dia e ele pediu que eu entrasse, pois a porta estaria só encostada. Entrei e o vi sentado no chão, olhando pela janela, pensativo. Tentei me conter, estava ansiosa demais para estar com ele.

— Tão gato aí assim, compenetrado... — disse, parada em pé na frente dele, que levantou os olhos.

— Me sinto só às vezes. Apesar de sempre ter companhia.

— Eu sei como é. Esse é um dos motivos pelo qual estou aqui. — Me sentei na frente dele, fiz com que me abraçasse. — Preciso de você.

— Chegou na hora certa... — Ele sussurrou no meu ouvido, me arrepiando.

— Ronnie, o que aconteceria se descobrissem que a gente fica junto?

— Para a audiência da novela talvez seria legal, mas pessoalmente não. As fãs preferem me ver solteiro e às vezes temos que manter uma imagem para manter os fãs. Isso depende muito, mas no meu caso funciona, acho que alimenta as ilusões das garotas.

— De vez em quando você fica com a Stefany, não é? O que viu nela?

— O mesmo que vi em você.

— Ah, por favor! Não nos compare.

— Estou sendo sincero. Você, ela, todas as demais, vi a mesma coisa, beleza.

— Eu não sou como a Stefany, sou muito mais legal e simpática.

— Sabe onde eu quero que você seja legal? — Ele me beijou. — Lá no meu quarto.

O Ronnie me pegou no colo e me levou lá, mas durante esses poucos metros de trajeto, pensei no que disse. Será que no fundo também não se importava com o que eu sentia?

No dia seguinte, quando acordei, fiquei olhando para ele, dormindo ao meu lado. Às vezes vinham pensamentos que me lembravam tudo o que cresci aprendendo na igreja. No começo esses pensamentos me amedrontavam e eu reprimia as minhas vontades, mas agora, eu os ignorava, focava no momento e já não tinha mais medo de nada. Nem temor, nem respeito. Continuei olhando para o Ronnie, o cara que há um tempo atrás via na TV e admirava, e agora eu estava ali, dormindo com ele. Era muita loucura. Eu o abracei para dissipar os pensamentos e ele acordou, me abraçando também.

— Bom dia, princesa.

— Bom dia.

Ele beijou o alto da minha cabeça e disse:

— O que vai querer fazer hoje que temos o dia livre?

— Por mim, fico o dia todo aqui assim com você.

— Eu acho ótimo.

— Ronnie... você tinha dito que queria ser meu amigo, me ajudar, porque eu iria descobrir muitas coisas desagradáveis nesse novo mundo. Essa exploração da Manu, gente como a Stefany, era sobre isso que estava falando?

— Também. Talvez você tenha sorte e isso seja tudo.

— Você me comparou com a Stefany... e ainda disse que não preciso ser legal, apenas bonita. Você não liga para o que eu penso e sinto?

— Claro que ligo. Mas vocês mulheres são muito competitivas entre si e levam em conta coisas que nós, homens, às vezes nem notamos. Eu quis mesmo ser seu amigo, tanto que estava resistindo à vontade de ficar contigo. Eu quero te ajudar, ser seu parceiro, e você sabe que sou, pois ontem estava mal e veio me procurar. Eu te consolei e sempre vou estar à sua disposição quando se sentir só. Mas tenho que ser sincero, Priscila. Se fosse extremamente chata, eu iria ficar contigo do mesmo jeito, já que você quis. Isso é o de menos pra uma garota linda assim.

Eu fiquei pensando. No fundo ele só se importava com a minha aparência, assim como o resto do mundo. Se eu perdesse aquele rótulo, perderia tudo. Ninguém se importava com o meu conteúdo e às vezes eu pensava se de fato tinha algum.

Capítulo 22

Wesley:

O Thales e o Douglas se tornaram noveleiros de carteirinha. Faziam todo o esforço possível para não perderem nenhum capítulo da novela da Priscila e às vezes nem queriam ir à igreja por isso. Eu tinha vontade de desligar a chave geral de energia quando ouvia a música tema de abertura da novela todo dia.

Às vezes, quando estava por ali fazendo alguma coisa, acabava vendo uma cena ou outra. E como se não bastasse a Priscila na novela, ela também aparecia nos intervalos, fazendo comerciais de vários produtos, principalmente cosméticos e maquiagem.

A Pâmela deu mais uma chance ao Thales, depois dele insistir muito e de pedir desculpas ao garçom na frente dela. Mas nessa mesma época, certa madrugada eu me levantei para beber água e vi que uma claridade sutil vinha da sala escura. Fui até lá em passos leves e vi que o Thales estava compenetrado na tela do computador, sem notar minha presença.

— Thales? — Ele deu um pulo da cadeira e, pelos movimentos bruscos com o mouse, percebi que fechava várias janelas na tela. — O que faz aí uma hora dessas?

— Ah, oi, Wesley. É você? Que susto, cara. Eu estava... jogando paciência.

— Agora?

— É. — Ele encerrou o computador e ficou em pé. — Tinha perdido o sono, mas acabei de recuperar. Boa noite. — O Thales passou por mim e foi para o quarto.

Eu fui para a cozinha intrigado, bebi água e fiquei pensando um pouco sobre aquilo. Resolvi que iria ver o histórico de navegação. Fui até a sala e, ao ligar o computador e averiguar, vi que as últimas buscas no navegador eram: “Priscila Silver”, “Priscila Silver fotos sensuais”, “mulheres nuas”.

— O quê? Eu não acredito que o Thales fez isso!

Com certeza uma coisa foi puxando a outra naquela busca infeliz. Fiquei parado, olhando para aquelas palavras-chave e, como se minha mão tivesse vontade própria, coloquei o cursor do mouse sobre a busca “Priscila Silver fotos sensuais”. Um lado meu estava louco para ver aquilo, mas eu sabia que caso o fizesse, não teria mais paz. Com que cara iria falar com Deus? Não, eu não podia deixar jogarem um balde de lixo na minha consciência.

Desliguei o computador e fui para o quarto. Deitei na minha cama, mas o sono já era. **“Ore pelos**

seus amigos” — dizia a voz na minha cabeça. Não como um fantasma, mas como uma convicção. Era Deus. **“Ore pela Priscila”.**

Me ajoelhei diante da cama e orei por todos. Pelo Thales, que insistia em desafiar os limites da iniquidade. Pelo Douglas, que não tinha perspectiva e achava que a vida era só uma sequência de dias. Pela Pâmela, que apesar de ser uma garota tão boa, ouvia mais o coração do que a razão. Pela Kimberly, que assim como os rapazes, ouvia a Palavra de Deus mas fazia dela uma simples teoria, sem prática. Pelo Caio, que estava trabalhando muito e quase não tínhamos mais contato. Pela Priscila, que não tinha noção do mal que estava fazendo a si mesma e aos outros.

Pela manhã, eu e os outros dois tomávamos café antes de ir para o trabalho, quando eu disse:

— Vou doar o computador para a igreja.

— O quê? — disse o Thales, deixando o pão francês — E a gente fica como?

— Fica sem, igual antes.

— Você é muito egoísta mesmo, Wesley. Fala sério.

— Egoísta, eu? O computador é meu, faço o que quiser com ele.

— Ah, é. Esqueci que tudo aqui é seu. A pior coisa é gente que finge que ajuda e depois fica jogando na cara.

O Douglas apenas revezava o olhar entre nós.

— Sabe por que vou fazer isso, Thales? Para o seu próprio bem. O que a Pâmela iria pensar se descobrisse que você fica vendo fotos sensuais da irmã dela e de mulheres nuas? E Deus? O que Deus acha disso? Você se batizou e continua fazendo sua própria vontade?

A princípio ele ficou sem reação, depois furioso.

— Estou cansado dessa sua mania de querer ser o nosso líder, Wesley. — Então levantou da mesa e alterou a voz: — Você não é melhor que nós! Não é! Sorte do Caio que deu o fora!

O Thales saiu e o Douglas ficou me olhando. Eu sabia que do meu lado ele não ficaria.

Priscila:

Eu comprei meu próprio apartamento em São Paulo, ainda não era o que queria, mas já era um arraso. Contratei um designer de interiores para deixá-lo tão moderno e sofisticado quanto a decoração da Manu e do Ronnie.

A Janaína mantinha contato com meus fãs através do Orkut e e-mails, mas às vezes eu mesma respondia, inclusive através de chats. As cartas também chegavam aos montes na emissora, muitas vezes com presentes. Eu não conseguia ler tudo, mas me esforçava.

Participei de um programa de TV, onde mostraram vários fãs espalhados pelo Brasil e as loucuras que faziam por mim. Alguns relataram que abriram mão de adquirir itens pessoais para comprar revistas e posteres aos montes para colecionar. Alguns rapazes contaram que

terminaram relacionamentos, pois suas namoradas e noivas tinham ciúmes da admiração deles por mim. Outros viajaram quilômetros, gastaram dinheiro, perderam o emprego, para fazerem plantão na porta da emissora, na esperança de me verem, e foi em vão. Ao serem entrevistados, eles diziam que me amavam, sem ao menos me conhecer, sem nunca terem trocado uma palavra comigo. Fiquei assustada quando me chamaram de sua "ídola", eu sabia que a idolatria era uma abominação.

Mas era isso que eu buscava, não era? No fundo, queria a glória desse mundo. Era o pior dos pecados. Queria a glória que só deve ser dada a Deus. Estava pensando nisso e me perguntando se esses desconhecidos me amariam caso realmente me conhecessem, se soubessem como eu era rasa e não tinha a mesma profundidade da Pâmela.

Foi então que anunciaram que dois fãs haviam sido selecionados para me conhecerem, ali no programa. Um garoto e uma garota, de dezessete e dezesseis anos. Eles entraram e me abraçaram chorando tanto, que fiquei sem graça. Retribuí o abraço, tentei conversar, mas eles tremiam violentamente e suas vozes não lhes obedeciam. Lágrimas acabaram brotando nos meus olhos quando os abracei novamente, pensando: *"vocês amam alguém que não existe"*.

A Kimberly entrou em contato comigo e a convidei para ir até minha casa. Lá, ela ficou impressionada com tudo, olhando item por item do que havia na sala: as fotos com famosos, as obras de arte, as peças de bronze polido.

— Pri! Que casa linda, tudo é maravilhoso — disse, jogando-se no sofá aconchegante.

— Obrigada. Dorme aqui hoje, amanhã estou livre.

— Ai, que máximo. Eu, hospedada na casa da Priscila Silver. Vai ter que tirar fotos comigo.

Eu não respondi, abaixei a cabeça e também me sentei.

— O que foi, Pri?

— Kim... Imagina que você está subindo uma montanha e quer muito chegar ao topo. Você enfrenta tudo e finalmente chega. Mas aí, lá no topo, você está muito feliz por ter conseguido, só que a empolgação, aos poucos, vai passando. Você contempla a vista, senta, descansa um pouco... e pronto. Isso é tudo. Não há mais o que fazer. Você finca sua bandeira, todos te aplaudem e é só.

— Por que está dizendo isso? Não quer mais ser atriz? Quer voltar para Prado?

— Não, não, não. Eu nunca mais vou voltar lá. Nasci para ser atriz e viver em cidades como essa. Só estou dizendo que... às vezes as coisas não são tão prazerosas como achamos que seria.

— Mas como uma vida dessas pode não ser prazerosa? Olha esse apartamento. E todo mundo te ama, você tem milhares de fãs.

— Você sabe que isso não é amor. Por mais que eles pensem que é.

— E o Ronnie Duran? Você disse que sempre fica com ele, estão namorando?

— Não, o Ronnie é o eterno solteiro, não namora ninguém e fica com todo mundo. E eu nem

quero saber de ter um homem me controlando também. Mas... às vezes eu penso se houvesse alguém que me amasse de verdade, como seria.

— E por que não ele?

— Ele não é desse tipo, aliás, acho que nem eu. Ah, é confuso. Só estou tentando dizer que... às vezes tenho medo do futuro, entende? O Ronnie é um amigo, sempre que estou pra baixo ou precisando de companhia, ficamos juntos. Mas meu medo não é faltar companhia, isso é fácil de conseguir. É medo de envelhecer, perder o dinheiro, a fama, a beleza e não ter uma pessoa verdadeira por perto. Todo mundo só se aproxima de mim por interesse.

— Entendo seu lado. Mas sou sua amiga de verdade, sempre fui.

— Sim, obrigada. — Sorri para ela, arrependida por ter entrado no assunto. Eu não sabia explicar e obviamente ela não iria conseguir entender.

— Eu também estou frustrada, sabe? Não devia ter vindo pra cá. Sinto falta dos "nãos" do meu pai. Minha mãe é totalmente permissiva porque não tá nem aí pra mim. Saí algumas vezes com o grupo de amigos dela, eles são piores do que adolescentes.

— Sério, Kim? — Ri mesmo sem querer. — Que louca.

— Louca é o segundo nome dela. Fui muito ingrata com meu pai, agora tenho vergonha de voltar. Até lembrei da passagem do filho pródigo que o pastor sempre lia. Lembra?

Eu lembrei e suspirei. Como eu poderia sentir falta de coisas que não dava a mínima?

— Lembro sim, Kim. — Me acomodei melhor e olhei bem para ela. — Olha, eu não tenho moral para dar conselhos a ninguém, mas volta pra Prado. Fica perto de quem se importa com você.

Fiquei surpresa com minhas próprias palavras. Aquilo era o que, no fundo, eu pensava de verdade. Contudo, meus pais estavam usufruindo do dinheiro que eu enviava e nunca mais interferiram na minha vida. Talvez eu os tivesse contaminado também. Nada podia dar errado, porque caso desse, não sei se teria o apoio deles.

Capítulo 23

Wesley:

A Kimberly voltou de São Paulo e o seu Elton a recebeu de volta, mas ainda assim, não quis mais frequentar os cultos na igreja. A filha dizia que ele estava diferente, frio, cada vez mais incrédulo e ela se culpava por essa situação.

O Douglas viu na carência afetiva da Kimberly uma oportunidade para se aproximar e em poucos dias anunciaram que estavam namorando. Eu sempre tentava contato com o Caio por telefone, ou quando ia à lan house, mas estava difícil. Ele dizia que estava trabalhando muito e mal tinha tempo de ir à igreja. Isso me preocupava. O inimigo das nossas almas sempre tenta nos desviar dos caminhos do Senhor, se não dá de um jeito, tenta de outro. O Caio era sincero em sua Fé, mas talvez estivesse caindo na armadilha de não ter tempo para o Dono do nosso tempo.

Eu pensava no conselho de Jesus sobre orar e vigiar. Via tanta gente caindo ao meu redor, mesmo se dizendo cristãos, mesmo frequentando a igreja assiduamente. Não queria que acontecesse o mesmo comigo, por isso procurava não só orar, mas também vigiar ao máximo minhas palavras, pensamentos e atitudes, sabendo que eu também era um alvo do inimigo, assim como qualquer um.

No sábado, depois do encontro de jovens, Thales e Douglas iam à lanchonete – estávamos proibidos de ir à pizzaria depois daquela confusão com o Michel – com suas namoradas e me convidaram também. Eu não queria ser o castiçal da história para ficar segurando vela, mas eles disseram que a Natália também ia. Sendo assim, topei e fomos todos juntos. Os casais conversavam entre si e eu notava o brilho nos olhos das meninas por eles. Eles as faziam rir, eram gentis e carinhosos, e eu pensava se teria essa capacidade também, se teria o poder de fazer uma garota me admirar. Até que a Natália começou a puxar papo comigo, já que estávamos próximos e ela também estava sobrando ali:

— Acho muito legal você ser conhecido na cidade como o “renovador”. Aqui todo mundo é conhecido por alguma coisa, uns por bem, outros por mal.

— Verdade. Mas nem sempre as convicções das pessoas estão certas.

— No seu caso eu sei que estão. Todo mundo fala bem de você.

— De você também, Natália. De você também.

Ela sorriu timidamente para mim e me fez sorrir de volta. Tinha um sorriso vivaz e cativante, principalmente quando eu a via ajudando a Pâmela com as crianças na igreja. Conversamos

bastante e, já em casa, meus amigos tiraram a noite para me transformar na piada da vez. Gargalhavam e me espancavam com almofadas, rindo da minha “lerdeza” em relação a Natália.

— Vai ficar pra titio se não reagir logo, Wes — dizia o Douglas.

— Vai terminar sozinho, cuidando do Rancho, no lugar do Marcos e da Victoria — dizia o Thales, como se fosse um profeta da zombaria.

Fui dormir pensando nisso, não queria ficar sozinho. E a Natália era uma boa menina, era exemplar. Eu questionava a mim mesmo: será que daria certo?

Priscila:

Nós fomos para um resort luxuosíssimo gravar algumas cenas da novela e no domingo tivemos o dia livre por lá. Além do trio das divas, Ronnie e Ivo também estavam presentes.

Por ser um local de altíssimo padrão, os frequentadores estavam acostumados com a presença de celebridades, poucas pessoas nos abordaram. Os rapazes foram jogar tênis, enquanto eu e as outras duas estávamos tomando sol na borda de uma das piscinas quando eu olhei e tive a impressão de ver uma criança se afogando. O salva-vidas tinha se ausentado do seu posto e as poucas pessoas ali presentes estavam distraídas. Não pensei duas vezes e pulei na água a fim de resgatar a criança.

— Pri? O que foi? — Ouvi a Lorraine dizer antes de perceber a situação que motivou minha atitude.

Tirei a criança desacordada da piscina, era um garotinho de uns cinco anos. Fiz respiração boca a boca e as pessoas se aglomeraram ao redor, com câmeras digitais. Nisso, o salva-vidas chegou, pedindo que abrissem caminho. O garotinho começou a tossir, cuspindo água e abriu os olhos. Ele sorriu para mim e eu sorri de volta, aliviada.

— Você assustou a gente, amiguinho — Eu disse, dando nele um abraço — Qual o seu nome?

— Pietro.

Aquilo me comoveu, o nome dele era uma das variantes do nome do meu pai e por um instante eu lembrei de como a minha relação com ele andava estremecida. Se um garotinho de cinco anos poderia, por um momento, estar a um triz da morte, imagine o meu pai, que já tinha mais de meio século de vida? Foi um pensamento que me assombrou em uma fração de segundos e logo foi dissipado pela situação ao meu redor.

— Cadê os pais do garoto? — gritava o salva-vidas, tirando-o de mim e temendo por seu emprego.

— Estão no restaurante — Alguém avisou no meio da aglomeração e eu fiquei indignada com a omissão deles. Meus pais jamais deixariam eu ou a Pâmela sozinhas em um lugar como aquele, nessa idade.

O burburinho em torno do ocorrido passou e eu percebi a Stefany me olhando diferente. Não fazia ideia do que ela pensava.

Voltando a São Paulo, Manu e Janaína me receberam com beijos e abraços, abriram um Moët & Chandon.

— Você não é tão boba quanto pensei, Priscila. Parabéns — disse a Manu, me fazendo sentar em seu sofá de couro preto e me servindo com a bebida.

— O que eu fiz?

Janaína abriu o notebook e me mostrou a reportagem com o título: “Priscila Silver – A heroína. Atriz famosa salva criança em resort.”

— Golpe de mestre, Pri — Ela disse, fechando a tela — Mas você se arriscou.

— Verdade, foi inconsequente — acrescentou a Manu — Mas foi um golaço para sua imagem pública, que estava mesmo precisando de um up depois daquela historinha com a Stefany.

— Peraí, vocês estão achando que fiz isso para aparecer? Gente... aquela criança ia morrer.

— Não ia não, alguém iria salvá-la — respondeu a Manu — E que bom que esse alguém foi você. Hoje à noite vamos dar uma festa em comemoração aos bons ventos nos negócios e ao sucesso da novela, que já está acabando, mas vai ser um marco na teledramaturgia brasileira.

Estava pasma com tanta mesquinharia, mas por outro lado, feliz em descobrir que eu ainda tinha um pouco de humanidade. Pelo menos se comparada às pessoas do meu atual convívio, tinha.

Capítulo 24

Wesley:

No domingo houve um almoço no Rancho com os jovens da igreja e os garotos de lá. O Marcos e a Victoria conversaram bastante comigo, com o Thales e o Douglas, também com o Bernardo, que veio nos visitar dizendo que trabalhava em uma produtora de TV em Londrina, além de fazer faculdade. Fiquei feliz em vê-lo tão bem. Marcos me perguntou sobre o Caio e percebi o quanto a Pâmela se atentou para a minha resposta, apesar de eu não saber tanta coisa assim sobre ele.

O pastor orou por todos os presentes e leu a passagem de Isaías 55:6, que diz: *"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-O enquanto está perto."* E explicou sobre a graça, dizendo que não é porque Deus nos ama e sempre nos perdoa que podemos confundir liberdade com libertinagem. O preço era praticar o que Jesus ensinou: negar a si mesmo, tomar a cruz e seguir Seus passos.

Após o almoço, algumas pessoas foram jogar vôlei e futebol na areia, eu me sentei sozinho embaixo de uma das grandes árvores que tanto conhecia. Fiquei observando a Natália, rindo e conversando com a Pâmela e a Kimberly. Ela me olhava de vez em quando e tive a impressão que falavam de mim.

Quando o Thales e o Douglas voltaram do jogo e foram ficar com suas namoradas, a Natália veio até mim e se sentou ao meu lado, na sombra da árvore:

— Você passou muito tempo aqui, né? Esse lugar deve te trazer muitas lembranças.

— Traz. Principalmente a sombra dessas árvores e essa brisa que vem delas. Fecha os olhos. — Ela obedeceu. — Está sentindo? Parece que a brisa toca em você com a palma das mãos, não parece?

— Sim. Que lindo isso. — Natália abriu os olhos castanhos vivazes. — Nem todo mundo é sensível assim, a ponto de perceber essas coisas.

— A brisa, o vento, sempre me lembram a presença de Deus.

Ela me olhou com profundidade e eu olhei de volta, um tanto temeroso:

— Você é demais, Wesley. É o namorado que qualquer garota gostaria de ter.

— Não sou tudo isso. — Desviei o olhar, despreparado. — Quem convive comigo sabe o quanto posso ser chato às vezes.

— Morando com aqueles dois, tem todo o direito de ser chato.

Gargalhamos e quando paramos, olhamos um para o outro. Eu dizia a mim mesmo para tomar coragem.

— Eu também te admiro, Natália. Inclusive... queria poder me aproximar, te conhecer melhor, sabe?

— Como assim?

— Sendo seu namorado. Oficialmente.

Nem eu acreditei que tinha dito aquilo. Ela também pareceu ser pega de surpresa, mas disse:

— Eu aceito. Claro que aceito.

Priscila:

A festa foi no apartamento da Manu, para poucas pessoas. Estavam os agenciados, alguns amigos, a Janaína. Começaram a falar sobre o sucesso da novela e a dona da casa comentou:

— Divas do Sábado à Noite é um sucesso porque transgride todas as regras, é disso que o público gosta.

— Realmente, Manu — concordou o Ronnie — Quebra todos os Dez Mandamentos: não matarás, não roubarás, não cobiçarás a mulher do próximo... — Ele falava em tom zombeteiro.

— Existe mesmo esse mandamento de não cobiçar a mulher do próximo? — perguntou a Stefany, parecendo estar realmente curiosa.

— Existe, eu posso provar — respondeu o Ronnie — Tem uma Bíblia aí, Manu?

— Não, não tem.

— Que pena. Se tivesse, eu iria abrir lá em Gênesis e te mostrar, Ste.

Eles gargalhavam e eu interferi, séria:

— Os Dez Mandamentos não estão em Gênesis. — Todos me encararam com um olhar que beirava a perplexidade. — Fica no Êxodo.

O silêncio dominou e os olhares de estranheza continuavam sobre mim, como se eu tivesse dito algum absurdo ou se de repente tivesse me transformado em um alienígena.

— Como sabe? — perguntou a Manu — Não me diga que é cristã?

— Sim, eu sou. — Aquilo soou nos meus ouvidos como a mentira mais terrível que já havia contado.

— Isso explica muita coisa… — Ela comentou em tom de deboche, virando os olhos e em seguida bebendo mais um copo de whisky.

— Se você não fala, eu nunca iria saber — acrescentou o Ronnie, e em seguida todos voltaram a conversar e rir. Se aquilo não era a roda dos escarnecedores, eu não sei o que era. Mas eu estava lá, desobedecendo ao conselho de não me sentar com eles.

Depois de um tempo percebi que o Ivo estava sozinho na sacada, com uma pequena garrafa de vodca. Peguei um copo de vinho e fui até lá, já que a companhia dele parecia melhor do que dos demais:

— Oi, Ivo. Olhando as estrelas?

— Oi. Bom, com essa poluição não dá para ver tantas estrelas como eu via na minha terra.

— De onde você é?

— Mato Grosso do Sul.

— Que coisa, não? A Manu disse que nós dois chegamos aqui na mesma semana, há dois anos atrás. Agora já conseguimos alcançar a maioria dos nossos objetivos.

— Fale por você, Priscila. Eu não consegui nada. Uma ponta na novela é muito pouco pra mim. Você está feliz porque é uma das protagonistas e ainda conseguiu vários contratos de publicidade. Também vi na revista que vai fazer um filme dirigido pelo Roger.

— É, pois é. As coisas estão fluindo bem. Mas não desista, você ainda vai conseguir, o sol nasce para todos.

— Mas sombra e água fresca são para poucos. É questão de honra eu me tornar o ator mais bem pago do país.

— Uau, e por que toda essa gana?

— Bom, você sempre foi bonita, pelo jeito. Com certeza as portas se escancaravam na sua frente, deve ter sido a rainha do baile na formatura, a popular do colegial, a mais bonita da cidade e tudo mais. Mas eu já fui muito humilhado, sabe? Muito mesmo, inclusive pela minha família. Agora quero dar a volta por cima e esfregar o meu sucesso na cara de todos.

Eu senti um negativismo muito grande nas palavras do Ivo. Aquilo me assustava. Ele não parecia uma má pessoa e não parecia que tinha tanta mágoa dentro de si.

— Se a gente tivesse se conhecido nos tempos de escola, seríamos de grupos diferentes — continuou ele — Você andaria com os populares e valentões, que iriam zoar o meu grupo. Sabe, na minha adolescência eu tinha vontade de acabar com todo mundo.

— Ai, Ivo, que horror. Nada justifica uma violência dessas. E não estou gostando do rumo dessa conversa.

— Foi mal. É que... digo assim, na novela em que atuamos, se fala tanto de amor, mas na verdade ninguém ama ninguém, ninguém sabe o que é amor, nem na ficção, nem na realidade. A começar por mim. Por isso quero ganhar o meu dinheiro e o resto que se exploda.

— Ivo... Você acredita em Deus?

— Não.

— Devia acreditar.

— E você? Acredita?

— Sim.

— E que diferença isso faz pra você? Não sei se notou, mas na verdade estamos no mesmo barco.

— Não estou no mesmo barco que você, não tenho todo esse rancor dentro de mim.

— Ok, talvez não estejamos no mesmo barco, você deve estar em um superior. Não estamos no mesmo barco, mas estamos na mesma tempestade.

Ele me deixou sozinha e eu fiquei pensando. Devia ter falado de Jesus para ele, devia ter dito que Jesus o amava. Devia ter citado João 3:16, que era um versículo que eu havia decorado desde a infância. Mas o Ivo tinha razão, meus conhecimentos bíblicos não faziam diferença na minha vida, já que não os praticava. Não era à toa que todos se admiravam quando eu comentava que era cristã, eles não viam autenticidade em mim. E eu não tinha muita certeza se Jesus me amava. Ele não tinha nenhum motivo para amar uma ovelha desgarrada e teimosa como eu.

Tive que admitir a mim mesma que eu e o Ivo realmente estávamos no mesmo barco, que provavelmente tinha um furo imperceptível que o levaria a afundar quando a gente menos percebesse. Eu só esperava que não fosse tarde demais para pular fora antes do naufrágio. E sem dúvida estávamos na mesma tempestade, uma tempestade na nossa mente que nos afetava em escalas diferentes.

A novela terminou, mas antes, o Roger e os autores quiseram incluir a cena da minha primeira peça, a do sequestro do Júlio. Eles viram o vídeo e acharam o máximo, por isso reproduziram comigo e outro ator, "com um pouco mais de pimenta", dizia o Roger, "para dar audiência".

Nem tive férias e já começamos as gravações do filme "Caminhos Misteriosos", onde o Ronnie também estava no cast, mas não contracenava comigo. Só de não ter mais que conviver com a Stefany já era um alívio imenso, mas com a Lorraine eu mantinha contato.

Meus pais reformaram toda a casa e a barbearia em Prado Ferreira, construíram mais cômodos, utilizaram materiais de primeira qualidade e tudo ficou muito bem apresentável e elegante por lá. Também reformaram a casa de aluguel em Miraselva e compraram um sítio nos arredores de Ponta Grossa.

Já havia quase três anos que não os via pessoalmente, então pensei em comprar passagens de avião para que eles e a Pâmela viessem me visitar, afinal, voltar para o Paraná eu não iria de forma alguma.

Capítulo 25

Wesley:

A Natália era uma garota bacana. A gente conversava sobre tudo e ria muito junto. Ela gostava de corujas e eu sempre criava alguns presentes com seu mascote. Ela tinha sua própria cadeira de coruja e sua própria estante-biblioteca de coruja, feitos por mim. Naqueles dias, Thales e Douglas chegaram em casa dizendo que convidaram Pâmela e Kimberly para assistir um filme lá e elas recusaram:

— Elas disseram que não pega bem ficar só as duas junto com só nós dois aqui — explicava o Douglas — E que só viriam se você e a Natália também estivessem presentes.

— Ou seja — acrescentou o Thales — Nós dois não temos moral com nossas namoradas e você tem, Wesley.

— Pois é, sempre tem que ter um adulto responsável pelas crianças — Eu fiz uma brincadeirinha com fundo de verdade — Digam a elas que podem vir, eu cuido de vocês. Vou ligar para a Natália.

As garotas chegaram e nos acomodamos na sala. Liguei a TV e, quando preparava o DVD para o filme, um canal exibia uma reportagem sobre o próximo filme da Priscila:

— Deixa aí, Wesley! Deixa aí — dizia a Pâmela — É sobre o filme da Priscila.

A reportagem dizia que várias cenas do filme já haviam sido gravadas, e que haveria locações em Nova Iorque. Falaram do sucesso da Priscila na novela, que com certeza se repetiria no longa. Quando foram exibidos alguns trechos que já estavam disponíveis para divulgação, a Priscila estava contracenando com outro ator, em um diálogo num quarto à meia luz.

Meu coração disparou. Acho que foi medo de presenciar alguma cena constrangedora ao lado da minha namorada. Na TV, a Priscila e o ator se beijaram. Estávamos em silêncio quando o Thales disse, assistindo à cena:

— Olha lá, primeiro ela faz essa cara de sonsa, depois ataca. Eu sei bem como é.

Todos nós o encaramos intrigados e a Pâmela disse:

— E pelo jeito lembra bem dos detalhes, não é, Thales?

Ele pareceu cair em si, olhou para nós, coçou a nuca e desconversou:

— A gente vai assistir esse filme ou não vai?

A reportagem acabou e eu liguei o DVD, mas a Pâmela estava extremamente cismada e era notável.

Priscila:

Eu combinei com meus familiares que assim que conseguisse três dias seguidos de folga nas gravações do filme, iria trazê-los para me visitar.

O pessoal da equipe era muito divertido, nos intervalos das cenas brincávamos um com o outro e ríamos sem parar, o clima era super positivo. Em um desses intervalos, o Roger me mostrou uma caixa de charutos cubanos que havia ganhado e me convidou a experimentar um. Eu experimentei e todos ficaram impressionados por ter conseguido tragar de primeira.

— Já fumou, Priscila? — Ele perguntou curioso, sabendo que eu havia sido uma garota teoricamente cristã.

— Não. Mas já assisti filmes que me ensinaram como se faz.

Naquela semana, certa noite, Manu e Janaína me chamaram para conversar e eu fui. Estávamos à vontade na sala quando minha assessora disse:

— Pri, você recebeu uma proposta irrecusável e eu preciso levar sua resposta aos interessados.

— Hum, irrecusável? Já gostei, Jana.

Ela e a Manu trocaram um olhar conspiratório e um risinho.

— É de uma revista masculina. Tem coragem de tirar toda a roupa?

— Ahn? — Eu senti meu estômago revirar. Pensei na minha família. Flashes rápidos da minha vida passaram pela minha mente. Minha cidade, minha igreja, o pastor, meus conhecidos. — Não posso... — Foi o que consegui responder, sem me concentrar direito.

— Minha filha! — berrou a Manu, pegando um papel da mão da Janaína e indo até mim. Achei que iria esfregar na minha cara. — Olha essa proposta, garota! Só se for muito burra para não aceitar!

Peguei o papel e, entre outras coisas, vi um número cheio de zeros.

— Que número é esse? Quanto é isso aqui que estão oferecendo?

— É um bom número — disse a Manu, acalmando-se e voltando a se sentar — Você vai dormir e ao invés de contar carneirinhos, vai contar esses zeros hoje, ok? E você, Jana, diz aos proponentes que ela está interessada e analisando a proposta.

Eu estava atordoada, andei em círculos pela sala. Estava dividida, mas o não gritava mais forte dentro de mim.

— Vou embora — disse, sem conseguir olhar para as duas — Vou pensar.

— Pensa com carinho, ok? — A Manu estava conseguindo ser ainda mais cínica.

O motorista dela me levou em casa e logo que cheguei, mergulhei no sofá. Fiquei observando meu apartamento enorme, lindo e vazio.

— O que está acontecendo com a minha vida... que droga. Eu deveria estar feliz. Talvez eu seja só uma ingrata mesmo...

Peguei o celular e liguei para o Ronnie. Estava muito pra baixo e ele poderia perfeitamente me consolar.

— Oi, Ronizito, meu gato... — disse suavemente, tentando provocá-lo — Estou na minha casa, sabia? Completamente sozinha e precisando de um ombro amigo. Vem ficar comigo, vem.

— Oi, Pri. É uma proposta tentadora, mas estou dirigindo, vou encontrar a Stefany. Já estava marcado, caso contrário, iria correndo.

— Ah, sim, tudo bem. Fica pra próxima.

Desliguei o celular sem esperar pela resposta dele, tomei um banho de espuma bem demorado na Jacuzzi, coloquei um pijama leve, mas a cabeça estava a mil, não conseguia relaxar. Lembrei que o pessoal da equipe do filme comentava que a bebida ajudava nisso, eles inclusive sempre recorriam à ela. Abri uma vodca que tinha reservado para receber amigos, sentei na sacada e tomei doses e mais doses olhando o movimento da cidade lá embaixo, meu apartamento ficava no vigésimo andar. Aos poucos, fui me conformando em curtir aquela solidão e torcendo para que a guerra dentro de mim fosse declarada terminada com o nascer do sol.

Capítulo 26

Wesley:

Mais alguns dias se passaram e aconteceu que eu estava saindo do antiquário para ir almoçar, quando encontrei a Pâmela me esperando na calçada.
— Oi, Wesley. Tudo bem? Eu preciso muito falar com você, está ocupado?

— Estou indo almoçar... — Até pensei em convidá-la a me acompanhar, mas essa ideia foi imediatamente descartada. — Posso ajudar em alguma coisa?

Ela suspirou um tanto triste e apontou um banco de madeira em exposição pelo lado de fora do antiquário, dizendo:

— Podemos sentar?

— Claro — respondi, percebendo que ela tinha uma ruga de preocupação.

Nos sentamos e ela começou a falar depois de outro suspiro profundo:

— Fui procurar o pastor e a esposa para conversar, mas eles não estavam na igreja. Até estranhei, eles sempre estão lá.

— Estranho mesmo, devem ter ido fazer a oração no hospital.

— Sim. Mas então resolvi vir falar com você, que é uma das pessoas mais sensatas que conheço. — Ela abaixou a cabeça e comprimiu as mãos. — Cometi um erro, um erro grave, Wesley.

— Você?

— É. Preciso muito tentar consertar isso.

— Tem algo a ver com o Thales?

— Tem tudo a ver. — Ela olhou para mim. — Eu nunca deveria ter começado esse relacionamento com ele. Nunca.

— Ah, é esse o erro grave? Ufa, menos mal.

— O que achou que fosse?

— Nada. Prossiga.

— Eu comecei a namorar com ele por motivos fúteis. “Ter um namorado”. No fundo eu queria

ter algo que a Priscila não tinha, ser superior a ela em alguma coisa, entende?

— Você e a Priscila são diferentes, mas cada uma tem as suas qualidades. Você não devia pensar assim.

— É, agora não penso mais, mas naquela época pensava. Era imatura. Mas o pior de tudo é que eu não consultei a Deus antes de tomar a decisão de me envolver com ele. Devia ter orado, pedido direção e aprovação, enfim, ter colocado minha Fé acima das minhas próprias vontades. Teria evitado muita coisa.

— Que tipo de coisas?

— Eu sempre tenho que ficar impondo limites ao Thales, pois se deixá-lo à vontade, ele extrapola. Não tem temor a Deus, e isso é muito preocupante. Você acredita que esses dias ele me disse que não acredita na existência do inferno, embora a Bíblia fale sobre isso, nem que Jesus vai voltar um dia? Ele frequenta a igreja, mas só acredita no que quer, e infelizmente meu pai é bem parecido nesse ponto.

— Eu sei bem como é, Pâmela. Eu sempre tento alertar o Thales, mas ele não gosta.

— Sim, ele dizia que você era chato, pegava no pé dele e do Douglas, reclamava muito.

— O Thales reclamava de mim pra você?

Percebi que ela se arrependeu de ter contado e disfarçou:

— Não era sempre, às vezes.

— Puxa... Pego no pé porque me preocupo. Acolhi ele em casa, sempre estendi a mão, fui como um irmão. Mas parece que os olhos dele em relação a mim não são bons.

— Não fica triste, Wesley. Pessoas ingratas são a maioria.

— Mas você queria a minha ajuda para o quê?

— Na verdade, só queria desabafar com alguém. Já tomei a decisão de terminar com o Thales e dessa vez fiz certo. Há dias venho orando e pedindo a direção de Deus.

— Então obedeça ao que Ele disser. Tenho que te confessar algo, Pâmela. Enquanto ouvia sua história, vi que cometi os mesmos erros que você. Eu também comecei a namorar a Natália por motivos fúteis e me envergonho em dizer que não pedi direção a Deus. Acho que fiquei tão ansioso pra ter uma namorada que só ouvi o meu próprio eu.

— E agora? O que vai fazer? Você gosta dela?

— Gosto. Mas talvez seja melhor terminar. Antes que possamos nos machucar ainda mais, mais do que vamos nos machucar agora com esse término. Não quero um namoro recreacional, quero namorar para casar, e vai ser difícil conseguir isso em algo que já começou errado. Foi Deus que te mandou aqui para abrir meus olhos através da sua experiência. Se mais pra frente, depois de buscar a direção de Deus, Ele disser que eu e a Natália podemos namorar, aí sim.

— É, vamos consertar nossos erros. Eu tenho que fazer isso o quanto antes, antes de ir viajar.

— Ah, é? Vai pra onde?

— São Paulo, visitar minha irmã.

— Que legal. E como ela está?

— Pensa que está bem, mas eu sei que não. Me ajude em oração por ela, precisa muito.

— Eu já oro por ela. Sei que de alguma forma Deus já está agindo, mesmo sem a gente ver.

Priscila:

Manu e Janaína foram me visitar de manhã, antes que eu saísse para as gravações. Me encontraram tomando café enquanto a diarista cuidava do meu quarto, eu as convidei para comerem comigo.

— E então? Pensou na proposta?

— Ai, Manu, dá um tempo, vai. — Elas se sentaram à mesa e se serviram de iogurte e mel. — Eu estou pensando, pensando muito, isso vai demorar.

— Tá ok, só não demore tanto porque dinheiro não dá em árvore, aproveite a oportunidade. E depois que você fizer as fotos vamos procurar um namoradinho pra você.

— O quê? Além da agência artística você também tem agência de relacionamento? Obrigada, mas não preciso. — Comi meus morangos enquanto ela dizia:

— Depois que você aparecer na revista, já imaginou o quanto vai mexer com a imaginação masculina? E se tiver um namorado, vai mexer ainda mais, os homens se interessam pelo que é proibido, difícil, talvez até impossível.

— E da onde tirou essa teoria? Se entende tanto de homem, por que não tem nenhum ao seu lado?

— Pelo mesmo motivo que não tem nenhum ao seu.

— Eu não tenho porque não quero, não preciso.

— Não precisa? Você corre atrás do Ronnie como uma criança atrás de doces.

— Nada a ver. A gente só se dá bem, principalmente entre quatro paredes.

— Eu acho que a conversa já está caindo de nível — disse a Janaína, com uma impaciência que estranhei — O que tem pra hoje na agência, Manu?

— Ah, Janaína — Eu interferi, entendendo tudo e rindo com deboche — Vai dar uma de santa agora? Estava botando pilha para eu aceitar a proposta da revista e agora vem medir o nível da conversa. Você deve ser mais uma das que saem com o Ronnie.

— O contrato com a revista é um ótimo negócio, por isso incentivei. Quanto ao conteúdo, que

deve ser de um nível questionável, não me interessa. Se é que isso tem conteúdo.

— Jana, só não esquece do que te pedi — disse a Manu — Aquilo lá com os jornalistas, eles querem novidades sobre a Priscila.

— Vai responder por mim? — perguntei, também impaciente — Sobre o que é? Falam em meu nome e eu nem sei do que se trata? Isso é um abuso.

— Calma. Só querem saber como anda sua vida, como sempre. Às vezes a gente tem que usar a criatividade e inventar alguma coisa pra tornar as histórias sobre você mais interessantes. — Manu comentou, olhando suas enormes unhas vermelhas — E agradeça, se não fosse isso, você não teria chegado onde chegou, querida. Ou acha que tudo isso é fruto do seu talento?

— E não é?

Manu e Janaína gargalharam, me deixando completamente sem graça entre elas. Até que a Manu me disse em um tom que misturava deboche e ameaça:

— Você é uma tolinha, Priscila. É só parar e pensar um pouco, o que seria de você sem mim?

Capítulo 27

Wesley:

Eu orei, pedi direção a Deus e vi que o melhor a fazer era terminar meu namoro com a Natália, já que foi algo que começou na base da ansiedade. Marcamos de conversar na praça central da cidade, à noite, e quando cheguei ela já me esperava em pé, de braços cruzados:
— O que foi, Wesley? Você me deixou preocupada no telefone.

— Calma, só precisamos conversar. Vamos sentar ali em um banco.

— Não. Prefiro que você seja direto e me diga o que está acontecendo.

Soltei o ar preso nos pulmões, respirando fundo, e olhei bem nos olhos castanhos dela, para transparecer minha sinceridade:

— Natália, nós começamos esse relacionamento de maneira muito impulsiva, sabe? Sem consultar a Deus, sem perguntar se essa é a vontade Dele. E, no que diz respeito a mim, eu queria namorar porque o Thales e o Douglas também namoram, queria ver como é, ter uma garota também. E esses não são motivos corretos para começar um namoro.

— Está querendo terminar comigo? — Os olhos dela estavam marejados.

— É melhor. Antes que as coisas piorem e seja mais difícil depois.

Ela ficou sem reação, me olhando com os olhos cada vez mais vermelhos.

— Já está sendo difícil, Wesley. E não importa como começou, a gente pode dar o rumo que quiser para nossa história.

— Eu não penso assim, Natália. Eu errei. E a única forma que vejo para consertar isso é reconhecer o erro e voltar atrás, começar tudo de novo. Se for da vontade de Deus que a gente fique junto no futuro, vamos ficar, e da próxima vez vamos começar certo, orando, pedindo direção.

Ela chorou e eu tive que ser muito forte para não me deixar abalar e não fazer cair por terra tudo o que tinha acabado de dizer.

— Eu poderia ficar aqui te apresentando mil e um argumentos para continuar comigo, Wesley — disse cabisbaixa e em lágrimas — Mas sei que você é muito convicto. Eu gosto de você de verdade, mas... já tinha percebido que não estava comigo por inteiro, tinha suas dúvidas. Talvez

seja por isso, por ter começado pelos motivos errados. — Ela olhou para mim. — Só não se afaste totalmente, ok? Você é uma ótima pessoa e quero te manter por perto.

— Você também é uma pessoa excelente, com certeza pode continuar contando comigo.

Nos abraçamos de maneira fraternal, nos despedimos e seguimos por caminhos opostos. Foi difícil, mas na verdade, eu imaginei que seria mais.

Quando cheguei em casa e entrei pela porta da sala, o Thales veio pra cima de mim, gritando:

— Seu traidor, fura-olho, amigo da onça!

O Douglas o segurou enquanto eu fiquei sem reação, ouvindo-o dizer:

— Já sei de tudo! Acha que numa cidade pequena dessas eu não ia descobrir?

— Tá falando do quê, Thales?

— A Pâmela terminou comigo pra ficar com você! Você e essa pose de perfeito, não é? Sabia que era só pra impressionar, sabia! Já tô sabendo que vocês ficam de conversinha no horário de almoço.

— Olha só, a Pâmela realmente foi falar comigo e disse mesmo que ia terminar com você. Mas os motivos desse término, ela já deve ter te contado e o mérito é todo seu. Antes que chegue aos seus ouvidos, eu também terminei com a Natália, mas não porque ela era hipócrita, como foi no seu caso com a Pâmela.

— Hipócrita? — Ele se soltou do Douglas, abruptamente. — Eu vou te mostrar quem é o hipócrita.

— Vai me bater, Thales? Pode vir, não tenho medo de você. É só assim que sabe resolver as coisas, não é mesmo? Somos amigos há anos, praticamente irmãos, mas você vê maldade em tudo o que eu faço! Também já cansei disso!

— Vejo mesmo! Você largou a Natália e agora vai ficar com a Pâmela, se acha o esperto, mas isso não vai ficar assim!

— Por mim você pode pensar o que quiser, o tempo vai mostrar a verdade.

Fui para o meu quarto, orei por mim, pelo Thales, pela Natália, Pâmela e todos os demais. Depois fui meditar na Palavra de Deus, no Salmo 41, que dizia no versículo 9: *"Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu confiava, e que partilhava do meu pão, também me traiu."* Se até o nosso Senhor foi traído, o que me garantia não ser também? Às vezes eu pensava se realmente tinha amigos. Tinha a impressão que não poderia contar com ninguém, caso precisasse. Lembrei que quando Jesus foi preso, os que se diziam Seus amigos mostraram o que realmente havia dentro de si. Um O traiu, outro O negou, todos fugiram. Eu não era nada nem ninguém para me comparar com Ele, mas podia pegar o exemplo. Seu melhor amigo era o Pai, que nunca abandona e nunca trai.

Eu errei em me precipitar a namorar com a Natália, mas cria no perdão e na nova chance. Agora eu queria mais intimidade com esse Melhor Amigo Fiel, que me oferecia essa amizade

incondicional da qual eu não era merecedor. Passei aquela madrugada fazendo minha vigília particular no quarto e O buscando, pois queria ser Um com Ele, queria ser a casa Dele, do meu único Amigo.

Priscila:

Pedi para a Janaína buscar minha família no aeroporto, pois não estava me sentindo muito bem. Eles chegaram preocupados ao meu apartamento, perguntando o que houve:

— Não foi nada, só um mal-estar.

— São essas dietas malucas dela — intrometeu-se a assessora — Já falei para não fazer isso. Ontem ela comeu bem e ia ficar tudo ok, mas aí foi lá e forçou o vômito.

— Você fez isso? — perguntou a Pâmela, horrorizada — Quer ter um distúrbio alimentar?

— Eu tinha exagerado, a consciência pesou, só quis dar um jeito. Não vai se repetir, não se preocupem. Janaína, você já pode ir agora, ok? Obrigada.

Ela se despediu e partiu, enquanto minha família foi conhecer meu lar. Eles estavam boquiabertos com tudo o que viram e eu já não via graça em nada. Pensava em me mudar para um apartamento maior com uma nova decoração. Contratei um buffet para o nosso jantar e, quando os garçons saíram do ambiente, conversamos com liberdade:

— Como estão as coisas no Paraná?

— A gente tem passado a semana em Prado Ferreira e o fim de semana em Ponta Grossa, no sítio — respondeu meu pai, mastigando — A Pâmela só foi lá uma vez.

— Eu tenho meus compromissos na igreja e na escolinha bíblica — Ela explicou.

— E vocês, mãe e pai? — perguntei, enquanto degustava as ovas de peixe — Não têm ido à igreja?

— Já faz um tempinho que a gente não vai — respondeu minha mãe, despreocupadamente — Precisamos tirar um fim de semana para ir, Pedro.

— Você tinha que ver sua mãe, Priscila — Ele desviou o assunto — Agora está cheia de amigas: esposas dos políticos mais influentes do estado e dos maiores produtores de soja também.

— São tantos convites para festas, filha — Ela acrescentou, sem dar chance para continuarmos o assunto sobre a igreja — Que temos que recusar a maioria. Sempre me apresentam como a mãe da Priscila Silver.

— E a barbearia?

— Quase não ficamos lá, temos funcionários.

Eu não estava acreditando naquilo. Preferia quando minha mãe era uma simples dona de casa dedicada à família e quando meu pai nos obrigava a ir à igreja aos domingos e sentar nas primeiras fileiras.

— Mãe, essas mulheres não são suas amigas. Só querem tirar proveito de vocês.

— Não querem não, Pri, nem todo mundo é interesseiro. Além do mais, o que elas podem querer de nós se já são ricas?

— Não sei, talvez prestígio, contatos, aparecer em uma revista ou programa de fofoca, não sei, mas ninguém é amigo de ninguém.

— Ah, baixe a guarda um pouquinho, filha, se não você não tira proveito dessa nova realidade — Minha mãe disse, rindo com meu pai, sem perceber o olhar de reprimenda que ganhou da Pâmela, a única pessoa ali parecendo ter alguma sensatez.

Enquanto comíamos, reparei nas joias que minha mãe ostentava, ela que nunca se importou com isso. Só então pensei que assim como ela, eu também estava perdendo minha identidade.

— Pam, já acabou de comer? Vamos ao meu quarto? Tenho uns presentes pra você.

— Sim, vamos lá.

— Pai, mãe, fiquem à vontade.

No quarto, me joguei na cama enquanto minha irmã admirava tudo e olhava a vista pela janela.

— Pâmela, de verdade, como estão as coisas? O pai e a mãe não me parecem muito... lúcidos.

— Estão exatamente como você viu e ouviu. E me parece que você está tendo alguns momentos de lucidez agora. — Ela sentou ao meu lado.

— Tenho tido alguns problemas aqui. Mas quem não tem, não é mesmo?

— É. Quem não tem?

Pâmela suspirou pesadamente e eu notei que algo a preocupava, mas eu não achava que tinha estrutura para tentar ajudar em algo. Eu só servia para enviar dinheiro.

— E você e o Thales?

— Terminamos.

— Ai, que ótimo. Pelo menos uma notícia boa.

— É, não ia dar certo. E você, continua saindo com o Ronnie?

— Às vezes.

— Acha certo isso? Dar seus momentos íntimos a alguém que não tem compromisso contigo?

— Minha cabeça virou um emaranhado, Pâmela. Não sei mais o que é certo ou errado, faço o que dá na telha, tenho que me anestesiar um pouco das pressões. Parece que não, mas há muita pressão nessa carreira.

— O pastor falou sobre isso esses dias, tentar preencher o vazio sem Deus é como querer segurar

água com as mãos, e é o que você está fazendo. A propósito, temos um novo pastor. No dia em que terminei com o Thales, o antigo pastor foi embora para uma nova missão.

— Deve ter ido pensando que uma de suas ovelhas se perdeu pra sempre.

— E se perdeu?

— Eu quero acreditar que não.

Capítulo 28

Wesley:

Cheguei ao antiquário e estranhei a placa de vende-se em tamanho bem visível fixada na vitrine com o número de contato do meu patrão, ele não havia me dito nada. O homem de meia idade e aparência cansada olhava a paisagem pela grande janela quando entrei:
— Seu Rubens? O que é aquela placa de vende-se ali na frente?

— Pois é, Wesley. Eu queria ter dito antes. Vou me mudar para Londrina com minha esposa, temos algumas questões pessoais para resolver e isso vai ser necessário. Mas não se preocupe, quem comprar o antiquário vai querer ficar com você, o "renovador".

Me aproximei dele e orei em pensamento, pedindo direção a Deus. Então criei coragem e perguntei:

— Seu Rubens, o senhor venderia pra mim?

— Pra você? — Ele me olhou bem, franzindo o cenho.

— Eu não tenho dinheiro nem garantia para dar, mas o senhor me conhece e conhece meu trabalho, tenho certeza que assumindo isso aqui e trabalhando muito, posso pagar se o senhor me der tempo.

Ele continuou me olhando, pensando tanto que quase pude ouvir as engrenagens de seu cérebro.

— Bom, acho que não encontraria aqui em Prado um comprador melhor que você. Vamos negociar o valor e as parcelas, pode ser?

Eu dei um pulo e apertei a mão do seu Rubens. Ele me mostrou a casa em que morava, nos fundos do antiquário, separada dele apenas por um corredor e que em breve seria minha nova casa. Também mostrou um espaço vazio no segundo andar, cujo acesso se dava por uma escada pelo lado externo.

Quando cheguei em casa e anunciei aos rapazes que era o novo dono do antiquário e que me mudaria para lá, eles não deram importância. O Thales não falava comigo desde o episódio do fim dos namoros e influenciou o Douglas a também me excluir. Me deixavam sozinho na igreja, naquela fileira do lado direito, perto da janela, que um dia foi preenchida pelo nosso quarteto. Eu pensava em como as coisas mudam sem a gente perceber.

No dia em que fui arrumar minha mudança, encontrei fotos em que estávamos juntos no Rancho, na igreja, naquele acampamento e no batismo do Thales. O Marcos chegou com uma

caminhonete para me ajudar e buzinou, interrompendo meus pensamentos enquanto via as imagens do quarteto extinto. Fui me despedir dos dois, que assistiam TV na sala:

— Bom, rapazes... eu já vou. Thales, me perdoe por ter te chamado de hipócrita e me perdoem por ter pegado tanto no pé de vocês, eu não sou superior em absolutamente nada e nunca quis ser.

— Fica de boa, Wesley — disse o Thales, sem tirar os olhos da tela — E valeu por ter depenado a casa.

Respirei fundo pedindo paciência a Deus.

— Só peguei o que era meu, comprado com meu esforço.

Eles não ajudaram eu e o Marcos a carregar a caminhonete, continuaram vendo TV, em silêncio. Já no caminho, nosso antigo líder me perguntou:

— O que houve com a amizade de vocês, Wes?

— Eu não sei, Marcos, não sei. Mas se para ser amigo deles é preciso desagradar a Deus, prefiro não ser. Eles nunca concordaram com meu estilo de vida, nem eu com o deles, uma hora algo sempre acontece e cada um segue seu rumo.

— Entre agradar a Deus ou às pessoas, sempre escolha Deus.

— É o que venho tentando fazer sempre, e isso tem nos distanciado cada vez mais.

— E o Caio?

— Deixei vários recados no MSN, estou ligando há dias e ele não atende. Estou preocupado, Marcos. A gente bem que podia ir até Cambé procurar por ele e ver se está bem, o que acha?

— Ótima ideia. Vamos assim que pudermos.

Priscila:

Minha família voltou para o Paraná e chegou o dia do lançamento do filme, que foi no Rio de Janeiro. Era o dia que sempre sonhei, estava vestida como uma princesa, posando para centenas de fotógrafos e seus flashes, dando muitas entrevistas. Pensar no gordo cachê que havia recebido, me animava ainda mais. Eu e o Ronnie trocamos olhares durante toda a festa, planejando nossa comemoração particular. Até que a estraga prazeres da Manu aproximou-se de mim, dizendo:

— Disfarça e olha para a mesa dos magnatas.

Olhei e vi o Roger sentado com alguns poderosos, uma mesa estritamente masculina.

— Percebeu que um deles não tira os olhos de você? — Ela perguntou com as piores intenções.

— Aquele velho?

— Mais respeito, Priscila! Ele é um senador da república! E está oferecendo quinhentos mil reais para você ir conhecer a casa dele após a festa. — Ela sorriu maliciosamente, como se aquilo

fosse um grande negócio.

Eu engasguei com a bebida e disse:

— O quê? Ai, que proposta horrorosa, Manu! Como você me diz uma coisa dessas? Por acaso ele está pensando que sou alguma prostituta de luxo? Aposto que você ia ter uma comissão nisso, né?

— É claro, querida. Mas pode deixar que levo o seu recadinho a ele e vamos em busca de outra.

Quando ela saiu, procurei por uma sala reservada, onde entrei e me tranquei. Chorei muito e minha maquiagem ficou toda borrada. Para mim a festa havia acabado, não tinha mais a mínima vontade de sair e olhar para o rosto daquelas pessoas que não amavam nada além de dinheiro, fama e beleza. Mas eu era uma delas, uma fraude. Eu queria morrer. Não entendia como conseguia ir da felicidade à tristeza em tão pouco tempo. Essas oscilações emocionais estavam acabando comigo.

Depois de um tempo, retoquei a maquiagem e saí, antes que sentissem minha falta. Pedi ao Ronnie que me levasse embora, mas ele explicou que eu era a estrela da festa e tinha que ficar até o fim. Então fiquei, fingindo que estava bem, forçando sorrisos.

O dia estava amanhecendo quando eu e o Ronnie chegamos ao meu apartamento. Eu estava me sentindo morta em todos os sentidos da palavra e ele respeitou a minha vontade de apenas dormir após um banho frio. Por volta de meio-dia acordei com o Ronnie me chamando e logo percebi que sua expressão era aflita, muito aflita. Antes de saber o que era, ainda deitada, meu coração estava disparado:

— O que houve?

— O Ivo...

— O que tem ele?

— Ele... ele... se matou.

A cena em que eu e o Ivo conversávamos na sacada da Manu invadiu minha mente no mesmo instante, junto com a horrível sensação de que poderia ter feito algo para evitar a tragédia, mas não fiz.

Capítulo 29

Wesley:

Eu me mudei para o antiquário e reformei alguns móveis para a minha nova casa, que ficava nos fundos. Não me faltou nada porque trouxe o que era meu na casa que dividia com meus amigos.
Estava trabalhando bastante para tentar quitar as parcelas o quanto antes, por isso até passava do horário comercial para entregar as muitas encomendas de consertos. Porém, nunca deixava de honrar meu compromisso com Deus nos dias de culto. Deixava tudo e ia para a igreja honrá-Lo, afinal, sem Ele nem estaria ali.

Houve um dia em que também tive que parar mais cedo, pois conforme o combinado com o Marcos, íamos a Cambé procurar pelo Caio. Fomos um pouco antes das quatro da tarde e, ao chegar à firma onde ele disse que trabalhava, vimos tudo fechado e abandonado. Pessoas nos arredores informaram que a empresa havia falido há pouco mais de dois meses.

— E agora, Marcos? Será que o Caio está trabalhando em outro lugar?

— Isso está muito estranho, Wesley. Mas tem algumas lanchonetes por aqui, talvez ele já frequentou alguma, por ser perto da firma.

— Bora lá perguntar.

Já na primeira lanchonete, a garçonete afirmou conhecer meu amigo. Disse que ele morava em uma quitinete no bairro Vila Atalaia. Como haviam poucas por lá, resolvemos visitar uma a uma, mas na terceira moradia quem nos atendeu foi o próprio Caio. Ele estava magro, com a barba por fazer e ficou muito feliz em nos ver, nos abraçando com força.

— Como me encontraram? — perguntou, rindo genuinamente — Entrem.

O lugar era extremamente modesto, com mobília básica, mas organizado e limpo. Caio era disciplinado. Sentamos em banquetas e ele também.

— Aceitam uma água? É só o que tenho a oferecer agora...

Eu e o Marcos nos olhamos, a situação não parecia das melhores.

— Obrigado, Caio. Como você está? — O Marcos perguntou mostrando um interesse sincero.

— Levando. Perdi o emprego há três meses e desde então tenho procurado por outro, entregando currículos, mas até agora nada.

— Faz tempo que estou tentando falar contigo, cara — Eu disse.

— Tive que vender o celular e não estou indo à lan house, para economizar. Tenho que pagar o aluguel da quitinete e as contas não respeitaram minha situação de desemprego, continuam chegando.

— Volta pra Prado, Caio. Não tem porque você continuar aqui.

— Aqui tem mais possibilidade de conseguir um trabalho do que lá, Wes. A cidade aqui é grande.

— Olha, deixa eu te contar uma coisa, eu comprei o antiquário onde trabalhava.

— Comprou? Puxa, parabéns. Que Deus te abençoe.

— Amém. E eu ia gostar muito se você topasse trabalhar comigo lá, mesmo que seja só até encontrar algo melhor. Eu moro lá, tem uma casa nos fundos e um espaço no segundo andar que daria certinho pra você. Bora lá, Caio.

— Eu não sei... — Ele coçou a barba, pensativo.

— Caio, se você continuar aqui, a tendência é que isso vire uma bola de neve — O Marcos explicou — Aceita a ajuda do seu amigo.

Ele continuou pensando e eu perguntei:

— Você tem ido à igreja? Tem buscado a Deus?

— Quando eu estava trabalhando quase não tinha tempo de ir à igreja, minha vida espiritual até deu uma caída, sabe? — Caio baixou a cabeça e continuou: — Quando perdi o emprego, a ficha caiu. Eu estava colocando Deus em segundo plano, esquecendo que sem Ele não tenho nada, não sou nada. Mas eu me consertei com o Senhor, estou enfrentando esse deserto, mas vou vencer.

— Será que não foi Deus que nos mandou aqui, Caio? — perguntei — Vem com a gente.

Ele pensou por mais alguns minutos, fechou os olhos, visivelmente orando em seus pensamentos, e por fim disse:

— Ok, vamos voltar.

Batemos as mãos e o Marcos fez sinal de positivo. Eu estava muito feliz em ter meu amigo de volta.

Já era por volta das nove da noite quando chegamos à nossa cidade, e nosso antigo líder nos convidou a jantar no Rancho com a Victoria e os meninos. A gente não recusaria aquela comidinha caseira por nada. Depois ele nos trouxe de volta e eu e o Caio ficamos um tempo conversando na praça central. Ele olhou para o outdoor que tinha o anúncio inútil do único pet shop da cidade. Inútil porque não havia concorrência, nada ali tinha concorrência, o que nos fez rir.

— Lembrei de nós quatro diante desse outdoor — Ele disse, ainda rindo — Vendo o “começo do

fim” da Priscila. Tenho visto o que ela anda fazendo na TV.

— Tá virando noveleiro agora, rapaz?

— A novela eu só vi uma vez, não consegui assistir mais de três minutos. Mas no meu horário de almoço no refeitório da firma ou na lanchonete, a TV sempre estava ligada no programa de fofocas. Festas, compras milionárias, brigas, escândalos, especulações sobre namorados... a Priscila está nadando de braçadas na lama da fama.

— É uma pena. Mas um dia ela vai cair na real e não vai demorar.

— Puxa, você falou com uma convicção assustadora. Parece até que sabe de alguma coisa.

— E sei. Sei que Deus não desiste de ninguém.

— E a Pâmela e o Thales? Estão pensando em se casar?

— Só se for com outras pessoas, porque eles terminaram.

Caio me olhou incrédulo e arregalou os olhos.

— Por essa eu não esperava, Wesley.

— Olha, melhor não esperar nada de ninguém, as pessoas nos surpreendem. E sabe que às vezes surpreendem de um jeito bom?

— Caio? — Reconhecemos a voz mansa da Pâmela e quando olhamos, ela aproximava-se com um pequeno pacote em mãos e um olhar duvidoso. — Caio? Não acredito! Que bom te ver!

Ele sorriu timidamente e pareceu sem graça por não estar muito apresentável com aquela barba e a magreza.

— Oi, Pâmela... Bom te ver também... O que faz na rua uma hora dessas?

— Fui à farmácia, meu pai não está muito bem e comprei um analgésico. Veio visitar o Wesley?

— Não, eu... vim pra ficar. Vou trabalhar com ele no antiquário.

Um sorriu para o outro e eu tive vontade de sair dali para deixá-los resolverem tanta coisa que já deveriam ter resolvido.

— A propósito, parabéns pela aquisição, Wesley — Ela disse, fazendo uma mesura.

— Obrigado.

— Bom, eu vou indo, meu pai está esperando. — Ela olhou para o Caio sem esconder o sorriso. — Fiquei muito feliz em saber que voltou, de verdade.

Ele deu apenas um risinho com o canto dos lábios e ela se despediu de nós. O Caio ficou olhando a Pâmela partir e eu fiquei olhando para a cara de bobo dele, que disse:

— Que Deus me ajude a tomar as decisões certas. Já errei muito na vida, Wes.

— E quem não erra que atire a primeira pedra. Temos que aprender com os erros e não mais cometê-los.

Fomos caminhando para casa e eu aproveitei para contar sobre meu breve namoro com a Natália. Eu também errava como qualquer ser humano, mas estava consciente do meu esforço em querer melhorar.

Priscila:

A notícia da morte do Ivo me abalou profundamente, principalmente quando o Ronnie me disse que ele estava assistindo à festa de lançamento do nosso filme quando resolveu escrever uma carta alegando sua frustração em não estar fazendo tanto sucesso quanto nós. Em seguida resolveu acabar com tudo. Ronnie me abraçou, tentando me acalmar, mas eu só conseguia chorar e soluçar.

— Pri... calma... vai ficar tudo bem.

— Eu... eu... podia ter feito alguma coisa... e não fiz — falei, com a voz embargada e com meu rosto escondido nele.

— O que você podia ter feito? Ninguém podia impedir.

— Eu podia ter falado de Jesus pra ele. Quando a gente conversou na festa até pensei em falar, pensei em um versículo, João 3.16, mas não falei, não falei.

— Jesus? O que Ele poderia fazer pelo Ivo?

— Preencher o vazio dele.

— Mas quando você tá mal, quando sente um vazio, é a mim que procura. Não é?

Eu me afastei dele, sentindo repugnância, não só pelo que falou, mas principalmente por saber que era uma dura verdade.

— Me deixa sozinha, Ronnie.

— Mas...

— Por favor, quero ficar sozinha.

Ele saiu do quarto, eu me afoguei nas minhas lágrimas e em seguida tomei uns remédios para dormir que estavam na gaveta ao lado da cama. Não queria acordar nunca mais.

Capítulo 30

Wesley:

No dia seguinte, no horário do almoço, perguntei ao Caio se ele gostaria de ir à barbearia, estava precisando.
— Até gostaria, Wes. Mas o dinheiro que tenho vou ter que economizar.

— Eu pago, Caio. Sei que a situação está difícil, quero ajudar.

— Puxa, cara, estou envergonhado. Não queria incomodar, mas preciso mesmo melhorar minha aparência. Muito obrigado.

— Que isso, vamos lá. Temos que voltar antes das duas horas para reabrir o antiquário.

Ao chegarmos à barbearia, o Caio ficou impressionado com a reforma. O local estava bem mais moderno e sofisticado por causa do patrocínio da Priscila. Pâmela nos recebeu alegremente e informou que o pai não estava, ele quase não trabalhava mais e deixou a gerência nas mãos da filha, que supervisionava dois funcionários.

Quando o Caio informou a que tinha ido, ela dispensou ambos para o almoço e disse que faria o trabalho pessoalmente. Percebi que meu amigo engoliu seco, enquanto eu me sentei em um banco de espera e peguei revistas para folhear. A Priscila estava presente na maioria delas, em fotos tiradas na festa de lançamento do filme.

Pâmela e Caio conversavam amigavelmente enquanto ela fazia a barba e o cabelo dele, a tensão inicial havia passado e um contava ao outro o que fizeram da vida no tempo em que estavam distantes. Quando ela terminou o trabalho, Caio elogiou e se levantou da cadeira. Eu fiz o mesmo e paguei pelo serviço, deixando-a intrigada. Então ele se explicou:

— O Wesley está me ajudando, Pâmela. As coisas não estão fáceis ultimamente, mas Deus me deu um amigo mais chegado que um irmão.

— Sinto muito, Caio. Mas o Wesley realmente é um amigo de verdade. Só me responde uma coisa: por que você foi embora daquele jeito tão repentino? Aqui tinha seu emprego, sua igreja, seus amigos... Por que quis sair daqui?

Ele olhou bem para ela e eu fiquei apreensivo. Caio sempre foi uma pessoa transparente, o que será que ia responder?

— Porque eu te amo, Pâmela.

— É o quê? — Ela pareceu em choque e até eu levei um baque.

— Eu não queria correr o risco de querer ter o que era de um amigo meu. Pelo bem da minha consciência resolvi me afastar e sufocar qualquer sentimento por você.

— E sufocou?

— Sim. Mas quando soube que você e o Thales não estavam mais juntos, e quando vi a claridade do seu sorriso de novo... parece que algo ressuscitou.

A Pâmela estava confusa, mas na expressão de seu rosto a confusão pendia para a felicidade. O Caio continuou:

— Estou orando. Se isso for de Deus, vai dar certo. — Ele piscou um olho para ela. — Vamos, Wesley? Temos que trabalhar.

— Vamos. Tchau, Pâmela.

Ela apenas acenou e ficou parada, pensando. Nós saímos e eu bati nas costas do Caio, parabenizando sua sinceridade.

Priscila:

Os eventos de lançamento do filme eram muitos, em várias capitais do Brasil, e nós tínhamos que cumprir a agenda. Parecia que só eu me lembrava do Ivo; a Manu, a Janaína, o Roger e o Ronnie sequer falavam dele.

Eu estava tentando ficar mais tempo sozinha, ficava no alto do meu prédio observando o movimento louco de São Paulo e pensando em como o Ivo poderia ter se sentido. Eu conseguia entender. Só não fazia uma loucura porque pensava que, com a minha índole, iria direto para o inferno. Será que ele estava lá? Eu não conseguia parar de pensar.

Já no meu apartamento, depois de muito tempo refletindo no alto do prédio, o porteiro anunciou que a Manu estava subindo, ela era a última pessoa que eu queria ver. Entrou com aquele ar de superioridade detestável que a cada dia me irritava mais e se sentou.

— O que foi, Manuela?

— Lembra que eu disse que você ia ter um namorado? Pois bem, está na hora de conhecê-lo.

— Não quero.

— Eu perguntei se você quer? É um acordo lucrativo para ambas as partes. A atriz jovem e promissora e um dos maiores esportistas do Brasil.

— Esportista? Quem?

— Nickolas Barone, campeão nacional de surfe.

Pensei um pouco, revirando meus arquivos mentais.

— Bom, ele até que é bonitinho, mas não estou com cabeça para namorar, Manu. É sério.

— Priscila, olha bem pra mim. — Ela me encarou e não havia nenhum resquício de compreensão em seus olhos pretos. — Você é uma pessoa pública e eu sou a dona do seu sucesso, sua vida me pertence. Quer continuar rica, famosa e desejada? Então apenas me obedeça, sua única resposta deve ser sempre sim, sim, sim. Como na primeira vez que conversamos, lembra? Você era bem mais fácil de lidar.

Eu lembrei daquele dia fatídico com ela e o Dudu. O dia em que entreguei minha alma a Manuela Gardin. Queria manter minhas conquistas, mas não àquele alto preço. Aquilo me sufocava de um jeito que eu temia não aguentar a pressão. O Ivo não aguentou.

Capítulo 31

Wesley:

Naqueles dias houve um feriado e o Caio aproveitou para ir visitar o Thales e o Douglas, afinal, tínhamos que ter consideração por eles, já que praticamente crescemos juntos no Rancho. Ele me disse que voltaria logo para almoçar comigo e adiantar alguns trabalhos do antiquário, que estava fechado.

Fiz o almoço, estava aprendendo a cozinhar com a ajuda de receitas: arroz, feijão, salada, carne de panela com batatas e suco de laranja. Esperei por horas e nada do Caio, e para piorar, ele não tinha mais celular, conforme nos contou. Almocei e fui para a calçada do antiquário ver se tinha algum sinal dele. Foi então que vi passar uma família que frequentava a igreja e era ajudada pelos membros, devido à condição difícil do pai desempregado, esposa que vendia materiais recicláveis e os três filhos pequenos.

Como havia feito bastante comida, os convidei para almoçar, com certeza não era sempre que tinham comida em abundância ou que alguém os convidava para alguma coisa. A família aceitou feliz o meu convite, comeram e se fartaram, principalmente as crianças.

Quando foram embora, pensei em ir até a casa dos rapazes saber qual o motivo da demora do meu amigo, mas achei que seria mal interpretado pelos outros dois. Então fui à lan house e, ao entrar no Orkut, vi as fotos recém-postadas de Caio, Thales e Douglas fazendo um churrasco. Fiquei um tanto desapontado com o Caio, ele poderia ter pegado o celular de algum deles e me avisado que não iria mais almoçar em casa. Já o Thales e o Douglas, pareciam ter me excluído de vez de suas vidas. Voltei para casa, o Caio já estava lá e me perguntou:

— Oi, Wes, onde você estava? Por que não foi lá na casa dos rapazes?

— Ué, porque não fui convidado.

— Mas como não? Eu pedi para o Thales te ligar avisando do churrasco, ele disse que ligou e que você chegaria em quinze minutos.

Eu sorri com indignação.

— Ele te enganou, Caio. Não me ligou, não falou comigo. Eu fiquei te esperando para o almoço, como não veio, almocei e dividi o rango com uma família que precisava.

— Grande Wesley... sempre pensando nos outros.

— Foi uma ideia que surgiu quando os vi passando aqui em frente.

— Então, e os rapazes insistiram tanto para eu ficar para o churrasco deles, por isso pedi que também te chamassem, só estávamos nós três lá. Foi mal.

— Sem problema. Eu vi as fotos no Orkut.

— Pois é, acredita que estão deixando as contas para pagar um computador que compraram?

Balancei a cabeça em negação, eu e ele sentamos nos sofás para continuar a conversa:

— Sabe, Caio, eles te enganaram porque na verdade não fazem questão da minha presença. A gente pensa diferente em muitas coisas e eu não vou negar minha Fé só para agradar a eles.

— Eu percebi mesmo que eles estão estranhos, sabe? Em nenhum momento falaram nada sobre Deus ou a Fé. O Thales disse que você jogou a Pâmela contra ele e o Douglas era só elogios para a Kimberly, que deve estar iludida, pobrezinha. Eu vim embora o quanto antes, não estava gostando do andamento das conversas. Só não vim antes porque achei que você iria lá.

— Vamos orar por eles, Caio.

Alguém tocou a campainha nesse instante.

— Quem será? — perguntei — Você colocou a plaquinha de fechado na vitrine?

— Coloquei. Deve ser algum conserto de emergência. Vamos lá ver.

Fomos até o antiquário e pela porta de vidro já pude avistar a Pâmela. Abri e ela nos cumprimentou sorrindo. Usava um vestido de estampa floral e o cabelo preso em rabo de cavalo.

— Oi, Wesley. Oi, Caio, está ocupado?

— Não... — Ele olhava impressionado para ela.

— Bom, eu também orei e... vim te convidar para ir até a igreja, pedir ao pastor que ore por nós e nos dê alguns conselhos sobre… namoro. — Um sorriu para o outro. — E pedir que nos dê alguns puxões de orelha, se preciso.

Caio tapou as orelhas, brincando, fazendo a Pâmela rir. Ela continuou:

— Quero lutar com você, pra gente crescer junto, em tudo.

— Claro, claro. Então você aceita namorar comigo, Pâmela?

— Ainda tem dúvidas?

Caio sorriu, de orelha a orelha, e em seguida olhou para mim, dizendo:

— Vou lá, Wes. Volto logo.

— Que isso, levem o tempo que quiserem, o trabalho pode esperar. Vão na Fé. Deus abençoe vocês.

Fiquei olhando para os dois, seguindo seu caminho. Eu tinha certeza que eles tinham aprendido

com os erros e que se ajudariam muito dali em diante.

Priscila:

Liguei para o Ronnie e marcamos de nos encontrar na casa dele naquela noite. Tinha que aproveitar meus últimos dias de liberdade caso realmente começasse a namorar. Quando ele atendeu a porta, fui logo me jogando em seus braços.

— Ronnie, que saudade de ficar com você.

— Entra, Pri. Também estava com saudade. — Ele fechou a porta e me abraçou novamente. — Está melhor?

— Estou. Vida que segue. — Fomos para o sofá, onde ficamos abraçados. — Mas talvez essa seja nossa última noite juntos. A Manu quer me apresentar a um cara, é um acordo de marketing, talvez a gente comece a namorar.

— Vocês vão namorar, não casar. — Ele sorriu maliciosamente, fazendo com que, por um instante, eu cogitasse aceitar o que estava me propondo de forma subliminar.

— Se a gente namorar, eu vou ser fiel a ele, Ronnie. Não é do meu feitio trair.

— Uau, que mocinha íntegra. Isso está me deixando super animado para aproveitar essa noite.

— Acho bom mesmo. Posso fazer uma pergunta?

— Manda ver.

— Todo agente é assim como a Manu?

— Não, nem todos são exploradores como ela. Mas não podemos negar que ela sabe alavancar nosso sucesso, já que com cada um usa uma estratégia diferente.

— As piores estratégias ficaram pra mim. Deve ser algo pessoal.

— Priscila, você é uma garota do interior, cresceu numa igreja, com um pai rígido, não tinha a malícia das meninas daqui, por isso essas coisas te assustam. Mas olha só a Stefany, por exemplo. Ela quase não precisa da Manu, é ardilosa e dá seus pulos.

— Como assim?

— Muitos bons papéis que ela conseguiu foi porque se envolveu com diretores ou produtores. Nem todos topam essas paradas, mas a Stefany conhece bem os que topam e faz lá as suas negociações.

— Eu jamais me prestaria a um papel desses.

— Você percebeu que anda fazendo muitas coisas que jamais faria? Um dia ela também pensou como você, um dia ela também foi uma adolescente cheia de sonhos que só queria ser reconhecida sem fazer mal a ninguém. Mas a gente vai mudando aos poucos, uma regra quebrada aqui, outra ali, quando nos damos conta, somos iguais a todos aqueles que tanto criticamos.

Me soltei do abraço e o encarei:

— Ronnie, você tem o coração bom, é tão inteligente e educado... Se acreditasse em Deus, se deixasse esse monte de mulheres que se envolve, seria uma das pessoas mais iluminadas que conheço. Não estou dizendo isso como crítica, porque estou no mesmo barco que você.

— Eu ainda tenho uma desculpa, eu não acredito e nunca acreditei, também não pretendo acreditar porque gosto de viver a vida com minhas próprias regras. Já o seu caso é bem pior, Priscila. Você diz que acredita, mas suas atitudes não mostram isso, eu não te entendo.

Eu o abracei novamente, tentando fugir da verdade.

— É porque eu já estou perdida, não acho que Deus vá me perdoar, justamente por isso, conheço a verdade e vivo na mentira. Então, já que estou perdida mesmo, melhor ir vivendo um dia após o outro sem pensar muito nessas coisas.

— Agora faz um pouco mais de sentido.

— Chega desse assunto, Ronizito. Quero aquele beijo bem gostoso.

— Pois não, alteza.

Eu estava desenvolvendo a capacidade de colocar em segundo plano qualquer pensamento que ameaçasse colocar em risco todas as minhas conquistas. Tudo o que eu queria era continuar contemplando a vista solitária do topo da montanha, mesmo que já não houvesse mais a empolgação da subida.

Capítulo 32

Wesley:

Quando o Thales ficou sabendo que o Caio e a Pâmela estavam namorando, cortou relações de vez com a gente e sequer nos cumprimentava, ignorando completamente nossa presença em qualquer lugar. Ainda assim, orávamos por ele e pelo Douglas, que só se dirigia a nós se o Thales não estivesse por perto.

O aniversário do município estava se aproximando e naquele ano o prefeito resolveu inovar: abriu uma eleição para que a população elegesse a personalidade mais ilustre, que em uma solenidade no feriado iria receber a chave da cidade. Os candidatos eram: o Marcos, por todo o serviço que prestava no Rancho há anos; o pastor, por seu trabalho voluntário que ajudava de modo espiritual e físico às pessoas carentes; o pai do Michel, Francisco Rosenberg, porque era o patriarca dos Rosenbergs; e pasmem, Priscila Silver, porque... era Priscila Silver.

Havia urnas nas repartições públicas e escolas, não se falava em outra coisa na pequena cidade, já que alguns indicados eram tão polêmicos. Eu, o Caio e até mesmo a Pâmela, votamos no pastor. Ela disse que os pais já dariam seu voto a Priscila e que portanto faria o que achava mais justo.

— Se a Priscila vencer, vai vir aqui receber o prêmio, Pâmela? Depois de tanto tempo sem aparecer? — perguntei, despretensiosamente.

— Não acho que ela será eleita. Mas caso sim, é provável que venha, afinal, já são cinco anos fora, não é?

Eu fiquei pensando. Gostaria de ter uma oportunidade de falar com a Priscila. Gostaria de dizer a ela que ainda dava tempo de se voltar para Deus, Ele me cobrava para fazer isso. Apesar de ter tido uma experiência ruim com o Thales e o Douglas, que viam meus alertas como demonstração de superioridade, queria me arriscar a ajudá-la.

Priscila:

Manu e Janaína me levaram a uma festa em uma ilha de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, para conhecer meu pretendente. Falando assim, parecia que eu era uma donzela do século XIX, mas de donzela eu não tinha nada.

Esperava por muita agitação e música eletrônica, mas a festa na praia foi ao som de reggae e em volta de uma fogueira, com muitos surfistas. Eu usei um vestido branco e uma tiara de flores no cabelo solto, a Manu disse que iria impressionar o Nickolas se aderisse a um estilo mais natural.

Ele era loiro, bronzeado e alto, estava de bermuda e camiseta conversando com outros surfistas quando me viu chegar. Reagiu como todos sempre reagiam e não tirou os olhos de mim, até que se aproximou.

Minha agente e a assessora nos deixaram sozinhos e fomos para perto da cabana de bebidas. Não importava o estilo da festa, álcool sempre estava presente em todas. Ele serviu a nós dois com taças de sangria e ficava me olhando com cara de bobo.

— Tu é bonita, menina, fala sério. Te vi na TV e no cinema, mas pessoalmente tu é demais.

— Obrigada. E aí, o que você faz além de surfar?

— Bom, nas horas vagas assisto umas manobras, jogo vídeo game, assisto minha coleção de episódios do Pica-Pau…

Eu ri, pensando que ele estava brincando, mas quando o Nickolas não riu de volta, perguntei a mim mesma se deveria me preocupar.

— Pica-Pau? É sério, cara?

— É. Vai dizer que não conhece? — Ele levantou a camiseta e mostrou a tatuagem com o personagem no tórax. Também era um pretexto para se exibir.

— Claro que conheço.

— Sou fã desde criança. Já viu o episódio das cataratas do Niágara?

Quanta falta eu estava sentindo do Ronnie...

— Vem cá, qual sua idade?

— Dezessete. E já sou campeão nacional de surfe, agora busco o mundial.

— O quê? Só dezessete? Você é menor de idade?

— Pois é, e já sou campeão. Sou emancipado e faço dezoito no mês que vem.

— Não estou impressionada com seus prêmios, garoto. Sabe qual é minha idade? Vinte e três, sou seis anos mais velha que você!

— Nem parece, eu te dou dezesseis — Ele estava tentando me enrolar. Se fosse para mentir a idade eu jamais diria que tinha dezesseis, uns vinte talvez.

Respirei fundo, indignada, pedi que me esperasse por um minuto e fui até a Manu, que bebia, ria e se divertia com a Janaína e outras pessoas. Peguei no braço dela e a tirei do meio deles:

— Olha aqui, se eu quisesse uma criança iria procurar na creche. Esse garoto não tem nem dezoito anos e está me falando sobre desenhos animados e vídeo game. Poxa, Manu, é claro que não vai dar certo.

— Ah, dá uma chance pra ele, Pri. Daqui um mês ele já é maior de idade e sua imagem vai estar bombando para novos contratos. Tudo vai valer a pena. Vai lá e divirta-se.

Ela virou o meu corpo na direção do Nickolas e me empurrou de leve. Pensei um pouco e respondi, desanimada:

— Ok, vou tentar.

Voltei para junto do surfista e ele continuava me olhando impressionado, às vezes aquilo era irritante. Às vezes parecia que as pessoas se perdiam de tal forma olhando pra mim que sequer prestavam atenção no que eu falava e muito menos no que sentia. Eu queria gritar e lembrar a todos que havia uma alma habitando aquele corpo, mas na verdade, pensar nisso me apavorava. Qual seria o destino final dessa alma?

— Pronto, Nickolas, voltei.

— Ah, corta essa de Nickolas, pra você eu sou apenas o Nick.

— Certo, Nick... É... você deve viajar muito por causa dos campeonatos, não é?

— E como! Conheço praias do mundo inteiro, inclusive as mais badaladas: Ibiza, Kokomo, Honolulu...

— Uau. Eu iria amar conhecer esses lugares com você.

— Então, já que você não está gravando atualmente, podia ir comigo semana que vem para a Austrália.

Meu coração disparou. Talvez não fosse tão ruim assim ficar com aquele garoto. Talvez minha mãe estava certa quando disse que tinha que tirar mais proveito daquela realidade.

Capítulo 33

Wesley:

A semana de festividades pelo aniversário da cidade começou e a população estava animada. Na exposição agropecuária eu e o Caio levamos alguns itens em madeira para expor e realizamos ótimas vendas.

Os alunos das escolas se revezaram em apresentações de música, dança e teatro na praça central, mas todos estavam ansiosos mesmo era pelo feriado, onde após o desfile da banda marcial e discurso do prefeito, seria anunciado o nome do cidadão ilustre que receberia a chave da cidade. Eu fui com o Caio e a Pâmela até a praça, onde a banda marcial já se apresentava. De longe, vi o Thales bebendo com rapazes que eu não conhecia.

— Não estou acreditando... — Eu disse, olhando a cena, negativamente impressionado.

— O que foi, Wesley? — perguntou o Caio, procurando ver o que havia chamado a minha atenção. Ele e a Pâmela viram o mesmo que eu e ficaram pasmos.

— Eu vou lá falar com ele — falei, dando os primeiros passos na direção do Thales.

— Não, Wes. — O Caio me segurou. — Melhor não, ele está com amigos, está bebendo, vai te destratar.

— Mas como pode? O que o Thales tem na cabeça? Meu Deus, o que está acontecendo com as pessoas? Por que esse desprezo com a Palavra? Eu estou triste com isso, de verdade.

— Nós também, pode acreditar — disse a Pâmela, balançando a cabeça enquanto o via virar canecas de chopp — Mas ele está escolhendo isso, Wesley. O Thales conhece a verdade, tem que decidir o que vai fazer a respeito disso.

— Parece que já decidiu — completou Caio, também abismado com o que via.

Douglas e Kimberly se aproximaram de nós, de mãos dadas.

— Oi, gente — disse ela — Parece que vocês já viram o Thales.

— O que houve com ele, Douglas? — perguntei, encarando-o e ansioso pela resposta.

— A gente discutiu. Depois que você saiu de casa as contas viraram uma bagunça, aliás, tudo virou uma bagunça. E eu vi que essa rebeldia dele estava indo longe demais, a Kim me ajudou a enxergar melhor algumas coisas, conversou comigo e me abriu os olhos. Inclusive, te devo um

pedido de desculpas, Wesley. Eu sempre soube que você só queria o nosso bem, só queria fazer as coisas certas, mas... fui um fraco, sem personalidade.

— Sem problema, Douglas. Busque a Deus enquanto se pode achar, com todas as forças.

— Sim, preciso mesmo acordar pra vida.

— Onde você está morando?

— Lá na mesma casa, sozinho. Foi ele que saiu de lá e se juntou com esses caras, alguns já foram do Rancho. Parece que cada dia fica numa casa diferente.

— Que situação... — disse o Caio — Seria tão mais simples dar o braço a torcer e ser humilde diante de Deus. Falo por experiência própria.

— Pois é — respondeu o Douglas, dando uma olhada na direção daquele Thales bêbado — Bom, eu e a Kim estávamos indo comprar pipoca. A gente se vê na igreja, pessoal. Tchau.

Eles acenaram e saíram, minutos depois notei que o Thales também já não estava mais por lá com seus amigos. Ficamos assistindo à banda, até que avistei de longe a Natália com um rapaz. Numa cidade pequena e em um feriado como aquele, todo mundo acabava se encontrando. Ela viu a Pâmela e por isso aproximou-se de nós com seu acompanhante:

— Oi, Pam. Oi, Caio. Oi, Wes. Como vão? Esse é o meu noivo, Flávio.

— Prazer, Flávio — disse a Pâmela — A Nat fala muito de você.

— Espero que fale bem. — O rapaz moreno nos cumprimentou com simpatia e eu estava surpreso, sempre via a Natália sozinha na igreja. Quando passei a prestar atenção na conversa, entendi o porquê:

— Eu moro em Porecatu — dizia o Flávio — A Natália já foi lá com os pais algumas vezes, já que tem parentes na cidade, mas eu ainda não tinha vindo aqui. Quando a gente se casar, e vai ser logo, vamos morar lá.

Eu fiquei realmente feliz pela Natália, que também parecia estar feliz. Ela merecia tudo de bom que estava acontecendo em sua vida. Não nego que achei tudo muito apressado, mas de coração eu esperava que, ao contrário do que aconteceu com a gente, que aquele relacionamento não fosse algo precipitado. Quando eles saíram, comentei com o casal que estava comigo:

— Quem será que vai ganhar a chave da cidade, hein, gente?

— Adivinhem... — disse a Pâmela, fazendo suspense e levando eu e o Caio a encará-la.

— Não me diga que é a sua irmã? — Ele perguntou, um tanto incrédulo.

— Você está dizendo... — Ela respondeu, fazendo piada da situação.

— Peraí, então ela está na cidade? — perguntei e, sem querer, senti um inexplicável frio na barriga.

— Ela ganhou, mas não pôde vir. Mandou uma representante, a assessora dela, que chegou hoje

cedo na casa do prefeito.

— O que o povo dessa cidade tem na cabeça? — perguntou o Caio — Preferiram votar na Priscila do que no pastor ou no Marcos? Fala sério...

— E os seus pais, Pâmela? — perguntei — Não os vi por aqui.

— Foram passar o feriado no sítio em Ponta Grossa. Estão aproveitando bem os presentes da Priscila.

— E pra você? Ela também te dá presentes?

— Sim, Wesley, mas não ligo para essas coisas, gosto de simplicidade. — Ela abraçou o Caio e falou mais baixo, exibindo a bolsa que trazia junto de si — Isso aqui custou quatro mil e quinhentos reais, caso precise, vou vender e guardar para o nosso casamento, não é, Caio?

— Ah, é? Fiquei sabendo agora, cuidado para essa bolsa não cair nas minhas mãos — Ele brincou.

Eles gargalharam e eu forcei um sorriso, aliviado por saber que a Priscila não estava na cidade. Estava planejando falar com ela, mas agora, com essas últimas informações, me senti despreparado.

Priscila:

A Janaína me ligou e me xingou por tê-la mandado na missão de receber a chave da cidade. Disse que minha terra natal tinha cheiro de esterco e que havia poeira até em seu cérebro. Muito exagero da parte dela, que também afirmou que foram as piores quatro horas de sua vida. Ao menos eu me vinguei e me diverti um pouquinho. Também gostei de saber que o povo de Prado Ferreira me amava, apesar de eu ter falado algumas asneiras na revista tempos atrás.

Eu estava me preparando para ir para a Austrália com o Nick. Nada de pé vermelho, plantações de soja, Paraná. Eu ia para a terra dos cangurus, do outro lado do mundo. Já havia feito viagens internacionais por causa do filme, mas aquela, a passeio, era especial.

Nos hospedamos em um hotel luxuoso em Sidney, e quando ficamos sozinhos no quarto, fiquei um tanto apreensiva. O Nick era bonito e atlético, aparentava bem mais que sua idade, mas eu não sentia atração por ele. Não tanto quanto sentia pelo Ronnie. Nunca pensei que conteúdo fosse tão importante, já que naquela minha realidade, aparência era tudo. No entanto, como o Ronnie disse, às vezes a gente faz coisas que jamais pensou que faria. Eu fiquei com o Nick de um modo simplesmente físico, sem o mínimo envolvimento emocional, sem conversa, sem olho no olho. Com o Ronnie não haviam sentimentos louváveis ou puros, mas pelo menos havia alguma empatia, alguma troca, comunicação.

Eu estava me sentindo mal. Dois homens já haviam me possuído e eu não era casada com nenhum. No fundo sabia que estava entristecendo a Deus e aquilo me dava uma certeza que Ele já havia desistido de mim. Então, já que estava ferrada mesmo, era melhor manter ao menos o status.

No dia seguinte, fomos ao zoológico conhecer os cangurus e depois o Nick me levou a uma praia

particular, onde passeamos em um veleiro e mergulhamos em águas cristalinas. Quando estávamos sentados na parte rasa do mar, ele começou a imitar golpes marciais de desenhos que assistia e fingir que lutava comigo. Acabei entrando na brincadeira, caí por cima dele e nos beijamos. Talvez pudesse surgir uma amizade entre nós, quem sabe?

No outro dia, fomos até Melbourne, onde o Nick disputaria o campeonato de surfe e encontraria o técnico e a equipe. Foi nossa primeira aparição pública juntos. Ele não venceu o campeonato, mas seu empresário ligou dizendo que estávamos bombando no Brasil. A Pâmela também me ligou quando soube da notícia:

— Por que não me contou que estava namorando?

— Eu fui uma das últimas a saber que estava namorando. E você e o Caio, estão bem?

— Sim, graças a Deus.

— O pai e a mãe gostaram dele?

— Não deram importância. Passam mais tempo no sítio em Ponta Grossa e nas festas em Curitiba. Fico a maior parte do tempo sozinha aqui.

— Eu nunca imaginei que isso seria possível... Bom, mas vamos falar de coisas boas. Lembra do DVD do Youth Alive que eu te dei quando fui embora de casa?

— Claro que lembro. Era seu preferido.

— Pois é, e eu estou na Austrália, onde shows deles são tão comuns quanto arroz e feijão no Brasil. Convenci o Nick a me levar em um. — Bati palminhas nervosas, me sentindo adolescente de novo.

— Sério? E ele quis ir em um show gospel?

— Não teve escolha. É um pagamento por eu ouvir aqueles reggaes dele o dia todo. Compramos bonés e óculos para ir, mas acredito que ninguém lá vai conhecer a gente, o Nick no caso, aqui eu não sou ninguém, ainda mais por ser um show cristão.

— Que bom, Pri. Espero que Deus toque em você de alguma forma.

— Quem sabe?

No show nós nos divertimos muito, o Nick pulou bastante e me fez pular também. O lado bom dele ser adolescente é que sabia aproveitar bem essas situações. As letras das músicas me fizeram sentir saudade da igreja e de quando eu tinha apenas dezessete anos, como ele. Por um momento, bateu uma vontade de voltar no tempo e fazer tudo diferente. Ficar conversando na calçada com a Kim, ajudar meu pai na barbearia, aprender a cuidar da casa com a minha mãe, brigar sem motivo com a minha irmã, acordar cedo no domingo, ir à igreja, sentar nas primeiras fileiras sem atrasos. Tudo parecia tão distante que era como outra vida.

No dia seguinte, estávamos arrumando as malas, quando a Pâmela me ligou e eu tinha certeza que era para perguntar sobre o show. Porém, quando atendi, ela chorava tanto que mal conseguia falar e passou para o Caio. Eu já estava em desespero:

— Alô! Caio! Alô! O que houve, Caio?

— Priscila, calma... É... o seu pai.

— O que tem o meu pai? — Eu já estava chorando, Nick aproximou-se e segurou minha mão.

— Ele... ele faleceu.

— O quê? Caio, não diz uma coisa dessas, não pode ser verdade... — Sentei na cama, sem mais sentir o chão sob meus pés. As lágrimas desciam como cascatas e o Nick me abraçou.

— Eu sinto muito, Priscila. Foi lá em Ponta Grossa, mas já estão trazendo o corpo pra cá.

— E minha mãe?

— Também está vindo. A Pâmela pediu ao Marcos e a Victoria que fossem ao encontro dela. Você precisa vir pra Prado também, sua mãe e irmã vão precisar de você.

— Eu vou. Hoje mesmo estou saindo daqui. Obrigada, Caio.

Desliguei, abracei o Nick e chorei até a cabeça doer. O medo tomou conta de mim, contra aquilo eu não podia lutar. Pretendia não voltar à minha cidade nunca mais, mas havia esquecido que não tinha essa soberania toda sobre a vida.

Capítulo 34

Wesley:

A Pâmela e a dona Regina pareciam inconsoláveis no funeral. Estavam presentes o pastor e a esposa, Marcos, Victoria, os meninos do Rancho, Kimberly, seu Elton, Douglas, Natália, Michel. Alguns parentes de outras cidades e conhecidos do seu Pedro também vieram prestar condolências. O Thales não apareceu. Estranhei a ausência da Priscila e fui até o Caio, que deixou a namorada em companhia da mãe por um tempo:
— Não me diga que a Priscila não vem ao funeral do próprio pai?

— Está vindo, falei com ela agora há pouco, mas é bem provável que não chegará a tempo, pois são vinte e cinco horas de voo da Austrália até aqui.

— Sério?

— Eles estavam em uma escala em Johanesburgo quando conversamos, é uma viagem muito longa.

— Eles quem?

— A Priscila e o namorado, não viu na TV? Aquele surfista... Nick Barone.

— Aquele *garoto*? — Arfei indignado, a Priscila sempre conseguia surpreender negativamente — Bom, melhor eu ficar quieto e respeitar a situação aqui e agora. Hein, como foi que se deu isso com o seu Pedro?

— Infarto. Não conseguiu chegar com vida ao hospital.

— A vida é muito frágil, não é? Pena que a maioria das pessoas não pensa na eternidade.

O pastor reuniu os presentes e leu a passagem de Mateus 6: 19-21, que diz: *"Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam, nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, ali estará seu coração."*

Para quem tivesse ouvidos para ouvir, ali estava a Palavra da Verdade, mais uma vez sendo anunciada. A Priscila realmente não chegou a tempo do enterro e depois soube pelo Caio que havia vindo sozinha, sem o namorado, que a pedido dela, ficou no Rio de Janeiro.

Dois dias se passaram e eu não a vi na cidade. Imaginei mesmo que não ficaria andando pelas

ruas. No domingo à noite, liguei a TV e vi um comercial de batom estrelado por ela. Estava sozinho, o Caio estava na casa da namorada dando apoio à família. Então resolvi desligar e ir dar uma volta.

Já passava das dez horas e, nesse horário, no domingo, a cidade ficava deserta. Fui para a praça central e avistei uma pessoa sentada sozinha, de lado, em um dos bancos, com o rosto voltado para o céu. Reconheci pelo cabelo liso, castanho e comprido que era a Priscila. Pensei em sair correndo antes que fosse visto, mas uma convicção interna me mandava ir lá. Então me aproximei, temeroso, suando frio. Sem querer, lembrava de cenas da novela e do filme, o que piorava meu estado.

— Oi. Incomodo? — perguntei, tentando parecer natural, apesar da minha voz ter falhado um pouco.

Ela me olhou séria, sem ajeitar a postura. Quando derramou o azul daqueles olhos sobre mim, confesso que senti medo. Medo e simples medo, não sabia exatamente do quê, mas fiquei firme e disfarcei.

— Quem é você?

— Wesley. Eu fui um dos meninos do Rancho, você cortou o meu cabelo uma vez, lembra?

— Não. Acha que vou me lembrar de uma coisa sem importância dessas? — Ela revirou os olhos e voltou a olhar o céu.

— Fui eu que entreguei você e o Thales ao Marcos aquela vez no acampamento.

Priscila voltou a me olhar, mais interessada, após ter ouvido algo que lhe pareceu mais relevante.

— Ah, sim, lembrei, o cara certinho. Desculpa, é que você é muito... comum. O que quer?

— Conversar. Te ajudar. — Fiquei feliz comigo mesmo por ter conseguido falar.

— Ninguém pode me ajudar. Ou por acaso você pode trazer meu pai de volta?

Me aproximei mais alguns passos e sentei no chão, aos pés dela. Então disse:

— A morte é irreversível, mas posso te ajudar no que ainda tem conserto.

Ela sorriu com desdém e com dentes tão brancos que iluminaram aquela noite escura. *"Meu Deus, como pode ser tão bonita?"* — Eu perguntava, descobrindo aos poucos o que temia. Temia perder o foco.

— Você nem me conhece, cara — disse, balançando a cabeça em um claro deboche.

— Eu sei muito sobre você.

— Hum... então você é meu fã? — Ela segurou o rosto com as mãos, apoiando os cotovelos nos joelhos e me encarando com um sorriso malvado, que parecia brincar naquela face de beleza fria. Ela sabia exatamente como eu estava me sentindo acuado, sabia que era difícil olhar profundamente naqueles olhos de manequim focados em mim. — Sabe qual é meu prato

predileto, minha cor predileta, qual meu trabalho mais recente, que tipo de homem me atrai, enfim, tudo o que um fã precisa saber.

— Não, não sou seu fã, não. Mas eu sei do vazio que carrega aí dentro. — Apontei para ela com o queixo. — É uma sensação horrível, não é?

Consegui tirar o sorriso do rosto dela, que se encolheu, fugindo dos meus olhos. Por um momento, a Priscila não pareceu mais alguém que, como a boa atriz que era, sabia manipular emoções. Estava frágil e desarmada, ainda que por um instante, o que me levou a crer que havia descoberto seu ponto fraco.

— Estou de luto pelo meu pai, é óbvio que estou triste.

— Você já estava. E isso agora só piora tudo, traz todos os seus temores à tona, evidencia o vazio que você não pode negar, por isso quero te ajudar.

— É Wesley seu nome, certo? — Ela me olhou cheia de revolta. — E qual sua ideia genial para me ajudar, Wesley? Vai me dizer para buscar a Deus, não é? Ele não quer saber de mim. Ele levou o meu pai para me lembrar que estou fazendo tudo errado e que não há conserto.

— Por que diz isso?

— Como Deus vai se importar com alguém que O conhece mas O ignora?

— Olha, essa frase está meio certa e meio errada. — Ela me encarou com dúvidas em todo o rosto. — Você realmente O ignora, mas está errada quando diz que O conhece. Você não O conhece, nunca conheceu, se conhecesse O amaria. Então quero te ajudar a conhecê-Lo.

— Eu cresci na igreja, sei o que está escrito na Bíblia.

— Isso não quer dizer que O conheça.

Ela ficou um tempo me olhando, pensativa, até que disse:

— Preciso ir embora. — Ficou em pé e eu também. — Eu... quer dizer, nada, esquece, preciso mesmo ir embora.

Foi caminhando sem se despedir, percebi que estava atordoada. Então eu disse:

— Eu oro por você todos os dias.

Priscila parou de caminhar, voltou-se para mim e me olhou novamente, franzindo o cenho, incrédula:

— Obrigada, mas não perca seu tempo. Ore por alguém que mereça suas orações.

— Hoje descobri que não é tempo perdido, foi Deus quem me deu essa oportunidade. — Então fui eu que virei as costas e segui caminhando, contendo minha vontade de olhar para trás e ver sua reação.

Priscila:

Cheguei em casa e vi que minha irmã e o Caio estavam se despedindo no portão, abraçados:

— Priscila? Pensei que estava no quarto — Ela disse — Agora essa casa ficou tão grande que a gente se perde um do outro.

— Eu... fui dar uma volta, respirar.

— Que cara é essa? Você parece tensa.

— Nada. — Fingi um sorriso. — Só estava pensando no nosso pai.

A Pâmela conteve as lágrimas e o namorado segurou as mãos dela, dizendo:

— Pam, você já chorou tanto... não aguento te ver triste assim, fico preocupado.

— Vou ficar bem, pode ir, Caio. O Wesley deve estar te esperando.

— Wesley? — perguntei por impulso e ambos olharam intrigados.

— Sim, lembra dele? — perguntou minha irmã.

— É... Mais ou menos. Bom, eu preciso entrar. Boa noite, Caio. Não demora, Pam.

Entrei, tomei banho, coloquei um pijama leve e fui para a cama. Ainda não acreditava que estava de novo na minha cidade, na minha antiga casa. Uma voz na minha cabeça me mandava fugir dali o quanto antes, aquela não era a minha vida, tão sem graça, tão anônima. E ainda tinha tudo aquilo que o Wesley falou, atormentando minha mente também. Nós nunca fomos amigos, eu mal me lembrava dele, por que se importava tanto comigo? Por que orava por mim? Comecei a falar sozinha, meio louca das ideias:

— Deve ser mais um pobre iludido, que olhou para o meu rosto e pensou que eu fosse um ser angelical. Mal sabe ele como sou feia por dentro, monstruosa. Se ele soubesse, correria por três dias seguidos, sem olhar pra trás. Ele deve pensar que sou a mulher dos seus sonhos — gargalhei e me dei conta de que estava realmente parecendo uma doida — Bem que poderia existir alguém que mesmo vendo a minha falta de beleza interior quisesse lutar por mim. — Comecei sonhar acordada e enrolar meu cabelo com os dedos. — Um homem que topasse ficar ao meu lado mesmo que eu não tivesse nada a oferecer. Um herói, que me salvasse de mim mesma. — Olhei pela janela aberta, para as estrelas que nunca mais havia visto. — Mas pessoas como eu não merecem finais felizes, não é, Deus? É por isso que vou voltar pra Sampa e aproveitar o tempo que me resta, aproveitar intensamente.

Capítulo 35

Wesley:

Naquela manhã de segunda, eu estava no galpão do antiquário, serrando algumas madeiras na máquina. O Caio, que estava cuidando da loja, entrou lá e sinalizou por causa do barulho. Desliguei a máquina, tirei os equipamentos de proteção e ele disse:
— Tem alguém aí querendo falar com você.

Tirei um pouco do pó que havia sobre mim e fui, sem fazer ideia de quem era. Então dei de cara com a Priscila, olhando uma prateleira na parte de souvenirs. Ela cruzou os braços e me olhou com um esboço de sorriso, o Caio passou por nós, deu uma olhada transbordando desconfiança e foi ficar no caixa.

— Vi uma placa ali na frente com seu contato e com a informação: "Wesley Gutierrez – o renovador". — Ela sorriu. — Acho que tem tudo a ver com você.

Não soube o que dizer e me senti um trouxa por isso. Ela continuou:

— Eu sei que você pensa que pode renovar a minha vida também, mas eu não pertenço a esse lugar, nem a esse mundo de vocês.

— Eu só espero que você não esteja me interpretando mal. Eu não quero... é... bom, eu sei que você tem namorado, em nenhum momento pensei em... enfim, eu realmente só quero ajudar.

— Não se preocupe, não precisa se explicar. Eu só vim agradecer por se importar comigo e dizer que estou indo embora.

— Embora? Já?

— É. Pra minha casa, minha cidade. Vamos começar a trabalhar em uma nova novela.

Eu não estava entendendo nada do que estava acontecendo. Por que Deus me pedia para orar por uma pessoa que não queria ajuda, que insistia em ficar distante, que tinha o mundo a seus pés e inclusive já era comprometida? Eu, sendo homem, nem deveria ficar falando com ela. E era tão fácil se impressionar que eu me sentia em risco. Será que Deus confiava tanto assim em mim? Se sim, era motivo para ficar feliz e para honrar a confiança depositada.

— Ok, boa viagem, então.

Ela pareceu surpresa com o meu desapego, sorriu sem graça e saiu, despedindo-se do cunhado. Vi que um carro preto e luxuoso a aguardava na calçada e perguntei ao Caio quem era:

— O motorista dela.

— Hum, legal, vou voltar para o galpão, cuida de tudo aqui, por favor.

Dei meia volta e meu amigo me chamou:

— Wesley, espera. — Olhei para ele já fazendo ideia do que ia dizer. — Cara, cuidado. A Priscila não é gente como a gente.

— Do que está falando?

— Bom, pelo jeito vocês tiveram algum tipo de aproximação, mas não deixe ela te enganar. Você é um rapaz simples, humilde, de bom coração, e ela só quer se sentir desejada. Não deixe que ela manipule você.

— Pode deixar, eu estou vigilante. Além do mais, ela foi embora, não é? — Sorri e voltei ao meu trabalho.

No fim da tarde, a Pâmela passou por lá e explicava a nós dois porque a irmã quis ir embora tão rápido:

— Minha mãe contou a Priscila que no momento em que meu pai teve o ataque do coração, estava no computador, vendo notícias. Então viu uma onde dizia que ela posaria para uma revista masculina e, pelo que eu soube, nem é verdade. As duas discutiram, minha mãe acusou minha irmã pela morte do meu pai. — Ela suspirou. — Gente, me ajudem em oração pela minha família, que já foi tão unida e agora está nesse estado.

— Claro, amor, claro — disse o Caio, abraçando-a.

— Minha mãe disse que um dia antes, meu pai comentou que errou com a Priscila, errou em não dar bons exemplos a ela. Ele já estava se sentindo culpado por algum motivo, e ao ver a notícia, acho que tudo piorou. E também estou preocupada com a minha irmã, ela ficou arrasada com a acusação da minha mãe, que falou de cabeça quente.

Eu pedi licença aos dois, fui ao meu quarto, me ajoelhei diante da cama:

— Senhor, por favor, ajude a Priscila, eu intercedo por ela agora. Eu sei que se dependesse de méritos, nós todos estaríamos perdidos. Então não foque Seu olhar nos pecados dela, mas na alma, que precisa da Tua Salvação. Faz acontecer alguma coisa para abrir os olhos dela, por favor.

Priscila:

No caminho para São Paulo, dentro do carro, eu liguei o notebook para procurar a notícia que meu pai havia visto sobre mim. Quando cheguei à cidade, uma das primeiras coisas que fiz foi ir até a casa da Manu, que me esperava em seu jardim de inverno. Sentamos nos bancos, uma de frente para a outra.

— Que história é essa que está rolando na internet que eu vou estar naquela revista? Em nenhum momento eu disse sim.

— A Janaína só disse aos jornalistas que você estava cogitando, se houve algum exagero da parte deles, não podemos fazer nada.

— Se isso já se espalhou, me traz aquele contrato, vou assinar.

— O quê? Eu ouvi direito? Você topou?

— Pois é.

Ela me olhou, surpresa/pasma/feliz já que também lucraria muito com isso.

— O que houve contigo na sua cidade?

— Nada. Meu pai se foi e eu percebi que a gente tem que aproveitar as oportunidades quando surgem. Ou eu vou envelhecer ou morrer, então tenho que ganhar dinheiro e manter meu sucesso agora. E como vou para o inferno mesmo, que pelo menos seja com motivo.

— Puxa, Priscila, às vezes você me assusta. Em alguns momentos parece que ainda é a garotinha que acabou de chegar do interior do Paraná, em outros parece que nem tem um coração batendo aí dentro.

— Às vezes também me assusto comigo. — Esfreguei as têmporas, exausta pelas batalhas na minha mente. — Parece que tem duas pessoas brigando dentro de mim. Mas aproveite esse momento de loucura, porque ele logo vai passar.

— Certo, vou ligar para os empresários e vamos acertar tudo.

Em poucos dias fizemos as fotos, algumas em estúdio e outras numa praia, remetendo ao fato de o meu namorado ser um surfista. De início eu estava muito nervosa, um dos diretores de fotografia até me ofereceu álcool para me deixar mais solta, mas recusei. Então rejeitei tudo o que vinha à minha mente, me concentrei, e estava indo bem, agindo friamente e ignorando qualquer sentimento de pudor, até me lembrar do Wesley dizendo que orava por mim todos os dias. Foi aí que aleguei estar passando mal, mas era tarde. O diretor disse que já havia imagens suficientes para a edição e conclusão do trabalho. Fui para o banheiro e vomitei, com nojo de mim mesma. Parecia que estava perdendo o controle das minhas atitudes e da minha vida.

Naquela noite não consegui dormir, mesmo com os remédios. Sentia um medo inexplicável. Medo do escuro, de ficar sozinha, de morrer, de fechar os olhos e não conseguir mais abrir. Acendi todas as luzes do apartamento, liguei o rádio e a TV ao mesmo tempo para espantar o silêncio, liguei para o Nick, mas ele não atendeu. Sentei na sacada para chorar em paz e ali ver o sol nascer entre nuvens de poluição.

Eu estava ficando louca. Eu tinha medo de terminar como o Ivo. No fundo, não queria nada daquilo, não queria perder minha eternidade, eu sabia que havia uma eternidade. Só queria um sinal de que ainda tinha uma saída pra mim, mas me sentia afundando cada vez mais sem que houvesse alguém para me estender a mão. Por um lado, achava até melhor não dormir, pois os pesadelos monstruosos estavam sendo constantes ultimamente, era como se eu enxergasse o abismo para onde estava caminhando. Eu pensava que se tentasse orar, Deus taparia o nariz com o cheiro da minha oração e que a pureza dos olhos Dele não suportaria olhar pra mim. Então só consegui chorar.

Capítulo 36

Wesley:

No horário do almoço eu estava indo até a autoescola, onde me inscreveria para o curso de habilitação. Encontrei o Douglas no caminho e ele parecia incomodado com algo.
— Está tudo bem, Douglas? Tá com uma cara...

— É, acho que está tudo bem. Estou me superando, entendi o que o pastor sempre diz, que a graça não é libertinagem, eu tenho que fazer minha parte, renunciar minhas vontades e me desviar do mal.

— Fico feliz por você. Mas aconteceu alguma coisa específica?

— É que... acabei de passar em frente à banca do Jeferson. A revista da Priscila chegou e tem um monte de caras indo lá comprar. Sabe, eu até pensei em comprar também, escondido, a Kim não saberia, ninguém saberia, mas... Deus saberia. Eu fui forte e disse não.

Eu bem que queria continuar feliz pelo Douglas, mas perdi o foco da conquista dele e só pensei no absurdo que a Priscila havia feito. Eu não podia acreditar naquilo.

— Douglas, peraí, você está me dizendo que a Priscila... a Priscila está em uma revista... daquelas... de nudez?

— Pois é, nadinha de roupa. Mas eu não vi, eu só sei porque os caras falaram e...

Deixei-o falando sozinho e segui na direção da banca. Chegando lá, vi o Thales e o Michel deixando o local, cada um com uma sacola preta nas mãos.

— Só uma situação dessas pra fazer vocês dividirem o mesmo espaço pacificamente, não é? — perguntei a eles.

— Cuida da sua vida, Wesley — disse o Thales, me virando as costas. O Michel apenas riu com desprezo.

Me aproximei das revistas em exibição e vi a que estava em questão. Nada demais na capa, que mostrava apenas o rosto e os ombros nus da Priscila, deitada no que parecia ser areia da praia. Estava séria, com o olhar vazio que parecia que somente eu conseguia ver. A chamada dizia que bons rapazes não deveriam ver o conteúdo das páginas, onde a atriz mostrava tudo em um cenário paradisíaco. Senti uma lágrima quente e solitária escorrer pelo meu rosto, sem que conseguisse contê-la. Não era tristeza, era revolta, indignação. O Jeferson, dono da banca, apareceu na calçada e, ao me ver naquele estado, me encarou, assustado. Depois voltou seu olhar

para onde estava o meu e viu a imagem da Priscila nas dezenas de revistas expostas.

— Rapaz... não me diga que você é mais um dos apaixonados pela filha do falecido barbeiro... Olha, esquece isso... ela nunca quis nada nem ninguém daqui. A guria ficou milionária, ainda mais agora que tá aí. — Apontou com o queixo. — Do jeito que veio ao mundo. Ainda não vi as fotos, mas para ter sido chamada a fazer um trabalho desses, ela deve ser espetacular mesmo, hein? E pensar que era daqui da cidade…

Eu estava indignado demais para ficar explicando que não, não estava apaixonado pela Priscila. E para não correr o risco de ofender o Jeferson, apenas disse:

— Me dá todas as revistas.

— O quê? Enlouqueceu, rapaz?

— Ensaca tudo pra mim. Vou levar todas.

— Mas será o Benedito? Você quer comprar todas as revistas?

— Já disse que sim. Vambora.

— Vai ficar caro...

— Eu pago.

— Essa mulher deve ter pacto com a coisa ruim mesmo, fazendo até você, o renovador, se perder… — disse, virando as costas e indo buscar um saco de lixo, onde despejou dezenas de revistas, as quais eu paguei.

Voltei para o antiquário, atravessei a loja e o Caio ficou me olhando desentendido, por eu não ter dito nada e estar carregando um saco. Fui até minha casa, que ficava nos fundos, peguei álcool, fósforo e segui para o quintal. Como era em uma das últimas ruas da cidade, o quintal era extenso e coberto de grama, por isso caminhei para longe, esvaziei o saco e ateei fogo em tudo. Fiquei olhando para a imagem da Priscila se desfazendo nas chamas e pedi a Deus que a fizesse ser eliminada da minha vida da mesma forma. Ela tinha um coração de pedra e brincava com a periculosidade da vida tanto quanto o Thales, por que eu tinha de me preocupar com ela? **"Eu me importo com ela e com o Thales tanto quanto me importo com você"**.

Então o Caio chegou ao meu lado e viu as revistas virando cinzas. Percebi em sua expressão que estava completamente preocupado comigo.

— Wesley? Cara... o que está fazendo? Eu não acredito... Ela te enfeitiçou! Você pirou, cara, pirou! Eu sabia que...

— Caio, para! Não é nada disso!

— Mas como não? Olha o que está fazendo! Adianta queimar cinquenta, cem revistas? Tem milhares circulando pelo país, e a Priscila vai continuar aprontando pelo resto da vida, você não pode impedir.

— Eu sei que foi uma estupidez, mas... está feito.

Ele balançou a cabeça, decepcionado comigo.

— A última pessoa que eu pensei que fosse cair nas garras da Priscila é você. Sei que é minha cunhada, mas... ela é uma...

— Caio, por favor, veja se entende: eu não estou apaixonado pela Priscila, não estou. Mas eu vou lutar por ela sim, vocês gostem ou não, vou fazê-la saber que é amada por Deus. Alguém tem que fazer alguma coisa!

Ele respirou fundo e disse:

— Que Ele te proteja. — Então voltou para o antiquário, dando-se por vencido.

Eu olhei para o céu, com os olhos irritados pela fumaça e falei a Deus:

— Senhor, se nem o Thales e o Douglas quiseram me ouvir quando eu tentava alertá-los, como é que vou ajudar a Priscila? O Douglas parece que finalmente está despertando, mas eu fracassei com o Thales. A Priscila tem dinheiro, fama, tem tudo, não vai me ouvir...

Então eu tive certeza dentro de mim que tinha feito tudo o que podia pelo Thales, agora só devia confiar a vida dele a Deus. Mas pela Priscila, não havia feito quase nada, era hora de obedecer e enfrentar os desafios por ela. Alguém tinha que fazer isso, e o escolhido era eu.

Priscila:

O Nick completou dezoito anos e deu uma festa grandiosa em um iate clube em Angra dos Reis. Ao chegarmos juntos, alguns jornalistas nos abordaram e perguntaram a ele se pensávamos em casamento:

— Pra que compromisso com a vaca se o leite é de graça? — respondeu, rindo e me levando para o interior do clube.

— Fabuloso. De galinha dos ovos de ouro fui promovida à vaquinha leiteira — Eu disse, impaciente, caminhando com ele.

— Oi?

— Nada, Nick, nada. Olha lá, seus amiguinhos que amam PlayStation estão te esperando, vai lá ficar com eles.

Ele não pensou duas vezes, me deixou e se juntou aos rapazes que fumavam narguilé. Tinha nojo daquilo. Ao menos teria uma desculpa para não beijá-lo. Fui procurar algo para beber no barzinho e não acreditei quando vi o Ronnie me olhando, sentado em uma banqueta diante do balcão:

— O que está fazendo aqui? — Sentei ao lado dele, surpresa. — Não me diga que você e o Nick são amigos?

— Temos alguns amigos em comum. Soube do seu pai, sinto muito.

— Obrigada, agora está tudo voltando ao normal.

— Está feliz no seu namoro?

Eu o encarei de um modo óbvio:

— Estou tentando, vamos ver até onde vai. Ele é um garoto, às vezes é divertido.

— Vi suas fotos na revista, aquilo foi uma tortura pra mim.

Eu sorri e ele sorriu de volta. Sentimos o quanto era magnética nossa proximidade.

— Sinto sua falta, Ronnie.

— E eu a sua, Priscila.

O garçom se aproximou, perguntando o que eu iria beber e pedi um mojito, enquanto o Ronnie disfarçou e bebeu um pouco do seu cosmopolitan.

— Nós fomos indicados ao festival de cinema da América do Sul — comentei — Se vencermos, o Roger prometeu dar uma festa só pra nós. Quem sabe a gente consegue dar uma fugidinha? — Pisquei um olho, tentando disfarçar.

— Não me dê falsas esperanças, menina. Você disse que não é do tipo que trai.

— E você disse que a gente muda e sempre faz o que falou que não ia fazer.

Sorri para ele, peguei minha bebida e saí de lá, antes que notassem o quanto conversávamos.

Alguns dias depois, fomos para Buenos Aires, no festival de cinema, onde nosso filme, Caminhos Misteriosos, havia sido indicado em várias categorias. Quando eu estava chegando à premiação, a limousine que me levava foi cercada por um grupo de fãs brasileiros, que impediram a passagem. Eu estava assustada.

— Dona Priscila — O motorista disse — Melhor abaixar o vidro e cumprimentá-los, senão não vão sossegar.

Obedeci e vi os seguranças tentando contê-los, em vão. Alguns choravam, um rapaz conseguiu furar o bloqueio e chegar perto do carro. Ele estava atordoado, olhou bem nos meus olhos e disse em desespero:

— Casa comigo, casa comigo, Priscila Silver, ou eu vou me matar.

Não consegui responder e os seguranças o levaram, se debatendo. Fiquei com uma sensação horrível, o que aquelas pessoas pensavam que eu era? Me lembrei do Ivo e meu estado de espírito era o pior possível, nem parecia que estava prestes a receber os prêmios que sonhei a vida inteira. Tive que engolir meu mal-estar e me mostrar feliz e satisfeita na premiação. Entretanto, quando ganhei o prêmio de melhor atriz da América do Sul, meu ego inflado sufocou parte da sensação ruim que eu tinha até então.

De volta a São Paulo, o Roger deu a prometida festa para comemorar meu prêmio e eu fui sozinha, já que o Nick disputava um campeonato no Havaí. Estava muito feliz com minha conquista e com a possibilidade de ficar com o Ronnie de novo naquela noite. Todos me

elogiavam pelos meus feitos, quem conseguiria se manter humilde com tanta bajulação?

O Roger levou a Stefany à festa, mesmo sem ela ter participado do filme. Eu a fumegava com os olhos enquanto pensava: *"O que essa invejosa está fazendo aqui?"* Com certeza eles estavam saindo juntos, era o modo dela angariar algum papel nos próximos projetos. A garota sequer me parabenizou.

Já era alta madrugada quando eu e o Ronnie aproveitamos a distração e bebedeira de todos e fugimos juntos de lá. Fomos para a casa dele e assim que entramos na sala já começamos a nos beijar loucamente. Eu estava fora de mim, não conseguia pensar em nada, só sentir. O próprio Ronnie ficou assustado com o meu comportamento, mas parecia que eu tinha perdido o controle de tudo na minha vida.

— Me elogia, Ronnie — Eu pedi enquanto ele me beijava — Fala tudo o que você acha de mim, me coloca lá em cima.

— Tá carente? O Nick não sabe como agir com você?

— Não. E eu preciso alimentar o meu ego. Vai, começa a falar.

Ele disse tantas coisas que eu sequer prestei atenção, apenas ria feito louca. Quando acordei, antes de amanhecer, parecia que não havia sido eu a fazer aquilo tudo. Será que estava tão bêbada assim? Vi o Ronnie dormindo profundamente, juntei minhas roupas, liguei para o meu motorista e ele logo foi me buscar.

Mais tarde, quando eu estava em casa tentando dormir por causa de uma dor de cabeça terrível, o Ronnie não parava de me ligar, certamente querendo saber por que saí sem avisar, mas não atendi. Estava com vergonha do que tinha feito, estava com vergonha de mim.

Capítulo 37

Wesley:

Eu e o Caio estávamos voltando do curso de condutor, à noite, quando vimos na locadora da cidade o cartaz do filme da Priscila, que agora tinha sua versão em DVD.

— Precisando de fósforo e álcool, amigão? — Ele riu e bateu nas minhas costas, eu acabei rindo junto.

— Deixa eu ver, a classificação indicativa é doze anos, se fosse mais alta, talvez retornasse aqui com um galão de gasolina.

Rimos e seguimos caminhando.

— Eu confio em você, Wesley. É nela que não confio.

— Entendo sua preocupação, eu também me preocupo, às vezes. Seria bem mais fácil pra mim ser indiferente a tudo isso, mas preciso continuar orando por ela, como oro pelo Thales e por todos os demais, inclusive você.

— Está certo. Talvez se não fossem suas orações eu ainda estaria em Cambé, a ponto de passar fome e me esquecendo de Deus. É nosso dever orar uns pelos outros e eu me espelho muito em você, cara.

— Não se espelhe em mim, sou tão falho quanto você. E quanto a Priscila, sei que vai chegar um momento em que não vou poder apenas orar, vou ter que fazer algo, só não sei o quê ainda.

— Entendo. Falando em atitude, preciso te perguntar uma coisa.

— Pode falar.

— Vou pedir a Pâmela em casamento. A mãe dela se mudou de vez para o sítio em Ponta Grossa, ela fica sozinha naquela casa enorme, quero estar ao lado dela. Será que vai parecer que estou me aproveitando da situação? Tipo... dando um golpe do baú?

— Claro que não, Caio. E além do mais, você pode dar a ela a opção de ir morar contigo no segundo andar do antiquário. Você está bem instalado, não está?

— Sim, a casa está completa lá. É, vou fazer isso. Valeu pela dica, Wes.

Chegamos ao antiquário, eu fui para minha casa nos fundos e o Caio para sua casa no segundo andar. Liguei a TV na sala enquanto preparava um sanduíche na cozinha, assobiando um hino

antigo. Até que ouvi uma repórter dizer: "Um dos casais famosos mais amados do Brasil anunciou hoje a separação. A atriz Priscila Silver e o surfista Nick Barone não estão mais juntos."

Fui para a frente da TV, que exibia fotos dos dois, prosseguindo na reportagem: "Fontes ligadas a ambos afirmam que o pivô da separação foi o ator Ronnie Duran, com quem Priscila foi vista deixando uma festa em São Paulo enquanto ainda namorava Nick. Foram divulgadas fotos onde a atriz está deixando a casa de Ronnie Duran, em um condomínio de luxo na Zona Sul da cidade, por volta das cinco e meia da manhã, na madrugada da festa."

— Mas o que a Priscila tem na cabeça, Senhor? Me capacita, isso vai ser mais difícil do que pensei.

Priscila:

O Nick me xingou e brigou muito comigo. Eu chorei de vergonha e aceitei a raiva dele, o que fiz era indesculpável. Só queria saber quem tinha armado o circo todo. A Manu me ligou e pediu que fosse até a agência, certamente me daria uma bronca histórica, pois ao contrário das outras vezes, não me convidou para ir a sua casa. Fui, e chegando lá me dirigi a sua sala, que era uma extensão da sofisticação da casa. Sentei à mesa, frente a frente com ela, que estava irritadíssima. Além de ter que ouvir toda a reclamação sobre o caso do Nick, ela me mostrou várias matérias sobre os baixos índices de audiência da novela em que eu estava trabalhando.

— Não é culpa minha, Manu. Inclusive, já falei com os diretores, o público não gosta mais de histórias de amor clichês, ninguém acredita mais nisso hoje em dia. A minha personagem é fraca, por mais que eu me esforce, a história é ruim.

— E com o seu comportamento promíscuo fora das telas, ela fica ainda mais inverossímil.

— Ah, para de me culpar. Só quero descobrir quem foi o infeliz que avisou os fotógrafos que eu estaria na casa do Ronnie.

— Já averiguei isso, foi a Stefany.

— O quê? Eu mato aquela desclassificada, recalcada.

— Ela viu vocês saindo juntos da festa, deve ter ouvido alguma conversa sem que percebessem também. Então contatou alguns conhecidos e pelo jeito rolou um suborno na segurança do condomínio. Isso foi péssimo para a imagem do Ronnie. Mas quanto a Stefany, pode deixar que ela vai ter uma lição, mexeu com meu bolso, vai arcar com as consequências.

Até eu senti medo da Manu quando disse isso. Ela continuou falando muitas coisas e me chamando de irresponsável, até que seu celular tocou. Ao atender, vi que sua expressão mudou, nunca me pareceu tão preocupada. Achei que estava delirando ao ver lágrimas em seus olhos. *"A Manu chorando?"* Então ela desligou e eu perguntei:

— O que houve?

— Não... nada... — Manu se levantou e andou de um lado para o outro.

— Manu, fala, o que foi? Nunca te vi assim. — Também fiquei em pé, preocupada.

Ela foi até a grande janela, olhou para fora e disse, de costas para mim:

— Meu filho sofreu um acidente de carro e está em estado grave.

— Filho? Que filho? Eu te conheço desde 2005 e você nunca me falou que tinha um filho.

— Mas tenho. — Continuou com o olhar perdido lá fora, como se tentasse fugir de um embate interno. — Ele tem dezoito anos e preferiu ficar com o pai.

— Ah, mas até eu ia preferir. Você nunca sequer citou o nome dele, que espécie de mãe é você?

Ela me encarou com fúria:

— Ah, olha só, com a palavra, Priscila Silver, a atriz cristã que topa tudo por dinheiro, que traiu o namorado e está nua na última edição de uma revista só para adultos. Será que seu pastor viu isso? Para de ser hipócrita, garota! Quem é você para me falar de família? Você também mal cita a sua, tem vergonha das suas origens, nem faz questão de ter contato com eles. Mas o importante é que ao menos você sabe que os Dez Mandamentos ficam em Êxodo ao em vez de Gênesis, não é mesmo? Você é uma vergonha para o cristianismo, Priscila. Para de apontar seu dedo sujo pra mim.

A Manu conseguiu atingir em cheio meus pontos fracos. Aquelas palavras me detonaram e eu comecei a chorar.

— Não sei como um dia eu já pude te considerar uma mulher de sucesso. Você é tão pobre, mas tão pobre, que só tem dinheiro, Manu. — Fiquei nervosa e alterei o tom de voz. — Eu não quero terminar como você! Cansei disso! Estou no meu limite! Chega! Quero minha vida de volta!

— Pois então, pegue sua vida de volta. A partir de hoje não sou mais sua agente e você vai me pagar por esse prejuízo, vou destruir sua carreira. Você vai implorar para voltar pra lama vermelha do Paraná.

— Não precisa me ameaçar, Manuela. Se é dinheiro que você quer, eu pago todas as multas de quebra de contrato com o triplo do valor. E assim que a novela terminar, vou procurar outro agente. Que Deus abençoe seu filho, ninguém merece ter uma mãe como você. Tchau.

Saí e bati a porta, atravessei a agência chorando e todos ficaram me olhando. Provavelmente aquilo logo seria a fofoca da vez.

À noite, em casa, me surpreendi ao receber a visita do Ronnie, afirmando querer conversar:

— Entra, senta aí. Veio brigar comigo porque sujei sua imagem?

Ele se sentou.

— Não. A gente pode consertar isso e matar dois coelhos numa cajadada só.

— Como? — Sentei em outro sofá, de frente para ele, mantendo distância.

— Quer namorar comigo? Acho que ao invés de ser o eterno solteiro, vou ser o eterno namorado

da Priscila Silver, sem casamento, claro.

Eu ri e respondi:

— Me pediu para não me apaixonar por você e agora quer namorar comigo?

— O mundo dá voltas, não?

— É, dá. Mas eu não quero, Ronnie.

— Ouviu a parte onde eu disse "sem casamento"? Sei que você não curte essas paradas.

— Realmente não curto e ouvi tudo o que disse.

— Então... está me dando um fora?

— Estou. O que eu fiz foi muito errado e desonesto, não quero nem lembrar, eu estava totalmente descontrolada. Aliás, como você sabe, eu ando fazendo muita coisa errada e está na hora disso parar, seria muita burrice continuar agindo com tanta estupidez. Namorar você seria só mais um erro.

— Por quê?

— Porque só temos atração. É muita atração, muita química, confesso. Mas é só, isso passa. Eu quero ficar na minha, quietinha, sem mais dor de cabeça, já basta de tanta coisa me perturbando. Eu não ando bem, nada bem, preciso colocar um freio em mim mesma.

Meu celular tocou, pedi licença e fui atender. Era a Pâmela:

— Pri, pode falar rapidinho? É só uma boa notícia.

— Sim, Pam, estou precisando mesmo ouvir algo bom.

— Estou noiva, o Caio me pediu em casamento hoje!

— Que legal, isso é maravilhoso! Feliz demais por vocês.

— Só liguei para avisar mesmo, outra hora te dou mais detalhes, você vai ser madrinha.

— Claro que vou, imagina se não.

— Beijos, Pri. Boa noite.

— Boa noite, beijos.

Voltei e o Ronnie continuava sentado, folheando um guia turístico. Me olhou de um jeito sedutor e eu soube o que estava tentando. Permaneci em pé, ainda mantendo distância.

— Parece que você teve boas notícias no telefone.

— Minha irmã vai se casar. — Ele arqueou as sobrancelhas, desentendido. — Ela foi feita pra casar, eu não, estou feliz por ela.

— Sei... — Ele continuava me olhando, insinuando algo. — Já que não quer namorar comigo, que tal a gente ficar junto hoje, daquele nosso jeito, sem compromisso?

— Não. Eu não vou ficar com você, Ronnie. Já disse que quero esquecer esse monte de asneiras que fiz e não vou conseguir se ficar insistindo nisso. Aquela noite foi a última, agora é melhor você ir.

— Sendo assim... — O Ronnie se levantou com um longo suspiro de decepção. — Hora de pesquisar meus contatos.

Abri a porta para ele e disse:

— Você não precisa disso.

— Preciso. E não quero deixar de precisar, eu gosto disso.

Ele saiu, fechei a porta e fui para o meu quarto. Tomei meus calmantes e tentei dormir, sabendo que não seria tarefa fácil.

Capítulo 38

Wesley:

Pâmela foi até o antiquário e se juntou ao noivo para vir falar comigo, enquanto eu analisava um violão que havia chegado.
— Aí está ele — disse o Caio — Não para de namorar esse violão.

— Oi, Pâmela. Estou pensando em ficar com ele e aprender a tocar.

— Quem sabe você toca no nosso casamento?

— Até lá ainda não vou ter aprendido. Chegou um piano de cauda também, olha ali no canto.

— Que lindo! — Ela disse, passando uma das mãos sobre ele. — A Priscila sabe tocar, fez aulas quando éramos crianças. Eu fiz de violino.

Eu nunca havia parado para pensar que a Priscila já havia sido uma criança inocente um dia, mas ali rememorei o poder de Deus que pode fazer o ser humano mais difícil nascer de novo.

— Bom, eu e o Caio gostaríamos de te convidar para ser nosso padrinho, aceita?

— Que honra, claro que sim. Vocês só precisam encontrar um par pra mim.

— Já encontrei, minha irmã. — Ela sorriu, eu e o Caio nos olhamos assustados.

— Sua irmã? Você nem me contou que pensava nisso, Pam — Ele reclamou.

— Estou contando agora, tinha certeza que você ia concordar.

Voltamos a nos olhar e então ela desconfiou:

— O que está havendo, Caio e Wesley?

— Olha, eu não tenho nada a esconder — falei — Mas faz tempo que tenho orado pela Priscila, Deus me pede isso, sabe? Eu quero muito ajudá-la e por enquanto o que posso fazer é orar. O Caio tem medo que ela me faça mal, até porque eu já tive uma atitude extrema que reforçou essa ideia nele.

— Ateou fogo nas revistas, não é? Eu soube. Olha, entendo a preocupação do Caio, seu amigo-irmão, mas também entendo você.

— Eu não tenho segundas intenções. Se você me perguntar se acho ela bonita, vou dizer que

acho, e muito, quem não acha? Mas ela tem uma alma e é com isso que estou preocupado.

— Eu acredito, Wes. E fico feliz por Deus estar contando com você para ajudar minha irmã, ela precisa muito e com certeza suas orações evitaram coisas piores. Sei que você não pensa em ficar com ela, mas se ficasse, futuramente, eu faria muito gosto. Ela está solteira, quem sabe vocês se acertem já que vão ser padrinhos?

— Não, isso está fora de cogitação. Podemos até ser padrinhos juntos, mas é só. Somos mundos completamente diferentes e incompatíveis, seria um jugo desigual.

— Na atual conjuntura, seria sim, e não daria certo jamais. Mas se você tem orado por ela, em algum momento ela há de ouvir a voz de Deus. E quando estiver vivendo na plenitude da luz do Pai, o que os impede de ficar juntos? Como diz em Zacarias, não despreze os humildes começos. Ore e consulte a Deus sobre isso.

Ela sorriu e eu pensei naquelas palavras. O Caio pareceu entender tudo também, afinal, não se opôs. Então, à noite, quando estava sozinho no meu quarto, fui orar:

— Senhor, eu sei que o Senhor não precisa de mim para absolutamente nada, mas se quiser me usar em Seus propósitos, eis me aqui. Eu estou disposto a amar a Priscila incondicionalmente, com o mesmo Amor com que o Senhor ama a todos nós: o Amor sacrificial, que dá sem esperar receber, que tudo sofre, tudo crê, tudo suporta. Não consigo fazer isso com minhas próprias forças, então coloca cada vez mais em mim o Teu Amor, o Amor com que o Senhor deu Seu Filho por nós. Sei que não vai ser fácil, afinal, os olhos dela ainda estão fechados para Tua graça e misericórdia, e além disso, nossa luta é contra inimigos invisíveis. Mas se o Senhor me ajudar, vou conseguir. Me ajude a através do meu amor mostrar a ela o Teu Amor, que é Único, perfeito e infalível. O Amor que não tem explicação e que preenche todo vazio. Que ela entenda que o Teu Amor é tudo o que ela precisa, que o Teu Amor é suficiente. Se esse for o Teu Plano para nós, o Senhor vai fazer acontecer. Eu não vou ficar ansioso, nem forçar a barra, se essa for Tua vontade, o Senhor vai trazê-la para mim, vai colocá-la nos meus braços e fazê-la ficar. Então, seja feita Tua vontade.

Continuei orando e passei a buscar por mim mesmo. Sabia que ia precisar de muita força e sabedoria para guerrear.

Os dias foram passando, Pâmela e Caio marcaram o casamento para após o término das gravações da novela em que a Priscila estava atuando, e não faltava muito.

Priscila:

As gravações terminaram sem a novela fazer todo o sucesso que a gente gostaria. Paguei multas por quebra de contrato com a Manu no valor triplicado conforme prometi e, antes de procurar um novo agente, dei folga a mim mesma. Estava trabalhando sem parar pelos últimos cinco anos.

Consegui minha habilitação, comprei um carro esportivo e fui com ele para o Paraná, onde ficaria alguns dias devido ao casamento da minha irmã. Como ela e o Caio resolveram que morariam na nossa antiga casa e estava em ótimo estado após a reforma, eu não sabia o que dar de presente. Então comprei mais um carro e assumi todas as despesas da festa de casamento.

Quando cheguei em casa, em Prado Ferreira, a Pâmela estava sozinha e avisou que minha mãe só

viria às vésperas do casamento, que seria em uma semana. Ela preparou um jantar para os padrinhos e eu a ajudei. Então me disse, enquanto colocávamos a mesa:

— Lembra como a mãe caprichava nos detalhes quando íamos almoçar ou jantar? Ela e o pai faziam questão da família estar reunida.

— É, bons tempos. — Suspirei, nostálgica. — Eu me acostumei a comer sozinha.

— O que achou de eu ter escolhido o Wesley para ser seu par?

— Pensei que escolheria alguém mais influente.

— Tipo quem? O Michel?

— É, sei lá. Mas eu gostei do Wesley, pelo menos ele é legal.

A campainha tocou e a Pâmela avisou:

— Deve ser ele e o Caio, pedi que viessem mais cedo.

Ela foi atender e eu continuei organizando a mesa. Ouvi a conversa e constatei que realmente eram eles, então fui até um espelho, onde me olhei e em seguida resolvi aparecer.

— Oi, Caio. Boa noite, Wesley. — Olhei bem para ele, queria ver sua reação. Ele me olhou sério e contido, um tanto tímido, eu estava desacostumada a ver timidez em homens e aquilo me causou simpatia.

— Oi, boa noite — respondeu, com um esboço de sorriso.

Então chegaram Kim e Douglas, Marcos e Victoria, Natália e um rapaz que a Pâmela me apresentou como seu marido. Ficamos todos conversando na sala e o Wesley estava quieto, me olhando de soslaio vez ou outra. Ninguém me perguntou sobre minhas últimas peripécias e fiquei aliviada com isso. Me sentia tão suja perto deles e ficava imaginando o que teriam visto sobre mim na TV e na internet. Eu estava agindo sem nenhum estrelismo, me sentindo livre, sem ter que fingir nada. Apenas me preocupava pensar que o Wesley foi o desafortunado que ficou com a missão de fazer par com a atriz promíscua e hipócrita. A Kim veio falar comigo, interrompendo meus devaneios:

— Acho lindos seus olhos azuis bem abertos e sem piscar, quando está pensando longe. Sempre que te via assim na escola eu perguntava o que estava pensando, lembra?

— Lembro. — Rimos juntas, compartilhando nossas lembranças em comum. — E eu sempre dizia que pelo menos para pensar eu queria ter privacidade.

— Vai ficar até quando aqui, Pri?

— Só até passar o casamento. — Percebi que o Wesley prestava atenção na nossa conversa, com toda a sua acuidade. — Tenho muita coisa para resolver lá, tive uns probleminhas. Mas e você? Que bom que está bem e se acertou com seu pai.

— Não sei se posso dizer que nos acertamos. Ele me aceitou de volta, mas mal fala comigo e

nunca mais foi à igreja. Acredita que ele diz que tudo isso é culpa sua?

— Minha?

— É. Diz que você me influenciou negativamente, porque virou as costas para Deus, abraçou o mundo e me fez pensar que isso é legal. Como se ele também não estivesse fazendo o mesmo.

— Você pensou dessa forma?

— Houve um tempo que sim, mas depois de ter quebrado a cara eu voltei e busquei me consertar com Deus. Meu namorado também já errou na vida tanto quanto eu, sabe? Mas agora, pela misericórdia do nosso Pai, estamos aprendendo e nos firmando cada dia mais.

— Que bom. — Sorri sem graça. — Que bom mesmo.

O Marcos pegou a câmera digital e falou que queria fazer uma selfie dos padrinhos. Os casais se juntaram, posando para a foto, e obviamente eu e o Wesley sobramos. Fui para perto dele e, a exemplo dos demais, fiz com que colocasse o braço sobre os meus ombros, dizendo:

— Finge que está feliz em ser meu par, Wesley.

— Eu estou feliz. — Ele sorriu para a câmera e eu também. Tiradas as fotos, disse no meu ouvido: — É que sou muito comum pra você, fico sem jeito.

Lembrei que eu havia dito isso a ele. Será que estava ofendido?

— Quando disse que você era comum, eu quis dizer que tem muita gente que se parece contigo.

— Tá tudo bem, eu entendi, é verdade.

A Pâmela anunciou o jantar, os casais se sentaram próximos e novamente nós dois nos vimos forçados a nos juntar, ele puxou a cadeira pra mim e se sentou ao meu lado. O Marcos orou pela comida e em seguida perguntou aos noivos o que pretendiam fazer da vida.

— Bom, eu vou morar aqui — respondeu o Caio — Vou assumir a barbearia com a Pam, vai ser como nos velhos tempos.

— E pensar que no acampamento achei que vocês dois estavam aprontando alguma. — Ele riu. — E mal se conheciam, só estavam tentando flagrar a Priscila e o Thales.

Todos gargalharam e eu engasguei com a comida. A única que sempre aprontou fui eu.

— E falando no Thales, por onde anda? — perguntou a Victoria.

— Em más companhias — respondeu o Douglas — Geralmente fica pelas cidades vizinhas, em festas. Não quer falar com nenhum de nós.

— Isso é muito triste — comentou o Marcos, apoiando a cabeça sobre uma das mãos por um instante — E então, agora você vai perder seu ajudante no antiquário, Wesley?

— Pois é, já perdi. — Ele riu, cheio de bom humor, atraindo os meus olhos. — Vou alugar o segundo andar, que é onde o Caio mora. Como não tem nenhum hotel aqui na cidade, talvez seja

uma renda extra, alugar para quem vem de fora.

— Sempre visionário — O Caio comentou, mastigando com um ar de riso.

— Onde vão passar a lua de mel? — perguntou a Natália, partindo para um assunto que lhe parecia mais interessante.

— Ainda estamos decidindo — respondeu minha irmã — Alguém tem sugestões?

— Eu acho — O Wesley tomou a palavra, me surpreendendo — Que vocês devem ir para um lugar naturalmente bonito, onde possam contemplar a beleza do Pai. Um lugar calmo, onde possam se isolar e dedicar total atenção um ao outro, sem distrações, nem preocupações ou interferências. E que vocês possam fazer desse momento o mais especial de suas vidas, um momento de descoberta, de conhecimento, de união.

Ele foi aplaudido por todos, inclusive por mim, o que o deixou corado de vergonha. Mais tarde, já de volta à sala, enquanto todos conversavam, eu o vi sozinho em um canto analisando itens da decoração. Resolvi me aproximar e expliquei o que era que ele analisava:

— São matrioskas russas originais e porcelana chinesa.

— Uau, isso foi caro.

— É, um pouco. — Ele continuou olhando e manuseando, pelo jeito gostava dessas coisas, já que era proprietário de um antiquário. — Você... falou com tanta propriedade sobre a lua de mel que parece já ter idealizado tudo para quando for sua vez.

— Sim, isso aí.

— Posso saber com quem? — Ele parou de mexer e me olhou, surpreso com a pergunta cheia de indiscrição — Não vou contar seu segredo pra ninguém, prometo. — Gesticulei trancando meus lábios, o que fez o Wesley olhar na direção deles.

— Com ninguém. Não posso pensar nisso ainda, só posso pensar em como poderei cumprir meu papel de marido da melhor forma possível, foi nisso que pensei, no que cabe a mim.

Ele me deixou sem palavras e voltou a analisar os itens de decoração, um tanto nervoso e desconcertado.

— Você faz o casamento parecer a melhor coisa do mundo.

— E não é? — Ele me olhou novamente. — Só não é melhor que as coisas além desse mundo, experiências com Deus.

— Uau, quanta empolgação com casamento. Acho que vou me casar com você — brinquei e ele me encarou, dizendo:

— Eu também acho que vai.

Não esperava ouvir aquilo de forma alguma, por isso fiquei sem reação. Não conseguia acreditar nem entender como um rapaz tão simples conseguia mexer tanto comigo. Ele pareceu ter se

enchido de coragem ao me ver assustada:

— Se esse for o Plano de Deus, você vai casar comigo sim, Priscila. Vai largar essa vida de engano e de pecado e vai vir ser feliz comigo, com Ele reinando nas nossas vidas.

O Wesley não me deu oportunidade de resposta e foi se juntar aos outros, que falavam animadamente sobre o que Deus vinha fazendo em suas vidas. Eu estava gostando da sensação de não ser o centro das atenções em uma festa, nunca pensei que amaria aquela tranquilidade. Então também me juntei aos demais e fiquei os ouvindo, mas não conseguia mais tirar os olhos daquele cara tão diferente de qualquer outro.

Eu nunca havia pensado que Deus poderia ter um Plano. Eu só pensava nos meus próprios planos: ficar rica, ser famosa, ter sucesso. Havia conseguido tudo isso, mas continuava vazia porque talvez só teria paz quando me propusesse a descobrir o Plano Dele.

Capítulo 39

Wesley:

Chegou o dia do casamento, e como o Caio avisou a Priscila que viu fotógrafos rondando a cidade, ela contratou equipes de seguranças para guardar a si e a família. Nos encontramos na calçada da igreja, onde cheguei com minha moto simples e recém-adquirida, e ela com seu super carro. Eu usava terno e camisa preta, enquanto ela usava um vestido azul claro.

— Ia dizer que está linda, mas você deve ouvir isso o tempo todo, de todo mundo.

— Mas nunca ouvi de você. — Ela sorriu tentando provocar o elogio.

— Você está linda, ainda mais.

— Você também está muito bonito e elegante nesse terno.

Ofereci meu braço a ela, que o enlaçou, e nos juntamos aos outros casais que já se posicionavam para entrar na igreja. Alguns fotógrafos estavam escondidos atrás das árvores da rua, fazendo fotos. Não chegaram mais perto porque a igreja estava cercada pelos seguranças.

— Xii, não estou afim de ficar famoso, não — brinquei.

— Desculpa por estar te submetendo a isso, Wesley, eles me perseguem, mexem até no meu lixo para descobrir o que consumo.

— Que isso, sua vida deve ser uma loucura.

— Bota loucura nisso.

Entrelacei meus dedos nos dela, que me olhou cheia de dúvidas. Então eu disse:

— O que houve? Sua pele está fria, parece tensa e nem é você que vai se casar.

Ela respirou fundo antes de dizer:

— Eu nunca mais entrei em uma igreja, já faz anos. Se eu disser que estou com medo, vai achar que sou meio louca?

— Independente do que você falar ou fizer, já acho isso. — Eu ri e ela se fingiu de brava, me dando um tapinha. — Tem medo do quê?

— Não sei... É como se... estivesse invadindo o território de alguém que desprezei, aí essa pessoa

poderia aparecer e dizer: "Ahá, você está aqui, agora te peguei, vou te dar uma boa lição". E em seguida me humilhasse na frente de todos.

— Eu volto a afirmar que você nunca conheceu a Deus, Priscila, mesmo se autodeclarando cristã desde sempre. Se conhecesse, saberia que esse não é o caráter Dele. Eu penso exatamente o contrário, penso que Ele está muito feliz em te receber em casa de novo, ainda que seja só pelo casamento da sua irmã.

Ela suspirou e pareceu mais tranquila ao me ouvir.

— Isso me acalma — disse, segurando mais forte em minha mão e reclinando o rosto sobre meu ombro por um breve momento.

O pastor celebrou o casamento relembrando os compromissos de cada um no matrimônio: o amor, o cuidado, proteção e provisão do marido, bem como a submissão, respeito e auxílio da esposa. Percebi que a Priscila prestou total atenção. No final, quando os noivos recebiam os cumprimentos, ela me disse enquanto olhava para a Pâmela:

— Eu queria ser como ela. Na adolescência, achava que minha irmã tinha inveja de mim, mas a verdade é que ela nunca se importou com futilidades. Ela não precisa de muita coisa para ser feliz.

— Você também não precisa. Só precisa se entregar a Jesus, de verdade. Ele é suficiente.

— A Pâmela tem um coração de ouro, consegue fazer as pessoas ficarem loucas por ela, enquanto eu apenas consigo fazer as pessoas ficarem loucas.

Não consegui conter minha gargalhada e respondi:

— Eu queria discordar, mas não dá — gargalhei mais e a Priscila acabou rindo também.

Priscila:

Fomos para a festa, que foi em um clube de campo a caminho de Florestópolis. Os padrinhos se sentaram todos juntos e o Wesley me fez companhia o tempo todo, o que eu estava gostando muito. Ele era sábio e discreto, mas ao mesmo tempo divertido e criativo.

Os casais foram dançar uma valsa e ele me convidou a fazer o mesmo. Fomos para a pista de dança, ele estava meio sem jeito, mas colocou a mão em minhas costas, me aproximando dele, gentilmente. Eu não queria que aquela música acabasse nunca mais, reclinei meu rosto sobre o peito dele e fechei meus olhos. Queria entender o que estava acontecendo comigo. Será que estava me apaixonando pela primeira vez na vida? Mas justo por ele, que era tão diferente de mim?

— Que gostoso o seu perfume — Eu disse, sem conseguir me conter. Ele apenas sorriu, demonstrando não saber lidar com elogios. — Pra onde vai depois que sair daqui?

— Pra minha casa, dormir — respondeu de modo óbvio.

— Quero ficar com você — A minha loucura, como sempre, tinha que aparecer para estragar tudo.

— Não, Priscila, não misture as coisas.

— Você disse que quer se casar comigo...

— Eu disse que se esse for o Plano de Deus, vai acontecer. E se acontecer, vai ser do jeito certo, você sabe tanto quanto eu que dessa forma é errado.

— Você é tão estranho... Mas sabe, eu acho que gosto disso.

— Também acho que sou muito estranho. E também acho que você gosta disso.

— Não vá ficar se achando, tá?

— Ah, vou sim. — Gargalhamos juntos e por um instante parecia que eu era uma pessoa comum, que toda aquela sandice que consumia minha vida estava a milhas e milhas de distância. A simplicidade estava me atraindo de um jeito que nunca imaginei.

A Pâmela e o Caio foram passar a lua de mel em Tibagi, uma cidade do nosso Paraná, que tinha as famosas paisagens montanhistas do Cânion Guartelá. Eu e minha mãe ainda estávamos em casa, mas ela tinha pressa em voltar a Ponta Grossa. Enquanto tomávamos o café da manhã, comentou:

— Seu pai ficaria muito feliz em ver a Pâmela se casando.

— E muito desapontado em ver a filha louca na revista masculina.

— Pois é. Por que fez isso, Priscila? Nem tive coragem de ver e prefiro nem imaginar.

— Ah, mãe, poxa. Você me acusou pela morte do meu pai, fiquei revoltada. Aí pensei: "Quer saber? Agora que vou fazer mesmo".

— Te conhecendo como conheço, sabia que havia pensado assim. E eu não te acusei de nada, é fato que o seu pai estava vendo notícias quando teve o ataque fulminante. Nem eu nem você podemos fazer nada quanto a isso.

Suspirei, com a consciência pesada e resolvi mudar de assunto:

— Por que tanta pressa em voltar a Ponta Grossa?

— Não tenho nada para fazer aqui. Quero aproveitar minha aposentadoria lá, em paz, com minhas amigas. Inclusive, vou arrumar minhas malas. — Ela levantou-se da mesa. — Quando você também for embora, deixe as chaves da casa com aquele amigo do Caio, o rapaz do antiquário.

Wesley. A única coisa boa que havia na minha vida recentemente. Saber que ele se importava comigo era muito bom, mas eu tinha consciência de que não merecia alguém assim. Ele não suportaria me conhecer de verdade.

Durante a tarde, fechei a casa, coloquei minhas malas no carro com a ajuda de alguns seguranças que ainda estavam por lá fazendo minha escolta após o casamento. Eles iriam me acompanhar até São Paulo e foram comigo ao antiquário, onde me aguardavam do lado de fora. Entrei e vi

que o Wesley olhava assustado pela vidraça da vitrine, onde via os três carros pretos e os brutamontes com microfones sem fio e pontos na orelha. Tirei os óculos escuros e sorri para ele, que perguntou:

— O que eu fiz? Por que o FBI está na porta da minha humilde loja?

Rimos juntos e eu disse:

— Eles vieram te dar uma lição por não ter me convidado para jantar contigo em nenhum desses dias. — Ele deu um risinho tímido. — Estou indo embora, entregue as chaves ao Caio, por favor. — Coloquei nas mãos dele.

— Você volta?

— Quem sabe? Não posso fazer muitos planos, meu trabalho é um tanto imprevisível.

— Entendo. Bom, então... — Ele estendeu a mão. — Boa viagem, que Deus te acompanhe.

Na verdade eu queria mais que um aperto de mão, mas percebi que ele fez isso na intenção de me manter afastada. Apertei a mão dele e saí.

Já de volta a São Paulo, o Roger me apresentou a uma nova agente, Emily Góes, e uma nova assessora, Paloma Góes. Eram irmãs, ruivas e muito parecidas. Nos reunimos na sede da agência, eu assinei contratos e a Emily disse estar feliz por trabalhar comigo.

— Você é muito talentosa, Priscila. Sei que independente da minha ajuda consegue realizar muita coisa, até porque, já é bem experiente.

— Que bom que você parece ser bem diferente da Manu. Ela é insuportável.

— A Manuela aderiu a alguns métodos de agenciamento dos quais não sou adepta. Prezo pela liberdade.

— Ótimo.

— Dentro de alguns dias voltamos a nos falar, para avaliar as propostas.

A primeira proposta foi para uma novela, onde a Stefany seria protagonista e eu recusei. Não estava com cabeça para aturá-la por meses novamente. Então veio a proposta de uma minissérie, era um projeto curto e voltado para o público jovem, por isso aceitei prontamente e mergulhei no trabalho mais uma vez.

Capítulo 40

Wesley:

Fui até uma oficina mecânica no horário de almoço, levar minha moto, que apresentava alguns problemas. Ao chegar ao ambiente predominantemente masculino, todos os mecânicos estavam ocupados trabalhando e me deparei com uma foto da Priscila no calendário da parede. Estava vestida, mas de uma forma que ultrapassava todos os limites da decência. Fiquei parado olhando aquela imagem e pensando em como era difícil acreditar que dias atrás estávamos tão próximos.

— Feliz 2011 — disse o Ricardo, um dos mecânicos, de modo sarcástico, se aproximou de mim e, na minha distração, eu não havia percebido. — Ela é uma gata, não é?

Não respondi e ele continuou:

— Vi vocês juntos no programa de fofocas, foram padrinhos de casamento...

— O quê? Isso passou na TV?

— Aham. Você é um cara de sorte, como conseguiu pegar esse peixe?

— Não aconteceu nada. Você pode dar uma olhada na minha moto? — mudei logo de assunto e funcionou. Não queria que as pessoas pensassem que estava acontecendo algo entre nós.

No mesmo dia, Caio e Pâmela foram até o antiquário e estavam fazendo um vídeo com a câmera digital para mandar para a Priscila.

— Pri, nós estamos em um movimento para você vir passar férias aqui em Prado com a gente. Eu, o Caio e o Wesley, não é, rapazes? — dizia ela, gravando, enquanto eu olhava desentendido. — Manda um beijo pra câmera, Wesley, dá uma piscadinha, quem sabe assim ela vem?

Obedeci, sem jeito, já que estava sendo filmado. Percebi que, por algum motivo, o casal havia se unido para tentar me empurrar para a Priscila.

Priscila:

Recebi o vídeo da minha irmã e fiquei morrendo de saudade deles, principalmente ao ver aquele jeito tímido do Wesley diante da câmera. As gravações da minissérie já estavam nos dias finais e eu decidi que ao terminar, tiraria sim alguns meses de férias. Antes, meus planos eram descansar no exterior, mas agora, a única coisa que queria era a simplicidade da minha terra e ser, ao menos por um tempo, uma pessoa comum. A Emily e a Paloma aceitaram tranquilamente meu pedido

de férias, mas avisaram que antes havia uma entrevista agendada para um programa de TV.

A repórter foi até meu apartamento durante a manhã do dia marcado, juntamente com a equipe da TV, para fazer a gravação. Estávamos na borda da piscina da área de convivência do condomínio.

— Hoje quem nos recebe em sua casa é a atriz Priscila Silver, que tem no currículo duas novelas, um filme, uma minissérie, diversos comerciais e peças de teatro. Também ganhou o prêmio de melhor atriz da América do Sul, tem vinte e quatro anos e nasceu em Prado Ferreira, no norte do Paraná. Tudo bem, Priscila?

— Tudo bem. É um prazer receber vocês aqui.

— Nós é que agradecemos. Priscila, nesses seis anos de carreira você já se envolveu em algumas polêmicas, como ter criticado sua família e sua cidade, ter tido uma desavença com a Stefany Bittencourt... — Eu encarava a repórter sem mover nenhum músculo da face enquanto ela listava meus erros. — Houve também o caso da traição envolvendo o Ronnie Duran e mais recentemente você rompeu com sua ex-agente, Manuela Gardin. Como explica uma vida tão conturbada?

— Primeiramente, quero assumir a culpa por todos os meus erros, nenhuma outra pessoa é culpada de nada do que fiz ou falei. Eu atribuo tudo isso à minha imaturidade e falta de foco no que é realmente importante.

— Agora, aos vinte e quatro anos, você se sente madura?

— Não. Mas com certeza depois de tantas burradas, hoje em 2011 sou alguém melhor que em 2005 e espero que no futuro seja melhor que hoje. Eu errei tanto que há umas semanas atrás resolvi que iria aprender algo com isso.

— Como você define o mundo da fama?

— Eu diria que é um mundo ilusório, de emoções fugazes, onde você pode perder a dignidade. Uma pessoa que chega aqui despreparada como eu cheguei, vai cometer erros iguais ou piores que os meus.

— E como seria um preparo para entrar nesse mundo?

— Alguém que tem caráter está sempre preparado para toda e qualquer situação, não muda de acordo com o ambiente, circunstâncias ou companhias. Eu já não tinha um caráter exemplar em uma cidade de quatro mil habitantes, imagine se teria quando me deram poder. É óbvio que iria me perder.

A repórter arqueou as sobrancelhas, surpresa. Parecia que não esperava nenhuma das minhas respostas, mas pela primeira vez estava sendo sincera, em uma tentativa de amenizar parte da confusão na minha cabeça. Ela mudou de assunto:

— Você foi vista com um rapaz em um casamento na sua cidade natal, é um novo namorado?

— Não, é um grande amigo. Vocês não vão me ver namorando tão cedo, chega de problemas.

— Na época do lançamento de "Divas do Sábado à Noite" você afirmou que se identificava com a personagem que interpretou e que não se enxergava como uma mulher tradicional. Mantém essa visão?

— Bom... eu admiro mulheres que se casam, constituem família, mas... acho que não nasci pra isso. Desde criança, nunca me imaginei como esposa ou mãe, só sonhava com isso que tenho agora.

— Obrigada pelas respostas, Priscila. Te desejamos sucesso.

— Obrigada.

Eles se foram e pra mim foi um alívio. Arrumei minhas malas, joguei tudo no carro e parti para o Paraná. Antes, passei por um shopping muito renomado e comprei pessoalmente um presente para o Wesley.

Segui dirigindo pela rodovia ouvindo *Every Breath You Take,* eu ria de mim mesma, nunca gostei de músicas românticas, mas estava amando ter aqueles sentimentos pelo Wesley. Era algo muito pueril e desinteressado em alguns momentos, mas em outros se tornava perigoso, para ele, não pra mim, eu tinha essa consciência.

Eu não via a hora de ver uma plantação de soja, uma araucária, a terra vermelha. Quando saí do estado de São Paulo, atravessei a barragem do rio e entrei na primeira cidade paranaense, Porecatu, então me senti em casa. Abri o vidro do carro e gritei para o vento. Mais meia hora apenas e estaria no lugar que tanto desprezei, mas que agora queria alcançar.

Capítulo 41

Wesley:

Estava quase fechando o antiquário, trancando o caixa, quando abriram a porta de vidro e eu pensei que fosse um último cliente. Senti frio na barriga quando me deparei com os inconfundíveis olhos azuis da Priscila, que sorriu pra mim.

— Atendendo a pedidos... eu voltei — Ela disse, e foi impossível não lembrar que na minha oração eu disse a Deus que se fosse Sua vontade, a trouxesse para mim. Seria a resposta?

— Oi... é... puxa, não esperava por isso. — Olhei para fora, pela vidraça, vi seu carro. — Veio sozinha? Cadê a Pâmela e o Caio?

— Nem sabem que estou aqui. Acabei de chegar, cheia de poeira da estrada. Vi ali fora uma placa dizendo que o segundo andar está disponível.

— Ah é, pois é... Desde que o Caio se foi.

— Posso alugar por uns meses?

— Meses? — Engoli seco, com as pernas trêmulas. — Sim, claro, mas... é bem simples, e você está acostumada com...

— Simplicidade é tudo o que eu quero agora. Pode me ajudar com as malas? Não quero incomodar os pombinhos que só estão casados há alguns meses. Vou ficar por aqui e depois ligo para minha irmã avisando que cheguei.

— Certo. Bom... é... o segundo andar só tem uma entrada, é independente do antiquário e da minha casa. É uma escada pelo lado de fora, aqui ao lado.

— Tudo bem. Assim não te incomodo.

— Vou pegar suas coisas.

Pelo tanto de malas, não parecia que ela tinha vindo só para ficar alguns meses, mas o resto da vida. Quase morri subindo e descendo a escada diversas vezes, enquanto ela se sentou em um banco no jardim e conversava pelo celular com a Pâmela tranquilamente, avisando sua chegada. Quando por fim terminei, a Priscila subiu ao segundo andar e me encontrou lá, exausto.

— Ai, que lugar lindo, aconchegante — Ela falou, andando pelo ambiente — Tem até papel de parede, que fofo. Amei essa cozinha!

Sorri, sem ter o que dizer. Ela continuou:

— Trouxe um presente pra você.

— Pra mim? Não precisava...

Priscila abriu uma bolsa, pegou um pacote e me entregou, sorrindo. Desfiz o embrulho, vi que era uma gravata, experimentei e agradeci.

— A Pâmela me pediu que fosse jantar lá, porque além de eu estar cansada da viagem, estou morrendo de fome. Quer me acompanhar?

— Não costumo recusar uma oportunidade de ficar livre da minha própria comida.

Rimos juntos e ela falou:

— Vou tomar um banho e daqui vinte minutos te espero lá embaixo, no quintal.

— Ok, farei o mesmo.

Em vinte minutos eu estava embaixo da escada, no gramado do quintal, esperando por ela, que no total levou uns quarenta para ficar pronta. E não era nenhum evento de gala, só íamos descolar um rango grátis. Fomos caminhando pela rua deserta e escura da cidade, enquanto conversávamos.

— Não trouxe os homens de preto com você?

— Não será preciso. Minha agente e assessora vão despistar a imprensa, se eu ficar bem quieta aqui, ninguém vai incomodar. — Um grupo de quatro adolescentes se aproximou pedindo autógrafos e fotos.

— Ou quase ninguém. — Eu ri enquanto ela dava atenção a eles.

Priscila:

O jantar foi muito divertido, pois conversamos e rimos bastante. Às vezes eu ficava imaginando como seria minha vida se eu e o Wesley também fôssemos um casal e vivêssemos sempre naquela harmonia com os outros dois. Eu e a Pâmela fomos cuidar da bagunça da cozinha enquanto os rapazes ficaram na sala conversando sobre carros e motos.

— Estou feliz que esteja aqui, Pri.

— Também estou, Pam. Surpreendentemente, estou. — Ela lavava a louça e eu secava. — Estava tão estressada, pressionada, desgastada, que só voltando às minhas origens para conseguir colocar a cabeça no lugar.

— O que é que anda te desgastando tanto?

— Tanta coisa... — suspirei enquanto tentava dar nome aos problemas — Acho que o pior de tudo é essa batalha de egos. É uma disputa que às vezes paira no ar como um mal cheiro, ninguém diz nada, mas todos sentem. “Quem é a mais bonita? Quem tem mais fãs? Quem faz mais sucesso?” É difícil saber quem realmente é seu amigo ou quem só está esperando uma

oportunidade para puxar seu tapete e vencer essa disputa.

— Todos são assim? — Pâmela me olhou assustada ao perguntar.

— Não. Mas é difícil descobrir quem é quem. De qualquer forma, eu não sou nenhuma santa. Tenho que admitir que meu ego foi bem inflado, fui vítima de muita bajulação e faço parte dessa batalha.

Minha irmã voltou a se concentrar no trabalho enquanto me dizia:

— Aqui a sua oponente era eu e você estava acostumada a vencer sempre.

Eu a encarei e fui sincera:

— Nunca vou ser tão bonita quanto você, Pam. Você é bonita por todos os ângulos, por todos os lados, inclusive o de dentro. Eu não. E você não era minha oponente, você é minha irmã. Mas eu vim aqui para aprender algo contigo e quem sabe melhorar?

Ela notou minha sinceridade e retribuiu com seu sorriso meigo e jovial.

— Que bom. E fico feliz que você e o Wesley estão se aproximando, ele é um bom rapaz.

Olhei para ela, entendendo tudo. Por algum motivo, queriam nos juntar.

— Você sabe que não daria certo. Se ele quisesse ficar comigo sem compromisso, não pensaria duas vezes. Mas ele quer namorar, noivar, casar, não sirvo pra isso.

— Por que não? Você não disse que sua vida em Sampa não tá legal? Tenta começar tudo de novo, aqui, do zero, sem essas loucuras todas.

— Minha vida não está tão ruim assim a ponto de eu querer voltar para o anonimato. Eu gosto do meu trabalho e do meu dinheiro, e nunca precisei de homem nenhum.

— Quem foi que colocou essas ideias na sua cabeça? — Ela parou de lavar e me olhou. — É tão bom encontrar alguém para ter parceria, Pri. Eu e o Caio, por exemplo. Estamos conhecendo os defeitos um do outro, às vezes um de nós tem que dar o braço a torcer... Mas somos um time, um time que funciona. Eu cuido da casa, da comida, das roupas, ele conserta as coisas e vai lá fora à noite se ouvimos algum barulho estranho. Eu compro um quadro, ele pendura na parede. Eu escolho o presente quando vamos a um aniversário infantil, ele abre um vidro de azeitonas. Eu decoro a casa com flores, ele mata uma barata. Entende?

Eu ri dos exemplos, mas compreendi perfeitamente.

— Pam, o papo tá bom, mas tenho que ir, tá? Dirigi muito, estou cansada.

— Tudo bem, vai lá.

Avisei o Wesley que estava indo e ele me acompanhou. Fomos conversando e, ao chegar ao antiquário, ele aproveitou para remover a placa que anunciava a disponibilidade do segundo andar. Entramos no quintal, ele foi para a porta de sua casa e eu para o primeiro degrau da minha escada. Houve um instante de silêncio e pensei em convidá-lo a subir comigo, mas desisti porque

sabia que recusaria.

— Bom... — Ele quebrou o silêncio — Até amanhã, então.

— Até. Durma bem.

Subi a escada e ele ficou me olhando, até que chegasse lá em cima. Acenei e ele acenou de volta, esperando que eu entrasse, me guardando.

— Tomara que eu não faça nenhuma asneira — disse a mim mesma, pois não confiava em Priscila Silver.

Capítulo 42

Wesley:

Abri o antiquário às oito da manhã, como de costume, e uns dez minutos depois a Priscila entrou na loja me cumprimentando com um bom dia.
— Bom dia, já acordada? Estranhou a cama?

— Não, dormi muito bem. Acho que essa cidade me inspira a acordar cedo. Já tomou café?

— Só tomei um café puro, acordei em cima da hora e não tive tempo de ir à padaria.

— Então vou lá e trago uns pães pra gente. Sabe se o seu Vicente ainda cria vacas?

— Aham, é só ir até a chácara dele, no quarteirão de trás, e você encontra leite fresco por um preço bom.

— Ótimo. Saudade de tomar leite de verdade. Já volto.

Ela saiu e eu vi pela vidraça quando retornou, passando pelo quintal e indo para o andar de cima. Estava recebendo o pagamento de um cliente que logo se foi, ela aproveitou a saída dele e entrou, com uma caneca de leite com café e um prato com misto quente, que me ofereceu:

— Esse é seu.

— Puxa, obrigado. — Fui lavar as mãos, voltei e sentei na banqueta do caixa, onde comecei a comer. — Hum, ficou ótimo, não vai comer?

— Já comi. Posso ficar aqui com você hoje? Se quiser, posso ajudar em algo, já que seu ajudante se foi.

— Imagina, não quero explorar você.

— Não vai estar explorando, sou eu que quero ficar. Pelo menos por enquanto, não quero ficar andando muito pelas ruas e... gosto da sua companhia.

Eu não podia negar que as coisas que a Priscila me dizia faziam meu coração acelerar, mas tentava agir naturalmente mesmo nervoso.

— Sendo assim, você pode ficar aqui no caixa enquanto reformo uma cadeira de balanço que devo entregar até amanhã. Vou trazer o material aqui para o fundo da loja, pra não te deixar sozinha.

Fui até o galpão, peguei as ferramentas e peças de madeira, levei tudo para o antiquário e comecei a trabalhar. Percebi que ela me observava o tempo todo, o que me deixava sem jeito e com pouca concentração no que estava fazendo. Cada vez que a olhava, encontrava seus olhos sobre mim, mas ao mesmo tempo distantes, o que me deixava sobressaltado. O trabalho da reforma, que deveria ser simples, tornou-se uma tarefa complexa, pois eu sempre me perdia no processo.

Alguns clientes apareceram, pediram autógrafos e fotos, perguntaram se estávamos namorando. Quando ela tinha dúvidas sobre preços ou informações dos itens, me perguntava. No horário do almoço, a Priscila me convidou para almoçar com ela, mas recusei. Coloquei a placa de fechado na vitrine e fui em busca de um presente para ela, que foi muito gentil em me presentear e fazer o café da manhã. Comprei um urso de pelúcia, entreguei quando iniciamos o turno da tarde.

— Que lindo, Wesley! Amei — disse, abraçando o presente — Vou dormir com ele.

Eu não sabia se absolutamente tudo o que ela falava e fazia era para tentar me provocar ou se eu já estava alucinado por conta própria. Antes de encerrarmos o expediente, a Priscila me perguntou se poderia tocar o piano e ver se ainda se lembrava de alguma coisa.

Ela se sentou diante dele e pensou por um instante, como se quisesse trazer alguma partitura antiga à memória. Então começou a tocar a 9ª sinfonia de Beethoven e eu me sentei em uma poltrona para assistir. Ela parecia tão comum ali, de jeans, com o longo cabelo preso e colocado sobre um dos ombros, as mãos frágeis e delicadas. Eu não pude deixar de analisar a beleza dos traços de seu rosto e somente quando ela terminou a música e me olhou é que percebi que estava distraído.

— Eu ainda lembro — Ela afirmou, com um sorriso orgulhoso, como uma criança quando conquista um progresso.

— Tente lembrar de mais coisas da sua infância, tenho certeza que foi um tempo bom.

— Foi o *único* tempo bom.

À noite, convidei-a para me acompanhar à igreja, mas a Priscila recusou. Eu fui e busquei forças em Deus, por mim mesmo, para me manter firme e focado.

Priscila:

No dia seguinte, mais uma vez levei o café da manhã para o Wesley e ele agradeceu. Avisei que passaria o dia com a minha irmã e só retornei no fim da tarde, quando ele já havia fechado o antiquário e estava no galpão, terminando a reforma da cadeira de balanço.

Bati na porta, ele permitiu minha entrada, sentei em um canto e fiquei o observando trabalhar, de óculos, com um avental, concentrado. Ele serrava, batia, forçava, media, colava. Toda a musculatura dos braços e ombros dele ficava em evidência e eu notei o quanto era forte. Quando ele passou a trabalhar nas partes menores do objeto, reparei como era detalhista e manuseava tudo com precisão e destreza. Eu ficava imaginando como tocaria no meu rosto, como me abraçaria, já que era tão habilidoso. Sabia que não devia ficar pensando nesse tipo de coisa, mas minha mente não conseguia produzir nada de diferente. O Wesley levantou os olhos e me viu o analisando. Então disse:

— Você já viu a seção de livros no antiquário? Por que não vai lá e procura um pra você?

Percebi que estava incomodando e obedeci ao que me pediu, não queria fazer mal a ele, que era tão íntegro. Como o antiquário estava fechado, fiquei lá sozinha, lendo um livro qualquer, e minutos depois ele apareceu dizendo que ia entregar o objeto ao cliente.

— Posso ir com você?

— Melhor não, vai pra casa, descansar.

— Ok. Quer jantar comigo hoje? Você mal entrou lá em cima desde que cheguei.

— E pretendo continuar assim, Priscila. Espero que entenda.

Suspirei e respondi:

— Entendo, entendo sim. Você é admirável.

Ele foi fazer a entrega, eu fui para o andar de cima, tomei um banho, fiz o jantar. Comi sozinha como quando estava em São Paulo, mas pelo menos ali o ar parecia melhor e mais puro. Quando fui para a cama, abri a janela e fiquei observando o céu pontilhado com as estrelas que na cidade grande não enxergava. Pensei em Deus por um instante, mas fiquei com medo de continuar pensando. Abracei meu urso e cogitei descer e bater na porta do Wesley, mas não podia.

No dia seguinte, decidi que não iria ficar o incomodando com minha presença. Não levei o café, saí cedo e fui até Londrina fazer compras no shopping. Usei óculos e chapéu, poucas pessoas me reconheceram.

Voltei à noite, tomei um banho e fui para a praça central, que naquele horário ficava vazia. Estava sentada em um banco, absorta nos meus próprios pensamentos, quando alguém se aproximou dizendo:

— Quando me falaram que você estava aqui eu não acreditei.

Olhei e vi o Michel, em pé ao meu lado. Ele se sentou perto de mim e sorriu.

— Como é que consegue ficar mais linda a cada dia?

— Oi, Michel. Se eu te disser que estou farta desses elogios, você acredita?

— Acredito. É que é meio impossível não elogiar. Quer ir a um barzinho tomar uma vodca?

Havia dias que eu não bebia, mas estava me sentindo tão só e pra baixo que acabei topando. Eu e o Michel passamos da conta, ele foi me levar em casa, e como já estávamos sem nenhuma sobriedade ou juízo, passamos aquela noite juntos. Acordei de manhã com uma dor de cabeça horrível e levei um susto ao vê-lo ao meu lado. Então me lembrei da noite anterior.

— Michel! Michel, acorda! Você precisa ir embora, rápido! — Eu o empurrava, mas ele estava sonolento.

— Hãn? Oi? — Ele se sentou na cama, se situou, pensou um pouco. — Tá, eu vou embora. Posso só tomar um banho frio antes? Minha cabeça está estourando.

— Tem que ser rápido, vai logo.

Ele foi e eu entrei em desespero, andando de um lado para o outro. Não dava para acreditar que tinha feito uma burrada daquelas. Quando o Michel saiu do banho, fui fazer o mesmo para ver se aquela dor de cabeça passava. Achei que ele iria embora, mas continuou lá enrolando e eu estava temerosa pela reação do Wesley, caso descobrisse.

Capítulo 43

Wesley:

Eu me senti no dever de fazer algo pela Priscila, principalmente após o sumiço dela no dia anterior. Acordei mais cedo, fiz um bolo e subi as escadas pelo lado de fora para levar. Bati na porta e senti um soco no estômago ao ser atendido pelo Michel, molhado e enrolado com uma toalha na cintura. Ele sorriu cinicamente, dizendo:

— Pois não? — E olhou para o bolo em minhas mãos.

Eu tive vontade de socar tudo na cara dele, mas então escutei a Priscila no chuveiro perguntando:

— Quem está aí, Michel?

— Ah, é aquele menino do Rancho, o renovador, o... é Wesley, né?

— Toma, entrega pra Priscila. — Entreguei o bolo, virei as costas, desci as escadas e fui para o antiquário. Minha vontade era de quebrar alguma coisa, fiquei andando entre os itens da loja, passando as mãos pelo rosto e tentando me acalmar.

Então, depois de alguns minutos, o Michel colocou a cabeça dentro da loja, pela porta, e disse, sorrindo:

— O bolo estava ótimo! — Ele saiu, e quando peguei um vaso para atirar, lembrei de orar e pedir ajuda a Deus.

Instantes depois a Priscila entrou, com a culpa estampada na face, mas não tive pena dela:

— O que você quer? — perguntei, irado, e ela não soube o que responder. Pensou por um bom tempo e disse:

— Me desculpa. Eu não... eu não sei o que dizer, me desculpa.

— Está me pedindo desculpas por quê? A vida é sua, faz o que quiser. — Comecei a mexer nas coisas, evitando o contato visual.

— Wesley... — Eu não olhava de forma alguma. — Não desiste de mim, por favor. Todo mundo já desistiu.

— Por que será, né?

— Eu não sou assim tão ruim. Na verdade, era com você que queria ter ficado, mas sabe por que

não te ataquei? Porque não quero te prejudicar, não quero destruir a sua vida como destruí a minha.

Fui obrigado a olhar para ela.

— Ah, é? Puxa, quanta nobreza, muito obrigado.

— É sério, Wesley! — Ela se exaltou e depois respirou fundo, tentando se acalmar. — É em você que eu penso todas as noites, é você que imagino comigo, me abraçando, dizendo que me ama, é você que eu quero. Era em você que estava pensando quando fiquei com o Michel. Mas não quero te prejudicar.

— Acha que está me ajudando dizendo essas coisas?

Um garoto de uns quinze anos entrou e eu o coloquei para fora:

— A loja está fechada, volta outra hora.

— Mas a placa diz "aberto".

Virei a placa e retruquei:

— Agora diz "fechado". — Fechei a porta após ele e tranquei.

Fiquei olhando pela janela, com as mãos na cabeça, de costas para a Priscila. Estava pensativo e ela apenas me olhava. Então aproximou-se e se posicionou atrás de mim, dizendo suavemente:

— Quer que eu vá embora? Posso ir para um hotel em Florestópolis.

Eu sabia o que estava tentando. Queria que eu lhe pedisse para ficar.

— Você é quem sabe. Se quiser ir, rompemos o contrato de aluguel hoje. Mas se quiser ficar, vai ter que seguir as regras. — Olhei para ela e enumerei nos dedos. — Se dar ao respeito, me respeitar, respeitar esse lugar e acima de tudo respeitar a Deus.

— Vou seguir as regras. Obrigada por me deixar ficar.

Ela saiu e eu me sentei no chão para pensar. Sabia que não seria fácil, mas não imaginava essa complexidade toda.

— Eu me comprometi a amá-la incondicionalmente, com o mesmo Amor que o Senhor nos ama. Então, meu Deus, me ajude, por favor, tem coisas que estão além da minha capacidade.

Priscila:

À noite, a Pâmela e o Caio foram me visitar e disseram que o pastor e o Marcos iriam promover um novo acampamento no Rancho, com os meninos da atual geração.

— Eu, o Caio, a Kim e o Douglas vamos também, ajudar como voluntários. Você e o Wesley podiam ir...

— Não sei se ele vai querer, sabendo que eu vou.

Ela e o marido se entreolharam, o que o levou a perguntar:

— O que houve?

— Nada. Ele só é muito... precavido. Isso, precavido.

Caio pareceu não acreditar muito em mim e a Pâmela disse:

— Imagina, isso não tem nada a ver com precaução. Bom, mas se sua resposta é sim, nós vamos lá falar com ele.

Eles foram, o Caio me deu uma última olhada antes, desconfiado. Depois minha irmã apenas mandou uma mensagem no celular dizendo: "Ele topou".

Assim, no fim de semana fomos para o Rancho Zion e eu me senti com dezesseis anos de novo. Como seria bom se pudesse voltar no tempo e consertar todos os meus erros. Faria muita coisa diferente.

Houve um banquete na grande mesa de madeira embaixo das árvores e o pastor orou por todos. Os meninos do Rancho quiseram tirar fotos comigo e os atendi prontamente. Depois do descanso, todos foram jogar futebol na areia, inclusive o Wesley, o Caio e o Douglas. Eu, a Pâmela e a Kim nos sentamos no gramado, embaixo das árvores, para assistir. Eu não conseguia deixar de olhar para o Wesley, mesmo evitando. Onde estava com a cabeça quando disse que ele era comum? De comum não tinha nada naquele homem dos sonhos, que nem nas novelas e filmes eu encontrei igual. Ele fez um gol e sorriu pra mim ao me ver aplaudindo discretamente.

Após o jogo, todos foram descansar e os casais ficaram juntos. Eu continuei sentada aos pés de uma árvore, sozinha, e ele na sombra de outra, estávamos longe dos demais.

— Está sentindo? — Ele perguntou, de olhos fechados.

— O quê?

— O vento.

— Estou. Muito bom.

— Vem cá. — Ele ficou em pé e gesticulou me chamando, eu obedeci. Então posicionou-se atrás de mim e abriu meus braços. — Fecha os olhos, relaxa, sente o vento.

Eu sorri e brinquei:

— Jack, estou voando.

O Wesley riu e em seguida falou:

— Sim, eu quero que você se sinta voando, não abra os olhos.

— Não vou abrir.

— A Bíblia diz que quando o Senhor vier buscar os salvos, nós subiremos voando. Já imaginou? Imagine que você está voando e chegou a uma cidade celestial, santa, perfeita. Lá as ruas são de

ouro, o mar é de cristal, não há dor, pranto, luto, porque tudo isso já é passado, só há paz, repouso e segurança para sempre. A cidade não tem sol, porque a luz de Deus a ilumina. Você chega diante de um trono e vê essa luz, ela é tão forte que você mal consegue olhar, mas é linda e você a contempla. Então, dessa luz sai uma voz que diz que você combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a Fé. Você negou a si mesma, tomou sua cruz dia a dia e seguiu a Jesus. Você não merecia, mas entrou pela porta estreita e trilhou o caminho apertado. Você disse não ao pecado e a todo desejo errado. Agora você vai curtir essa paz para sempre e ganhar uma coroa, você vai chamá-Lo de Pai e Ele te chamar de filha. Minha amada filha, Priscila.

Abri meus olhos cheios de lágrimas e olhei para ele, que disse:

— Essa é a grande esperança da minha vida. Eu vivo pra isso, vivo pensando na eternidade. É isso que motiva minhas renúncias. É o que quero pra você também.

— Eu não mereço, Wesley. — Comecei a chorar e escondi o rosto. — Eu cometi todos os pecados possíveis, mesmo conhecendo a Palavra. Eu menti, fui egoísta, mesquinha. Fui vaidosa, orgulhosa, quis ser adorada, glorificada.

Sentei à sombra da árvore novamente e ele ao meu lado:

— Eu até roubei e matei. Roubei a inocência de muitos garotos que viram minhas fotos naquela revista maldita e matei a boa consciência e até mesmo o casamento de vários homens com essas mesmas fotos. E diga-se de passagem, eu me prostituí, vendendo a exposição do meu corpo em troca de dinheiro. Enfim, não tem erro que eu não tenha cometido. E digo mais: eu penso em você de um jeito que sei que é errado. Eu te desejo e sei que não tenho permissão pra isso, pois você não é meu marido.

— Ainda assim, com tudo isso, Ele te ama.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu sou homem, falho e pecador, e mesmo sabendo tudo isso amo você. Então imagine Deus, que é misericordioso, perfeito e fiel. Claro que Ele te ama muito mais.

Olhei fundo nos olhos do Wesley:

— Você me ama?

— Amo. Mas esqueça os conceitos de amor que aprendeu. Eu não fico pensando em você com luxúria, nem imaginando coisas. Você é muito linda e mexe demais comigo, é óbvio que me atrai. Mas eu tenho domínio próprio. Eu amo a sua alma, quero ver você livre dessa escravidão.

— Também quero ser livre, Wesley. Eu dependo de remédios pra dormir, de álcool pra me animar, de fãs pra me valorizar e sou uma pessoa horrível. — Voltei a chorar. — Um amigo meu se matou e eu não fiz nada para ajudar, meus fãs ficam me idolatrando, dando a vida por mim e eu não passo de um lixo. O pai da Kim mal fala com ela por minha causa e eu matei meu próprio pai. Eu não mereço perdão, eu não sei o que fazer.

Chorei ainda mais, não conseguia me conter e soluçava muito. O Wesley me abraçou, de lado, dizendo:

— Não, não diz isso, não dá ouvidos a essas acusações. Você só precisa se arrepender de verdade e se entregar. Você crê que Ele te ama e te aceita?

— Creio... — respondi, suspirando, tentando me acalmar.

Um garotinho aproximou-se de nós e disse:

— O Marcos falou que é para todos tomarem banho e se prepararem para o jantar, porque à noite tem culto ao ar livre com o pastor.

O menino saiu correndo, o Wesley me soltou e depois me pôs em pé:

— É sua chance.

Capítulo 44

Wesley:

Nos reunimos ao redor da fogueira no mesmo lugar que há oito anos atrás. Novamente assamos batatas, linguiças, abacaxis e marshmallows. O pastor começou a falar:

— Todo ser humano faz planos. Quando somos crianças ou adolescentes e temos amigos, planejamos que essas amizades durem a vida toda, não é mesmo? Mas às vezes chegamos a um ponto em que fazemos escolhas diferentes dos nossos amigos e isso acaba por nos afastar. Lembro que quando me tornei cristão, meus melhores amigos começaram a zombar da minha Fé e eu tinha que escolher entre agradar a eles ou agradar a Deus. Fiz a melhor escolha, lembrei de Tiago 4.4.

Pensei no Thales. A situação era um pouco parecida e antigamente eu pensava que nosso quarteto seria para sempre. Como não tínhamos família, éramos irmãos.

— Às vezes planejamos casar com o nosso primeiro amor, mas nem sempre isso ocorre. Planejamos ter dinheiro, ser reconhecidos, ter isso, ter aquilo. Planejamos tantas coisas e esquecemos que Deus também tem um Plano para nós. Será que a gente tem tentado se encaixar nesse Plano ou, no mínimo, tentado conhecê-lo? Alguém poderia me dizer qual é o grande Plano de Deus?

— Salvar a nossa alma — respondeu um dos meninos do Rancho.

— Exato! Esse é o Plano — continuou o pastor — Deus enviou Seu Filho Jesus para morrer por nós e nos mostrar o Caminho da Salvação, e se Ele parasse por aí, já teria feito tudo. Mas Ele é tão bom e misericordioso, que continua dia a dia procurando meios de nos fazer enxergar esse Plano, enxergar Jesus. Às vezes Ele permite que você passe por dores, perdas, rejeições e até mesmo injustiças, para entender que precisa Dele. Às vezes Ele permite que você tenha tudo, tudo mesmo, para perceber que continua vazio e que esse tudo, sem Ele, não é nada. Ou seja, Ele nunca desiste de nós, luta até o fim. Usa pessoas, situações, tudo para tentar abrir nossos olhos para o Seu Plano de Salvação.

A Priscila prestava atenção.

— Merecer, nós não merecemos, isso se chama graça, é a parte Dele. Mas aí vem a nossa parte, que se chama Fé. Somos salvos pela graça, por meio da Fé, e até mesmo essa Fé, é Ele que nos dá, devemos tudo a Ele. Os que crêem abrem mão de tudo por Ele e pelo Plano. Abrem mão do pecado, do mundo, do orgulho, da vaidade, dos prazeres da vida, para viverem em retidão. Ele nos amou primeiro e nós procuramos viver uma vida limpa em resposta a esse Amor. Eu quero orar por você que diz: "eu quero me incluir nesse Plano de Deus, o Plano da Salvação, o Plano

do Amor". Não desse amor que vemos em filmes e novelas, carnal e egoísta, mas do Amor com A maiúsculo, o Amor que vem de Deus.

O pastor orou e eu vi que a Priscila fechou os olhos e orou junto. Estava muito feliz por ela, era um primeiro passo. Depois o Caio espalhou a notícia de que agora eu tocava violão e me deram um, pedindo para cantar algum louvor. Eu estava tímido, nunca havia tocado nem cantado em público, mas aceitei e toquei uma música que falava sobre a transitoriedade da vida.

Do que valem os teus bens e a sua moradia

Do que vale seus tesouros e as suas companhias

Do que vale ajuntar tanto ouro e tanta prata

E pela noite sentir um vazio dentro de casa

Do que vale tantas festas

Do que vale as baladas

Do que vale todas essas coisas

Não vale nada

Ter um sorriso no rosto e a alma dilacerada

Do que vale ter um mundo inteiro e a alma perdida?

Do que vale o carro do ano e perder a vida?

Do que vale o status, essas coisas são poucas!

Eu sou nascido do pó e o pó suja as boas roupas[1]

Depois de um bate papo bem bacana, o pastor e sua esposa foram embora e nós ajudamos o Marcos e a Victoria a organizarem os meninos do Rancho e adolescentes da igreja nas barracas. Os anfitriões também foram descansar e deixaram eu, Caio, Douglas, Kim, Pâmela e Priscila tomando conta até dar meia noite.

Nós seis ficamos conversando sentados nas toras de madeira, a chama da fogueira já estava diminuindo. Dado o horário, Caio e Pâmela foram para sua barraca, eu iria dividir a minha com o Douglas e a Priscila com a Kim, mas ainda ficamos conversando por um tempo. Passados alguns minutos, Douglas se recolheu e a Kim também, cada um em sua barraca. Eu e a Priscila continuamos ali, vendo o fogo se transformar em simples brasas.

— Como se sente? — perguntei.

— Melhor. Orei, depois de anos e anos sem falar com Deus. Espero que tenha me escutado.

Percebi que ainda não estava muito convicta do que fazia, mas era um humilde começo. Ela continuou:

— O que aconteceu com você para entender que Deus tem um Plano?

Eu abaixei a cabeça e mexi em plantinhas que brotavam por ali:

— Você lembra da minha história? Meus pais vieram da Bolívia pra cá e eu só tinha quatro anos quando sofremos um acidente que os levou. Nunca acharam parentes e eu não consigo entender o porquê, dizem que eles estavam fugindo de alguma coisa e talvez com nomes falsos. Tudo isso sempre me deixou muito triste e na adolescência tive uma crise existencial, mas o Marcos e a Victoria falavam de Jesus, nos levavam à igreja e aquilo pra mim foi uma mão estendida no meio do naufrágio, entende? Eu me apeguei à Fé porque do contrário não teria motivos para viver: sem família, sem sonhos, sem motivação.

— Puxa, sinto muito. Você se lembra dos seus pais?

— Por um tempo ainda lembrava, agora não consigo mais. Lembro do cabelo da minha mãe, era liso e longo como o seu.

Ela sorriu pra mim, dando a entender que sabia tudo de psicologia e que talvez eu estivesse vendo nela a figura da minha mãe, mas não era isso.

— Já namorou?

— Já. A Natália.

— Uau, a Natália? A Pâmela nem me contou. Por que ela não está aqui?

— Se mudou para Porecatu depois que casou.

— Por que vocês não deram certo?

— Porque já começou errado desde o início, eu fui ansioso, precipitado, nem pedi direção a Deus. Então achei melhor terminar.

— Mas se começou errado, era só fazer certo dali em diante, você poderia se esforçar.

— Não ia dar certo. Toda vez que houvesse um problema entre nós, minha mente me acusaria dizendo: "Isso está acontecendo porque você foi apressado e não pediu direção a Deus". Eu já estava com dúvidas, ficaria com ainda mais dúvidas, nada vai pra frente dessa forma. Além do mais, a gente terminou e eu falei que se fosse da vontade de Deus, um dia daria certo. Mas não era, ela já está até casada.

— E sobre mim? Você consultou a Ele?

Olhei para ela e respondi:

— Com certeza, não iria cometer o mesmo erro duas vezes. Ele tem dito sim a cada dia.

— Bom, Ele é conhecido como o Deus do Impossível, não posso argumentar. Mas você merece alguém do tipo da Natália, que vai cuidar bem da sua casa e ser ótima mãe para os seus filhos, não do meu tipo. Já imaginou como seria se fosse a um lugar onde os homens comentassem sobre detalhes do meu corpo que só você deveria conhecer? Ou que as crianças zombassem do

seu filho na escola porque a mãe deles fez tudo isso?

— Se alguém está em Cristo, é nova criatura, as coisas antigas já passaram e tudo se fez novo. Você só precisa estar em Cristo e não vai ter nada para se envergonhar, o seu eu do passado vai estar crucificado.

Ela me encarou de modo desafiador:

— Wesley, me diz uma coisa... você chegou a ver essas fotos minhas? Não sei se tem noção do tamanho dos meus pecados.

— Não, e nunca vou ver. Pecado não tem tamanho, pecado é pecado.

Priscila abaixou a cabeça, como se eu não compreendesse a gravidade das coisas.

— O Thales e o Michel viram. — Continuei e ela voltou a me olhar. — O Thales, mesmo namorando a Pâmela, e antes dessa revista, já pesquisava fotos sensuais suas na internet. Acredito que não chegavam ao ponto do que veio depois, mas...

— É, não era nada muito grave se comparado a isso. Mas minha irmã não merecia passar por essa situação.

— Nunca tive coragem de contar a ela.

— Eu prejudiquei muita gente, Wesley. Hoje olho pra trás e vejo um rastro de destruição. Não quero que isso aconteça com você.

Ela se levantou e foi para a barraca da Kimberly. Eu fiquei mais um tempo olhando o céu cheio de estrelas e ouvindo o som dos grilos. Deus estava no controle de tudo.

Priscila:

No final de semana seguinte, mais precisamente no sábado, o Wesley bateu em minha porta me convidando para acompanhá-lo em um trabalho voluntário da igreja em um hospital. Eu estava por fora de tudo, pois apesar de ter gostado do acampamento e de ele ter me convidado ao menos umas duas vezes naquela semana, eu não consegui ir a nenhum culto, bloqueada por aquele medo sem sentido.

Quando ele me disse que iriam a um hospital infantil, resolvi que ajudaria também, com certeza a experiência me faria bem. Então nos juntamos à minha irmã e cunhado, o pastor e sua esposa, Kim, Douglas e mais alguns voluntários. Nos dividimos nos carros e partimos para uma cidade próxima, Bela Vista do Paraíso, onde ficava o hospital.

Ao chegarmos lá, algumas pessoas me reconheceram, mas apesar do susto, ninguém me tratou com estrelismo, nem mesmo os que pediram fotos. Eu me segurei para não chorar quando abracei crianças que estavam sem os cabelos, devido a tratamentos de quimioterapia, ou com deformidades por causa de queimaduras. Eu amei a cada um deles de imediato, como se os conhecesse há anos. Eles me abraçavam da forma mais sincera e pura que podia imaginar. Uma garotinha falou que meus olhos eram iguais aos de uma de suas bonecas e me mostrou a linda bonequinha de cabelos marrons e olhos azuis.

Eu conversei com algumas mães que acompanhavam os filhos, a maioria parecia exausta e abatida. Quando não sabia o que dizer, apenas as abraçava. O Wesley tocou violão e cantou com as crianças, o Douglas se vestiu de palhaço, contou piadas da época dos nossos avós e não poderíamos ter encontrado alguém mais engraçado, eles choravam de rir. O pastor e sua esposa oraram por todos e os convidaram a participar dos cultos. Eu tinha lágrimas brotando nos meus olhos. Não queria mais voltar para aquele mundo de ilusão de onde saí, queria viver ali, com pessoas reais, no mundo real.

Quando íamos embora, eu pedi ao Wesley que me acompanhasse até a sala do diretor do hospital, então os demais avisaram que já iam partir. O diretor nos recebeu e eu assinei um cheque com valor suficiente para uma reforma, a construção de uma brinquedoteca e estadia digna para os acompanhantes. Fizemos um documento e eu me comprometi a acompanhar o uso do dinheiro.

Saímos do hospital e fomos para o estacionamento, onde estava meu carro. O Wesley estava visivelmente impressionado com o que eu tinha feito, mas não dizia nada, como se ainda estivesse processando o que viu. Quando abri a porta do veículo, não consegui entrar, tapei meu rosto e chorei tudo o que segurava até então. Ele se aproximou e simplesmente me abraçou, fazendo com que eu chorasse em seu ombro. Eu só queria que a minha vida tivesse um propósito dali em diante, mas sabia que não iria conseguir com minhas próprias forças, eu precisava de Deus.

Capítulo 45

Wesley:

No mesmo dia, quando já havia escurecido, Pâmela e Caio foram até a minha casa e disseram que também iriam chamar a Priscila, pois tinham uma notícia a dar. A Pâmela foi até o quintal e nem subiu as escadas, gritou para que a irmã descesse. Priscila veio, se juntou a mim e ficamos olhando para os dois, aguardando o que diriam. Um sorriu para o outro.
— Bom... é... — A Pâmela se arriscou a falar. — Você vai ser tia, Priscila!

— E você vai ser tio, Wesley — completou o Caio, que ao me ver confuso, explicou: — Afinal, você é meu irmão.

Todos gargalhamos, as irmãs se abraçaram e eu abracei meu amigo-irmão também, dando os parabéns. Fomos todos para a pizzaria comemorar, no carro deles. Lá, o garçom pediu uma foto com a Priscila e ela atendeu. Estávamos comendo, quando a Pâmela fez uma pergunta, me poupando deste trabalho:

— Vai à igreja amanhã de manhã, Priscila? Domingo, como nos velhos tempos.

Ela olhou para cada um de nós e enfim respondeu:

— Vou. Amanhã nada vai me impedir.

Aplaudimos a resposta, continuamos comendo e conversando, as coisas estavam fluindo. Mais tarde, o casal nos deixou em casa, eu já ia abrir minha porta, mas percebi que a Priscila ficou parada no gramado do quintal:

— O que foi? Não está pensando em voltar atrás no que disse, está?

— Não, não. Eu só... estou pensando em como seria minha vida se tivesse optado por ser alguém comum. Talvez não tivesse conhecido diversos países e celebridades, talvez não tivesse ganhado um prêmio de melhor atriz ou ido ao show do Youth Alive, talvez não tivesse tantas roupas caras e jóias, talvez nunca tivesse nem voado de avião. — Ela olhou para mim. — Mas talvez estivesse casada com você, sendo feliz, te fazendo feliz, dormindo em paz, ajudando pessoas... Talvez tivéssemos um filhinho descendente de bolivianos. — Ela riu. — Hoje eu dou valor nisso tudo. Minha irmã é mais nova do que eu e é muito mais realizada. Para o mundo, eu sou um exemplo de mulher bem sucedida, mas no meu interior me sinto um fracasso.

— Acima de tudo isso, pense em sua alma. O Plano de Deus para ela continua de pé.

Priscila:

Acordei bem cedo e comecei a me preparar para ir à igreja. Optei por calça flare azul e uma camisa de seda branca, queria parecer o mais discreta possível. Alguns minutos depois, o Wesley bateu em minha porta, perguntando se estava pronta.

— Ainda não, Wesley, vou demorar um pouquinho, estou indecisa sobre meus sapatos e a cor do meu batom — respondi de dentro de casa — Pode ir na frente, eu te encontro lá.

— Mulheres... Ok, vou estar nas primeiras fileiras do lado direito, perto das janelas.

— Parece que isso não mudou...

Escutei os passos dele descendo as escadas e continuei me arrumando. Minutos depois ouvi novas batidas na porta e perguntei:

— Wesley? Voltou?

Abri e antes que pudesse pensar em qualquer coisa, uma arma foi colocada bem no meio da minha testa.

— Quanto tempo, Priscila. Vamos dar uma voltinha no seu carro luxuoso?

— Thales? — perguntei com dificuldade, comecei a tremer da cabeça aos pés.

Ele me pegou pelo braço estupidamente, estava barbado e usava um boné. Pegou meu celular que estava sobre a mesa e as chaves do meu carro, sem me soltar em momento algum.

— Vem, agora você vai fazer o que eu quiser.

Thales me arrastou para fora, abriu a porta do carro, me jogou no banco do carona e assumiu o volante. Foi para o quarteirão paralelo, que era o último da cidade, passando em frente à chácara do seu Vicente, e seguiu pela estrada que levava ao Rancho. Quando percebi que estávamos nas proximidades de lá, mas que ele conduzia a outro lugar, tirei a presilha que usava no cabelo e disfarçadamente joguei pela janela.

— Há dias estou observando você, seus movimentos, sua rotina, só não esperava que hoje ia pensar em ir à igreja — Ele disse e gargalhou, dirigindo — Qual é? Está pensando que Deus vai te perdoar? Não vai não.

Eu não respondi, estava em pânico e via a arma no compartimento perto do câmbio. Pensei em saltar do carro em movimento, mas ele havia me prendido com o cinto, e quando fiz menção de tentar soltá-lo, o Thales virou a mão no meu rosto, me acertando em cheio com um tapa forte. Meu nariz começou a sangrar e ele gritou:

— Não vá tentar bancar a espertinha comigo, Priscila! Hoje você vai pagar por tudo o que me fez!

As lágrimas escorreram pelo meu rosto e perguntei com dificuldade:

— O que vai fazer comigo?

— Tá ansiosa? Também estou.

Chegamos a uma propriedade rural com uma casa simples, de madeira. Eu pensei em sair correndo ao descer do carro, mas lembrei que ele tinha uma arma. Thales me pegou pelo cabelo e me levou até a casa, dizendo:

— Você me humilhou na frente de todo mundo, lembra? Você disse ao Michel que não ficou comigo e nunca ficaria, mas era mentira!

Ele me empurrou e eu caí dentro da casa, que estava vazia e escura, com cheiro de mofo, aumentando meu terror.

— Era mentira, você ficou comigo sim! — Ele berrou, transtornado.

Então abriu uma janela e trancou a porta, um pouco da luz do dia entrou no ambiente. Me encolhi em um canto, ainda no chão, chorando. Thales se abaixou na minha frente e apontou a arma para mim:

— Você é uma mentirosa, vagabunda. — Ele tirou o boné e jogou em qualquer lugar. — Não me diga que agora está namorando aquele bocó do Wesley.

Eu chorei mais ao lembrar dele e não respondi.

— Você é uma sem-vergonha — continuou, me fazendo ver a raiva em seus olhos — Um homem só não é suficiente pra você, quer todos, quer atrair a atenção de todos, até dos mais idiotas. Aposto que quer que o seu cunhado, mesmo casado, olhe pra você. Quer que o namorado da sua melhor amiga, Kim, também olhe pra você. Quer todos, quer aplausos, elogios, olhares...

— Não... — disse baixo, sufocada pelo medo — Não quero...

Ele me pegou pelo rosto estupidamente, dizendo:

— Todo mundo vai saber que você ficou comigo, sim. — Sentou ao meu lado e me beijou à força, ao passo que tirou o celular do bolso e fotografou isso. Eu chorava e repugnava, senti que meu rosto ficou marcado com os dedos dele e aquela agressividade.

— Mas sabe o que eu quero, Priscila? Dinheiro, só dinheiro. Porque você, pra mim, não é nada. Quero cinquenta mil, isso pra você é uma gorjeta.

— Eu te dou os cinquenta mil, Thales — disse, tentando me controlar — Mas me deixa sair daqui, me deixa voltar pra casa.

— E como vou saber que você não vai me entregar pra polícia?

— Te dou minha palavra.

Ele apertou meu rosto novamente e me olhou furioso nos olhos.

— E desde quando você tem palavra? — Me soltou e eu falei com a voz embargada:

— Thales... me perdoa... eu sei que agi muito mal com você, me perdoa, por favor.

— Agora? — Ele ficou em pé para mostrar autonomia sobre mim. — Agora é tarde. Às vezes acho que seria melhor pra todo mundo se você desaparecesse, você é um tropeço.

Meu choro veio com força, talvez ele tivesse razão.

— Vou pensar no que eu faço... — Sentou longe de mim, também no chão. — Se a gente volta para a cidade, passa no banco, você tira uma grana pra mim e me dá tudo o que tem de valor em casa... Ou se eu simplesmente te dou um tiro e faço um favor para a humanidade.

— Talvez você esteja certo. Talvez seja melhor acabar logo com isso.

— Não tente me manipular, cala a boca!

Abaixei a cabeça e fiquei quieta. Sabia que um dia iria pagar por todo o mal que fiz, por ter desafiado a Verdade. A hora da colheita havia chegado pra mim.

Capítulo 46

Wesley:

O culto acabou e a Priscila não havia chegado. Fiquei decepcionado, ela disse que iria, será que estava só me enganando? Fui para casa decorando minhas falas para quando a encontrasse, não iria deixar que me iludisse com desculpas nem que usasse seu charme para me inibir. Deixei a moto e o capacete no gramado do quintal, percebendo que o carro dela não estava por ali. Subi as escadas e fiquei surpreso ao encontrar a porta escancarada. Fui andando devagar pelo ambiente, preparado para golpear e me defender caso preciso.
— Priscila? Priscila, você está aí? — Fui para o quarto, a porta estava aberta e vários sapatos e maquiagens esparramados. — Priscila?

Eu tive uma sensação ruim. O modo em que a casa estava e a ausência dela indicavam algo errado, talvez ela não tivesse saído, talvez tivesse sido levada. Liguei para o celular dela diversas vezes, mas sempre caía na caixa postal depois de chamar muito. Liguei para o Caio, ele atendeu rápido:

— Fala, Wesley.

— Caio, sei que acabamos de nos ver na igreja, mas... por acaso a Priscila está aí na sua casa?

— Não. Quer que eu pergunte a Pâmela se sabe dela?

— Não, melhor não. É que ela não está em casa e deixou tudo aberto, as coisas jogadas, ligo e ela não atende, estou preocupado.

— Puxa, que estranho, mas ela não deve ter ido longe, ainda mais aqui em Prado.

— Eu vou procurar por ela, só não diz nada a Pâmela, para ela não se preocupar em vão.

— Pode deixar que não falo nada.

Peguei a moto, coloquei o capacete e fiz uma ronda na cidade, sem conseguir encontrá-la.

— Meu Deus, o que está acontecendo? Cuida da Priscila, aonde quer que ela esteja.

Fui na direção da chácara do seu Vicente, na saída da cidade, perto de onde morávamos. O avistei de longe consertando uma porteira e fui pedir informações.

— Bom dia, seu Vicente. Por acaso o senhor viu a Priscila passando por aqui?

— Bom dia, renovador. Eu achei que era você que estava com ela.

Tirei o capacete e desliguei a moto, sem descer.

— Então o senhor a viu?

— Vi, passou aqui com aquele carrão, tinha mais uma pessoa junto, de boné. Estavam correndo muito, considerando que é uma estrada de terra.

— Para onde foram?

— Na direção do Rancho.

— Valeu, seu Vicente, te devo uma. — Coloquei o capacete, dei a partida e segui, saindo da cidade.

Fui até o Rancho, onde encontrei Marcos, Victoria e os meninos, que estranharam minha visita, já que há pouco haviam me visto na igreja. Ninguém sabia do paradeiro da Priscila e eu voltei a ligar para o celular dela, sem sucesso. Os meninos se propuseram a andar pelos arredores do Rancho em busca de informações, enquanto o Marcos voltou comigo para a cidade, onde fomos até a delegacia.

— Deixa eu ver se entendi — dizia o delegado, sentado atrás de sua mesa, alisando sua grande barriga, se o Douglas estivesse ali, diria que era uma gestação de trinta meses. Olhava com deboche para mim e para o Marcos, que estávamos em pé à sua frente — Quer dizer que a mocinha da revista de mulheres peladas sumiu há... deixa eu ver, agora são onze e meia, sumiu há quatro horas e vocês querem que eu me preocupe com isso, certo?

Eu cerrei meus dentes para não deixar nenhuma palavra escapar, era melhor ficar quieto.

— Ela deve ter voltado para o estrelato — continuou, debochando — Enjoou de terra vermelha, mato e sons de bichos quando acorda. Mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer, desculpe te desapontar, garoto.

— Vocês não vão fazer nada? — questionou o Marcos — Ouviu o rapaz dizer que a casa estava aberta e as coisas dela largadas, como se tivesse sido tirada de lá?

— É, ouvi sim. Mas se a garota sumiu há apenas quatro horas, não podemos fazer nada. Se ela não aparecer até amanhã, aí sim vemos o que fazer.

— Vamos embora, Marcos.

Saímos da delegacia indignados e o celular do líder do Rancho tocou. Fiquei apreensivo ao perceber pela conversa que haviam descoberto algo.

— O que foi?

— Os meninos encontraram uma presilha de cabelo à beira do caminho para o Rancho, levaram para a Victoria e ela reconheceu que é a mesma que a Priscila usou no jantar dos padrinhos. A Victoria é muito atenta.

Aquilo me deixou ainda mais preocupado. Tinha algo estranho realmente acontecendo e eu orava por ela nos meus pensamentos a todo instante. Voltamos para o Rancho e eu também reconheci o

objeto. Resolvi fazer mais uma tentativa com o celular e dessa vez fui atendido por uma voz masculina:

— Mas você enche as paciências, hein, Wesley? Por que não dá um tempo?

— Thales? O que... o que... o que você está fazendo com o celular da Priscila?

— Não só o celular, ela também está aqui comigo, e muito feliz, não é, Priscila?

Ouvi apenas os suspiros que indicavam que ela estava chorando.

— Thales, se você fizer alguma coisa com a Priscila, eu vou...

— Não vai nada. Eu estou aqui em um dilema terrível e você fica me atrapalhando. Não sei se a gente volta para a cidade e eu pego uma grana com essa safada ou se dou logo um tiro nesse rostinho lindo e angelical. O que sugere, Wesley?

Ele desligou e eu quase arremessei meu celular, com raiva.

— Preciso encontrar a Priscila, gente. Ela foi sequestrada pelo Thales! — eu disse, nervoso, inquieto — Ele... ele disse que tem uma arma.

— Peraí, se ela foi sequestrada, já é momento de a polícia fazer alguma coisa. Vou pedir ajuda — disse o Marcos, acionando o número de emergência, pelo celular.

— Eu não posso ficar aqui parado, tenho que fazer alguma coisa.

— Calma, Wesley — pediu a Victoria, me segurando — O Marcos já está chamando a polícia, tenha calma, confie em Deus.

— Eu confio — suspirei pesadamente. Não queria, mas estava aflito.

Em poucos minutos, duas viaturas policiais chegaram ao Rancho e quando os informei sobre as palavras do Thales, eles notaram o trecho em que disse: "voltar para a cidade".

— Ele está por aqui — disse um dos policiais — Se o objeto dela estava no caminho, ele usou a estrada para ir a alguma propriedade nessas bandas, não deve ter ido longe.

— Ele pode estar na casa abandonada da Fazenda das Pedras — disse outro policial — Está abandonada há pouco tempo e é aqui perto. Vamos averiguar.

Quando os policiais se preparavam para partir, perguntei se poderia ir junto, mas negaram. Fiquei frustrado, contudo fui orar com o Marcos, a Victoria e os meninos. Eu sentia como se algo comprimisse tanto meu coração, a ponto dele ter dificuldade em bater.

Priscila:

Eu estava dolorida. O Thales já havia me dado um tapa tão forte a ponto de fazer meu nariz sangrar, me jogado no chão, me arrastado pelos cabelos, apertado meu rosto para me beijar à força, mas nada doía mais que a minha alma. Minha alma fraca e desnutrida por falta de se alimentar da Palavra de Deus. Eu queria orar, mas tinha a impressão que aquele era meu castigo e Deus não iria me ouvir. O Thales estava se mostrando tão violento, que eu não duvidava que

teria coragem de atirar, mas resolvi tentar negociar:

— Thales. — Ele continuava sentado no chão, manuseando a arma. — Se quiser, podemos ir à cidade, você pega tudo o que tenho de valor em casa e eu posso sacar no banco o máximo que conseguir. — Ele me encarou. — Pode até ficar com meu carro.

— Sei. E no mesmo instante você chama a polícia. Olha, se você está me sugerindo fazer isso, é sinal que devo escolher a opção dois. — Ele se levantou e apontou a arma para mim, eu continuava em um canto no chão e me encolhi. — Tenho que acabar com você e te ensinar a nunca mais humilhar ninguém.

— Eu já aprendi a lição. — Ele gargalhou e eu chorei. — Me perdoa.

Como continuava rindo parecendo não me ouvir, eu resolvi que, assim como pedi o perdão dele, muito mais deveria pedir perdão a Deus e falei baixinho, com o rosto escondido entre as mãos:

— Meu Deus, tem misericórdia de mim, me perdoa, me dá mais uma chance, por favor.

Nisso, ouvi o barulho de motores e o Thales também. Ele correu para a janela e atirou para fora resmungando:

— Aquele idiota do Wesley chamou a polícia, ele vai se arrepender.

Então me pegou pelo cabelo e me exibiu na janela, com a arma na minha cabeça:

— Fiquem longe! Fiquem longe! — Vi duas viaturas e policiais se protegendo atrás das portas abertas, com armas apontadas para nós. Estavam a uns vinte metros ou mais de distância. — Fiquem longe ou eu acabo com ela!

Meu coração estava na boca, meu rosto e garganta ardiam, vi os policiais falando no rádio, provavelmente pedindo reforço. O Thales fechou a janela e acendeu uma luz fraca, sem me soltar em nenhum instante. Como ele havia atirado na direção dos policiais, eu vi que a arma realmente estava carregada, e o risco de disparo, ainda que acidental, me deixava em pânico.

— Quem eu queria poder acertar agora é o Wesley, mais que você. — Ele me jogou no chão. — Ele sempre estraga tudo. Panaca.

— O Wesley é maravilhoso — Me arrisquei a falar e o Thales deu um sorriso frouxo.

— Hum, olha só, pelo jeito ele já passou pela sua cama. Hipócrita como sempre.

— Não, não, claro que não! Ele é temente a Deus e é justamente isso que faz dele um homem maravilhoso.

Ele se abaixou e apertou meu rosto violentamente, dizendo:

— É melhor não me irritar ainda mais, falando do Wesley.

Ouvimos a voz de um policial com um megafone lá fora, que dizia:

— Thales, vamos negociar. Se você libertar a Priscila e se entregar, todos saem ganhando, inclusive você.

Ele me pegou e levou novamente para a janela, que abriu. Então respondeu a eles, com a arma apontada para mim:

— Eu saio ganhando? Vou ganhar o quê? Uma gaiola?

— Podemos conversar e você pode sair dessa.

— Eu libero a Priscila com uma condição. — Eu fiquei subitamente apreensiva e temerosa. — Tragam o Wesley Gutierrez aqui, o renovador. Assim podemos conversar.

— Não, Thales, por favor — Eu implorava, chorando ainda mais do que antes — Deixa o Wesley fora disso, por favor, por favor.

— Cala a boca.

Os policiais conversavam entre si e um deles disse no megafone:

— Ok, ele virá conversar com você.

Thales manteve a janela aberta e me puxou para o chão, junto com ele, sempre com a arma apontada para mim. Ele estava atento a tudo.

— Não confio nesses policiais... Eles estão procurando um meio de entrar aqui e me pegar de surpresa.

Eu já não tinha mais lágrimas para chorar, apenas orava em pensamento, pedindo socorro a Deus e que não deixasse acontecer nada com o Wesley. Lembrei de anos atrás, nós todos adolescentes, na igreja, o Thales deixando de prestar atenção na pregação para ficar olhando pra mim. Eu também não prestava atenção em nada, achando que já sabia de tudo. E agora, as coisas haviam chegado àquele ponto. Eu não era melhor que o Thales em absolutamente nada, éramos dois hipócritas que estávamos tendo o que merecíamos. Ser uma pessoa exteriormente bonita só me trouxe problemas, a vida inteira. Não por causa da beleza em si, mas por minha própria culpa. Sempre fiz disso uma arma, um meio de conseguir as coisas, de manipular, de atrair. E realmente atraí tudo de ruim.

Minutos depois, o policial anunciou no megafone que o Wesley estava presente e meu coração se apertou. Thales ficou em pé e me levantou também, sempre me mantendo sob a ameaça da arma. Quando olhei pela janela, vi que haviam mais duas viaturas, com mais policiais, e o Wesley entre eles. Sua expressão preocupada, olhando para mim apreensivo, me levou a chorar muito, o que irritou ainda mais o Thales, que anunciou:

— Eu troco a Priscila pelo Wesley. O que acham?

— Não, Thales, não — supliquei, chorando — Me mata de uma vez, mas não faz nada com ele, por favor.

— Acho que a melhor lição pra você vai ser saber que ele se ferrou por sua causa.

Os policiais conversavam, tentando chegar a um consenso e eu não podia acreditar que estariam mesmo cogitando a ideia de aceitar a proposta do Thales. Olhei para o Wesley, e quando nossos olhares se cruzaram, senti uma dor imensa. Eu só lhe fazia mal. Ele estava visivelmente aflito,

mas seu olhar permanecia sereno e me transmitia paz. Eu o vi conversando com os policiais, e enquanto estava ali, ainda sob a intimidação da arma do Thales, fechei meus olhos e clamei a Deus por socorro.

Capítulo 47

Wesley:

Os policiais discutiam estratégias para salvar a vida da Priscila, mas não queriam aderir à proposta do Thales, de trocar o cativeiro dela pelo meu. Então eu disse:
— Eu vou. De um jeito ou de outro, alguém vai estar em risco, que seja eu, então.

Eles se olharam e entraram em um consenso após um breve diálogo.

— Coloque isso. — Me deram um colete à prova de balas e eu vesti. — Procure manter a calma, nós estamos estudando um meio de pegá-lo distraído. O problema é que a casa é de madeira e velha, qualquer aproximação gera ruídos. E também não há caminhos alternativos, a não ser esse pelo qual viemos. Uma falha nossa pode ser fatal para a vítima, temos que estudar bastante a situação. Como você é homem e parece mais calmo, talvez seja melhor tentarmos essa estratégia e ceder à proposta.

— Entendo. Estou disposto a ir.

— Mas não vá ainda — continuou o policial que liderava a operação — Já que vamos aceitar a proposta dele, ele terá que aceitar a nossa. — Pegou o megafone e falou: — Thales! O Wesley vai assumir o lugar da Priscila, mas apenas quando ela estiver aqui com a gente.

O Thales pensou um pouco, enquanto a Priscila chorava copiosamente e balançava a cabeça em negação. Ele tirou a arma da cabeça dela e mandou que viesse até nós.

Inicialmente ela resistiu, mas sinalizei que obedecesse e aí sim, veio correndo e me abraçou com toda força, chorando.

— Wesley, não, você não pode ir. Não vai, por favor, não vai. Ele vai matar você, eu não posso te perder, não vai.

O Thales estava com a arma apontada na minha direção e escondido atrás da parede. Os policiais cogitaram atacá-lo, mas isso resultaria em uma troca de tiros que colocaria a todos em risco. Segurei o rosto da Priscila com ambas as mãos e disse:

— Se algo acontecer comigo, lembre-se que não fui eu que derramei todo o meu sangue em uma cruz por você. Ele fez o perfeito sacrifício por você, não rejeite isso.

Ela chorava e soluçava.

— Não vou... não vou rejeitar.

— Eu sei para onde vou, mas você não sabe para onde sua alma vai. Deus está te dando uma segunda chance, me promete que vai aproveitar.

— Vou... — Ela mal conseguia falar. — Vou agarrar... com unhas e dentes...

— Eu vou ser obrigado a atirar? — gritou o Thales, nos interrompendo.

Soltei a Priscila, a deixei chorando e fui na direção da casa. Os policiais a colocaram dentro de uma viatura e ouvi quando acionaram uma ambulância. Logo a notícia se espalharia na cidade e era o que eu temia. Entrei na casa vazia e mal cheirosa, o Thales logo apontou a arma para mim, com fúria nos olhos:

— Pra que esse colete? Posso acertar sua cabeça.

— Os policiais me pediram para colocar. Olha, Thales, o que você estiver pensando em fazer, faça logo. Me perdoe por todas as vezes que tentei te ajudar, por todas as vezes que cuidei de você como um irmão, mesmo que para isso tivesse que te dizer duras verdades. Tudo o que eu queria era evitar que as coisas chegassem a esse ponto, mas falhei, não consegui. Me perdoe se fui grosseiro, controlador ou se pareceu que queria liderar vocês. Não, nunca quis. Só queria que, com um passado tão tenebroso, que ao menos nosso futuro fosse iluminado.

Ele foi abaixando a arma aos poucos, pensando, mas então voltou a apontá-la para mim:

— Nós sempre vamos ser vistos como os meninos do Rancho, é assim que todos nos vêem.

— Qual o problema nisso? Mais importante do que a forma que os outros nos vêem é a forma que Deus nos vê. E Ele sabe de tudo, até o que você faz escondido, até o que você pensa.

— Pois é, minha moral com Deus tá lá embaixo, já estou ferrado, por isso que vou acabar com tudo e até comigo mesmo.

— Thales, você acha sua vida ruim e acha que o inferno é melhor? Você é inteligente, use a cabeça. Se acabar com tudo sem ter se rendido a Jesus, sua eternidade vai ser uma tortura, quer pagar pra ver? Mas se continuar vivendo, terá que pagar pelos seus erros sim, mas vai ter oportunidade de mudar de vida, melhorar, ser perdoado, redimido, salvo. Veja só a Priscila, ela está tentando. Veja o Douglas, a Kimberly, também fizeram a boa escolha. Nenhum de nós merece, mas Cristo morreu para nos salvar e nos oferece Seu perdão a todo momento. — Vi que seus olhos estavam marejados. — Enquanto há vida, há esperança, mas só enquanto há vida. Me entrega essa arma. — Estendi a mão. — Vou te ajudar, você vai dar a volta por cima, me entrega a arma.

— Não. Eu estou perdido, ferrado.

— Mas foi para os perdidos que Ele veio. Ele veio por você. Nesse momento, Ele está deixando outros noventa e nove e te procurando. Deixe Ele te achar, Thales, me entrega a arma.

Ele chorou, pensou por alguns instantes, andou em círculos com uma das mãos sobre a cabeça, então me entregou, trêmulo, e eu o abracei.

— Vão me prender, eu tô ferrado, Wesley.

— Cara, lembre-se de José. Na prisão ele foi honrado, você também vai ser. Sabe por quê? Porque você vai se entregar a Jesus de verdade, vai ter paz e vai ajudar muita, muita gente. Deus é contigo, não vai te desamparar. Vem comigo.

Fomos para fora e os policiais nos olharam pasmos ao me ver com a arma na mão e o Thales me acompanhando. Ele se entregou, foi algemado e levado para a delegacia. Então me conduziram à unidade móvel de pronto atendimento que estava ali, onde entrei e encontrei a Priscila sob cuidados. Nos abraçamos e choramos muito juntos. Era um choro de gratidão a Deus.

Priscila:

Quando nos liberaram dos cuidados médicos, uma viatura policial ainda nos aguardava e o policial nos explicou que teríamos que ir até a delegacia. Meu carro estava por ali e ele se prontificou a nos escoltar. Chequei meu celular e haviam várias mensagens e chamadas perdidas da Pâmela, a notícia já havia chegado até ela e era tudo o que eu não queria, que ficasse nervosa durante a gestação. O Wesley também checou seu celular, onde Caio, Marcos, Kim e Douglas perguntavam por ele e por mim. Ligamos para todos para informar que estávamos bem.

Na delegacia, prestamos depoimento e tão logo nos liberaram, eu abracei o Wesley novamente, na calçada. Ah, como eu amava aquele enviado de Deus na minha vida. Queria tanto dizer isso a ele, dizer que queria passar o resto dos meus dias ao seu lado, mas não queria assustá-lo. Então lembrei que tinha que fazer o que era mais importante do que tudo, o que já devia ter feito há muito tempo. Soltei-o e falei:

— Vou precisar da sua ajuda mais uma vez. — Ele me olhou, como sempre, sereno. — Me acompanha até a igreja? Preciso ir até lá com urgência.

— Sim, claro, também preciso ir lá.

Entramos no meu carro e partimos. Quando chegamos, o culto da noite já havia acabado, o pastor e sua esposa nos receberam e nos abraçaram. O Wesley ficou conversando com eles, sentados nas últimas fileiras e eu caminhei devagar na direção do altar, olhando para a cruz, chorando de gratidão pela misericórdia e pelo Amor que eu recebia todos os dias, mas até então não percebia nem aceitava. Me coloquei de joelhos diante do altar e só conseguia chorar, sem encontrar as palavras. Eu estava ali de novo, na pequena igreja onde cresci, mas agora sabia que não era um lugar qualquer, era a casa do meu Pai.

— Senhor... eu sei que não mereço estar aqui. Eu sei que não sou digna de dirigir essas simples palavras ao Senhor, não sou digna do Teu olhar na minha direção, não sou digna de ouvir um suspiro da Tua boca. Eu sou a pior das criaturas, meu Deus, mas... se eu estou aqui agora, é porque o Senhor permitiu, o Senhor me deu mais uma chance e eu nem mereço. Por isso, com toda a minha sinceridade, eu peço perdão pelos meus pecados, conscientes e inconscientes. Eu peço que o Senhor me mate, nesse instante. Isso mesmo, mate a pessoa que eu vinha sendo até aqui, com toda aquela vaidade e orgulho, com todos aqueles pensamentos podres. E me faz nascer de novo, de agora em diante quero viver por Ti e para Ti. Tudo o que eu fizer nunca vai ser suficiente para agradecer todo o Teu Amor, mas eu quero viver para Ti. Eu abro mão de tudo agora, abandono tudo aqui, minha fama, meu sucesso, meus planos para o futuro, meus sonhos. Eu quero ser Tua filha e que o Senhor seja meu Pai. Eu quero Te glorificar com um caráter igual ao Teu e servir ao Senhor. Quando eu me levantar desse chão, que seja o Senhor me levantando

para uma nova vida. Obrigada, obrigada e obrigada.

Me levantei, enxuguei as lágrimas, respirei fundo e sorri. Levantei minhas mãos aos céus e agradeci mais uma vez. Fui até os outros, que conversavam no fundo da igreja e pedi ao pastor que me batizasse. Ele atendeu prontamente ao meu pedido e depois nós quatro oramos juntos, de mãos dadas.

Quando eu e o Wesley chegamos em casa, ficamos conversando no quintal:

— Wesley, eu... não sei como te agradecer. Fiquei ouvindo seu depoimento na delegacia e pensando em como se arriscou por mim. Muito obrigada mesmo.

— Graças a Deus, tudo acabou bem.

— Tem mais uma coisa que quero te dizer. — Ele me olhou daquele jeito profundo que me intimidava. — Enquanto eu orava, lá na igreja, matei a Priscila Silver.

— O que quer dizer?

— Que agora eu sou simplesmente a Priscila Silva, só mais uma moradora de Prado Ferreira. Eu não vou embora daqui, nunca mais. Deus me deu uma nova vida e eu vou vivê-la aqui, perto de vocês.

O Wesley sorriu para mim e eu para ele. Então me despedi e virei as costas para subir a escada.

— Priscila, espera. — Olhei novamente, não queria criar expectativas para o momento, mas era inevitável. — Eu fiquei com a chave da sua porta. — Ele me entregou e tocou nas minhas mãos.

— Boa noite, Wesley.

— Boa noite, Priscila.

Como sempre, ele ficou me guardando até que eu entrasse, e aquele cuidado fazia com que me sentisse a pessoa mais especial. Tinha certeza que o Wesley era quem Deus tinha preparado pra mim, mas eu era recém-convertida e não ia me precipitar em nada, só queria servir ao meu Salvador.

PARTE IV: VERÃO

Capítulo 48

Vendo seus brilhantes olhos azuis em um quadro congelado
Eu já os vi tantas vezes, sinto que preciso ser seu melhor amigo Como pode a beleza ser tão generosa com um cara tão simples?

(BabyFace - U2)

Wesley:

No dia seguinte, não se falava em outra coisa na nossa pequena cidade, a não ser no ocorrido entre nós e o Thales. Vários jornalistas vieram de Londrina, Maringá e até mesmo Curitiba para entrevistar a Priscila e eu também. Pâmela e Caio foram nos visitar, a Priscila estava preocupada com a gestação da irmã, mas ela disse que manteve a calma e permaneceu em oração o tempo todo.
Fomos informados que o Thales havia sido encaminhado para uma unidade prisional em Cruzeiro do Oeste, que era conhecida por receber um grande trabalho evangelístico com os encarcerados. Ele teria uma nova oportunidade e eu planejava visitá-lo em breve. A dona Regina também veio nos visitar quando soube das notícias, mas ficou por pouco tempo na cidade.

Naquela semana eu estava trabalhando no antiquário e a Priscila me auxiliava no caixa, quando duas mulheres elegantes entraram:

— Emily! Paloma! Que bom que vieram!

Pelo jeito ela as conhecia e eu passei a prestar atenção na conversa enquanto organizava a prateleira de souvenirs.

— Viemos, ficamos preocupadas com as últimas notícias — disse uma delas, que então olhou pra mim — Quem é o bonitinho ali?

— É o Wesley, meu herói. Vem cá, Wesley.

Eu fui e as cumprimentei. A Priscila fez as apresentações e continuaram conversando na minha presença, a pedido dela, que queria que eu testemunhasse algo.

— Trouxemos os documentos que pediu. Tem certeza que quer romper o contrato? Tínhamos recebido propostas milionárias nestes últimos dias.

— Sim, tenho certeza. Eu quero voltar a ser uma pessoa comum.

— Isso não vai acontecer da noite para o dia — disse a Paloma — Você sabe, as pessoas não vão

te esquecer tão facilmente.

— É, eu sei, mas com o tempo vão. Eu vou ter que pagar uma multa por quebra de contrato?

— Sim, são as regras — explicou a Emily — Mas não se preocupe, ao contrário da Manu, serei justa com você.

Elas abriram as pastas sobre o balcão do caixa, a Priscila analisava os documentos e eu apenas observava.

— Realmente está justo — Ela comentou e depois assinou um monte de papéis — Prontinho.

— Certo, Priscila, você está livre — disse a Emily — E o seu apartamento em Sampa?

— Estou planejando uma viagem e estudando como será minha mudança pra cá. Minha família tem uma casa alugada aqui na cidade vizinha, talvez me mude pra lá, vou pensar.

— Entendo. Bom, nós vamos em frente, nos hospedamos em Londrina. Boa sorte na sua nova vida — comentou Emily, transparecendo sinceridade em seus desejos de bem para a Priscila.

— Boa sorte, Pri — acrescentou a Paloma, enquanto a Priscila apenas sorria, pois já não acreditava em “sorte”, dependia apenas de Deus.

Elas se abraçaram e quando as duas saíram, perguntei:

— Vai se mudar para a casa que seu pai deixou em Miraselva? Achei que estava feliz no segundo andar.

— E estou. Mas talvez seja melhor a gente não ficar tão pertinho assim.

Ela guardou os documentos nas pastas e saiu, indo para o quintal e subindo as escadas. Eu fiquei pensativo. Realmente talvez fosse melhor que não ficássemos tão próximos, mas eu já estava acostumado com a companhia da Priscila e até mesmo com sua ajuda no antiquário. Mas não iria forçar a barra, pedi a Deus que se fosse da vontade Dele, que a trouxesse para mim e a colocasse nos meus braços. Ele não precisava de nenhum "empurrãozinho" meu. Se fosse Sua vontade, iria acontecer naturalmente.

Priscila:

Na manhã seguinte eu acordei com o canto dos pássaros na minha janela. Aquilo me enchia de alegria e satisfação, tão simples e tão bom. Mais tarde, quando ia visitar minha irmã, parei no quintal e fiquei reparando como era espaçoso, poderia ser melhor aproveitado. Tive uma ideia e fui compartilhar com o Wesley, no antiquário. Ele estava no caixa, escrevendo.

— Bom dia, renovador.

— Bom dia, moça. Que bons ventos a trazem aqui?

— Hum, está poético hoje? Eu tive uma ideia e vim pedir sua permissão, quero fazer uma horta no fundo do quintal.

— Uma horta? E quem vai cuidar dela?

— Eu mesma.

Ele saiu do caixa e aproximou-se de mim:

— Isso quer dizer que não vai mais se mudar?

— Isso quer dizer que quando eu me mudar, você terá que cuidar.

— Hum. — Voltou para o caixa, vi que estava desapontado. — Tudo bem, pode fazer.

— Obrigada, vou começar amanhã. Mais tarde procuro um tutorial no YouTube sobre como fazer hortas.

— Certo. Não escave muito, dizem que pode chegar ao Japão.

— Ou encontrar petróleo, quem sabe? Tchauzinho.

Fui até minha antiga casa, o Caio estava atendendo na barbearia com mais dois funcionários, agora também havia um pequeno comércio de frios, queijos e suco de uva por lá. Ele me avisou que a Pâmela estava em casa e ela me recebeu com sua linda barriguinha, que descobrimos ser um menino. Me mostrou o futuro quartinho, onde já tinha um berço e um armário.

— Ainda falta escolher o tema da decoração, mas o Caio está indeciso entre fundo do mar e basquete.

— Eu voto em fundo do mar, muito mais fofinho e infantil.

Voltamos para a sala e nos sentamos nos sofás.

— Estou tão feliz por você, Pri. Até o seu semblante está diferente.

— Eu também estou feliz. Tão leve, tão em paz.

— E o Wesley?

— O que tem ele?

— Como vocês estão?

— Eu serei eternamente grata pelo que ele fez por mim. Mas vamos com calma, Pâmela, eu tenho prioridades.

— Claro, claro, está certíssima. Mas você gosta dele?

— Não. Gostar é muito raso, o que eu tenho pelo Wesley é profundo, ele é o amor da minha vida. Eu me seguro para não dizer isso a ele, ainda não é o momento.

— Tem razão, tudo tem seu tempo, vamos confiar.

Saindo da casa da minha irmã, fui ao mercado comprar algumas coisas que estava precisando e as pessoas ainda me paravam para fotos e perguntas sobre o ocorrido com o Thales. Cheguei em casa quando a noite começava a cair e vi o Wesley no fundo do quintal, no gramado, em uma

cadeira de balanço, tocando violão. Ao lado dele, outra cadeira de balanço, uma mesinha pequena com duas canecas e garrafa térmica, além de uma Bíblia. Talvez aquilo tudo fosse pra mim, então fui lá e o ouvi cantando: *"A minha alma estava longe dos caminhos do Senhor, eu era cego e desprezível pecador, mas Jesus transformou minhas trevas em luz, quando estendeu a Sua mão para mim."*

— Meu pai ouvia essa música quando eu era criança. Bons tempos.

— O melhor tempo ainda está por vir, Priscila. Senta aí, eu estava te esperando. Fiz um mate quente pra nós porque o clima está esfriando.

Eu me sentei e ele me serviu. Vi a Bíblia aberta:

— O que estava lendo?

— Gálatas. As obras da carne e o fruto do Espírito.

— Que coincidência. Li essa passagem ontem.

— E entendeu?

— Acredito que sim, pedi a Deus que falasse comigo. — Pensei um pouco, trazendo à mente o que havia meditado. — Na verdade, fiquei só com uma dúvida, mas... não sei se devo te falar.

— Bom, talvez eu possa te ajudar.

— Eu vi que lascívia é uma das obras da carne. Fui pesquisar a respeito disso e... enfim, a minha pergunta é: se um homem olhar pra mim com más intenções, eu estou errando?

— Se um homem olhar pra você e ter pensamentos indecentes a seu respeito, terá que prestar contas com Deus sobre isso. Mas se você provocar esses pensamentos através do seu comportamento, roupas, palavras, também terá que prestar contas com Deus por suas atitudes. A lascívia é a sensualidade, é querer despertar atenção sexual nas pessoas. Uma mulher só pode ser sensual para o seu próprio marido, só pode querer chamar a atenção dele.

— Entendi. Eu não quero chamar a atenção de ninguém, Wesley, você viu que mudei. Mas na rua eles continuam me olhando.

— Olha, Priscila, eu acho que se você saísse na rua com uma burca, ainda assim chamaria a atenção para os seus olhos, mesmo que não quisesse, eles são naturalmente lindos. — Ele sorriu. — Beleza é uma coisa, sensualidade é outra. Você não pode ter a intenção de provocar, tem que procurar a discrição de uma mulher de Deus, no vestir, no falar, no jeito de ser.

— É o que tenho procurado fazer.

— Às vezes vejo adolescentes da igreja postando fotos no Facebook, se exibindo e depois colocam um versículo como legenda. Poxa, se querem compartilhar um versículo, que seja ele só. E se querem atenção masculina, que assumam logo isso. Fico indignado quando vejo essas coisas.

— Elas fazem isso por influência de algumas celebridades. A pressão para ser ou parecer sensual

é muito grande.

— Alguns rapazes fazem isso também. Ficam exibindo os músculos para impressionar as garotas de forma sensual, é lascívia da mesma forma.

— Agora entendi, Wesley. Obrigada por me explicar. Você é tão sábio... Nada chama mais a minha atenção do que sabedoria.

Eu me arrependi do que falei. Tomei um pouco do chá e resolvi subir para a minha casa.

— Amanhã nos vemos, tchau.

Ele entendeu meus motivos e apenas se despediu de mim também. Eu nunca tinha vivido algo parecido, nunca tive que esperar, mas era muito bom. Era como tirar boas notas o ano inteiro e ganhar um grande e esperado presente em Dezembro.

Capítulo 49

Wesley:

No dia seguinte, quando abri o antiquário pela manhã, não imaginei que a Priscila levaria tão a sério a história da horta. Fui até a lateral da loja, olhei para o fundo do quintal por uma das grandes janelas e lá estava ela, de joelhos, com uma pequena pá, mangueira e outras ferramentas, preparando um pedacinho de terra. Os cabelos estavam presos em um coque no alto da cabeça e ela usava um macacão jeans, bem típico.
Eu sorri com a cena e fui trabalhar. Um cliente chegou e encomendou um cabideiro rústico, mas não comecei a fazer de imediato, fiquei analisando algumas propostas de fornecedores pelo notebook do caixa e vendo o sorriso da Priscila invadir meus pensamentos. Resolvi ir até lá, sem mais conseguir trabalhar:

— Oi, Wes! Veio ver o progresso do meu túnel para o Japão? — Ela disse, ainda mexendo na terra vermelha, com os pés descalços, sujos de barro.

— Parece que vai bem. — Olhei na direção de onde ela mexia. — Estou vendo algo ali... — Apertei os olhos. — Parece uma placa que diz... bem vindo a Tóquio.

Gargalhamos e ela tentou me atingir com um bolinho de terra.

— Agora sou literalmente pé vermelho. — Ela exibiu a cor dos pés.

— Puxa, até seus pés são bonitos. — Ela me olhou, séria, não esperava um elogio. Nem eu esperava dizer, apenas fluiu. — Mesmo com lama vermelha.

Então a Priscila se levantou e se aproximou.

— Wesley, você sabe o que sinto por você. Mas ainda não posso, tem algo que ainda preciso alcançar.

— Sim, eu sei, me desculpe se pareceu que estou apressando algo, não estou. Mas é que... agora você está tão... brilhante. Tenho vontade de estar ao seu lado o tempo todo.

— Que bom ouvir isso de você. Mas agora vai lá trabalhar, quero terminar essa parte antes que o sol fique mais forte, vou começar a plantar amanhã.

— Mais tarde me ajuda a procurar por um galho grande e forte na chácara do seu Vicente? Vou fazer um cabideiro rústico.

— Claro.

No final da tarde fomos juntos e, enquanto caminhávamos pelo campo, começou a chover. Era uma chuva calma e isolada, ao mesmo tempo fazia sol. A Priscila sorriu, dançou e girou na chuva, eu estava feliz em vê-la feliz. Ela me desafiou a alcançá-la, enquanto fugia, correndo. Eu a alcancei e puxei para perto de mim, ela me segurou pelos ombros e me olhou com profundidade. Seus olhos azuis eram incríveis vistos de perto e eu engoli seco me vendo refletido neles.

— Meu Deus... — Eu chamei por Ele porque sabia que precisava de ajuda. Não consegui dizer mais nada, nem mesmo a ela.

— Wesley, eu... preciso ir embora.

Eu a soltei e me afastei, dizendo:

— Pode ir, vou continuar minha procura.

Ela se foi e me deixou só. Eu estava começando a concordar que realmente era melhor nos distanciarmos um pouco.

Priscila:

Cheguei em casa, tomei um banho e liguei para a minha mãe, para falar a respeito da nossa casa alugada em Miraselva. Já tinha procurado algum imóvel à venda em Prado e não havia encontrado.

— Não, Priscila, você não vai tirar os inquilinos da nossa casa para se instalar lá. Esse dinheiro vem direto para a minha conta e eu preciso dele. Por que não procura uma casa aí em Prado mesmo?

— Já procurei, mãe. Não encontrei nada.

— E por que essa pressa toda de sair de onde está? Não disse que estava ótima aí?

— Estou, mas... bom, vou ver o que faço, talvez vá para Rolândia ou Cambé.

— Qualquer coisa me avisa. Beijos, filha.

Ela desligou e eu fiquei pensando no que fazer. Mas dentro de mim, sabia que esse não era o maior problema. Deus estava me pedindo uma entrega total da minha vida, tinha algo que eu ainda não havia entregado.

Passei a noite em oração, perguntando a Ele o que faltava entregar, pois queria que minha vida fosse completamente rendida. Ele apenas respondeu: **"Onde está o seu tesouro, ali estará o seu coração."** Fiquei refletindo sobre isso por muito tempo. Ter dinheiro não era o problema, mas colocar o meu coração e confiança no dinheiro, sim. Era isso que faltava, confiar somente e totalmente em Deus.

No dia seguinte, pela manhã, fui à igreja e, para minha surpresa, o Wesley estava lá, consertando os bancos.

— Wesley? O que faz aqui? E o antiquário?

— Uma manhã por mês eu fecho para me dedicar à mão de obra na igreja. É como uma oferta.

— Que legal. Puxa, eu vim tão pensativa que nem notei que você não estava lá. Sabe se o pastor está?

— Sim, só chamar na porta ao lado do altar, pela direita.

O Wesley continuou batendo seus pregos e eu fui falar com o pastor. Queria obedecer ao que Deus havia me pedido. Minutos depois, saí de lá leve como uma pluma. Agora eu dependia totalmente de Deus e apenas Dele. Toda a minha confiança estava Nele e sabia que me honraria. A honra que eu queria era apenas continuar em Sua presença.

Capítulo 50

Wesley:

Vi que a Priscila conversou com o pastor, ele pareceu muito impressionado com algo, mas eu não soube o que era, continuei trabalhando no conserto dos bancos. Ele orou por ela, que em seguida saiu, passando por mim e se despedindo. O pastor aproximou-se de onde eu estava e disse:
— Nem sei se peço pra você continuar consertando esses bancos, que já estão tão gastos.

— Como assim, pastor? — Ajeitei a postura e olhei para ele.

— A Priscila... ela... bom, ela... acabou de fazer uma oferta, uma doação e... acho que vamos ter uma igreja completamente nova, além de todo o suporte para os trabalhos missionários.

Eu me enchi de admiração pela Priscila, ainda mais. O coração dela estava voltado para as coisas de Deus. Ela abriu mão da segurança que o dinheiro lhe proporcionava para depender da segurança Dele.

Nós nos mantemos um tanto afastados pelos dias que se seguiram. Ela terminou a horta e cuidava dela, raramente entrava no antiquário, mas conversávamos tranquilamente quando a Pâmela, o Caio, a Kimberly e o Douglas estavam em nossa companhia. Na igreja e nos trabalhos voluntários sempre trocávamos ideias, ela estava procurando por um imóvel, mas ainda não havia encontrado. A gestação da Pâmela estava se aproximando do fim e a reforma da igreja seguia a todo vapor.

Falando na igreja, eu sempre via a Priscila presente nos cultos, totalmente entregue a falar com Deus, desligada de tudo ao seu redor. Tudo o que ela fazia era com intensidade, mas ao mesmo tempo com discrição: orar, cantar e até mesmo aplaudir. Gratidão fluía do seu sorriso e do seu olhar na direção do altar, visivelmente o Senhor estava habitando dentro dela, honrando sua entrega total.

Passados mais alguns dias, minha moto começou a ter alguns problemas e levei até a mecânica do Ricardo para o conserto. Quando ele me ligou para ir buscá-la, fui e encontrei a Priscila lá, dessa vez não em um calendário, mas pessoalmente. Em uma cidade daquele porte, ninguém conseguia fugir de ninguém por muito tempo.

— Oi, Priscila. Você aqui? — O ambiente exclusivamente masculino me fez observar a reação dos mecânicos e percebi que eles mal trabalhavam com a presença dela lá.

— Vim trazer meu carro para revisão, pretendia ir a São Paulo fechar a venda do meu

apartamento amanhã, mas o Ricardo disse que não fica pronto hoje. — Foi então que ouvimos um trovão. — Para piorar, está vindo a maior chuva.

— Mas a moto do Wesley está pronta — disse o Ricardo — Vocês não moram juntos? Pega carona com ele.

— Não moramos juntos — Ela respondeu e então vimos e ouvimos os primeiros pingos grossos de chuva, a tempestade estava chegando.

— Ricardo, depois acerto com você. — Peguei o capacete que estava junto à moto. — Tem mais um capacete aí para emprestar?

— Tem sim, aqui — Ele ofereceu.

— Melhor não, eu... — Ela dizia, mas a chuva estava aumentando, então acabou aceitando.

Subimos na moto, colocamos os capacetes e saímos na chuva que parecia mais forte a cada instante. A Priscila segurou forte em mim e pressionou o corpo contra as minhas costas, eu sentia o quanto estava tensa. Chegamos ensopados e entramos correndo no antiquário, tirando os capacetes. Poças se formavam por onde passávamos e a tempestade aumentou ainda mais, com raios iluminando tudo e o vento agitando as árvores com violência.

— Obrigada, Wesley. Queria ir pra casa...

— E subir a escada lá fora com essa chuva, escorregar e cair feito uma jaca? Espera passar ou ao menos diminuir.

— “Cair feito uma jaca”. Puxa, que comparação legal, me convenceu — Ela ironizou.

Eu ia falar qualquer coisa em minha defesa, mas nesse instante ouvimos um trovão tão forte, que a Priscila se assustou e se jogou nos meus braços. Eu a abracei e ficamos colados, por causa das roupas encharcadas. Seu coração batia acelerado e sua respiração era profunda e quente, contrastando com o frio que sentíamos e com seu cabelo gelado. Percebi que ela não queria sair dali e continuou imóvel, sem dizer nada. A natureza colaborou com a gente e promoveu o nosso abraço. Eu sabia que quando o momento chegasse, nós dois iríamos saber. Procurei o rosto dela e quando encontrei, beijei seus lábios, sem acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo.

A Priscila me abraçou mais forte, fazendo a tensão evaporar. Os estalos do nosso beijo me faziam beijá-la mais, e em nenhum momento eu duvidei da pureza e do respeito que havia entre nós.

— Eu te amo, Wesley — Ela permaneceu de olhos fechados, ainda me beijando — Eu te amo muito.

— Eu também te amo.

— Queria ter dito isso antes...

Nos beijamos mais uma vez e então olhei nos olhos dela para dizer:

— Sabe por que até agora você não conseguiu se mudar daqui? Porque essa é sua casa. Quero

que você seja minha esposa, Priscila, quero me casar com você.

Ela sorriu e me beijou novamente, dizendo em seguida:

— Preciso dizer que amei fazer parte do Plano? É claro que minha resposta é sim. — Então se afastou, como se houvesse lembrado de algo. — Mas até lá, vamos tentar fazer as coisas direito, estamos sozinhos aqui e… enfim, você sabe.

— Sim, claro.

Nos afastamos e ela foi olhar a chuva pela janela, abraçando o próprio corpo, tremendo de frio.

— E essa chuva que não passa? Tomara que não tenha queda de energia, porque antigamente, era só chover que já tínhamos que preparar velas e lanternas — disse, de costas para mim.

— Eu me lembro, no Rancho a gente se divertia à beça nesses dias de chuva.

Então a Priscila me olhou e por um momento pensamos a mesma coisa. Não sabíamos se éramos fortes o suficiente para passar por aquilo. Ela espirrou e eu fiquei preocupado:

— Você precisa se aquecer, antes que pegue um resfriado.

— Vou ter que subir a escada, mesmo com chuva, e ir pra casa.

— Tenho uma ideia melhor, você vai pra minha casa. Está vendo a porta ali no fundo, pelo lado esquerdo? É só entrar por ela e já está lá. Toma um banho quente e procura por um roupão no armário do meu quarto. Quando a chuva passar você vai pra sua casa.

— E você? Vai ficar assim todo molhado?

— Sou resistente. E é até melhor que você fique lá em casa e eu aqui, em ambientes diferentes.

— Tá, tudo bem, melhor assim.

Ela foi para a minha casa e eu me sentei na banqueta do caixa para ler uma Bíblia que sempre mantinha por ali. Estava começando a anoitecer e para o nosso alívio não houve queda de energia.

Priscila:

Era a primeira vez que eu entrava na casa do Wesley. Era tão limpa e organizada que nem parecia que ali morava um rapaz solteiro de vinte e cinco anos. Fui ao quarto e era como se conseguisse sentir a presença dele ali, tudo era muito característico. Os móveis rústicos, o violão no canto, a Bíblia na cabeceira da cama, o perfume que ele usava pairando no ar.

Abri o armário e vi todas as suas camisas organizadas, peguei uma delas e apertei contra o meu rosto, respirando fundo. Eu simplesmente o amava e amava tudo o que vinha dele. Peguei o roupão, fui para o banho e depois fiquei descansando na sala, vendo a chuva pela janela naquela noite escura. Quando a tempestade se foi, fui para o antiquário, ele estava lendo e se assustou com a minha presença:

— Só vim avisar que estou indo pra casa — disse, de longe.

— Ah, sim, tudo bem — Ele respondeu, sem olhar muito pra mim.

— Amanhã conversamos. Boa noite.

Ele acenou e eu saí, pensando em algumas regras de segurança que teríamos que estabelecer.

Capítulo 51

Wesley:

Na manhã seguinte a Priscila não estava cuidando da horta e eu achei que tivesse perdido a hora. Quando era por volta das dez da manhã, comecei a estranhar sua ausência, subi a escada e bati em sua porta. Ela me atendeu com os olhos inchados, a pele vermelha e aparência abatida.
— Você está bem?

— Não... — A voz dela quase não saiu e eu coloquei o dorso da minha mão em sua testa.

— Priscila, você está ardendo em febre! Vem, entra.

Entrei, fechei a porta e a conduzi novamente para o quarto. Coloquei-a na cama e cobri com um edredom.

— Espera só um minuto, vou lá em casa fazer um chá, buscar uns pães na chapa e um remédio. Onde dói?

— Garganta...

— Ok, eu já volto, não saia daí.

Ela sorriu e tossiu. Eu fiz tudo o que falei e quando levei, ela mal conseguiu comer. Tomou o remédio, estava sonolenta e voltou a dormir. Eu fiquei pensando no que fazer, enquanto via suas fotos cheias de vivacidade em alguns pontos do quarto. Liguei para a Kimberly e perguntei se ela poderia passar o dia fazendo companhia a Priscila, já que eu precisava trabalhar no antiquário. Ela veio prontamente.

De vez em quando eu ia ao segundo andar ver como estava e numa dessas vezes, por volta das duas da tarde, ela estava acordada, conversando com a amiga.

— Wesley, desse jeito vai perder uns cinquenta quilos — A Kimberly falou — Já perdi a conta de quantas vezes subiu essas escadas pra ver se a Priscila está bem.

— Obrigada, Wes — Ela sorriu — A febre passou. Você é um amor.

Kimberly olhou para ela franzindo o cenho, em seguida olhou para mim e disse:

— Perdi alguma cena desse filme?

A Priscila sorriu mais uma vez e respondeu:

— Estamos namorando.

— Ai, que máximo, amiga! Desde quando?

— Desde ontem.

Eu estava tímido e escondi minhas mãos nos bolsos, sem saber o que fazer.

— Isso merece uma comemoração — A Kim sugeriu, cheia de ânimo — Que tal hoje, depois do culto?

— Não, hoje não — Priscila respondeu — Estou grogue, saindo da igreja quero vir direto pra casa. Mas se amanhã estiver melhor, pode ser.

— Bom, eu... fiz uma sopa de legumes, vou lá buscar pra vocês.

Saí e deixei as amigas conversando, ouvi a Priscila me elogiar e aquilo parecia um sonho pra mim.

À noite ela já estava melhor e resolvemos ir à igreja a pé, de mãos dadas. Muitas pessoas vieram nos parabenizar, inclusive o Caio, a Pâmela e o Douglas. Quando o culto terminou, minha namorada me chamou para ir até onde a Kim e o Douglas estavam:

— Kim, meus planos eram ir direto pra casa agora, mas Deus tinha outro plano.

— A comemoração? — perguntou, com os olhos ávidos.

— Não. Preciso ir até a sua casa, falar com seu pai. Pode ser?

Na casa da Kimberly, o seu Elton estranhou nossa visita. Além de nós, o Douglas também estava presente e ele nos recebeu na varanda. Priscila começou a falar:

— Seu Elton, eu não vou demorar. Só vim pedir perdão por ter sido uma má influência na vida da sua filha.

— Oi? — A Kimberly interferiu — Pri, não precisa se desculpar por nada.

— Preciso, Kim. E... seu Elton, aproveite ao máximo a companhia e amizade dela, enquanto pode. Eu não tenho mais o meu pai, e os últimos anos da vida dele foram os piores, porque a gente não tinha mais uma relação respeitosa entre pai e filha. Mas vocês ainda têm chance.

Ele olhava sério e pensativo.

— O que mais me dói é que eu não sei como estava a vida espiritual dele quando morreu. Não sei se teve tempo de se arrepender, de limpar a consciência, de entender o que realmente é ser cristão, porque depois de um tempo, vi que minha família nunca soube de verdade o que é seguir Jesus, eles se iludiram com o brilho do mundo tanto quanto eu. Mas o senhor ainda tem chance, tanto de ter uma relação saudável com sua filha quanto de voltar para Jesus. Eu não merecia, mas tive essa mesma chance, aproveitei e hoje estou aqui.

— Obrigado pelas palavras, Priscila — Ele finalmente disse — Eu sei que pra você ter abdicado tudo, como fez, realmente só pode ser uma Obra de Deus na sua vida.

Quando chegamos em casa, no quintal, eu a abracei cheio de orgulho:

— Gostei do que você falou ao seu Elton. Sabedoria também me atrai.

— É recíproco.

Eu ia beijá-la, mas ela desviou e se afastou, dizendo:

— Você não vai querer ficar resfriado também.

Percebi que talvez aquilo não fosse o único motivo para ter se afastado. Ela tirou um papel do bolso e me entregou:

— É uma cartinha de amor? — perguntei, brincando.

— É bem melhor que isso.

Abri e vi escrito de próprio punho:

"Nosso Tratado

** Nunca ficar sozinhos em ambientes fechados*

** Namorar durante o dia em lugares públicos*

** Sempre estarmos ao alcance da visão de alguém."*

— Onde eu assino? — perguntei, brincando.

— Essa é a sua cópia. Coloque em uma moldura na sala principal da sua casa. Tire mais cópias, coloque na porta da geladeira, na cabeceira da cama, no caixa do antiquário, na carteira, no meio da Bíblia, no espelho do banheiro.

Gargalhamos juntos e depois trocamos um olhar apaixonado.

— Você sabe qual o estilo de vida que eu levava, Wes. Eu estou aprendendo, devagar, mas estou aprendendo.

— Você é muito melhor do que tudo que eu sonhei, Priscila.

— Só queria entender porque demorei tanto. E você... queria que soubesse que de comum não tem nada, você é extraordinário.

Beijei a testa dela e pedi:

— Sobe lá, vou te esperar fechar a porta.

Ela subiu, lá em cima acenou e entrou. Eu respirei fundo, feliz.

Priscila:

Eu pedi ao meu advogado que fechasse a venda do apartamento em São Paulo, assim acabei desistindo da ideia de ir para lá, pois ele iria me mandar os documentos por correspondência para

assinar.

No domingo, após o culto, o Wesley e seus dois amigos fizeram um churrasco no gramado do quintal, em comemoração ao nosso namoro. Organizamos toda a estrutura do nosso evento à sombra de uma árvore. A Kim estava contente porque o seu Elton havia ido à igreja após muito tempo afastado. A barriga da Pâmela estava enorme e ela passou a maior parte do tempo sentada.

— Quando nasce esse guri, Pâmela? — perguntou o Douglas, pilotando a churrasqueira.

— A qualquer momento — Ela respondeu, assustando nosso amigo — É que está previsto para essa semana.

— E como vai se chamar?

— Esdras — dessa vez foi o Caio quem respondeu — Um importante sumo sacerdote de Israel. Ele vai se chamar Esdras Silva Marques.

— Quem diria... Caio Marques já vai ser papai.

— É um belo nome — comentou a Kim, picando tomates — Meu pai também queria que eu tivesse um nome bíblico, mas minha mãe queria um nome americano.

— Eu imaginei que "Kimberly" fosse mesmo ideia da sua mãe — Eu disse, enquanto a ajudava.

— Meu nome significa doçura — disse a Pâmela — Já o da Priscila é bíblico.

— Priscila e Áquila foram alguns dos primeiros cristãos — disse o Wesley, colocando a carne nos espetos — Alguns teólogos afirmam que o fato de o nome da Priscila ter sido mencionado antes do nome do marido Áquila indica que ela era uma personalidade importante, pois na época em que o Novo Testamento foi escrito, as pessoas costumavam ser citadas por ordem de importância.

— Então, se fosse com a gente, a ordem seria sempre Wesley e Priscila — Eu disse — Porque você é muito importante pra mim.

Todos os demais, puxados pelo Douglas, gritaram em uníssono um profundo "ooownt", me deixando tímida. O Wesley sorriu e piscou pra mim, vendo meu estado. Resolvi disfarçar, dando prosseguimento ao assunto:

— E Wesley deve ter vindo de John Wesley, que foi um grande pregador e evangelista, anunciando a Palavra nas ruas, prisões e a todos os necessitados, um exemplo de cristão em sua época.

Seguimos preparando o almoço e conversando, eu estava feliz por estar em boas companhias e com conversas saudáveis. Quando tudo ficou pronto, oramos e comemos, em seguida o Wesley pediu a atenção de todos e ficou em pé. Eu o olhava prevendo o que ia fazer e ele tirou uma caixinha do bolso, abrindo-a diante dos meus olhos e exibindo as alianças douradas.

— Quer mesmo fazer parte do Plano?

— Até o fim da minha vida.

Ele sorriu e eu sorri de volta. Nossos amigos aplaudiram, ele me colocou em pé, trocamos as alianças e um beijo. Estávamos noivos. Eu olhava aquele objeto brilhante em minha mão e quase não conseguia acreditar. Os Planos de Deus são maiores do que os nossos, basta crer e confiar, mesmo sem merecer.

Capítulo 52

Wesley:

Naquele mesmo domingo, à noite, eu e a Priscila estávamos caminhando pela praça central e começamos a lembrar de algumas coisas.

— Foi em um domingo à noite como esse, eu estava sentada naquele banco ali. — Ela apontou. — Triste e revoltada pela morte do meu pai, e você se aproximou, tentando me ajudar. Eu sequer me lembrava de você, mas sua atitude mexeu comigo.

— Eu estava passando mal, só por ter me aproximado. — Eu ri ao me lembrar. — Era uma coisa tão louca, te ver na TV e depois ali, na minha frente.

— Sei como é. Mas como eu já estive do lado de lá, sei que não vale a pena se impressionar com nada nem ninguém.

— Antes de você ir para a TV a gente já estava impressionado. As coisas começaram a mudar desde o dia em que sua foto apareceu naquele outdoor ali.

— Ah, nem me fale!

O celular da Priscila tocou e ela atendeu:

— Oi, Caio, tudo bem? Sério? Onde? Quer que a gente vá aí? Tá ok, mande notícias, estaremos orando. Tchau.

Ela desligou e me informou:

— O Caio e a Pâmela estão na maternidade em Rolândia, nosso sobrinho vai nascer. — A gente se abraçou e logo se soltou. — Ele disse que podemos ir lá amanhã.

— Puxa, que legal. “Nosso sobrinho”, isso é tão legal.

Na segunda-feira, no horário do almoço, fomos à maternidade, e o pequeno Esdras já estava nos braços da mãe, paparicado pelo pai coruja. Era muito bom ver aquela nova família. Desde o início eu pensava que o Caio e a Pâmela formariam um belo casal.

— Com quem ele se parece, tia Priscila? — perguntou o mais novo pai.

— Ele está de olhos fechados, não dá pra saber... Mas... esse narizinho com certeza é da Pâmela. — Ela riu. — Parabéns, ele é lindo demais.

— Quer pegar um pouquinho? — A Pâmela perguntou.

— Eu? Não sei, ele é tão frágil, tenho medo de machucar... — A Priscila respondeu temerosa, pensando que não tinha o mínimo instinto maternal.

— Pega. Não vai machucar não.

Ela pegou o bebê das mãos da irmã com todo o cuidado possível e o acalentou, totalmente comovida.

— Olha, Wes... Olha o tamanho dessa mãozinha.

Eu me aproximei e a abracei de lado, olhando a mãozinha que me mostrava. O Caio e a Pâmela observavam sorridentes. A Priscila beijou o alto da cabecinha do bebê e o devolveu.

Quando íamos voltar a Prado, ela pediu que eu dirigisse e permaneceu calada por todo o trajeto, olhando as plantações de soja pelo caminho. Chegando em casa, fui para o antiquário e ela já ia subir, mas antes perguntei, estranhando seu silêncio:

— Tudo bem?

— Tudo. Eu... vou fazer uma lasanha hoje, depois trago pra você.

— Ok, obrigado. Qualquer coisa, estou por aqui.

No fundo eu sabia o que estava deixando a Priscila pensativa, ela nunca quis ser mãe, nunca quis se casar, formar uma família, mas as coisas estavam mudando.

Os dias foram passando, a reforma da igreja terminou e o ambiente ficou maravilhoso. As salas das crianças e dos jovens também eram totalmente novas e o pequeno Esdras foi apresentado em um domingo pela manhã, com a presença da dona Regina no culto. Eu e a Priscila orávamos para que ela finalmente se rendesse ao Senhor e voltasse a se parecer com a mulher que era antes. A Pâmela e o pastor convidaram a Priscila a ajudar no trabalho com as crianças e ela aceitou prontamente, já que a irmã agora era mais ocupada e precisava dessa forcinha.

Aos poucos, as pessoas da cidade e da região passaram a conviver normalmente com ela, sem tratá-la como uma celebridade, e quase não se ouvia mais falar de seu nome nos meios de comunicação.

Nós estávamos levando o nosso tratado bem a sério, e sempre íamos à praça, à sorveteria ou à pizzaria para acertar os detalhes do casamento, que afinal, estava chegando. Também nos preparávamos espiritualmente, orando muito, fazendo propósitos e sendo atendidos quinzenalmente pelo pastor e sua esposa, que nos aconselhavam. A cada dia que passava, a expectativa aumentava.

Priscila:

Eu estava pensando em como entrar no assunto lua de mel com o Wesley. Faltavam menos de dez dias para o casamento e ainda não tínhamos conversado sobre isso. Acreditava ser por esquecimento dele e covardia minha. Fomos tomar um sorvete à noite na praça e algumas crianças da igreja brincavam por lá, assistidas por seus pais.

— Olha, é a tia Priscila, da escolinha! — Eles gritaram ao me ver e vieram correndo me abraçar.

Agora eu tinha outro tipo de fãs e para ser franca, preferia essa admiração sincera das crianças.

— Deixem a tia Priscila em paz — disse a mãe deles.

— Venham, vamos tomar um sorvete — acrescentou o pai.

O casal acenou para mim e para o Wesley, as três crianças se despediram e correram até os pais, indo à sorveteria, que ficava por ali. Nos sentamos em um banco, rindo da situação e, por fim, tomei coragem e perguntei:

— Lembra daquele jantar onde você descreveu a lua de mel perfeita?

— Como poderia esquecer? — Ele colocou minha cabeça sobre seu ombro. — Foi quando você descobriu que um dia ia ser minha e entrou em pânico.

Nós dois rimos na mesma frequência, viajando naquela lembrança.

— Pânico não, só me assustei, mas no fundo gostei, você sabe. E... tá de pé todo aquele plano?

— Mais do que nunca. Quero saber para onde você quer ir, só não vale dizer Las Vegas, Paris, Veneza, porque como sabe, não temos dinheiro.

— Eu não quero nenhum desses lugares. Na verdade, eu ficaria aqui mesmo caso precisasse, desde que ficasse com você. — Apertei o rosto dele, forçando-o a fazer um biquinho. — Seu fofo. Você é mais fofo que o ursinho que me deu.

Ele riu e beijou minha testa. Depois perguntou:

— Vai me deixar escolher?

— Vou. Quero que me impressione e cumpra tudo o que falou.

— Ok. Já ouviu aquela frase: "antes de conhecer o mundo, conheça o Paraná?"

— Já. E eu sou uma paranaense que não conhece o próprio estado.

— Pois bem, vai conhecer. Para uma lua de mel, nada melhor que a Ilha do Mel. E não se preocupe, vai ser exatamente como falei.

Enfim chegou o nosso dia. A Pâmela ficou responsável por me preparar, no salão da barbearia, que aquele dia era só meu e por incrível que pareça, se tornou um lugar bem feminino, graças a ela. Quando terminou, minha mãe entrou e chorou ao me ver. Minha irmã acabou chorando também e nós três nos abraçamos.

— Vamos parar de chorar, senão vamos estragar tudo — disse a Pâmela, colocando um ponto final na comoção geral.

— Eu também nunca me imaginei assim — Eu disse, vendo minha imagem no espelho — Com um vestido de noiva, véu e grinalda. Deus é surpreendente e Maravilhoso. Eu queria... — Respirei fundo e contive o choro — Pedir perdão, mãe e Pam. Agora eu e o Wesley seremos uma família e nem sempre eu soube valorizar vocês como família. Me perdoem.

— Eu também errei, com vocês duas — disse a minha mãe, cabisbaixa — Mas o importante é que tudo ficou pra trás e hoje é um dia de alegria. Vamos parar de choradeira e ir para a igreja.

Todos os nossos amigos e familiares estavam lá. O Marcos me levou ao altar, onde o Wesley me aguardava com a postura de um príncipe. Ele era o meu príncipe, filho do Rei. O pastor falou sobre a mulher virtuosa e seu marido, também enfatizou que Cristo é o noivo que cuida de sua noiva, a igreja, com todo Amor e cuidado. O Wesley me surpreendeu tocando uma música pra mim no violão e eu tive que me segurar para não chorar - de novo.

A festa foi em Florestópolis, assim como a da Pâmela, e só lá eu pude receber os cumprimentos de convidados que ainda não tinha visto, como os meninos do Rancho, a Natália, o Bernardo. Eu e o Wesley fomos dançar a valsa com os demais e ele perguntou no meu ouvido:

— Como se sente, senhora Gutierrez?

— Feliz é pouco, sabe? Mas não acho uma palavra melhor. Ah, e amei esse sobrenome. Eu, casada... quem diria.

— Amo você, Pri. Muito, muito mesmo.

— Eu também te amo tanto, Wes. Já disse isso tantas vezes na ficção, mas só pra você foi de verdade, eu nunca amei alguém assim.

Ele me beijou e eu me desliguei de tudo ao redor. Era o primeiro dia do resto das nossas vidas. Juntos. Para sempre.

Capítulo 53

Wesley:

Nos despedimos dos convidados na festa, mudamos de roupa, pegamos nossa bagagem e fomos de carro até um apart hotel em Rolândia, de onde partiríamos na manhã seguinte para a Ilha do Mel. No caminho, a Priscila comentou enquanto eu dirigia:

— Será que o pessoal vai ficar lá na festa até que horas? Eles não pareciam dispostos a ir embora.

— É só até acabar os doces. Inclusive eu escondi alguns nas malas.

Nós gargalhamos e seguimos pelo caminho conversando em um clima muito descontraído, vez ou outra ela afagava meu cabelo, sempre demonstrando carinho por mim. Quando chegamos à recepção do hotel, o atendente pareceu confuso e assustado, sem conseguir fazer direito o nosso check-in. Estávamos diante do balcão aguardando, até que ele disse:

— Me desculpem pelo transtorno, é que... estou nervoso. Eu sempre fui seu fã, Priscila, tinha várias fotos suas na parede do quarto, passava o dia olhando pra elas... Me desculpem, por favor.

— Sem problema, está tudo bem — Ela respondeu.

— E você é o marido dela, não é? Puxa, me desculpe, senhor. É que eu nunca a tinha visto pessoalmente e...

— Fica tranquilo, rapaz, está tudo certo. Mas... tenta acelerar o processo aí, a gente está um pouco cansado — respondi fazendo sinal de positivo.

— Claro, claro, perdão.

O rapaz conseguiu finalizar o check-in e chamou mais um para ajudá-lo com as malas. Enquanto caminhávamos para o apartamento, cochichavam atrás de nós:

— Mas é ela mesmo? Uau, parece mais bonita pessoalmente.

— É claro que é ela, fala baixo.

— Se o hotel não fosse cheio de câmeras, pediria uma foto.

— Se a gente pedir, amanhã estamos na rua.

Eu e a Priscila apenas ríamos dos dois, eles descarregaram as malas ao chegarmos, eu dei uma

gorjeta e se foram. Olhei para ela, que estava admirando o lugar.

— Que lindo, Wes. — Ela andou pela pequena sala de estar e foi até a suíte. Voltou com um buquê de rosas vermelhas. — Olha isso! Tem mais uns três lá e um cartão pra nós.

Eu apenas sorria vendo sua empolgação. Ela abriu o frigobar e exclamou:

— Chocolate! Perfeito! Uvas, maçãs e... eca, minhocas cítricas?

Nós gargalhamos, ela veio na minha direção e me abraçou. Então nos beijamos como nunca antes e eu tremia por dentro. Resolvi me afastar sem que ela notasse o meu receio de fazer algo errado. Eu esperava muito por aquele momento, mas queria ter autocontrole para colocar a satisfação da Priscila em primeiro lugar e a minha depois.

— Acho que vou tomar um banho, Pri.

— Ok, enquanto isso vou desfazer uma mala, só por hoje. Já pega o que vai precisar.

Fui para o banho, depois me vesti e voltei para a sala. A Priscila estava terminando de comer um chocolate e avisou que ia para o banho também. Eu olhei o movimento da cidade pela janela, deitei no sofá e fiquei pensando. Aquilo tudo era tão inacreditável quando parava para lembrar de toda a nossa trajetória, que eu ria sozinho. Estava envolvido nos meus próprios pensamentos e por isso nem notei quando ela já havia voltado.

— Oi — A Priscila disse, me fazendo voltar para a realidade, ou nem tanto assim, pois um lado meu estava convencido de que estava sonhando.

Olhei para os seus brilhantes olhos azuis, estava em pé ao lado do sofá, sorrindo e com as mãos na cintura. Usava um baby doll que chamou a minha atenção para o seu corpo e eu já ia desviar o olhar, mas então lembrei que agora éramos marido e mulher. Era a força do hábito.

— Oi... — Eu respondi, ainda deitado, mas fazendo menção em levantar.

— Não, pode ficar. — Ela sinalizou com as mãos. — Posso ficar aí com você?

— Claro, vem cá.

Ela se deitou junto comigo, me abraçou e eu a aconcheguei junto ao meu peito. Ficamos em silêncio, apenas sentindo a presença um do outro. Eu olhava para sua mão, pequena e frágil, enquanto acariciava o meu braço. Às vezes ela parecia apenas uma criança perdida que precisava ser cuidada.

— Wesley — Ela resolveu quebrar o silêncio, como se houvesse lembrado de algo — Sabe... agora que estamos casados, preciso te falar uma coisa.

— Pode falar.

— Quando você me contou que mesmo o Thales namorando a Pam ficava procurando fotos minhas na internet, isso me abalou profundamente, sabe? Foi aí que pensei na gravidade do que fiz. E você também disse que, ele, o Michel, e vai saber lá mais quantos, compraram aquela revista... Ah, Wesley, às vezes é tão difícil conviver com isso, saber que essas imagens ainda

circulam por aí. É algo que vez ou outra ainda me atormenta.

— É, imagino que seja difícil pensar nisso. Até pra mim foi difícil, eu comprei todas as revistas de Prado e incendiei, sem ver nada, claro.

— O quê? — Priscila me soltou e levantou o rosto para me encarar. — Você o quê? Eu não acredito...

— É, foi uma asneira, mas estava nervoso, agi sem pensar.

— Ainda assim, você já estava tentando cuidar de mim. — Ela me abraçou novamente. — Você é um homem de Deus, Wes. Vários homens já descobriram muito de mim, mais do que deveriam, isso me envergonha, mas você é o único que vai me descobrir totalmente, porque isso é mais que físico, é espiritual. Deus me entregou a você porque você nunca quis colocar coisa injusta diante dos seus olhos, sempre foi fiel.

— Eu sou muito grato a Ele por poder te descobrir totalmente. Muito grato mesmo.

A Priscila me beijou e eu não consegui mais conter minha empolgação. Então ela impôs uma distância entre nós para poder olhar pra mim.

— Eu te amo tanto, tanto que você não imagina, Wesley. Queria que você pudesse se ver através dos meus olhos pra ter alguma ideia do quanto eu amo você. E eu quero entregar todo esse amor a você, mas do jeito certo, preciso que me ensine. Me mostra como te dar esse amor.

Segurei o rosto dela, olhei bem em seus olhos e disse:

— Você sabe como, tenho certeza que sabe. Apenas continue sendo sincera, continue fazendo de mim o segundo, simplesmente o segundo, na sua vida.

Eu a beijei com intensidade, mas não foi o suficiente. Tinha que conhecê-la, tinha que explorá-la como quem busca um tesouro, amá-la como havia lido sobre o casal do livro de Cânticos. Tinha que mostrar a ela a diferença sobre todas as experiências que já havia tido. Agora era tudo diferente, a começar pela nossa consciência.

— Eu te amo, Priscila — consegui enfim dizer, sem muito poder de raciocínio — Sempre vou amar.

— Eu também, Wes, eu também.

Então a peguei nos braços, levei para a suíte e finalmente consumamos o nosso casamento com a certeza da benção de Deus sobre nós.

Priscila:

Eu acordei nos braços do Wesley e foi uma das melhores sensações que já tive na vida. Nunca me senti tão segura e protegida, além de estar com a consciência tranquila. Já havia contracenado com atores considerados os homens mais bonitos da América do Sul, mas o Wesley sobrepujava a todos eles. Ele não era do tipo que frequentava academias, nem que ficava extremamente preocupado com a aparência, mas pra mim ele era perfeito. Fiquei por alguns minutos observando sua pele queimada do sol, seus braços fortes me envolvendo naquele abraço que

tanto me confortava. O sono dele era suave como de um bebê, realmente digno de um justo. Beijei seu rosto e acariciei seu braço, sem querer acordá-lo, mas não foi possível, ele acordou e me apertou.

— Bom dia, minha linda.

— Bom dia, amor.

— Que horas vamos partir pra ilha?

— Na hora que você quiser. — Eu suspirei profundamente. — Só de pensar que vou acordar todos os dias com você, meu coração bate mais rápido.

— O meu também. — Ele beijou o alto da minha cabeça. — Bom, agora que estamos casados e não tem mais volta, já posso te revelar que gosto de tudo do meu jeito e sou chato. Os rapazes que moravam comigo que o digam.

— Eu também já posso te revelar que amo ter razão e não ser contrariada. Mas sei que a palavra final será sempre sua, mesmo que seja: ok, você venceu, Priscila.

Nós dois rimos e ele disse:

— Vai dar tudo certo. Se Deus estiver sempre em primeiro lugar, vai dar tudo certo.

— Pela Fé que temos Nele, vai sim.

Após o café fomos para a Ilha e chegamos lá por volta das quatro e meia da tarde. O Wesley já tinha reservado uma casa na vila de Encantadas, era uma graça, de madeira bem tratada e decoração praiana. Como estávamos fora da temporada de turismo, a Ilha estava sem movimento, apenas com os moradores locais, e era um dos lugares mais lindos que já havia visto. As águas eram azuis e a paisagem surpreendente, com muito verde e pequenos barcos de pesca ancorados por lá.

Demos uma volta rápida pela praia, passamos pela famosa gruta de Encantadas, o Wesley nunca soltava a minha mão e ele mesmo carregava os nossos chinelos. Como estávamos cansados da viagem, voltamos logo para casa e resolvemos que iríamos dormir cedo. Ele estava me surpreendendo com aquela viagem fascinante, com atitudes tão fascinantes quanto. Então pensei em fazer uma surpresa também, no dia seguinte.

Capítulo 54

Wesley:

Nós acordamos tarde devido ao cansaço, passamos o dia na praia e fizemos um passeio de barco. No fim da tarde, fomos para uma área mais isolada da Ilha, onde fizemos um piquenique na areia, à sombra de alguns coqueiros. Eu levei meu violão e juntos, nós cantamos alguns louvores a Deus e em seguida oramos por nós e pelo nosso casamento. Também O glorificamos por aquela natureza maravilhosa, que mostrava Sua perfeição. A Priscila deitou no meu colo e eu afaguei seu cabelo extenso.
— Você pode olhar no seu celular qual é a lua de hoje, por favor? — Ela pediu.

— Lua cheia — respondi depois de checar.

— Ótimo. Quero que me traga aqui à noite, exatamente aqui. Tenho uma surpresa pra você.

— Surpresa? À noite? Lua cheia? Que medo.

— Você vai gostar. Bom, eu espero.

Nós fomos para casa e à noite, após o jantar, peguei o farolete e a levei de volta ao mesmo local isolado da praia, atrás de grandes rochas. Ela usava um vestido floral na altura dos joelhos e tinha algo que parecia ser um lenço nas mãos. As ondas quebravam, o vento agitava seu cabelo, a lua iluminava a areia.

— Pronto, chegamos. Tem algum tesouro de pirata escondido aqui?

— Não. Sente-se — Ela pediu, me empurrando devagar, eu obedeci — Está na hora de você curtir os privilégios da sua espera, Wesley.

Confesso que estava ficando assustado.

— Como assim? — Ela se ajoelhou à minha frente e olhou nos meus olhos.

— Lembra que você disse que a mulher só pode chamar a atenção do próprio marido? Pois bem, eu quero chamar a sua atenção.

— Você já tem.

— Sempre dá para ter mais. Você foi fiel em tudo, inclusive nos seus pensamentos, agora eu quero honrar o meu marido. Vou dançar pra você.

Eu sorri, sem saber o que responder e ela ficou em pé à minha frente, mostrando o que tinha nas

mãos:

— Esse véu eu usei em uma sessão de fotos para divulgar uma novela em uma revista.

— Eu me lembro. — Era um tecido leve e colorido, eu me lembrava daquela imagem.

— E a lua... bom, nada melhor que luz natural.

A Priscila girou com o véu para contemplar a luz da qual falava. Quando começou a dançar foi como música para os meus ouvidos. Ela tinha total controle de si e de seus movimentos, sabia o que estava fazendo. Eu não conseguia tirar meus olhos dela. Pra mim, era como se fosse a primeira mulher que Deus havia criado.

Eu tinha consciência que sua beleza não era apenas pelo fato de se encaixar nos padrões que a moda exigia na época, ela era perfeita aos meus olhos porque eu só tinha olhos para ela, e isso fazia toda a diferença. Mais do que as curvas e olhos azuis dos quais todos sempre falavam, ela não se resumia nisso, era linda por dentro, tinha uma alma que refletia Deus e era quem Ele tinha escolhido pra mim, para ser uma comigo. Além do mais, tudo o que ela fazia era tentando me agradar, como não amá-la profundamente?

Priscila sabia que era bonita. Mas só se importava em ser bonita pra mim. É claro que eu me sentia bem com isso. Ela cobriu o rosto, mas seus olhos estavam sorridentes, então se aproximou e estendeu a mão convidando a me levantar, mas fui eu que a trouxe para junto de mim. Ao cair no meu colo, ela sorriu.

— Ainda tinha dúvidas se eu ia gostar? — perguntei, passando meus dedos em seu rosto.

— Queria te mostrar um pouquinho dos meus talentos — Ela respondeu, humildemente. — Talvez nem tudo o que aprendi nos últimos anos tenha sido ruim.

Eu a beijei e ela correspondeu me abraçando mais forte, nós tivemos um grande momento ali, debaixo das estrelas, aos olhos de Deus. Eu entendi o porquê de Ele nos ter feito tão diferentes, entendi qual era o Seu Plano para nós, um casal que O amava acima de tudo. Ele queria que fôssemos unidos, que nos ajudássemos mutuamente, que mantivéssemos a chama da Fé sempre acesa, e que um sustentasse ao outro, como um cordão de três dobras. Para isso, sempre teríamos que nos lembrar que agora, éramos um só.

Priscila:

Voltamos para casa tarde da noite, mas estávamos sem sono. Ficamos conversando no tapete da sala e eu contei muitas coisas ao Wesley, não queria que houvesse nenhum segredo entre nós. Falei do Nick, que disse uma verdade óbvia e horrível ao meu respeito, sobre não querer compromisso com quem oferece tudo de graça. Falei sobre o Ronnie, que parecia respeitador, mas não era um respeito genuíno, já que não conseguia ser fiel a ninguém. Falei dos meus distúrbios alimentares e de sono, sobre o senador que me ofereceu dinheiro para ficar com ele, sobre terem pensado que eu salvei uma criança de propósito para autopromoção. Falei de muitas coisas sobre aquele passado lamacento que havia ficado para trás.

Ele quase não tinha coisas erradas para me contar, não se comparado a mim. Apenas falou de como foi difícil guardar sua mente contra o bombardeio de imagens minhas na TV. Aquelas

cenas eram feitas exatamente com esse propósito, corromper.

Quando a luz do dia começou a entrar pela janela, nos demos conta de quanto tempo passamos falando sobre nós. Acima de tudo, éramos amigos e isso me deixava muito feliz. Eu sabia que o Wesley era sincero e desinteressado. Descansamos durante a manhã, passeamos durante a tarde e à noite fomos ao culto na igreja em Guaratuba, já de volta ao continente.

Era o culto de Santa Ceia e aquilo tinha um significado maior pra mim. Eu refletia que também tinha que ter um casamento, um compromisso com Deus e participar da Ceia era uma oportunidade de renovar meus votos com Ele, de servi-Lo até o fim sem nunca olhar para trás. *"Vem cear, o Mestre chama, vem cear..."* — A música tocava e eu me sentia em casa. Em qualquer cidade que fosse, estar na Casa do Pai era estar em casa.

Nossa lua de mel terminou e voltamos para Prado. Fui visitar meu sobrinho, Esdras, que estava maior a cada dia e, enquanto conversava com a Pâmela, meu celular tocou. Era uma equipe de reportagem, solicitando uma entrevista para mostrar como estava minha vida atualmente. Combinei de dar meu parecer no dia seguinte, antes queria consultar o Wesley e por isso corri para casa. Ele me aguardava sentado em sua poltrona predileta do antiquário e eu contei o que aconteceu.

— Mas isso é ótimo, Pri! Eles vão vir te entrevistar aqui?

— É, vão... Mas por que acha isso tão bom?

— É sua grande chance de contar seu testemunho em rede nacional, de mostrar aos seus fãs o que Deus fez na sua vida, mostrar seu antes e depois. Isso veio de Deus, você tem que aceitar.

Eu sorri e respondi:

— Então tá, amanhã vou responder que sim. Que Deus me ajude.

Capítulo 55

Wesley:

No dia marcado, quando a equipe de TV chegou, a Priscila estava no fundo do quintal cuidando da horta e eu fui avisá-la que estavam à sua espera. Ela me pareceu um tanto apreensiva.

— Vai dar tudo certo, Pri.

— Eu me desacostumei com isso, Wes. Além do mais, tenho medo de não corresponder ao que Deus espera de mim.

— Creia e Ele vai colocar as palavras certas na sua boca.

Ela me deu a mão e fomos ao antiquário, onde nos aguardavam. Ficou mais calma ao notar que já conhecia a repórter e elas se cumprimentaram. Havia mais quatro homens na equipe, divididos entre operadores de câmera e assistentes técnicos. Montaram a estrutura para a gravação no quintal, à sombra de uma árvore, no gramado. A repórter, que eu descobri se chamar Laís, perguntou a Priscila se eu poderia participar da entrevista. Ela me olhou, como se me pedisse para decidir por conta própria.

— É que... estou trabalhando no antiquário e...

— Vai ser rápido — disse a repórter, me deixando indefeso.

— Fica, Wesley, vai me dar mais segurança — pediu minha esposa, que agora sentia-se como um peixe fora d'água em situações como aquela.

— Ok, vou lá colocar a placa de fechado.

Fui e voltei rapidamente, eu e a Priscila sentamos nas cadeiras lado a lado, de frente para a Laís. Quando um dos rapazes avisou que estava gravando, ela começou a falar:

— Olá, pessoal, estamos no norte do Paraná, mais precisamente em Prado Ferreira, uma simpática e pequena cidade, que nada mais é do que o lar da atriz Priscila Silver. Pois é, vocês estão sentindo falta dela nas telas e redes sociais, por isso, atendendo a pedidos, viemos em busca do seu paradeiro. Já adianto que foi difícil encontrá-la. Tudo bem, Priscila?

— Tudo bem, graças a Deus.

— Seus fãs estão com saudades, quando acabam essas longas férias?

— Bom, na verdade não são férias, eu decretei o fim da minha carreira como atriz.

— Vocês ouviram isso, Brasil? Que notícia triste! Mas qual o motivo de desistir de uma carreira tão promissora no auge do sucesso?

— Eu nunca estive preparada para esse tipo de responsabilidade, por isso só fiz mal a mim mesma e aos outros através da visibilidade que ganhei. Agora eu optei por uma vida mais simples, descobri a felicidade nas pequenas coisas.

— Sim, nós percebemos, seu marido nos informou que você estava cultivando uma horta quando chegamos. E gente... close nesse rosto! Nós não trouxemos maquiadores, a Priscila está natural aqui, pessoal! Olha como ela é linda.

Ela sorriu sem graça, sem ter o que dizer.

— Falando em marido, soubemos que você se casou há um mês, parabéns, ainda estão em lua de mel. E... Wesley, qual foi o segredo para fisgar o coração da Priscila, que sempre deu declarações anticasamento?

Trocamos um olhar cúmplice e eles notaram.

— Bom, o segredo foi e tem sido amar de verdade, não simplesmente pelo que ela é por fora, mas principalmente pelo que é por dentro. Ela me contou que alguns fãs chegavam ao ponto de dizer que se não se casassem com ela iriam se matar, sem ao menos conhecer quem ela é. Isso não é amor, é obsessão. Amor é dar sem esperar receber, é priorizar o lado de dentro, é o que temos um pelo outro.

A Priscila sorriu pra mim, discretamente, apertando minha mão.

— Sábias palavras — concluiu a repórter — Vocês ganharam um sobrinho há alguns meses, também pensam em ter filhos?

Rimos juntos e a equipe pareceu desentendida. Pelo jeito haviam feito uma vasta pesquisa antes da entrevista.

— Mais pra frente sim, estamos conhecendo melhor um ao outro e em breve nossa família vai crescer — respondi, sabendo que falava por mim e por ela.

— A respeito dos fãs, Priscila, sua edição da revista adulta bateu recordes de venda, o filme Caminhos Misteriosos também, e com ele você ganhou o prêmio de melhor atriz sul americana na época. Não sente falta de todo esse reconhecimento?

— Não. Respeito a todos que admiravam o meu trabalho, mas tudo isso só servia para alimentar minha vaidade pessoal, não preenchia meu vazio. Inclusive peço desculpas aos fãs por tê-los influenciado negativamente em diversas situações, seja através de maus exemplos na minha vida pessoal ou defendendo ideias contrárias à moralidade. Eu me arrependo por ter me exposto como me expus e peço desculpas por isso também. Peço perdão ao Nick, a Stefany, ao Ronnie, a Manu, ou qualquer pessoa que tenha se sentido prejudicada por mim. Agora conheço a Deus e procuro ter paz com Ele e com todos.

— Mas você sempre afirmou que era cristã...

— Eu pensava que era. Cristãos são os que imitam a Cristo, e não os que envergonham a Palavra de Deus como eu fazia. Conhecer a Bíblia, frequentar uma igreja, cantar louvores e até mesmo ensinar aos outros não faz de ninguém um cristão, mas sim conhecê-Lo, segui-Lo e imitá-Lo.

A repórter perdeu um pouco da postura profissional e pensou por alguns instantes, bem como o resto da equipe. Eles perceberam que a Priscila não era mais a mesma e ela aproveitou a oportunidade, por isso continuou:

— O Wesley sempre me dizia que apesar de eu me considerar cristã e conhecedora da Bíblia, eu não conhecia a Deus, se O conhecesse, O amaria. E realmente não conhecia, mas recentemente fiz uma descoberta. Uma das passagens mais conhecidas é 1 Coríntios 13, que fala sobre o amor, e geralmente levam isso para o lado romântico. Mas descobri que Deus é o Amor. Só Ele é o verdadeiro Amor, com A maiúsculo. Pode me trazer uma Bíblia, por favor, Wes?

— Claro — Eu peguei a que mantinha no antiquário, ela abriu na passagem a que se referia.

— Se Deus é o Amor, vamos trocar a palavra amor nessa passagem por Deus. Foi assim que descobri as características Dele. — Então leu: — Deus é sofredor - nossos pecados O entristecem - Deus é benigno, Deus não é invejoso, Deus não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, Deus não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Deus tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Ela fechou a Bíblia e olhou para todos, que estavam boquiabertos. Aquela não era a Priscila Silver nem de longe.

— Esse é Deus, o Deus em Quem eu creio. Foi por isso que deixei tudo por Ele. Eu O amo porque Ele me amou primeiro, e se amo, não vou dar menos que toda a minha vida, não vou brincar de ser cristã.

Um dos câmeras puxou aplausos tímidos e em seguida todos nós aplaudimos. O mesmo câmera, suspendendo a gravação, disse:

— Sabe, Priscila, eu vi a sua revista tão famosa. Um amigo meu comprou e me mostrou. Eu li a sua entrevista lá, apesar de saber que ninguém liga muito para essa parte e... bem, depois disso, dá até para acreditar que Deus existe mesmo. É uma mudança muito radical, mesmo não acreditando muito nessa palavra, eu chamaria de... milagre.

A Priscila deu um esboço de sorriso e a equipe começou a desmontar a estrutura. A Laís a cumprimentou:

— Como você percebeu pelos logotipos no equipamento, estou trabalhando em outra emissora. Pelo menos nessa, você pode ter certeza que não vão cortar nada do que você falou. — Ela piscou um olho. — Ah, já ia me esquecendo. Como ontem você foi eleita uma das cinquenta mulheres mais bonitas do mundo, trouxemos um presente.

— Ahn? Eu?

— Sim, você. Todos os sites e canais divulgaram o dia todo, até porque você foi a única brasileira. Esse é um dos motivos pelo qual viemos, mas talvez outras equipes não te procurem pelo fato de você agora ter... digamos... outras ideias.

— Hum, entendo. Eu estou meio por fora dessas coisas, mas... obrigada.

A Laís pegou um grande pacote em papel pardo que até então eu não havia prestado atenção. A Priscila abriu e viu um quadro de fotos suas em preto e branco.

— Preto e branco porque mesmo sem cores você é linda.

— Ah, obrigada.

— Eu esqueci de perguntar como se sente sobre essa eleição, pode me dar alguma declaração para fazer uma nota?

— Olha, Laís, dizem que beleza abre portas e de fato abre, inclusive pode abrir portas que nunca deveriam ser abertas, como foi no meu caso. Confiar muito em nós mesmos, seja na beleza, na força, no talento, qualquer coisa desse tipo, faz a gente esquecer que não somos nada. Faz a gente esquecer que a vida é frágil e que o orgulho precede a queda. Faz a gente esquecer que tudo passa, a idade chega e tudo que não é eterno acaba. Faz a gente esquecer que somos almas e apenas temos corpo, temporariamente. Precisamos dar valor ao que realmente importa. Precisamos nos voltar inteiramente para Deus.

— Uau. Faço das palavras do câmera as minhas. O que aconteceu com você só pode ser um milagre.

A equipe se despediu de nós e a Priscila me abraçou, ainda segurando o presente.

— Uau, como você ficou linda nessas fotos, meu amor.

— Não quero ser uma das cinquenta mais bonitas do mundo. Quero ser a esposa do Wesley Gutierrez, o renovador.

Eu a beijei e fomos para o antiquário, seguir em frente com nossa rotina.

Priscila:

Depois de dois dias a entrevista foi veiculada na TV e realmente não cortaram nada do que eu disse na edição. Fiquei feliz com a oportunidade de compartilhar minha Fé. Minha mãe me ligou dizendo que assistiu e gostou do que viu, assim como a Pâmela e a Kim.

Na semana seguinte, vimos que o Bernardo estava presente no culto de quarta-feira à noite e ele veio falar com a gente no final:

— Oi, Wesley! Oi, Priscila! Como vão?

— Grande Bernardo, o cara que joga jogo da velha contra si mesmo e sempre vence — brincou o Wesley.

— Pois é. — Ele sorriu. — Eu vim aqui a Prado porque precisava mesmo falar com vocês.

— O que houve?

— Nada demais. Na verdade, tenho uma proposta a fazer. Como vocês sabem, eu trabalho em uma produtora em Londrina, mas conheci pessoas que estão com um projeto super bacana para tentar fazer um filme cristão. O projeto foi idealizado por duas roteiristas cristãs, a gente estava conversando e, nisso, vimos uma entrevista sua na TV, Priscila. Quando eu disse a elas que te conhecia, ficaram super afim de falar contigo, apresentar o projeto. Quem sabe você pode nos ajudar em algo?

— Bom, é uma ideia muito interessante, se eu puder ajudar, estou à disposição. Como faremos para conversar? Elas são daqui?

— Não, são de São Paulo, mas estão passando alguns dias em Londrina, devido a um congresso sobre cinema cristão que está rolando. Podemos aproveitar a oportunidade e marcar algo amanhã.

— Por mim está ótimo, espero vocês em casa.

— E Wesley, vamos precisar de você também, esteja presente — disse o Bernardo, já acenando e indo embora.

— Eu? Mas...

No dia seguinte, à tarde, o Bernardo chegou ao antiquário junto com as duas roteiristas que havia nos falado. Elas eram bem mais jovens do que imaginei, pareciam ter minha idade ou menos, eram sorridentes e me simpatizei instantaneamente.

— Boa tarde, casal. Tudo certo? Essa é a Josiane Araújo e essa é a Brenda Garcia, as donas das ideias.

Eu as cumprimentei e o Wesley saiu do caixa para fazer o mesmo. Nos sentamos nas poltronas que haviam por lá.

— Espero que não se importem, caso algum cliente chegue, vou ter que sair — disse o renovador, responsável como sempre.

— Sem problema — respondeu o Bernardo, que tinha no rosto um grande sorriso, evidenciando a empolgação com a proposta que traziam.

— Estou curiosa sobre o projeto de vocês, como posso ajudar?

— Bom, nós somos roteiristas cristãs, montamos um projeto juntas — disse a Brenda — E estamos procurando um meio de tirá-lo do papel.

— Que máximo! Conta mais! — Eu mal conseguia controlar minha euforia.

— Nos conhecemos ano passado, no congresso de cinema cristão que aconteceu em São Paulo — explicou a Josiane — Esse ano soubemos desse congresso menor em Londrina e viemos, foi onde conhecemos o Bernardo.

— Quando ele disse que te conhecia e assistimos sua entrevista, pensamos que talvez pudesse

nos ajudar — completou Brenda — Você tem experiência em TV e cinema, é a pessoa certa. Queremos levar a Palavra de Deus através dos filmes, já que há tanta má influência por aí, queremos influenciar com o bem.

— Sim, vocês têm toda a razão. Ótima iniciativa.

— Nós temos o roteiro aqui — Josiane entregou — Vamos ficar muito felizes se você puder ler e opinar. E depois, se puder nos dar algumas dicas de como tornar isso realidade, vai ser ótimo.

— Eu pensei em algo também — acrescentou o Bernardo — Escalar atores voluntários para participar do nosso futuro filme. É aí que você entra, Wes, me ajudando a conversar com o Marcos e firmando uma parceria com o Rancho, seria um incentivo e tanto para os meninos se pudessem participar.

— Arrebentou, eles iriam se sentir muito importantes. Contem comigo.

— O congresso vai até quando? — perguntei, dando uma olhada nas primeiras páginas do roteiro.

— Tem mais dois dias — respondeu Brenda.

— Eu posso ir amanhã com vocês? Sei que é preciso se inscrever com antecedência, mas será que consigo participar?

— Acredito que sim, alguns não vieram por conta de imprevistos, ainda há vagas — Josiane concluiu.

— Então eu vou. Quero entender melhor como funciona e tenho certeza que Deus vai nos dar uma ideia para um passo inicial.

— Acima de tudo, vamos combinar de todos nós orarmos por essa causa essa noite — disse o Wesley, com seu espírito de liderança — Se esse for o plano de Deus, vai dar tudo certo.

Todos concordaram com um amém e eu fui fazer um café quentinho para as visitantes, que estavam estranhando o frio do Paraná. Enquanto isso, pensava que o dia seguinte seria um daqueles que poderiam dar um giro de cento e oitenta graus na vida.

Capítulo 56

Wesley:

No horário do almoço eu estava sozinho, pois a Priscila havia ido ao congresso com os demais. Fechei o antiquário e fui para casa comer o que ela já tinha deixado preparado pra mim. Vi que o quadro que havia ganhado estava em um canto, encostado na parede desde quando deu a entrevista, ela já não dava importância a essas coisas. Peguei martelo, pregos e o pendurei na parede do nosso quarto, ela iria gostar.
Depois que almocei, abri a loja antes da hora, sem ter o que fazer. A Priscila me fazia falta, já não imaginava mais minha vida sem ela. Estava andando entre as prateleiras quando o Douglas e o Caio entraram, o que já era pai trazia o filho nos braços e eu brinquei com ele:

— E aí, garoto? Quando vamos jogar futebol no campo de areia do Rancho?

— Logo — respondeu o Caio — Em duas semanas o Esdras já faz um ano.

— Puxa, como o tempo está passando rápido.

— É sobre isso mesmo que a gente veio falar com você, Wes.

— Já tem um tempo que o Thales está preso — acrescentou o Douglas, com um semblante sério — Precisamos visitá-lo.

— Eu estava mesmo pensando nisso, prometi a ele que iria vê-lo, mas na correria, quase um ano se passou e ainda não fui.

— A gente podia combinar e ir, nós três — sugeriu o Caio — Poderia ser no próximo fim de semana.

— Fechado, nós iremos — dei a palavra final, imaginando como seria o reencontro do imperecível quarteto do alojamento três.

Priscila:

Ao chegarmos, o anúncio em letras garrafais era: "2º Congresso de Cinema Cristão 2013 - Londrina - PR." Eu sequer sabia da existência desse evento até então, mas achei muito bom descobrir que a sétima arte poderia ser usada em favor da Palavra de Deus. Bernardo, Brenda, Josiane e eu nos sentamos juntos para assistir à palestra e percebi que as pessoas me olhavam, talvez me reconhecendo.

Também procurei por algum rosto conhecido, mas não vi nenhum. O palestrante falava que Jesus

se utilizou de parábolas para explicar o Reino dos Céus às pessoas e que hoje em dia livros e filmes de ficção cristã seriam parábolas modernas. Aquilo me motivou a querer ajudar no projeto dos três, já havia influenciado negativamente a tantas pessoas, era a chance de fazer o contrário. Onde abundou o pecado, fazer superabundar a graça de Deus. No intervalo entre as palestras, fomos a um café nas proximidades e debatemos o futuro filme. Estávamos empolgados:

— Josi, Brenda, li o roteiro ontem — comentei — Até mostrei para o Wes, é uma história incrível.

— Foi inspirado na história de Filemom e Onésimo, que não é muito conhecida — disse a Brenda — Onésimo era escravo de Filemom e, após roubá-lo, fugiu. Foi então que ficou preso junto com o apóstolo Paulo, que na prisão o ensinou a Palavra de Deus e ele se converteu.

— Depois disso, Paulo pediu a Filemom que aceitasse Onésimo novamente — completou o Bernardo — Pois agora era uma nova criatura.

— Eu achei maravilhoso — comentei — Uma versão moderna dessa passagem vai ficar show!

Foi então que alguém parou ao lado da nossa mesa e disse:

— Priscila?

Olhei e fiquei extremamente surpresa:

— Dudu? Tudo bem? O que faz aqui?

— Tudo bem... Eu estou participando de um congresso aqui perto, sobre cinema cristão.

— Você?

— É, eu... encontrei Jesus, aliás, Ele me encontrou. Muita coisa mudou de 2005 pra cá, me casei, eu e minha esposa estamos fundando uma produtora de cinema gospel.

— O quê? Isso é sério? — Olhei para todos na mesa, eles tentavam conter seus sorrisos. — Você pode sentar aqui com a gente? Precisamos conversar.

— Claro, posso sim.

O Dudu foi enviado por Deus. Ele realmente era outra pessoa agora, transformado pelas boas novas do evangelho, assim como eu. Inclusive, pediu desculpas por ter praticamente me vendido a Manu anos atrás. Ele explicou que era um produtor iniciante e independente, por isso estava buscando um projeto, para em seguida procurar por patrocinadores, financiamento e tudo mais. As meninas entregaram uma cópia do roteiro e deram uma prévia do que se tratava. O Bernardo comentou sobre a ideia de trabalhar com atores voluntários e pensamos até em usar as imediações do Rancho como locações.

— Tem tudo para dar certo, foi Deus que enviou vocês aqui hoje — comentou o Dudu — Mas como somos iniciantes, não só os atores terão que ser voluntários, e sim todos nós. Não podemos ficar pensando em lucros nesse momento.

— O importante é conseguirmos levar essa mensagem — falei, vislumbrando o futuro.

— Bom, eu vou fazer um orçamento do projeto e planejar como levantar fundos — disse ele — Feito isso, faremos as primeiras reuniões para começar a colocar a mão na massa.

Comemoramos aquela primeira vitória e percebemos que Deus estava no controle de tudo. Quando cheguei em casa, no início da noite, o Wesley me aguardava no quarto. Ele se jogou na cama, sorrindo e apontou com o queixo para a parede. Eu, na minha distração, nem havia notado que ele tinha pendurado o quadro com as fotos em preto e branco.

— Tem uma mulher aqui no quarto e você nem reparou.

Eu sorri e fui ao seu encontro, para abraçá-lo.

— Vou ficar com ciúmes.

— Gostou?

— Claro, gosto de tudo o que você faz.

Contei as novidades do dia e ele ficou tão feliz quanto eu. Em seguida, também me contou suas novidades, dizendo que iria com os amigos visitar o Thales no fim de semana. Eu gostei da iniciativa deles, não tinha nenhuma mágoa a respeito do que o Thales havia feito ao me sequestrar. Pelo contrário, tinha compaixão. Se Deus teve misericórdia de mim, como não teria dele? Só esperava que ele tivesse levado a sério meu pedido de perdão, pois foi sincero.

Capítulo 57

Wesley:

No domingo, após o culto da manhã, eu, o Caio e o Douglas viajamos até Cruzeiro do Oeste, aproveitando que era dia de visitas, e fomos ver o Thales. A quadra da unidade prisional estava cheia de visitantes, em sua maioria mães e esposas dos detentos. O Thales não tinha mãe nem esposa, certamente não recebia visitas, por isso chorou cabisbaixo ao nos ver. Ele estava visivelmente envergonhado e nós três o abraçamos, no meio da quadra.

Parecia uma ironia da vida que, anos depois, o quarteto de meninos do Rancho estivesse reunido ali, naquela situação. Eu ainda me lembrava de dez anos atrás, nós éramos apenas adolescentes de dezesseis anos e a única coisa que o Thales queria era chamar a atenção da Priscila. Quanta coisa havia acontecido de lá até então. Ele chorou muito e nos convidou a sentar na arquibancada.

— Como você está? — Douglas, que sempre foi o mais próximo dele, foi o primeiro a perguntar.

— Melhor agora.

— De verdade?

— É, de verdade. Não vou negar que tive a fase de revolta, vendo essas mães e esposas vindo visitar seus filhos e maridos. Mas isso foi só até começar a ser visitado também.

— Sério? — perguntei — Que bom. E quem tem vindo te visitar?

— O grupo de evangelização penitenciária da igreja local. Daqui a pouco eles chegam por aí. Durante a semana também vêm, tem uma igreja aqui dentro, onde acontecem os cultos. Eu até me batizei e dessa vez foi de verdade.

— Ficamos muito felizes por você, Thales — Eu disse, batendo nas costas dele — Felizes mesmo.

— Também fico feliz que tenham vindo me visitar, já fiz muito mal a vocês, todos vocês. Deus teve muita misericórdia de mim, afinal, não era leigo em relação a conhecer a Palavra, eu conheci e desprezei, mas Ele me deu um novo começo. Ainda bem que tive tempo de aproveitar, nem todos têm.

— Foi o que aconteceu com a Priscila.

Ele olhou pra mim ao ouvir o nome dela.

— Leve meu pedido de perdão a ela.

— Ela já te perdoou. Espero que seu coração esteja limpo também.

— Agora está. Quero que vocês também me perdoem.

— Nós não estaríamos aqui se houvesse alguma mágoa, Thales — disse o Caio.

— Tem razão. Mas e vocês, como estão? — Ele olhou as alianças nos dedos meu e do Caio. — Já sabia do casamento entre o Caio e a Pâmela, e pelo jeito, Wesley se casou com a Priscila.

— Pois é, o mundo dá voltas — respondi, sorrindo.

— Que Deus abençoe vocês todos.

— Eu sou pai agora — disse o Caio, mostrando a fotografia que tirara do bolso — Esse é o Esdras.

— Caraca, branquelo igual você. — Todos gargalhamos, parece que foi naquele momento que nos demos conta realmente de que estávamos conversando com o Thales. — E você, Douglas? Ainda está cozinhando a Kimberly em banho-maria?

— Ainda não nos casamos, mas já está marcado para daqui dois meses.

— Acho bom. Compromisso envolve atitudes, não apenas palavras — Ele nos surpreendeu com sua afirmação convicta.

O pastor local chegou para visitá-lo, Thales nos apresentou. O pastor o elogiou, dizendo que era um grande evangelista entre os demais presos e que já havia ganhado vários deles para Jesus. Também comentou que provavelmente teria a pena reduzida por bom comportamento. Ficamos ainda mais felizes e aliviados, antes de ir embora eu peguei o contato do pastor para me manter informado sobre o Thales. Ele havia aprendido a dar valor à liberdade após perdê-la.

Ao chegar em casa, já era noite e eu contei as novidades a Priscila. Ela disse estar feliz e orgulhosa por mim, mas nem era preciso dizer, eu via isso em seu olhar.

Priscila:

Dias depois, o Dudu entrou em contato avisando que havia conseguido alguns patrocinadores para o projeto, mas ainda não seria o suficiente. Conversei com o Wesley, eu ainda tinha um pouco do valor da venda do meu apartamento e entramos em um consenso de doá-lo ao projeto. Ele e o Bernardo conversaram com o Marcos, propondo a parceria e o líder do Rancho abraçou a ideia. Os doze meninos ficaram muito empolgados em participar, os mais tímidos toparam fazer figuração e até mesmo papéis secundários, os demais aceitaram papéis de maior destaque.

Eu passei a dar aulas de interpretação a eles e aos jovens da igreja que também se candidataram ao projeto, o Dudu ajudava. Fizemos uma reunião no Rancho para conseguir mais voluntários e convenci minha irmã, meu cunhado, a Kim, o Douglas e até mesmo o seu Elton a participar. Iríamos precisar não só de atores, mas de toda uma equipe de apoio, inclusive que ajudassem com transporte e alimentação.

Todos estavam empenhados e levando tudo muito a sério. Cada um doou o que podia, conforme sua condição, e o Dudu até vendeu uma moto para doar. Após várias reuniões e treinamentos liderados por ele e o Bernardo, além das minhas aulas de interpretação, começamos as gravações. O Dudu pediu que eu fizesse uma participação no filme, ainda que pequena, para que meu nome ajudasse na divulgação. Topei, com a condição de não usar o nome artístico Priscila Silver, mas meu novo nome, Priscila Gutierrez.

Fiz apenas uma ponta, como irmã de Fernando, personagem inspirado em Filemom, que foi interpretado pelo próprio Bernardo em nossa adaptação da história em nossos dias. O Wesley era quem cuidava do departamento financeiro do projeto, não havia alguém melhor e mais confiável para essa parte do que o meu lindo marido. Não tínhamos tanto tempo disponível para as gravações como gostaríamos. Em algumas épocas, só era possível gravar aos finais de semana e feriados, devido aos compromissos de todos. Assim, um ano e meio depois, concluímos o projeto de "A Fuga para a Liberdade", com a ajuda de Deus.

Em um domingo à tarde fizemos uma festa comemorativa no Rancho, com a participação de todos os envolvidos, inclusive as roteiristas. O pastor estava presente e realizou um culto de ação de graças. Alguns meninos do Rancho foram jogar futebol no campo de areia, eu estava sentada embaixo das árvores com o Wesley, assistindo e sentindo o vento, quando o Esdras veio até nós com uma bolinha:

— Tio Wesley, joga bola comigo e com o pai?

— Jogo sim, vai lá chamar o pai que eu já vou.

Ele saiu correndo e eu olhei para o meu esposo:

— Isso, vai treinando.

— Vou jogar brincando, nunca fui o artilheiro do futebol.

— Não estou falando de futebol. — O Wesley me olhou, franzindo o cenho, desentendido. — Vai treinando para ser pai.

Ele sorriu para mim, me deu um beijo e foi brincar.

Meses depois, o lançamento do filme foi em Curitiba e mais uma vez contou com todos os envolvidos e convidados. A repórter Laís e sua equipe fizeram a cobertura e nós consideramos um sucesso, visto que o público cristão recebeu muito bem nossa produção. Na oportunidade, a Laís me perguntou se eu sabia que a Lorraine Brasil havia entregado sua vida a Cristo após ver a entrevista que ela fez comigo tempos atrás.

— Não, não soube! Eu não tenho redes sociais e quase não assisto TV. Isso é incrível, Laís! Sempre gostei muito da Lorraine, que Deus a abençoe e que essa oportunidade também chegue a Manu, a Stefany, ao Ronnie, ao Nick, ao Roger, todos os demais.

— Bom, esses aí, só se envolvem em polêmicas, até hoje.

O Dudu fundou oficialmente a Sião Entretenimento, em parceria com o Rancho, e me contratou para continuar com as aulas de interpretação. Muitos voluntários pegaram gosto pela coisa e

acabaram contratados para a mais nova produtora, que agora já não precisaria mais correr atrás de patrocínio.

Passados alguns meses, estava ajudando o Wesley no antiquário, quando ele veio me mostrar algo no celular:

— Pri, estava conversando no WhatsApp com o pastor que acompanha o Thales. Ele disse que o filme foi exibido lá na unidade prisional e foi muito inspirador para todos. Até disseram que o Thales foi como Paulo, um encarcerado que divulgava a Palavra de Deus na prisão.

— Mas como assim "foi" como Paulo?

— Pois é, o pastor disse que ele já foi liberado há sete meses e se mudou para o Rio Grande do Sul. O pessoal da igreja conseguiu localizar alguns familiares dele lá, que quiseram ajudá-lo.

— Uau, isso é maravilhoso, Wes.

— Deus é Deus, Pri.

— E quando é que aquele garoto do Rancho que você contratou vai começar a ajudar aqui no antiquário?

— Amanhã mesmo, mas só por meio período, ele tem quinze anos e tem que estudar. Vai ser aprendiz, como eu fui.

— Mas já vai ser uma ajuda, ainda mais agora que me comprometi com as aulas de interpretação. Bom, está quase na hora de fechar, vou fazer o jantar.

— Espera. — Ele segurou o meu braço gentilmente e delineou o meu rosto com o nariz. — Eu estou te devendo uma surpresa desde quando você me surpreendeu lá na Ilha, ou seja, alguns anos. Hoje eu faço o jantar, fica descansando no quarto.

— Hum, que fofo. — Eu o beijei. — Seu pedido é uma ordem, renovador. Não coloque fogo em nada.

— Pode deixar, já passei dessa fase de atear fogo nas coisas. — Ele piscou um olho e eu fui para casa.

Capítulo 58

Wesley:

Fui até o quarto, Priscila estava escovando os cabelos, a chamei para o jantar. Ela me acompanhou até a cozinha e estranhou que não havia nada lá. Eu a convidei para o quintal e então viu tudo o que eu havia montado: um jantar à luz de velas no gramado.
— Ah, Wes! Que lindo! Não esperava tudo isso...

— E olha só o prato principal... tcharam... pizza! — Ela riu. — Preferi não arriscar e não fazer nenhuma gororoba, Pri, recorri ao delivery.

— Amo pizza, vamos comer.

Eu puxei a cadeira para ela, nós oramos, comemos e conversamos muito, principalmente sobre a reputação do filme, que seguia bem.

— Até as entrevistas agora são diferentes, sabe? Não são perguntas fúteis, tipo se eu durmo de lado ou de costas, ou se um homem deve usar meias cinzas ou pretas para chamar a minha atenção.

Gargalhamos juntos, em alto e bom som.

— Você prefere que eu use cinzas ou pretas? — perguntei, fazendo piada sobre as perguntas inúteis.

— Mas era exatamente assim, Wes. Na verdade, eles pouco se importavam com a minha opinião sobre as coisas. Só queriam que eu desse audiência para as novelas e que vendesse seus produtos nos comerciais. E por mais triste que eu pudesse estar em algum momento, tinha que estar sempre sorrindo, não com qualquer sorriso, mas um sorriso artístico.

— Eu percebia que não era genuíno. Às vezes ia ler notícias e acabava vendo uma coisa ou outra sobre você. Lia que cristãos estavam morrendo pelo cristianismo em países onde é proibido pregar a Palavra de Deus e depois via que você, se dizendo cristã, estava ostentando uma vida de futilidades, era muito discrepante. Deus te transformou de um jeito que só Ele mesmo poderia, minha linda.

— Ele usou você pra isso. Inclusive para ajudar o Thales e os outros rapazes também. Você é um servo fiel.

— Falando no Thales, estava vendo no Facebook, ele postou que está em um relacionamento sério, parece que com uma boa pessoa. Olha essa frase que ele postou também. — Peguei o

celular e li: — "O sofrimento faz parte da condição humana, e vem para todos nós. A chave é a forma como reagimos a ele, ou se afastando de Deus em raiva e amargura ou se aproximando Dele em confiança". É uma frase do Billy Graham.

— Uau, e é pura verdade.

O vento começou a soprar mais forte e apagou as velas.

— Vai chover, melhor guardarmos tudo, já que terminamos — Ela começou a organizar as coisas.

— Vai chover como no nosso primeiro beijo — Eu disse, indo para perto dela e segurando seu rosto — Deixa que eu guardo tudo, me espera lá em casa.

— Mas...

— É sério, me espera lá, não quero que se preocupe com nada hoje.

— Tá, tudo bem.

Ela foi e ficou me olhando de longe. Estava esfriando e vi que se enrolou em um cobertor, mas continuou me olhando pela janela. Quando fui até lá, tirei do bolso o presente que havia comprado: uma pulseira prateada com pedrinhas azuis. A Priscila ficou admirando o presente ao pegá-lo nas mãos, encantada.

— Da cor dos seus olhos.

— É muito lindo... nem sei o que dizer. — Ela me abraçou e me fechou com ela no cobertor. — Por que está tão romântico hoje?

— Eu fiquei esperando pra ver se você iria lembrar. Adivinha: Estamos completando três anos de casamento.

— Ah, eu sempre esqueço! — Ela olhou pra mim. — Sou péssima com datas, só lembrei no primeiro ano. Me perdoa?

— Tudo bem, o lado bom foi poder surpreender você.

O vento ficou ainda mais forte, entrava pela janela e agitava seu cabelo.

— O vento nunca mais foi o mesmo depois de você, Wes. Ele sopra onde quer e a vontade de Deus nos leva aonde quer também.

— É, o vento sempre vai me fazer pensar mais em Sua presença. Ele está aqui agora, independente de sentirmos ou não, Ele está aqui. Priscila, eu quero renovar os meus votos de casamento com você. — Segurei o rosto dela para olhar em seus olhos. — Quero prometer que vou te ajudar a permanecer na Fé até o fim e peço que me ajude também.

— Eu te dou a minha palavra, meu amor. Prometo que sempre vou te auxiliar e quero que seja sempre o meu líder. Você disse de um modo quase profético que eu iria largar a velha vida, me casar com você, ser feliz e que Deus reinaria entre nós, tudo se cumpriu. Agora eu te digo que

vai ser assim até o fim.

— Amém.

Eu a beijei como na primeira vez e nós vimos que a chuva começou a cair, com trovões e relâmpagos.

— Ainda tem medo de trovão como naquele dia?

— Nunca tive. Aquilo foi só um pretexto para te abraçar.

Nós rimos e eu removi o cobertor dela.

— Não precisa disso, deixa que eu faço o trabalho dele.

A Priscila me beijou novamente e perguntou:

— Quem te ensinou a ser assim, tão incrível?

— Não foram os meus pais, nem a TV, nem os livros...

— É, eu sei que não.

Eu fechei a janela, a peguei nos braços, sabia que ela amava quando fazia isso, e a levei para o quarto. Nos meus pensamentos, só pedia a Deus que me ajudasse a ser tão bom para a Priscila quanto ela era para mim, sempre discreta, me respeitando e admirando como o líder da casa. Ela me fazia sentir importante, eu só queria conseguir retribuir.

No dia seguinte, recebemos a visita do Dudu e sua esposa, que nos contaram o quanto a produtora estava sendo solicitada para novos trabalhos.

— Eu quero manter a sede da produtora em Londrina e se possível, realizar todas as futuras produções sempre no Paraná — Ele disse — Mas preciso de ajuda, pessoal. Preciso de pessoas confiáveis e tementes a Deus para trabalhar comigo. A gente tem uma equipe bacana que permaneceu após o filme, mas preciso de mais ajuda, especialmente na parte executiva, e pensei em vocês.

— Nós? — perguntei, me sentindo um tanto incapaz.

— Wesley, você é a pessoa mais íntegra que conheço, a Priscila é super dedicada e fiel, venham trabalhar comigo, por favor.

Eu e a Priscila nos olhamos, sem saber o que responder.

— Mas eu tenho esse antiquário e... bom, nós vamos consultar a Deus, tá certo, Dudu? Ele nunca deixou de nos mostrar qual a melhor decisão.

— Isso, orem, avaliem, pensem com calma. Quando tiverem uma resposta, basta avisar.

Nós entramos em propósito e oramos por dias e dias. Decidimos vender o antiquário e não só trabalhar com o Dudu, mas comprar cinquenta por cento da produtora. Contratamos o Douglas e a Kimberly para trabalharem com a gente e entramos em contato com diversos autores cristãos

que traziam propostas para futuras produções. Quando era algo interessante, negociávamos as cessões de direitos.

Priscila:

O tempo estava passando rápido. O Esdras já era um garoto esperto e sempre que eu ia visitar a Pâmela, me contava muitas histórias sobre a escola. Nos finais dos cultos nunca deixava de vir me dar um beijo. Ele me lembrava muito a minha irmã quando éramos crianças e eu ria sozinha pensando nas nossas brigas. Quando eu dizia que era a mais bonita, ela retrucava falando que eu passei várias vezes na fila da beleza e esqueci de passar na fila do cérebro.

Eu e o Wesley continuamos morando em Prado Ferreira, mas ainda mais isolados, na zona rural, por incrível que pareça eu amava isso. Todos os dias íamos até Londrina trabalhar na produtora, mas quando voltava para casa, eu só queria sentir o vento e pisar na terra vermelha, além de cuidar da minha nova horta.

Costumava acordar cedo, mas naquela manhã acordei antes do galo. Quando o sol nasceu, já estava preparando a calda do bolo que havia feito. O Wesley entrou na cozinha e me abraçou pelas costas enquanto fazia isso.

— Bom dia, amor. Por que acordou tão cedo?

— Bom dia. Vou ao médico hoje, avisa lá na produtora, por favor.

Ele se colocou à minha frente:

— Tá tudo bem?

— Aham, tudo bem sim. Só preciso... tirar umas dúvidas.

— Quer que eu vá com você?

— Não, está tudo bem, pode ir trabalhar. Vou aqui na cidade mesmo, coisa simples.

Ele pareceu preocupado, insistiu para me acompanhar, mas eu neguei. Após o café, foi para a produtora e eu me dirigi ao consultório médico. Estava desconfiada, mas queria ter plena certeza e por isso nem quis fazer o teste sozinha.

O Wesley passou o dia me ligando e eu apenas ria dele. Quando chegou em casa, no fim da tarde, eu estava assistindo TV e comendo brigadeiro de colher.

— Aí está você. Onde já se viu fazer isso comigo?

— Isso o quê? — perguntei, ainda comendo — Ainda tem brigadeiro aqui.

— Não estou falando do brigadeiro, onde já se viu passar o dia sem me contar o que o médico falou.

Deixei tudo de lado, me levantei, fui até ele e entrelacei os dedos atrás de sua nuca.

— É porque quero falar pessoalmente, olhando nos seus olhos.

Ele pensou um pouco e pareceu ter feito alguma dedução:

— Céus... cadê o chão aqui embaixo dos meus pés?

— Agora você é pai, Wesley Gutierrez. — Coloquei a mão dele sobre a minha barriga. — E quem diria, eu sou mãe. Dá pra imaginar? Eu, mãe?

— Senhor...

Ele ficou de joelhos, beijou minha barriga várias vezes, me fazendo cócegas, e por isso eu ria desordenadamente. Tornou a ficar em pé e me beijou com paixão.

— Eu te amo, Pri. Amo você e o nosso filho ou filha.

— Também te amo. Aproveitamos bem esses anos sozinhos, agora teremos companhia.

— Mas vamos continuar aproveitando pra sempre, agora mais ainda.

O Felipe nasceu em 2017 e fez o Wesley chorar como criança enquanto assistia o parto. A equipe médica até brincou, dizendo que chorava mais que o bebê.

Eu estava tranquila e segura, sabendo que não podia ter escolhido um pai melhor para o meu filho. Ele teria em quem se espelhar, um exemplo a seguir, pois a melhor herança que se pode deixar é a Fé em Deus.

O Esdras ficou contente em ter um primo para brincar. Felipe herdou os meus olhos e o cabelo do Wesley, como um típico descendente boliviano. Não havia um dia sequer que eu não pensasse nos planos de Deus: Seus planos eram paz, alegria, amor, união, família, respeito, amizade, boa consciência. Mas o maior de todos os Seus Planos é a Salvação.

Desde que enviou Seu Filho para morrer na cruz por nós, Deus não mede esforços para cumprir Seu Plano de Salvação. Ele move céus e terra por amor de uma alma, de uma única alma. Cruza os caminhos mais improváveis, revela Seu perdão e misericórdia a cada manhã, fala através de Sua Palavra, cabe a nós apenas abrir mão de nossos próprios planos e crer que o Plano Dele é sempre maior e melhor.

— Uau, que história, Priscila! E a sua mensagem final fechou com chave de ouro. Esse livro contando sua trajetória vai ajudar muitas pessoas.

— Espero que sim, e que toda honra e glória sejam a Jesus.

— Wesley, obrigada por colaborar contando o seu ponto de vista, isso é indispensável.

— Imagina, é um prazer contar a nossa história. Acha que o livro fica pronto quando?

— Bom, estamos no final de 2019... Acredito que dá para lançar ainda em 2020. E onde está o Felipe? Queria conhecê-lo.

— Na casa da Pâmela, brincando com o primo.

— Que legal. Bom, vocês têm alguma sugestão de título para o livro?

— Levando em conta que o maior de todos os planos de Deus é salvar a nossa alma e que Ele é o próprio Amor, eu pensaria em algo como... O Plano do Amor.

— Ótimo, Priscila. Vai ser esse mesmo.

FIM.

---

[1] Eu Não Quero Mais Ser Igual - Daniel Berg